

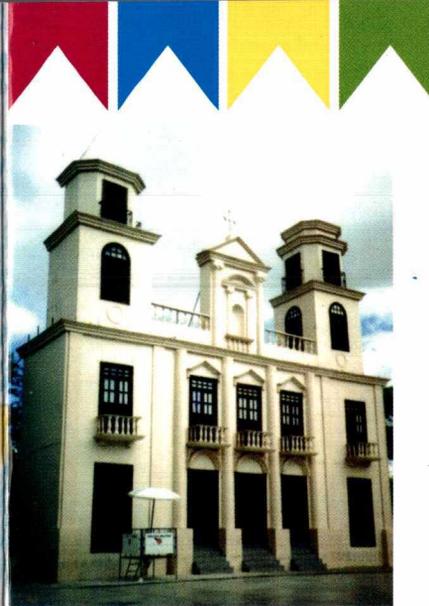
Elizabeth Christina de Andrade Lima

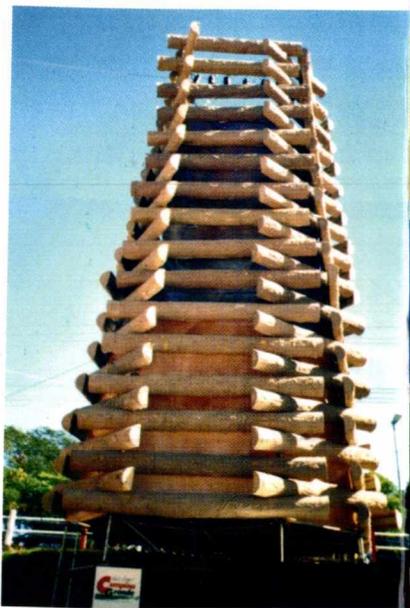
# A Fábrica dos Sonhos

a invenção da festa junina no espaço urbano



2ª edição





*A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano analisa a instituição da festa junina de Campina Grande, conhecida com o hiperbólico título de O Maior São João do Mundo.*

Neste livro, Elizabeth Christina de Andrade Lima investiga as práticas e os discursos que tornaram possível a existência dessa festa no espaço urbano e que construíram imagens de um povo e de uma cidade mediadas por um processo de reinvenção, apropriação e conservação da “tradição junina” em um novo espaço e em uma nova temporalidade.

A idéia de “festa da tradição”, unida à construção do povo como “forrozeiro nato” e de Campina Grande como o lugar privilegiado do evento junino, permite a invenção da festa do *Maior São João do Mundo* como um acontecimento que promove, entre outras coisas, a recriação das figuras do citadino e da cidade como cartão postal.

ISBN 978-85-89674-42-3



9 788589 674423

**Elizabeth Christina de Andrade Lima**

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.  
Professora Adjunta de Antropologia da Unidade Acadêmica de  
Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de  
Campina Grande.

**A FÁBRICA DOS SONHOS:**  
a invenção da festa junina no  
espaço urbano

EDUFCG  
Campina Grande  
2008

Todos os direitos e responsabilidades da autora.

© Elizabeth Christina de Andrade Lima – ecalima@terra.com.br

Capa de João Ademar de Andrade Lima  
sob Ilustração de Fernanda Lima de Vasconcellos

Andrade Lima, Elizabeth Christina de, 1964-

A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano / Elizabeth Christina de Andrade Lima. 2ª ed., Campina Grande, EDUEFCG, 2008.

251p.

ISBN 978-85-89674-42-3

1. Festas Juninas 2. Cultura e Política 3. Antropologia da festa 4. Cultura Popular

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, qualquer que seja o fim, sem a prévia autorização por escrito da autora.

Impresso no Brasil  
Foi feito Depósito Legal

## AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado da minha tese de doutorado em Sociologia, embora não seja uma reprodução da mesma, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e defendida em 20 de fevereiro de 2001, perante a banca examinadora composta pelos profs. doutores Irllys Alencar Firmo Barreira (orientadora), Regina Reys Novais, Maria Ignez Novais Ayala, Maria Sulamita de Almeida Vieira e Ismael Pordeus Júnior. A estes agradeço por suas argüições interessadas e pelas sugestões que me levaram a rever alguns trechos, procurando maior precisão e clareza.

No caminho percorrido até a realização desse livro recebi uma contribuição inestimável de instituições, parentes e amigos.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos colegas da área de Antropologia, da Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande por terem me liberado das atividades acadêmicas para cursar o doutorado. Agradecimento que se estende aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, que tão bem souberam me acolher e atender a todas as minhas solicitações.

O meu particular reconhecimento e agradecimento a professora Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira, orientadora e amiga, pelas recomendações e críticas, e, sobretudo, pela compreensão e atenção. Sua competente contribuição foi relevante em todos os sentidos, principalmente pela sinceridade na concordância e sentimento profissional nas divergências, sem deixar nunca de ser, uma pessoa extremamente amável.

Agradeço aos funcionários que viabilizaram o meu trabalho nos arquivos do Jornal da Paraíba, Diário da Borborema e Folha Junina, pela atenção e pronta assistência em me oferecer todas as informações

necessárias de trinta anos de notícias sobre a festa do “Maior São João do Mundo”.

A minha família, por todo apoio, incentivo e amor, especialmente a minha querida mãe, Mariene, a quem dedico a minha festa.

À memória de meu inesquecível pai, José Cordeiro Lima.

Um agradecimento especial à professora e amiga Maria Cristina de Melo Marin, que gentilmente realizou, com todo zelo, a revisão final do presente texto e o prefaciou.

Ao CNPq, agência de fomento, pela bolsa de estudos, que proporcionou minha estadia no doutorado e em campo.

A Editora da Universidade Federal de Campina Grande, EDUFCG, pelo incondicional apoio na publicação da segunda edição desse livro.

# SUMÁRIO

Prefácio à 1ª edição .....	09
Introdução .....	13
A fábrica dos sonhos .....	13
Sentidos da festa e do festejar .....	16
Caminhos da pesquisa .....	22
Capítulo I	
Uma cidade e um povo para uma festa .....	29
1.1. Memórias do São João do passado .....	29
1.2. Os primórdios do “São João de fora” .....	38
1.3. A fabricação da festa como um espetáculo turístico .....	49
Capítulo II	
Uma festa para ser vista .....	103
2.1. Os turistas e a política do turismo .....	103
2.2. Atrações para “turista ver” .....	111
2.2.1. Quadrilhas Juninas: as emergentes empresas juninas .....	113
2.2.2. A apoteose do São João: as alegorias da festa junina .....	127
2.2.3. Corridas da fogueira e do jegue .....	130
2.2.4. A festa dos turistas nos trens e ônibus do forró .....	132
Capítulo III	
A festa como estratégia política e investimento econômico .....	141
3.1. A política na festa .....	141
3.2. A política mediada pela festa e a criação dos mitos políticos .....	143
3.3. As riquezas geradas com a festa do Maior São João do Mundo .....	173

3.3.1. Festa junina aquece o comércio .....	174
3.3.2. Festa junina esgota reservas nos hotéis .....	182
3.3.3. A participação das iniciativas pública e privada na festa junina .....	184

#### Capítulo IV

A festa do Maior São João do Mundo na mídia, no cordel e na música .....	191
4.1. A festa do Maior São João do Mundo na mídia .....	191
4.2. A festa do Maior São João do Mundo na poesia e no cordel .....	205
4.3. Festa junina: a “hora e a vez” do forró .....	220
Considerações Finais .....	235
Bibliografia .....	241

## PREFÁCIO

Se existe prazer no ofício de antropólogo, ele está no fato de podermos nos dedicar ao estudo do nosso cotidiano, daquilo que nos é familiar, daquilo que faz parte de nossa vida, de nossas tradições. Paradoxalmente, isto também se constitui no que a Antropologia tem de mais difícil: como ter uma visão científica de coisas tão próximas, tão comuns, tão normais? Como não se emocionar com fatos que dizem tanto de nós mesmos, de nossos gostos, de nossos prazeres? Como ter visão crítica em relação àquilo que é visto tão naturalmente pela sociedade? Como gostar de uma festa, vivê-la, esperá-la o ano todo, e, ao mesmo tempo, querer entendê-la?

Este é o maior mérito do trabalho de Elizabeth Christina. Tentar compreender as transformações por que têm passado as Festas Juninas no Nordeste, que sempre fizeram parte de sua vida, nordestina que é, tentando inseri-las dentro de um processo geral de transformação da sociedade, de globalização econômica, e das relações políticas e culturais que a acompanham. Com o seu trabalho, temos uma ciência que tem a virtude de nos reconciliar com a diversidade, com o indeterminado, com a emoção, com a subjetividade e, por isto, com a complexidade das questões e problemas colocados pela globalização. Uma ciência que busca entender as questões particulares do cotidiano, sem perder de vista a sua inserção no sistema global e na história geral; e, por outro lado, entender os processos gerais sem deixar de lado as particularidades.

O que dá base ao seu trabalho é, sobretudo, o compromisso com a verdadeira pesquisa, aquela que é orientada por uma razão aberta, que não foge do prazer da descoberta, que incorpora a subjetividade às condições de sua produção, pois considera que ignorar as condições subjetivas é apenas dar um verniz objetivo a opiniões subjetivas que não são explicitadas.

Por isto, um trabalho desta natureza é um prazer, sem dúvida.

## PREFÁCIO

Se existe prazer no ofício de antropólogo, ele está no fato de podermos nos dedicar ao estudo do nosso cotidiano, daquilo que nos é familiar, daquilo que faz parte de nossa vida, de nossas tradições. Paradoxalmente, isto também se constitui no que a Antropologia tem de mais difícil: como ter uma visão científica de coisas tão próximas, tão comuns, tão normais? Como não se emocionar com fatos que dizem tanto de nós mesmos, de nossos gostos, de nossos prazeres? Como ter visão crítica em relação àquilo que é visto tão naturalmente pela sociedade? Como gostar de uma festa, vivê-la, esperá-la o ano todo, e, ao mesmo tempo, querer entendê-la?

Este é o maior mérito do trabalho de Elizabeth Christina. Tentar compreender as transformações por que têm passado as Festas Juninas no Nordeste, que sempre fizeram parte de sua vida, nordestina que é, tentando inseri-las dentro de um processo geral de transformação da sociedade, de globalização econômica, e das relações políticas e culturais que a acompanham. Com o seu trabalho, temos uma ciência que tem a virtude de nos reconciliar com a diversidade, com o indeterminado, com a emoção, com a subjetividade e, por isto, com a complexidade das questões e problemas colocados pela globalização. Uma ciência que busca entender as questões particulares do cotidiano, sem perder de vista a sua inserção no sistema global e na história geral; e, por outro lado, entender os processos gerais sem deixar de lado as particularidades.

O que dá base ao seu trabalho é, sobretudo, o compromisso com a verdadeira pesquisa, aquela que é orientada por uma razão aberta, que não foge do prazer da descoberta, que incorpora a subjetividade às condições de sua produção, pois considera que ignorar as condições subjetivas é apenas dar um verniz objetivo a opiniões subjetivas que não são explicitadas.

Por isto, um trabalho desta natureza é um prazer, sem dúvida.

Mas é, principalmente, um desafio, sob vários pontos de vista.

Em primeiro lugar, porque, para além da observação dos eventos em si, exige um trabalho exaustivo de pesquisa bibliográfica, arquivos de jornais e bastidores da própria festa. É preciso investigar como o São João da roça, o São João que sempre enlouqueceu as donas de casa e empreiteiros do “Sul” ao deixá-los sem seus empregados nordestinos, que movimentava o comércio com os trabalhadores que se arrumavam para as festas, que celebrava uma colheita farta, entender como esta festa basicamente familiar e comunitária transformou-se no Maior São João do Mundo, uma festa universal, no mínimo global, que deve atrair as atenções da mídia, do país, do mundo. E, principalmente, tira dos santos homenageados os holofotes e as glórias, transferindo-os para os organizadores e patrocinadores das festas.

Em segundo lugar, porque esta tarefa deve ser feita sem se deixar levar apenas por um saudosismo que, irrefletidamente, enalteça o passado e condene o presente. Ou, ao contrário, considere como natural o caminho adotado para a transformação das festas, em nome de uma modernidade/modernização supostamente neutra e necessária para o desenvolvimento da cidade e da região.

Em terceiro lugar, porque refletir sobre este processo implica em ir na contra-mão da ideologia dominante, daquilo que está instituído como a maneira correta de se fazer festas na sociedade globalizada e que, gostemos ou não, tem sua eficácia, haja vista a sua proliferação. Exemplo disto é a “exportação”, pela Bahia, de seu carnaval. Outro exemplo é o Maior São João do Mundo, hoje encontrado em quase todas as cidades nordestinas.

Estudar este processo de transformação, entender os mecanismos políticos e econômicos utilizados pelos agentes locais da modernização, este é o objetivo do trabalho de Elizabeth Cristina, que o realiza com seriedade e competência.

Para mim, que tive o privilégio de conhecê-la desde o seu ingresso no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, não é surpresa. Des-

de então já demonstrava a sua vocação para o ensino e a pesquisa que, ao longo de sua formação na Pós-Graduação, só fez lapidar-se.

O seu compromisso com a educação inclui não apenas a transmissão de conhecimentos, importante e fundamental para a formação das novas gerações, mas também a intuição, o imaginário e a sensibilidade. Assim como suas pesquisas jamais ignoram os problemas humanos individuais e comunitários, além das reflexões teóricas.

Por estes motivos, este trabalho não pode deixar de ser conhecido por aqueles que estejam comprometidos com a educação e a pesquisa, que se considerem participantes da construção de um mundo novo e melhor.

Maria Cristina de Melo Marin  
Antropóloga

## INTRODUÇÃO

### A FÁBRICA DOS SONHOS

Inicia-se a temporada de festa! A cidade começa a fervilhar em planos e organizações, o cenário há que ser construído, medidas devem ser tomadas para que tudo saia conforme o previsto no projeto de intenções; atrações devem ser contatadas e definidas; a programação rapidamente deve ser concluída e divulgada para dar a tranqüilidade necessária aos festeiros que irão participar de mais um ciclo de festa junina.

O ambiente para a festa começa a ser preparado, no mínimo, com um mês de antecedência. Jornais, rádios e televisões locais, ocupam-se em criar “um clima” para o tão esperado e animado dia de abertura da “festação” feita pela autoridade política local com o seu discurso oficial, comunicando ao seu povo que, a partir daquele momento, a sua cidade está em festa!

E a partir daí, tudo é sonho e fantasia, “a cidade respira forró no embalo da sanfona”; forrozeiros de “carteirinha” entregam-se à dança; mocinhas, com seus vestidos rendados e babados fartos, passeiam dando rodadas pelo arraial; mocinhos de calça jeans, camisa xadrez, chapéus de palha e botas de couro, exibem-se ao longo do espaço da festa, despertando nas mocinhas um desejo irresistível de dançar e se abraçar àqueles ombros largos e atraentes de *cowboy*; maridos e esposas, bem casados, grudam-se um no outro e passeiam pelo arraial ciosos de ciúmes, mas tontos de ver tanta gente em um só espaço e tanta luz em imagens multicolores; boêmios e boêmias bebem fartamente e, lá pelas tantas, procuram parceiros ou parceiras para compartilhar do “porre”, ou entregam-se às lembranças de tantos São Joãos; idosos caminham lentamente querendo tudo ver, não perder nenhuma imagem, nenhum momento daquela que sempre foi à festa preferida de suas infâncias; crianças, ainda um tanto alheias sobre a “força” que este evento possui para a sua “terra natal” e para a sua “região”, correm despreocupada-

mente atrás do algodão doce, da bola, da boneca, do parque de diversões. E os turistas? Os turistas o que buscam quando deixam a sua cidade, região ou País de origem e se deslocam para o arraial junino? O que encontram? O que os moradores da cidade recebem ao observar a sua cidade ocupada por turistas?

Os vendedores ambulantes, com seus grandes caldeirões fervendo com milho cozido, são um convite à degustação de um prato típico da festa; alguns oferecem o milho assado; outros sinalizam para a “maçã do amor”, para a tapioca, para o cachorro-quente, para o “xixi-de-moça”, para a barraca dos “hippies”, para os boxes de artesanato.

Nas barracas, montadas ao longo do arraial, barraqueiros oferecem os seus produtos, mesas rapidamente são ocupadas por uma clientela sedenta e com o desejo de ficar eufórica; nos palcos, grupos se revezam executando músicas que oscilam entre o “oxente music” e o “forró pé-de-serra”; quadrilhas se apresentam com o cuidado de não quebrar a harmonia da dança, da música, do “tom”; controlam insistentemente o tempo e o espaço de cada passo, de cada desenvoltura dos pares, desde a entrada no tablado à saída; grupos folclóricos bailam e dançam rememorando “as origens da cultura nordestina”, provando da força do folclore e da cultura popular, e parece não existir lugar mais apropriado para tais exposições, do que o palco da festa junina, se ela mesma é o evento por excelência para materializar tal prática cultural.

Noites e noites decorrem sob o signo da festa, noites e noites se passam como se cada minuto devesse ser aproveitado e vivido com toda a intensidade, pois o tempo não perdoa e, logo, logo, aquele São João tão comemorado se transformará em saudade e recordação; o cenário será desmontado, as imagens de cores, luzes e sons sumirão do espaço e do tempo, restando a nostalgia e a espera ansiosa por mais um São João.

É mais ou menos este o cenário e a prática da festa junina na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba; uma festa que se constitui em um ciclo temporal e em um espaço determinado, cujos sentidos são revestidos de múltiplos discursos que objetivam exatamente

transformá-la em um evento localizado, em um espaço para o sonho e para a fantasia.

Principalmente a partir da década de oitenta, observa-se paulatinamente a instituição da festa de São João no espaço urbano da cidade de Campina Grande; durante o mês de junho, esta cidade transforma-se em um verdadeiro arraial e constrói em torno de tal festividade toda uma expectativa para a sua realização, envolvendo diversos esforços de grande parte de sua população em sua execução.

Com base na constatação da crescente instituição do “fenômeno junino”, esse livro trata da criação, apropriação e conservação da tradição da festa junina na cidade de Campina Grande, tendo como ponto de investigação e análise as práticas e os discursos que paulatinamente a legitimaram como um acontecimento importante para a cidade, para os seus habitantes, para a economia e a cultura locais, para a legitimação de práticas políticas etc.

Ou seja, esse livro busca analisar as práticas, as experiências e os discursos que tornaram possível uma determinada visão do evento junino em sua versão urbanizada, atentando para as categorias e enunciados que o objetivaram como um fenômeno que “sempre existiu”, arraigado na idéia de continuidade da tradição<sup>1</sup> e experiência coletiva. Neste sentido, a festa junina será abordada, sobretudo, como produto de uma multiplicidade discursiva, como fragmentos que se unem, como dispersão, como conexão de práticas e discursos produzindo efeitos: efeitos de verdade, de poder, de saber, de sonho, de paixão, de riso, de devires.

Em outras palavras, defendendo que a festa de São João no espaço urbano, particularmente na cidade de Campina Grande, institui-se principalmente a partir de uma invenção imagética e discursiva produzida pelas práticas e pelos discursos que buscam a objetivar como um fenô-

---

<sup>1</sup>. A noção de tradição “autoriza a reduzir a diferença característica de qualquer começo para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da o-rigem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para originalidade, o gênio, a decisão pró-pria dos indivíduos.” FOUCAULT, 1987, p. 23.

meno cultural a ocupar os espaços e transformar essa cidade durante o mês de junho, em um imagético arraial junino. Trata-se, portanto, de compreender os múltiplos significados da festa junina, não somente a partir das circunstâncias sócio-históricas que a condicionaram, mas, sobretudo, a partir dos significados simbólicos dos discursos e das práticas criadas para apresentá-la e legitimá-la no momento mesmo de sua construção.

### SENTIDOS DA FESTA JUNINA E DO FESTEJAR

A festa de São João foi e tem sido exaustivamente pesquisada principalmente pelos folcloristas, cujo eixo de interpretação elege a noção de tradição e o processo identitário de um povo ou região, como focos privilegiados de análise.

O festejo que marca o chamado ciclo junino – Santo Antônio, São João e São Pedro – e todos os elementos a ele ligados, como a fogueira, os fogos de artifício, as quadrilhas, as danças, o forró e as comidas típicas da época, podem ser encontrados na produção folclórica; no entanto, a tônica que reveste a análise é a descrição desse ciclo como uma manifestação da “cultura popular”, comumente classificada como “nordestina”, sob o auspício da “tradição”.

Basicamente interpretada como uma “festa de origem rural” e/ou “camponesa” presente no interior nordestino, esse evento assume a asserção de uma “festa da colheita”, particularmente representa a mudança de estação climática e o início do ciclo da colheita do milho e do feijão, além de marcar a “crença no santo” que simboliza a purificação e regeneração da vegetação e das estações.<sup>2</sup>

Por sua vez, no campo das superstições, São João é simbolizado como um “santo do amor”, além de “amante da festa”; destacam-se,

---

<sup>2</sup>. Para alguns folcloristas, impera a teoria de que a festa junina corresponde exatamente ao período do solstício de verão europeu, que, no caso do Brasil, acontece no solstício de inverno; já para outros folcloristas, a festa junina não

ainda, seus dotes para “adivinhação” e, nesse sentido, as “práticas oraculares” preenchem a tônica da festa e seu aspecto lúdico.<sup>3</sup>

Penso que essa visão tão propalada pelo discurso folclórico, detém-se a descrever, principalmente, os elementos constitutivos da festa e o seu cenário, muitas vezes utilizando-se de uma abordagem na qual as idéias de origem, continuidade e peculiaridade propiciam a construção de uma visão romântica, estática, homogênea e unitária para o fenômeno junino.

No entanto, ao observar a criação da festa junina na cidade de Campina Grande e os discursos de seus idealizadores e prepostos, insistindo na idéia do evento como uma “reminiscência rural”, uma “tradição que veio da roça”, um “apego às origens e a nordestinidade”, alguns questionamentos se impuseram: o principal deles seria entender o sentido que é dado à própria festa: teria sido ela construída no parque, no arraial, na praça urbana com os mesmos elementos simbólicos, rituais e intenções que supostamente, segundo a versão folclórica, a constituí-

---

possui nenhuma referência com o solstício e dele independe. No bojo dessa discussão, é introduzida toda uma celeuma em torno da origem da festa: se o seu conteúdo é ou não uma reminiscência de antigos cultos pagãos ligados às cerimônias do fogo e propiciatórias para a fertilidade e a purificação da vegetação. Sendo, neste sentido, a festa de São João apenas uma adaptação feita pela Igreja Católica, com vistas a imprimir um sentido cristão a antigos cultos pagãos. Autores como ARAÚJO, 1977, p. 18; BETTENCOURT, 1947, p. 16; BURTON apud CASCUDO, 1956, p. 153; CASCUDO, 1954, p. 478 e 1967, p. 28; CARNEIRO, 1982, p. 17 e PIMENTEL, 1905, p. 207-208, defendem a primeira teoria; e autores como LIMA, 1961, p. 17; MORAES FILHO, 1979, p. 77-78 e OLIVEIRA, 1965, p. 59, defendem a segunda.

<sup>3</sup> São João Batista é considerado, entre os folcloristas investigados, como o santo do amor e do erotismo. Sua “fama” faz dele uma espécie de mago com poderes de ajudar a seus consulentes a encontrar um amor. O oráculo das adivinhações é o instrumento utilizado para responder as questões dirigidas ao santo, na véspera e no dia em que se comemora o seu nascimento. 23 e 24 de junho. Sobre as “advinhas de São João” consultar os trabalhos de MELO, 1949, p. 01-11; STUDART apud CASCUDO, 1956, p. 20-25 e CASCUDO, 1983, p. 178-189.

ram no espaço rural?

Parece-me que não. Atualmente a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza os elementos da tradição junina, para ser reinventada, apropriada e conservada como um espetáculo de cenários, cores, luzes e sons; como uma festa comercializada, que significa marketing turístico, econômico, social, cultural e político.

A festa junina no espaço urbano, tal como acontece todos os anos na cidade de Campina Grande, pode vir a servir como um exemplo paradigmático e modelo de expressão em busca de um novo entendimento dos processos culturais e das manifestações populares não mais arraigadas a uma suposta unidade e homogeneidade, mas como uma multiplicidade de discursos e de práticas enquanto instrumento de poder na e para a instituição da festa.

Ao ser reiventada, apropriada e conservada no espaço urbano, a tradição da festa junina adquire novos e múltiplos sentidos que não dizem respeito apenas a uma suposta perda de sua autenticidade, de um lado, ou uma visão romântica de permanência e imutabilidade, de outro lado. O que parece estar em jogo na construção desse evento urbano não é mais a defesa da “pureza” ou da “contaminação” dessa festa secular, que remonta ao período do Brasil Colônia, mas a necessidade de desvendar toda uma trama discursiva que permite a invenção e a recriação de um povo e de uma cidade, os quais passam a ser simbolizados sobretudo, de maneira hiperbólica e metafórica e transformados em cartões postais como “legítimos” representantes e detentores da festa junina.

Por ser um fenômeno diferente e, ao mesmo tempo, importante na cidade, faz-se necessário investigar a montagem da festa de São João como uma produção cultural que também merece ser elucidada e considerada como uma contribuição e um exercício relativizador para certas categorias até certo ponto naturalizadas pelas Ciências Sociais, tais como: “cultura popular”, “manifestação popular” e “tradição”.

Um fato a ser observado é que o estudo das Ciências Sociais

sobre a festa de São João é ainda bastante escasso; rápidas são as menções feitas a essa “festa de santo”, não tendo ainda merecido o tema uma reflexão analítica mais exaustiva.<sup>4</sup>

Com uma maior ênfase para os estudos ligados às manifestações de religiosidade popular,<sup>5</sup> esses trabalhos enfatizam a relação entre o “catolicismo popular” e os festejos religiosos. Tentam inserir, portanto, a discussão em torno da oposição entre os espaços sagrado e profano e buscam, sobretudo, analisar esses eventos festivos como produtores de significação simbólica, bem como de construção de processos identitários a partir da noção de pertencimento a um grupo, a uma comunidade, a um sistema de crenças etc.

Outras festas que têm merecido a atenção de alguns antropólogos brasileiros, além das “festas de santo”, são as chamadas festas cívicas e o carnaval;<sup>6</sup> atualmente, há uma certa ênfase em se observar alguns movimentos que eclodem no espaço urbano como o movimento *Funk* e o lazer nas cidades.<sup>7</sup>

Deste ponto de vista, a festa junina poderia até vir a ser interpretada como uma passagem da seriedade à transgressão, do cotidiano ordinário ao extraordinário, ou seja, um momento em que a sociedade sai de si mesma para viver o tempo do extraordinário. Essa análise, mesmo correta, me parece incompleta para pensar o fenômeno da festa urbana do São João. Creio ser necessário um novo “olhar” para a sua

---

4. Ao fazer um levantamento da produção antropológica, e das Ciências Sociais de forma geral, cujo tema é a festa junina, tenho conhecimento apenas das seguintes referências: MENEZES, 1990; CHIANCA, 1991; CREPSCHI, 1992 e AMARAL, 1998.

5. Existe uma extensa bibliografia sobre esse tema. Destaco os trabalhos de PRADO, 1977; ALVES, 1980; ZALUAR, 1983; BRANDÃO, 1980, 1987 e 1989 e PORTO, 1997.

6. Merecem registro os trabalhos de GOLDWASSER, 1975; LEOPOLDI, 1977; ORTIZ, 1980; DAMATTA, 1983; QUEIROZ, 1992; MEYER, 1993, VIANNA, 1995 e ARAÚJO, 1996.

7. Destacam-se os trabalhos de VIANNA, 1980; MAGNANI, 1996 e 1998 e AMARAL, 1996.

investigação.

Parece-me que, antes de indagar sobre a festa como manifestação regional, de um povo ou de uma tradição, bem como antes de naturalizá-la e dualizá-la como passagem de um momento ordinário para um momento extraordinário, seria salutar buscar investigar os vários discursos e práticas que tornaram possível a instituição da festa de São João no espaço urbano. Pois é necessário atentar para o fato de que atualmente ela é redefinida e recriada pela inclusão não só de novos elementos, mas de significados e intenções que podem ser de conteúdo político, econômico, cultural etc.

Nesse sentido, o festejo junino no espaço urbano perde o seu referencial concreto de “festa rural”, de exemplo de “manifestação da cultura popular”, de “festa da tradição” e “religiosidade popular”, para se instituir como uma tradição inventada,<sup>8</sup> um espetáculo,<sup>9</sup> passando a existir como uma festa comercializada por meio de um *marketing* turístico, econômico, social, cultural e político. A festa de São João, tal como é construída no espaço urbano, é uma fabricação, uma produção

---

<sup>8</sup>. Entendo, ao modo de Eric Hobsbawn e Terence Ranger, para quem por “tradição inventada, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” HOBBSAWN & RANGER, 1984, p. 09.

<sup>9</sup>. Neste livro adoto a concepção de espetáculo proposta por Guy Debord: “considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna.” DEBORD, 1997, p. 14-15.

prática e discursiva, imagética e cênica, a qual toma a idéia de tradição como principal e fundamental enunciado e elemento definidor do evento junino.

A idéia de tradição da festa junina, ao ser inventada na cidade, não só serve de instrumento de legitimação e instituição do evento, como sustenta-se e reproduz-se por uma articulada tríade que denomino de criação, apropriação e conservação da tradição, na qual discursos e práticas revivem na cidade o “São João dos antepassados”, ao mesmo tempo em que inserem a figura do “novo” nas imagens da festa, mas que conservam e cartografam os elementos do “antigo” convivendo de maneira harmônica com os fantasmas e com as fantasias que a festa promete. Esse exercício paradoxal e paradigmático na instituição da festa do “Maior São João do Mundo” no espaço urbano de Campina Grande torna-se possível pela forma como a idéia de tradição é gestada e utilizada nos discursos e na prática da festa.

É, enfim, a partir desse viés de raciocínio que analiso a construção da festa de São João na cidade de Campina Grande, partindo dos múltiplos discursos, mensagens, códigos simbólicos e rituais que a constituíram sob a égide da noção de tradição.

Concebendo a cultura da festa junina no espaço urbano como um constante movimento de criação, recriação, apropriação e conservação da tradição, pretendo, portanto, averiguar como a festa junina foi instituída em Campina Grande e como ela aparece na condição de um projeto “vencedor”, possibilitando a existência de todo um discurso de permanência e imutabilidade que serve, entre outros fatores, para mascarar a fabricação e, sobretudo, as múltiplas intencionalidades do evento, que, sob a armadura e proteção do conceito de tradição, cria e inventa as figuras de “um santo”, de “um povo” e de “uma cidade”, como um fenômeno sui generis ao mesmo tempo que preso a todo um conjunto de idéias de continuidade das origens; como um evento que se pretende particular, localizado e construtor de identidades e que passa a ser, em sua versão urbanizada, um evento, não só apenas para ser vivido, mas,

sobretudo, para ser visto.

### CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa realizada foi principal e fundamentalmente bibliográfica e documental. Para investigar a construção da festa junina na cidade de Campina Grande, consultei os arquivos do Jornal da Paraíba, nas décadas de 70, 80 e 90, cobrindo os meses de maio, junho e julho, fase em que a cobertura sobre a realização do chamado “Maior São João do Mundo” era quase que diária. Complementei os dados com a consulta aos arquivos de um outro jornal local, Diário da Borborema, nos anos de 1998 e 1999, nos meses mencionados. Além da consulta a estes Jornais diários, consultei ainda os arquivos do Jornal Folha Junina, que circula ou semanalmente ou com uma única tiragem, sempre durante o mês de junho, sendo a sua distribuição gratuita, nos espaços da festa junina na cidade, durante os anos de 1989 a 1999.

Concomitante ao citado processo, realizei exaustivo trabalho de campo nos mais diversos espaços da festa, como no Parque do Povo, na Estação Ferroviária para conhecer e participar do passeio no “Trem Ferroviário”, nas exposições sobre a Festa do “Maior São João do Mundo”, de “Gastronomia Junina”, de “Arte Popular”, na apresentação de diversas “Quadrilhas Juninas”, do “Quadrilhão” e concursos de “Rainha do Maior São João do Mundo”, no “Casamento Coletivo”, no “Momento Religioso”, nas “Corridas da Fogueira e do Jegue” etc, fazendo anotações e observações, bem como registrando os seus cenários com fotografias. A aquisição de vídeos e reportagens televisivas sobre a festa do “Maior São João do Mundo” também se mostrou como um importante recurso para a análise do tema em questão.

Todo um outro conjunto de dados sobre a festa junina em outros Estados do Nordeste – tais como Estância e Areia Branca, no Estado de Sergipe e São Luis, no Estado do Maranhão – e no Brasil de forma geral, foram coletados na Internet ou nas bancas de Jornal, possibilitan-

do a reunião de um importante material sobre a importância do evento para a região Nordeste como atração turística, sob o auspício da concepção de tradição.

Como forma de complementar os dados, conheci e coletei informações sobre a festa junina na cidade de Caruaru, no Estado de Pernambuco, que também, ao modo de Campina Grande, constrói todos os anos o seu São João na “Capital do Forró” e ambiciona, como a cidade de Campina Grande, o título de melhor e maior festividade junina do País.

As festas juninas construídas anualmente em diversas localidades do Nordeste criam o que denomino de um “circuito de turismo junino”. Cada cidade busca chamar a atenção do turista para o seu “arraial” e ganha na audiência a cidade que melhor oferecer entretenimento com atrações que despertem as “fantasias da festa”. Neste sentido, a competição entre cidades como Campina Grande, Caruaru, Estância, Areia Branca e São Luis, só para citar algumas de maior destaque na construção do evento junino, é uma constante.

Após a seleção de todas as matérias jornalísticas, estas foram xerografadas e/ou impressas, para só então se iniciar o processo de recorte e colagem do material, bem como o seu agrupamento em itens e sub itens que tornasse possível a operacionalização entre a teoria e a prática com vistas à análise minuciosa dos dados. Recolhi, portanto, extenso material (mais de 5.000 laudas de textos) sobre a montagem, construção e execução do evento junino.

Some-se à coleta dos citados dados, o levantamento e aquisição de parte da produção literária – poesias, poemas, contos, crônicas e cordéis – que fazem menção à festa junina e ao “Maior São João do Mundo”. Esse material mostrou-se riquíssimo por possibilitar a instituição de uma produção discursiva da festa como um evento localizado temporal e espacialmente, como um resultado do “saber popular”, como um apego e respeito à “tradição e às origens festeiras do povo nordestino” e “campinense”.

A “música de forró”, comumente classificada como música Nordeste e destacado ícone da festa de São João, também foi objeto de coleta de dados. Uma parte da produção musical de autores e compositores como Dominginhos e Luís Gonzaga<sup>10</sup>, além de “cantores da terra”, como Capilé e Biliu de Campina, foi investigada. Interessou-me, nessa empreitada, tomar conhecimento das letras de músicas que fazem menção ao São João e à festa do “Maior São João do Mundo”, como uma forma de tomá-las como mais um instrumento que ajuda na construção e instituição da festa como um “bem do Nordeste e de seu povo”. Em outras palavras, tanto a literatura supra mencionada, como a música, aparecem como eficazes instrumentos discursivos na construção de uma determinada forma de ver e dizer a festa junina.

Outra fonte de coleta de dados foi à pesquisa bibliográfica sobre a festa junina segundo a visão folclórica. Neste particular, a bibliografia é muito vasta e representada por diversos autores, tais como Luis da Câmara Cascudo, Gastão de Betencourt, Luis de Oliveira Guimarães, Rossini Tavares de Lima, Alceu Maynard Araújo, Mello Moraes Filho, Edson Carneiro, Ernesto Veiga de Oliveira, Gustavo Barroso e Leonardo Mota, entre outros que foram investigados, a partir de textos que, em forma de artigos ou livros, intentam fazer uma descrição da festa junina como um patrimônio de uma cultura em franco desaparecimento, sendo missão profícua de seus analistas, resgatá-las como uma sobrevivência de um mundo idílico corrompido pela modernidade. Baluartes da idéia de tradição, como o grande e, talvez, maior patrimônio de um povo e de sua cultura, esses autores conjecturam sobre os riscos da perda da tradição e alertam para a necessidade de não deixar “morrer”, subsumir no mundo “moderno” os “verdadeiros sentimentos de um povo que se nutre do respeito às origens de sua festa mais legítima”.

Ainda como recurso documental a compor a coleta de dados

---

<sup>10</sup>. A produção musical de Luiz Gonzaga, com tema sobre a festa junina, foi-me gentilmente cedida pela professora Dra. Maria Sulamita de Almeida Vieira que escreveu sua tese sobre o citado compositor e intérprete. (VIEIRA, 1999)

fiz uma incursão em torno da figura cristã de São João Batista; interessei-me entender o aspecto religioso da figura desse santo, com destaque para a sua vida, missão e morte enquanto promessa messiânica presente na religião Católica Apostólica Romana. Para tanto, a fonte principal foi a Bíblia Sagrada. Consultei três Bíblias e delas extrai informações gerais sobre os conteúdos do Antigo e Novo Testamento. Contudo, centrei minha atenção nas passagens que fazem menção a João Batista contidos nos quatro Evangelhos do Novo Testamento (Evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João).

No intento de concluir a coleta de dados, fiz um levantamento da bibliografia sobre as festas no Brasil, bem como sobre o conceito de festa. Tal material serviu para construir e propor teórica e metodologicamente a concepção de festa na qual este livro se apoia, bem como para trazer à luz a enorme carência de estudos acadêmicos sobre o tema da festa junina.

Por ser um fenômeno de invenção recente, em sua acepção de espetáculo e de evento turístico, as informações disponíveis são basicamente documentais ou de vertente folclórica. O tema merece, portanto, um tratamento analítico das Ciências Sociais, pois aparece como um importante e destacado evento que necessita ser investigado com a mesma atenção com que foram e têm sido analisadas as chamadas “festas de santo”, o carnaval e outras festas populares no Brasil.

Assim, no primeiro capítulo – “Uma cidade e um povo para uma festa” – inicio a descrição etnográfica sobre a festa junina na cidade de Campina Grande. Neste capítulo pretendo demonstrar como a montagem, organização e execução da festa é acompanhada por toda uma produção discursiva – dos mais variados matizes – que superestima, destaca e engrandece a cidade e o cidadão como elementos fundamentais e imprescindíveis na realização e sucesso do evento.

Cabe, pois, destacar como a cidade é definida e os seus habitantes caracterizados enquanto instrumentos construtores de identidades e definidores de pertencimentos e aptidões a realizar um evento que não é

apenas uma “festa qualquer” mas prova concreta do exacerbamento da cultura local, de um “ethos cultural” peculiar, distinto das outras localidades. Ou seja, a festa ao ser inventada como uma atração turística acompanha-se da invenção de uma identidade para a cidade e para o seu povo, e estes passam a servir de suporte prático e discursivo para justifi-car e objetivar o mega evento junino.

Analiso ainda, como o modelo da “tradição junina” é apropriado e utilizado nos cenários e imagens da festa ao longo dos anos de existência do “Maior São João do Mundo”, para demonstrar como a insistência no enunciado tradição e os seus usos como um valor inerente ao povo e a cidade de Campina Grande, vão paulatinamente exacerbando-se na medida em que a festa institui-se como um espetáculo urbano e um evento turístico.

O segundo capítulo – “Uma festa para ser vista” – é a descrição da festa junina como um espetáculo turístico. Objetivo mostrar o palco das imagens e cenários construídos para transformar Campina Grande, durante o mês de junho, em uma espécie de arraial junino. É ainda, o momento em que são apresentados os mais diversos discursos sobre a festa como um presente, uma dádiva da cidade e de seu povo ao turista que, muitas vezes, atônito, vislumbra a fantasia de diversos cenários e atrações construídas para ele. Neste capítulo trato, ainda, de toda uma produção discursiva que busca instituir e transformar em prática o fenômeno junino. No caminho desta construção há o destaque para a conservação e invenção das atrações juninas: as quadrilhas, os desfiles, as corridas da fogueira e do jegue, além dos passeios no trem e ônibus do forró. Atrações estas que imprimem a dinâmica, a efervescência da festa, que visam, sobretudo, criar situações de entretenimento e práticas de devires para os cidadãos e para os turistas, durante trinta dias ininterruptos de festa.

No terceiro capítulo – “A festa como estratégia política e investimento econômico” – busco analisar os vários usos e apropriações da tradição da festa junina, entre eles, todo um processo de manipulação

tática e estratégica dos políticos locais e seus prepostos, na busca da construção de seus perfis políticos mediados pelo evento. Tento demonstrar que um dos principais usos da festa junina em Campina Grande é o de possibilitar a metamorfose do político em festa; a figura do político é construída mediada pela festa por ele gestada, de maneira que não há mais como separar o evento de seu idealizador, e tal “suave jogo político” consubstancia-se em um excelente palco de disputas e definição de papéis políticos.

A tese proposta neste capítulo é a de que, ao invés da festa junina, em sua versão urbanizada, ser interpretada de forma até ingênua, como um exemplo de “manifestação popular” ou de apego de um povo às suas “mais legítimas raízes”, ela se institui como um excelente palco de disputa por espaços, reconhecimentos e relações de saber e de poder. Um teatro no qual se exacerbam as táticas do fazer político e a consequente possibilidade de uso da política como um espetáculo.

Abordo também mais um dos usos e apropriações da festa, desta feita, sob o aspecto mercadológico. A idéia básica é demonstrar o uso da festa como possibilidade de ganhos econômicos, de como uma expressiva parcela da sociedade local volta-se para a construção do evento com vistas a auferir ganhos. Os setores do comércio, hotelaria, serviços diversos etc. são analisados como prova concreta de que atualmente o investimento maciço ao chamado turismo de eventos ou, ainda, a “indústria sem chaminés”, surge e institui-se paulatinamente como um promissor instrumento de divisas econômicas.

Em outras palavras, busco demonstrar que a festa junina é também um negócio extremamente rentável para o município, para a iniciativa privada, para os setores formal e informal da economia. Neste sentido, defendo que a festa junina, tal como é construída anualmente em Campina Grande, não é um evento ingênuo, espontâneo, desprovido de intencionalidades, pelo contrário, apresenta-se como uma articulada, segmentada e hierarquizada empresa para auferir lucros e poder.

No quarto e último capítulo – “A festa do Maior São João do

Mundo na mídia, no cordel e na música” – analiso o papel que os meios de comunicação desempenham na construção do evento junino no espaço urbano, enquanto um eficiente instrumento de veiculação de uma determinada forma de ver e dizer da festa junina. Investigo, ainda, uma parte da produção literária e musical sobre a festa de São João, demonstrando como ela serve de veículo de comunicação na criação de sensibilidades e afetividades que apontam para a naturalização do evento junino como algo localizado e peculiar à cidade e ao seu povo.

‘ Por fim, esboço algumas observações (in)conclusivas das análises a que cheguei, com um sentido muito mais de problematizar do que de propor análises fechadas e definitivas sobre o objeto investigado. A propósito, gostaria que esse livro servisse de incentivo à curiosidade acadêmica; que ele fosse uma interpretação possível, dentre tantas outras possibilidades, de análise de um fenômeno tão rico em imagens e discursos e ainda tão carente de investigação.

# CAPÍTULO I

## UMA CIDADE E UM POVO PARA UMA FESTA

### 1.1. MEMÓRIAS DO SÃO JOÃO DO PASSADO

Este é o nosso São João, o São João de nossas tradições, o São João que faz valer nossa cultura, exaltando nossa nordestinidade. Um São João rico em alegrias, emoções e esperanças, muitas esperanças. Um São João que mostra nossas raízes, nestes quadros da vida.

Um São João bonito, cheio de belezas. Um São João que deixa nosso sangue fervendo com o calor de um grande encontro, uma espontânea confraternização popular.

Um São João que nos faz crer que a cada ano que passa a vida tende a ser melhor, mais bonita, pois a cada ano que passa, mais construímos.<sup>11</sup>

Eis o discurso de um jornal local anunciando aos festeiros que está aberta a temporada do festejo junino. Mas não foi sempre assim; a instituição da festa de São João em Campina Grande<sup>12</sup> como um espetáculo turístico é uma invenção recente; ela remonta ao fim da década de 70 e atinge notoriedade ao longo da década de 80, principalmente

---

<sup>11</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, suplemento especial, com o título: “Campina abraça o Brasil com o Maior São João do Mundo”. 24/06/1989.

<sup>12</sup>. A cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, situa-se no Agreste da Borborema e ocupa uma área de 970 Km<sup>2</sup>. Dista 122 Km de João Pessoa, Capital do Estado. Limita-se com os municípios de Gurjão (30 Km), Ingá (36 Km), Massaranduba (18 Km), Lagoa Seca (6 Km), Puxinanã (15 Km), Pocinhos (33 Km), Soledade (54 Km), Fagundes (24 Km), Queimadas (15 Km), Boqueirão (38 Km), Cabaceiras (60 Km) e São João do Cariri (51 Km). De acordo com o censo do IBGE, de 1991, a população era de 325.789 habitantes, sendo, 152.424 homens e 173.365 mulheres. Seu clima é Equatorial (árido e semi-árido), com máximas de 27 graus e mínimas de 16 graus. O inverno começa em maio, terminando em agosto.

no ano de 1986, quando é inaugurado o espaço por excelência para abrigar a festa: o Parque do Povo.

Tudo leva a crer que a descoberta da festa não surge ao acaso; em algum dado momento, ela começa a ser pensada como um excelente negócio e, para tanto, passa a ser administrada como uma empresa. A festa sempre esteve e continua em construção. A cada ano, medidas são tomadas para, não só torná-la mais atraente e convidativa, como também para garantir um público fiel a ocupar os seus diversos espaços. O que se observa é um constante cuidado em inovar sempre.

A indústria do turismo, a chamada “indústria sem chaminés”, surge como uma alternativa econômica para o município que, principalmente a partir da década de 80, assiste a um contínuo declínio econômico, após a perda de sua autonomia, principalmente de pólo centralizador de comércio no interior do Estado da Paraíba e até mesmo da região Nordeste.<sup>13</sup> Com esta crise no setor econômico, a festa surge como

---

<sup>13</sup>. Campina Grande ocupa atualmente o segundo lugar de maior cidade do interior do Estado da Paraíba. O surgimento da cidade remonta ao século XVII, quando, no ano de 1697, o Capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo cria o aldeamento dos índios Ariús, no então denominado “sítio de Campina Grande”. Mas é somente no século seguinte e no ano de 1790, que o local eleva-se à categoria de vila, passando a ser chamada de Vila Nova da Rainha. No dia 11 de outubro de 1864, por Lei Provincial de n.º 137, a vila ele-va-se à categoria de cidade, agora denominada de Campina Grande. O povoamento e o desenvolvimento econômico da cidade se dão de forma lenta e passam por vários ciclos econômicos. O maior destaque da cidade é a de ser, por sua posição geográfica privilegiada, um importante entreposto comercial; inicialmente dos tropeiros, de venda de gado e produtos agrícolas, com destaque para a comercialização, em grande escala, interna e externa do algodão, até fins da década de 30 e posteriormente, de pólo comercial de venda de produtos a grosso e a varejo, atingindo a cidade importante função de entreposto comercial. Atualmente a cidade se diferencia nos setores educacional – possui três universidades, sendo uma Federal, a UFCG, uma Estadual, a UEPB e uma particular, a FACISA – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas –; no ramo tecnológico – na produção de tecnologia de ponta, através de seu Parque Tecnológico – e industrial. CÂMARA, 1999.

uma promissora alternativa; neste sentido, ela passa a adquirir um sentido ímpar: é inventada para instituir na cidade o chamado turismo de eventos. Ou seja, em substituição à antiga “vocação” da cidade que era o comércio, a cidade passa a investir no comércio da festa junina.

Cabe salientar que a cidade, além do destaque de seu comércio, sempre distinguiu-se das outras cidades do interior da Paraíba por uma intensa atividade cultural. O incentivo a determinadas práticas culturais como o teatro, a dana, o cinema, além de uma diversificada “vida noturna”, sempre fizeram parte do cotidiano de considerável parcela da populao local.

Em outras palavras, a “fama” de povo festeiro, alegre e culturalmente instruido, são alguns dos adjetivos propalados para definir um certo “ethos” para o campinense. Assim, a construo e o conseqüente sucesso da festa junina deve-se, em grande medida, às peculiaridades da cultura local, pois sempre existiu na cidade toda uma sensibilidade para o lazer, para o lúdico, para o festejar. A receptividade do campinense em participar das atividades culturais da cidade é portanto, um ingrediente de extrema importância na instituio da festa junina como um espetáculo turístico.

O hábito de festejar os chamados santos juninos ou o ciclo junino é um costume antigo no Brasil<sup>14</sup> e, particularmente, na região Nordeste. Na cidade de Campina Grande a festa junina sempre fez parte do calendário das festas religiosas, mas o que se observa, segundo os relatos de memórias do São João do passado, é que a forma de comemorar os santos juninos é diversa do modelo adotado atualmente. Um fato observado nas primeiras décadas do século XX é que a festa junina tinha por característica ser um evento familiar, ou seja, um momento de encontro e confraternizao entre familiares e amigos, que se reuniam na véspera da noite de São João – 23 de junho – principalmente nos

---

<sup>14</sup>. Uma idéia unânime entre os folcloristas investigados é a defesa de que a festa junina possui uma origem européia e que chegou ao Brasil, através dos portugueses, em meados do século XVI.

sítios, granjas e fazendas circunvizinhas à cidade, para se divertirem com a queima de fogueiras, a soltura de balões e de fogos de artifício.<sup>15</sup>

A cidade praticamente ficava vazia na véspera da noite de São João, pois quem podia dirigia-se ao espaço rural para passar a noite festejando o santo festeiro.<sup>16</sup> E aqueles que permaneciam na cidade tinham por opção freqüentar algum clube social, a exemplo do Clube dos Caçadores, Ipiranga, Paulistano, Campinense, Clube 31 ou Gresse, onde comumente se programavam de dois a três bailes juninos, ou ainda, para os menos abastados, outra alternativa era ficar na calçada das residências a admirar a fogueira sendo paulatinamente queimada ao som de fogos de artifício lançados ao ar.

Segundo o jornalista William Tejo, a partir do final da década de 30 já existiam, além dos clubes sociais, alguns outros pólos de comemoração da festa junina em Campina Grande; contudo, ela era dispersa pelos bairros e uma ou outra manifestação era decorrente da iniciativa individual, por parte de algum morador da rua ou bairro, que decidia

---

<sup>15</sup>. Folcloristas como Rossini Tavares de Lima formulam que “São João é festa caseira ou quando muito de uma pequena parcela da comunidade. O ponto de convergência de todos os acontecimentos é o lar e quem predomina é sempre o pater famílias, ainda nos dias de hoje e por vezes, a mater famílias, principalmente nos agrupamentos de descendentes de africanos.” LIMA, 1961, p. 18-19. Luís da Câmara Cascudo, também defende o caráter privativo da festa junina no Brasil, quando afirma que ela é “realizada no interior das casas.” CASCUDO, 1954, p. 480. Essas opiniões que destacam o aspecto privado da festa junina no Brasil divergem da festa junina realizada por exemplo, em Portugal. Autores como Ernesto Veiga de Oliveira afirmam que “por toda Portugal, o S. João é uma festa pública e coletiva.” OLIVEIRA, 1965, p. 60. E para Alberto Pimentel, “todo Portugal festeja S. João, desde o norte ao sul, desde o levante ao poente.” PIMENTEL, 1905, p. 208.

<sup>16</sup>. A defesa de que a festa junina é um evento característico do espaço rural, principalmente da região Nordeste, que por sua vez é caracterizado como o “norte” ou o “sertão”, é apresentada por folcloristas como: BETTENCOURT, 1947, p. 81; ARAÚJO, 1977, p. 20; WANDERLEY apud BETTENCOURT, 1947, p. 82 e BARROSO, 1962, p. 174.

armar uma palhoça e contratava um grupo musical para animar o baile. Como exemplo, ele narra sobre as festas de São João organizadas por duas moradoras da cidade, Adelma e Dona Mulata, a partir do ano de 1939:<sup>17</sup>

Adelma era trabalhadora, gostava de participar de campanhas políticas como cabo eleitoral, arengueira e mandona tinha uma escola para crianças pobres na garagem grande, onde hoje fica a praça Félix Araújo. Na época do São João, o baile por ela organizado, com entrada paga, era um ponto de atração como festa popular e para delícia da mocidade. O seu São João e o seu São Pedro criaram fama. O São João de Dona Mulata esse sim, era o mais popular. Dona Mulata armava uma enorme palhoça, contratava um conjunto musical, cobrava entrada, havendo disciplina a custa dos ‘mal encarados’ que tomavam conta do baile, para evitar brigas de bêbados, de moleques e até dos filhos de família. Era um festão. A palhoça ficava na rua dos Paus Grandes.<sup>18</sup>

Ainda no final da década de 30, particularmente nos anos de 1938 a 1946, uma outra festa junina se notabiliza: a festa de São João organizada por um conhecido comerciante da cidade, Wilson Raposo:

Outra festa de São João que criou fama aqui em Campina

---

<sup>17</sup>. Folcloristas como Alceu Maynard Araújo, por defender que o “berço da festa junina” é o espaço rural, formula que na cidade o evento perde em encantamento e significado, para se caracterizar por um arremedo mal feito e um falseamento da alegria sentida na “roça”; “nas áreas rurais brasileiras a festa ao Batista se apresenta com as mesmas características, porém na cidade grande, há um anacronismo, há um falseamento, um arremedo do grotesco da alegria sadia que pervade o sertão, por isso os clubes se enchem de imitadores fantasiados de campônio cujo nome varia de uma para outra área: caipira ou matuto, tabaréu ou sertanejo, caboclo ou caçara.” ARAÚJO, 1977, p. 20.

<sup>18</sup>. “O São João de Antigamente em Campina Grande”, William Tejo. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 23/06/1987.

Grande foi a do comerciante Wilson Raposo, hoje aposentado. Enquanto negociou era um comerciante de muito tino. Mas isso não impedia Wilson de, no período junino, fazer um São João de arromba; com orquestra típica, desfile de carroças, fogueira, canjica, pamonha e milho assado. É certo que Wilson Raposo armava palhoça como fazia Dona Mulata apenas quando se aproximava a festa, aí por volta de 1938, começou na rua João Suassuna, com uma palhoça gigante, uma festa que atraía meio mundo. E de ano a ano a coisa ia ficando mais animada com grande participação popular. Como a palhoça já não cabia tanta gente, Wilson Raposo resolveu alugar armazéns, geralmente fora da safra de algodão. Com tamanho espaço fazia na época, o mais animado São João popular desta cidade.<sup>19</sup>

A realização dos três eventos acima descritos possui uma peculiaridade: todos são um empreendimento econômico, uma vez que o acesso e participação na festa tinha por condição a aquisição e pagamento de um ingresso. É certo que os preços cobrados eram bem menores que os empregados nos clubes sociais da cidade, fato que acabou por contribuir para um considerável aumento e frequência do público com menor poder aquisitivo a estes bailes.

Já durante a década de 50, segundo o mesmo jornalista, um outro evento se destaca na cidade: a festa de São Pedro organizada por uma conhecida senhora da sociedade local, Amenaide Santos.

O São João era bastante animado, todavia, especialmente nos clubes, com o São Pedro a coisa não ia para frente. Talvez com o sentido de preencher esse claro ou mesmo de levar a festa para rua, a esposa do médico José Santos, Dona

---

<sup>19</sup> “O São João de Antigamente em Campina Grande II”, William Tejo. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 30/06/1987.

Amenaide teve a lembrança de fazer o São Pedro de rua, aliás, o primeiro.<sup>20</sup>

Conforme o relato acima, ainda não existia em Campina Grande uma outra comemoração na noite de São Pedro, além dos bailes nos clubes sociais. A iniciativa da mencionada moradora parece ter sido o de inaugurar o costume de festejar o ciclo junino na rua, desta vez não mais no interior de palhoças, como no caso dos eventos realizados por Adelma, Dona Mulata e Wilson Raposo, por exemplo, mas ao ar livre, desimpedido de “portas e fechaduras” que até então abrigavam os festeiros. Contudo, essa festa não era aberta a toda a comunidade campinense; ela era restrita aos moradores da Rua Desembargador Trindade, no centro da cidade, local de habitação de Amenaide e sua família e a um seletivo número de integrantes da sociedade local, conforme depoimento de uma das colaboradoras da festa, Déa Cruz, uma conhecida educadora da cidade:

Cheguei em Campina Grande em 1950. Naquela época, a cidade era bem mais atrasada, a água era pouca e a luz elétrica era dia sim, dia não. Mesmo assim o entusiasmo no São João era grande. Ainda não havia quadrilha na rua, havia a fogueirinha, o tradicional São João em granjas. Amenaide Santos, eu acredito, tenha sido a mulher que deu a mão a Campina Grande nesse ponto. (...) Foi ela quem fundou o São Pedro de rua em Campina.

Como existia o São João nos clubes, eu acredito assim, o pessoal saía muito para as granjas e quando essas pessoas voltavam, Amenaide fazia o São Pedro na rua dela, a Desembargador Trindade. A iniciativa de quadrilha de rua nós devemos a Amenaide Santos. Ela foi quem organizou a primeira quadrilha, ela quem convidava as suas amigas para

---

<sup>20</sup>. “O São João de antigamente em Campina Grande”, Willian Tejo. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 23/06/1987.

a confecção de balões. Senhoras da alta sociedade iam para casa dela e nós passávamos lá de 15 a 20 dias fazendo balões. Ensaiávamos a quadrilha, pensávamos nas roupas, no concurso, finalmente, em tudo. Amenaide tirou o São Pedro do clube para a rua. Nas casas vizinhas, eram feitas as comidas típicas, e todos visitavam as residências numa confraternização geral, criando assim esse espírito de solidariedade na festa de São Pedro.<sup>21</sup>

Com o início dos chamados “festejos de fora”, para se opor aos “festejos de dentro”, realizados nos clubes sociais e nas palhoças montadas por alguns moradores da cidade, a festa junina em Campina Grande toma um novo ímpeto; não só é criada outra quadrilha junina, a exemplo da primeira quadrilha junina infantil, no ano de 1964, por iniciativa de Déa Cruz, proprietária do então Colégio Stellita Cruz, atualmente, Colégio Santa Cruz, como surge no ano de 1971 o primeiro São João de rua, a partir de uma iniciativa de Carmita Araújo que, na época, residia na Rua da Floresta, hoje Rua Coronel Lourenço Porto, no centro da cidade. Igualmente foi ela uma das precursoras das quadrilhas de rua na cidade. Com o pretexto de apresentar a quadrilha da Rua da Floresta, para lá se dirigia um grande número de pessoas e a rua se transformava em um encontro festivo com fogueiras e até venda de comidas e bebidas. E desta feita, o evento era aberto a toda a comunidade campinense:

Quem teve a feliz lembrança de fazer o primeiro São João de rua foi à esposa de Arnóbio Araújo, dona Carmita, em 1971. E contou com o decidido apoio de suas amigas que residiam na rua da Floresta.<sup>22</sup>

Estas iniciativas de certa maneira foram paulatinamente, ao longo

---

<sup>21</sup>. “O São João de Antigamente em Campina Grande”, William Tejo. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 23/06/1987.

<sup>22</sup>. “O São João de Antigamente em Campina Grande II”, William Tejo. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 30/06/1987.

da década de 70, diversificando a forma de festejar o ciclo junino em Campina Grande; outras quadrilhas juninas vão sendo criadas, como a das ruas Ouro Branco, no bairro da Palmeira e a da Getúlio Vargas, no centro da cidade, de tal sorte que foi se somando a estas o surgimento de novas quadrilhas juninas com seus respectivos focos de animação nas ruas. O evento junino nesta nova fase apresenta-se disseminado por quase toda a cidade, em diversas ruas e bairros. Além de permanecerem os bailes nos clubes sociais, outras instituições começam a promover bailes juninos, como os grupos escolares, Sociedades de Amigos de Bairro, Igrejas, Clubes de Mães etc. Em outras palavras, dirigir-se a fazendas ou aos clubes sociais para festejar o evento junino não são mais as únicas opções, pois as possibilidades de entretenimento para os campinenses são maximizadas com a construção de novos espaços para a realização da festa.<sup>23</sup>

Assim, foram postas em prática as primeiras tentativas para se instituir na cidade o hábito de festejar os chamados santos de junho. No entanto, não existia ainda a participação de órgãos públicos ou privados, em termos de patrocínio na construção do evento, nem tampouco, uma tentativa de centralizar a festa em um único espaço. Tais gerências só se iniciam a partir do ano de 1976, durante o período da gestão do prefeito do município Evaldo Cavalcanti Cruz, como será visto a seguir.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup>. “História do Maior São João do Mundo”, Margarida Mota Rocha. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 02/06/1991.

<sup>24</sup>. Convém acrescentar que nos anos de 1969 a 1973, a cidade de Campina Grande foi administrada por dois interventores federais, em decorrência da cassação do mandato do prefeito eleito Ronaldo José da Cunha Lima, cuja posse se deu em 31/01/1969. Em seu lugar, assume interinamente a prefeitura Orlando César de Almeida, para o período de 14/03/1969 a 14/05/1969, sendo substituído pelos interventores: Manoel Paz de Lima, no período de 14/05/1969 a 15/07/1970 e Luís Motta Filho, que toma posse da prefeitura em 15/07/1970 e administra a cidade até 31/01/1973.

## 1.2. OS PRIMÓRDIOS DO “SÃO JOÃO DE FORA”

É só a partir do ano de 1976, quando a cidade estava sob a gestão do prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz,<sup>25</sup> que são sinalizadas as primeiras iniciativas, mesmo incipientes, de apoio e patrocínio do que viria a ser posteriormente denominado de “São João de rua”, para se opor à noção “São João de dentro” ou seja, aos festejos nos clubes locais. Neste sentido, a tônica do período de 1973 a 1975, continuou a ser a comemoração da festa junina principalmente em clubes locais, Sociedades de Amigos de Bairro, Clubes de Mães, pátios de Igrejas e Escolas Municipais, bem como a apresentação de quadrilhas juninas dispersas nas ruas da cidade:

Diretores da Sociedade dos Amigos do Bairro do Cruzeiro organizaram, na última semana, o planejamento da programação junina que aquela entidade comunitária desenvolverá durante este mês. As noitadas festivas ocorrerão nos dias 22, 28 e 29, com início previsto para às 21:30 horas. A festa tradicional contará com armação de barracas, fogueiras, comidas típicas da região, além de outras atrações. Enquanto isso, o Clube de Mães Vozes Maternais, daquele bairro promoverá no dia 24 às 14 horas, uma quadrilha infantil, no salão social da entidade.<sup>26</sup>

O evento junino promovido por diversas instituições sociais tinha a intenção de promover e aprofundar os laços de sociabilidade entre os seus membros e suas famílias. A festa de São João realizada por diversas Sociedades de Amigos de Bairro objetivava esse estreitamento de laços sociais e cuja renda obtida com o consumo de bebidas e comidas, bem como com a venda de ingressos, era comumente revertida em obras

---

<sup>25</sup>. Evaldo Cavalcanti Cruz, foi prefeito de Campina Grande no período de 31/01/1973 a 31/01/1977.

<sup>26</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 18/06/1974.

nas próprias edificações das SABs. O mesmo acontecia com o festejo realizado nos pátios e auditórios das Igrejas de bairros, a exemplo do famoso São João promovido pelo Convento São Francisco, no bairro da Conceição:

Numa promoção do Convento São Francisco, serão realizadas no período de 22, 23, 28 e 29, do corrente mês, no Auditório São Francisco, no bairro da Conceição, quatro animadas festas juninas, que como todos os anos, deverão atrair um grande número de pessoas aos seus salões.

Os festejos juninos naquele auditório contarão com a animação do conhecido conjunto folclórico “Zé Lagoa”, devendo as festas iniciarem-se às 21 horas.

Na ocasião serão servidos aos presentes comidas típicas da época, como pamonha, canjica, milho assado, pé de moleque, não faltando a tradicional caipirinha. Haverá ainda a realização de casamento matuto, quadrilhas e outras danças apropriadas.<sup>27</sup>

Diversas escolas do município igualmente promoviam a sua festa junina; hábito aliás, que perdura atualmente, principalmente nos educandários destinados aos alunos nos primeiros anos de aprendizagem:

Contando com a colaboração de pais de alunos, a Escola Polivalente Modelo “Argemiro de Figueiredo” promoverá hoje, pela manhã, festa junina, que constará de quadrilha e casamento matuto. O conjunto que animará a festa é formado pelos próprios pais dos alunos, numa demonstração de integração entre escolas e pais.

Toda a decoração e enfeites do pátio foram confeccionados pelos alunos dos cursos de artes, recebendo toda a orienta-

---

<sup>27</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/06/1974.

ção das professoras.

Ainda durante a festa, haverá escolha da “Rainha do Milho”, representada por cada classe.<sup>28</sup>

Como pode ser observado, a festa de São João foi nos primeiros anos da década de 70 um evento disseminado por toda a cidade; nos bairros e ruas, quadrilhas juninas se apresentavam; associações e clubes sociais promoviam animadas noites de forró; pais enfeitavam seus filhos para dançarem nas quadrilhas juninas nas escolas e centenas de famílias, em suas residências, comemoravam as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, acendendo fogueiras nas calçadas, comendo milho assado, canjica e pamonha, soltando fogos de artifício e balões. Esse era o modelo de festejar o ciclo junino. Um evento que “tomava conta” da cidade e que oferecia ao campinense diversos locais de entretenimento. Até então, a Prefeitura do Município não intervinha na organização e na dinâmica da festa, ela acontecia na dispersão das ruas, bairros e clubes. Era resultado da iniciativa de grupos da sociedade civil e de comunidades de festeiros que se reuniam e transformavam as suas ruas em animadas noites de São João.

É só no ano de 1976 que há uma tentativa concreta da Prefeitura Municipal de centralizar o festejo junino na cidade de Campina Grande e, para tanto, a primeira providência tomada foi com relação à organização do evento: montagem, supervisão, orientação e referenciação seguido da escolha de um lugar<sup>29</sup> para a festa; definir um espaço e um tempo determinado para realização do evento, marca o início do processo de instituição da festa junina no espaço urbano.

---

<sup>28</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/06/1975.

<sup>29</sup>. Neste trabalho adoto a concepção de lugar proposto por Marc Augé para quem “o lugar como o definimos aqui, não é em absoluto o lugar que opõe ao espaço, como a figura geométrica ao movimento (...) é o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico (...) incluímos a noção de lugar antropológico a possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza.” AUGÉ, 1994, p.76.

Assim, a Prefeitura, através da ARC – Assessoria de Recreação e Cultura do Município e da EMDEB – Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema, constrói um novo espaço para festa junina na cidade; monta um “arraial junino”, com cinco barracas de comidas típicas e palco para apresentação de shows musicais e quadrilhas juninas no Pátio da Estação Velha, localizado no Centro Turístico Cristiano Lauritzem, no centro da cidade e outro, no Parque do Açude Novo, também no centro da cidade – local destinado à apresentação de quadrilhas juninas das escolas do município e particulares.

Ontem, no auditório da Associação comercial, a Assessoria de Recreação e Cultura, reuniu diretores de todos os estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, a fim de definir a programação que será obedecida durante os festejos juninos. Durante a reunião ficou definido que os festejos serão iniciados no dia 21 à tarde com desfile de carroças, conduzindo estudantes vestidos com trajes típicos, nas principais ruas da cidade, concentrando-se as festividades no Parque do Açude Novo.

Quinze grupos participarão das festas juninas que contarão ainda com apresentação de quadrilhas e outras danças do folclore junino.

Também numa promoção da Assessoria de Recreação e Cultura do Município e da Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema serão realizadas festas juninas pelos colégios particulares e da rede oficial, com início previsto para o dia 13 do corrente, com apresentação do Colégio Estadual da Prata, no Pátio da Estação Velha, às 19:30h. Cada noite será apresentado um educandário.<sup>30</sup>

A idéia básica dos órgãos ligados à Prefeitura Municipal, como a ARC e a EMDEB é a de utilizar os próprios recursos de que a cidade já

---

<sup>30</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/06/1976.

dispunha para festejar a festa junina, até então dispersa em diversos setores da cidade e unificá-los em dois novos espaços: o Parque do Açude Novo e o Pátio da Estação Velha. O que se faz é arregimentar todo um potencial humano e suas instituições para se somarem e comporem a programação junina patrocinada pela Prefeitura. Daí a presença das escolas da rede municipal e particular de ensino que, desta feita, se deslocam dos auditórios e pátios das escolas, para se apresentarem ao ar livre, em um arraial montado pela Prefeitura e para um público não mais restrito apenas aos educadores, alunos e familiares, mas para os campinenses como um todo. O mesmo reforço dado pelas escolas para apoiar à iniciativa da Prefeitura é somado pelas diversas Sociedades de Amigos de Bairro da cidade, que igualmente passam a participar do evento junino:

Serão iniciadas, na noite de hoje, no Centro Turístico Cristiano Lauritzem – Estação Velha, as comemorações juninas e que se estenderão até o dia 29, contando com a participação de cantores populares, apresentação de quadrilhas, casamentos matutos, além de cinco barracas para a venda de comidas típicas a cargo de instituições filantrópicas da cidade. Além da participação de várias escolas da cidade, estarão se apresentando na Estação Velha, delegações das diversas Sociedades de Amigos de Bairros e outras agremiações, contando assim, o Pátio da Estação Velha, todas as noites com uma movimentada programação junina.<sup>31</sup>

Ao promover o evento junino em novos espaços – lugares simbólicos – com a característica de serem espaços públicos, de livre acesso a toda a comunidade campinense, a Prefeitura do Município inaugura mais uma nova fase da festa junina em Campina Grande. Tal iniciativa provoca, de certa maneira, a migração da população, até então disper-

---

<sup>31</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/06/1976.

sa em vários espaços da cidade, como clubes, associações, pátios e ruas, para um espaço com pretensões de unificar a festa, restringi-la e controlá-la sob a coordenação de secretários e assessores que passam a cumprir o papel de coordenadores e mentores do evento. Este modelo de organização da festa junina em Campina Grande, ao ser inaugurado pelo prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz, no último ano de sua administração, serve de inspiração para os futuros governantes da cidade e torna-se paulatinamente, o modelo dominante da festa durante o período junino.

A partir do ano de 1977, e durante a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro,<sup>32</sup> a festa assume uma asserção diferenciada; observa-se, nesse ínterim, uma maior tendência ao controle e à centralização da festa junina a cargo de determinados órgãos e Secretarias do Município. O principal espaço de concentração da festa junina continua a ser o Pátio da Estação Velha, mas há uma ampliação em sua infra-estrutura; o número de barracas passa de cinco, no ano anterior, para vinte.

A montagem da festa junina em Campina Grande não é mais restrita a incipientes iniciativas da Prefeitura ou de iniciativas dispersas de grupos ou de alguma entidade social; ela é, a partir de então, monitorada, controlada, coordenada e organizada pela Prefeitura através de órgãos como a Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema, Secretaria de Educação e Cultura e Assessoria de Recreação e Cultura.

Para organizar o evento, as atividades se iniciam na segunda quinzena do mês de maio e início do mês de junho; são promovidas reuniões com representantes de instituições e entidades da sociedade local: a União Campinense das Equipes Sociais, Clubes de Mães e de Jovens e Escolas Municipais, a fim de serem definidas a programação e as atrações para a festa, entre elas: quadrilhas juninas, casamentos matutos, danças folclóricas, entre outras atrações.

Nesta nova fase de organização da festa junina, para que escolas

---

<sup>32</sup>. Enivaldo Ribeiro governou a cidade de Campina Grande no período de 31/01/1977 a 31/01/1983.

e outras entidades participem do evento, é necessário preencher um cadastro na Prefeitura; dia e local são definidos para que tal participação se efetive. A mesma sistemática também é adotada para a ocupação e a comercialização nas barracas instaladas no espaço da festa. Além do cadastro, há o pagamento de uma taxa:

Os festejos juninos nesta cidade, prometem ser dos mais animados pela forma como se vêm processando seus preparativos, esforço dentro do qual têm se engajado entidades públicas e privadas. Para tanto, no Parque da Estação Velha, a Prefeitura Municipal, através da EMDEB, armou um “Arraial de São João”, integrado por barracas e parque recreativo.<sup>33</sup>

A Prefeitura, no ano de 1977, consegue o apoio e parceria da CEASA – Central de Abastecimento de Alimentos – que realiza a sua “1ª Festa do Milho”. A partir de então, a festa se concentra em dois espaços: O Pátio da Estação Velha e o galpão da CEASA, onde é montado um pavilhão e seis barracas.

Neste ano, por exemplo, a festa no Pátio da Estação Velha inicia-se no dia 12/06 e prolonga-se até o dia 29/06, sempre no período noturno, enquanto que na CEASA a festa é diurna, entre os dias 20/06 e 30/06.<sup>34</sup>

As principais atrações organizadas pela Prefeitura são: o “Concurso de Sanfoneiros de oito baixos”, “Campeonato de Quadrilhas”, “Casamento Matuto”, “brincadeira de Pau de Sebo”, além das atrações musicais de artistas como: Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro, João Gonçalves, Zé Calixto e o Trio Zé Lagoa.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/06/1977.

<sup>34</sup>. Jornal da Paraíba - C. Grande, 19/06/1977.

<sup>35</sup>. Jornal da Paraíba - C. Grande, 21 e 22/06/1977. Consultar ainda os dias 04,09,11,15,16,17,19,24,26,28 e 29/06/1977 sobre a montagem da festa e suas atrações .

Uma atração inédita neste ano, durante o festejo junino, é a realização da “1ª Corrida da Fogueira” – atração esta que passa a compor a programação oficial da festa de São João na cidade em todos os anos de sua realização – trata-se de uma corrida com atletas amadores e/ou profissionais, que devem fazer um determinado percurso e que recebem, com a vitória, um troféu e um prêmio em dinheiro:

A 1ª Corrida da Fogueira na cidade de Campina Grande que tem início e um roteiro de competições e modalidade do atletismo, é promovido pelo Departamento de Esporte Amador e EMDEB. (...) Os participantes da Corrida da Fogueira, darão três voltas ao redor do Açude Velho e pela classificação, haverá prêmios até para o décimo colocado.<sup>36</sup>

Em 1978 a festa junina em Campina Grande é dividida em duas fases: do dia 16/06 a 18/06 o espaço destinado à festa é o Pátio da Estação Velha e dos dias 20/06 a 30/06 a concentração do festejo passa a ser no pavilhão montado no espaço da CEASA para realização da “IIª Festa do Milho”. Na época a Prefeitura alegou escassez de recursos para patrocinar o evento, deixando a cargo daquele órgão o patrocínio e, praticamente, a realização da festa:

A programação junina da Assessoria de Recreação e Cultura foi orçamentada em 30 mil cruzeiros, que segundo o diretor esportivo, Francisco de Assis do Departamento de Esportes da Prefeitura, também integrado na comissão pró-festejos, não daria para cobrir as despesas que o órgão iria ter com os participantes, além da contratação de conjunto regional para abrilhantar a programação durante o mês em curso.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1977.

<sup>37</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1978.

Mesmo contando com o apoio, inédito na festa, da iniciativa privada, a empresa do grupo São Braz, a Prefeitura só consegue patrocinar a festa por três dias. No entanto, continua a garantir a infra-estrutura do festejo nas ruas da cidade, patrocinando o sistema de som e iluminação para a apresentação das quadrilhas juninas. O slogan da festa este ano é: “São João Para Todos”.

Em 1979 o fato se repete: a festa acontece no Pátio da Estação Velha dos dias 16/06 a 22/06 e é deslocada posteriormente para a CEASA nos dias 20/06 a 30/06, com a realização da “IIIª Festa do Milho”.<sup>38</sup>

As atrações são semelhantes às do ano anterior, com uma inovação: a realização da “1ª Corrida do Jegue”, que, a exemplo da “Corrida da Fogueira”, passa a acontecer todos os anos no período de realização do festejo junino. A “Corrida do Jegue” é uma competição entre jegues com suas respectivas montarias que devem fazer um determinado percurso e ao vencedor é destinado um prêmio em dinheiro. O que os jornais locais destacam, particularmente neste ano, é a receptividade dos campinenses em participarem do festejo junino, seja nos clubes locais, na Estação Velha ou na CEASA.<sup>39</sup>

No ano de 1980 a festa junina ganha um novo espaço: o Parque do Açude Novo, com um arraial montado em frente ao Museu de Artes, no centro da cidade. O festejo é iniciado no dia 05/06 e se estende ao dia 29/06; contudo, o que se observa na construção do evento junino neste ano é um retorno à política de descentralização da festa. A Prefeitura opta em promover e priorizar o São João nas ruas e bairros da cidade, preenchendo todo o período do mês de junho com atrações nesses espaços.

O prefeito e sua esposa cumprem, durante esse mês, uma verdadeira maratona de visitas às ruas, aos bairros com programações juninas; esta parece ser uma excelente estratégia política: o contato “corpo a

---

<sup>38</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/06/1979.

<sup>39</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 24/06/1979. Consultar ainda os dias 19 e 23/06/1979.

corpo” com o eleitor aproxima o político de maneira bem mais eficaz do que em um palanque oficializando a festa.

Prova da atenção especial à descentralização da festa é que no Parque do Açude Novo as atrações foram bastante restritas, limitando-se à solenidade de abertura do ciclo junino, momento em que foi acesa uma grande fogueira, o “Encontro de Sanfoneiros” e algumas poucas apresentações de quadrilhas juninas.

O encerramento da festa junina culmina com um encontro na rua Maciel Pinheiro, no centro da cidade, das quadrilhas juninas para uma confraternização que ficou denominada pelo termo “Quadrilhão”.<sup>40</sup>

Nos anos de 1981 a 1982 a festa prossegue acontecendo no Parque do Açude Novo e novamente, a exemplo do ano anterior, a prioridade da prefeitura é o apoio às quadrilhas juninas nas ruas e bairros da cidade.

A Secretaria de Educação e Cultura do Município com o apoio do Prefeito Enivaldo Ribeiro está fazendo este ano o mais animado São João de rua dos últimos tempos, promovendo quadrilhas nos bairros campinenses, além do magnífico trabalho que está sendo executado na rede municipal de ensino, onde as professoras restauram as nossas tradições mais autênticas.<sup>41</sup>

A busca das origens da festa junina e seu discurso nas escolas, faz parte da necessidade de inventar uma tradição, enquanto discurso justificador e objeto de propaganda do evento, que objetiva criar, por exemplo, a importância da festa junina em Campina Grande, particularmente, e no Nordeste, de maneira geral. Com tal construção, se espera incorporar uma substância à festa, torná-la cada vez mais real, como se tivesse sempre existido no cotidiano da cidade e de seu povo. É como

---

<sup>40</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande nos dias 08,10,11,12,15 e 27/06/1980.

<sup>41</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 17/06/1981.

se a “tradição junina” estivesse presente, mas esquecida em algum “lugar”; “resgatá-la”, colocando-a em seu devido espaço, isto é, no discurso central em torno da construção da festa, serve de instrumento e de instituição para a sua realização; assim, comemora-se a festa de São João por seu costume na cidade e por estar presente na sensibilidade de seus habitantes. Aliás, tal discurso perpassará toda a construção em torno da festa.

No mesmo sentido, a busca pelas “verdadeiras raízes e autenticidade da festa junina” na cidade também impõe a invenção de sua tradição. Inventando tradições, tenta-se estabelecer um equilíbrio entre o mundo urbano – contemporâneo e moderno – e o mundo rural – primitivo e caipira da festa junina da roça, dos antepassados.

Os discursos em torno da construção da festa de São João buscam assim, conciliar a construção de um novo lugar, espacialidade para a festa, com antigos territórios sociais e existenciais. Os discursos da presença e manutenção de tradições são, na verdade, sua invenção para novos e múltiplos fins, que podem se deslocar para fins econômicos, políticos, sociais, culturais etc.<sup>42</sup>

A cobertura jornalística do festejo junino neste ano é extremamente otimista quanto ao sucesso do evento; pela primeira vez em um dos jornais locais, está a afirmação de ser a cidade de Campina Grande a “Capital do Forró” – título também almejado pela cidade de Caruaru:

Campina Grande este ano está sendo mesmo a “Capital do Forró”. Quase todos os bairros da Rainha da Borborema estão sediando quadrilhas, bailes e outras manifestações juninas. Campina é toda forró.<sup>43</sup>

Com base no que foi até então exposto, cabe a afirmação de que é exatamente a partir da década de 70, que são exercitadas as primeiras

---

<sup>42</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, nos dias 07, 17, 24, 27 e 28/06/1981.

<sup>43</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 26/06/1981.

tentativas de instituir a festa de São João em Campina Grande. Mesmo de forma ainda incipiente, no que diz respeito à coordenação bem como à estrutura da festa, ou na definição das atrações, já existe uma participação dos poderes públicos e de um certo apoio de empresas privadas em seu patrocínio. No entanto, apesar de terem sido criados lugares para a festa junina, ela ainda apresenta-se dispersa em vários espaços da cidade.

Em outras palavras, a festa junina em Campina Grande ainda não foi instituída como um espetáculo, como uma indústria do turismo de eventos; ela é construída e sustentada, principalmente, pelos discursos da mídia que, amparados na noção de tradição e no costume do povo campinense em festejar os santos de junho e o ciclo junino, busca legitimá-la como um importante evento popular e cultural na cidade.

### **1.3. A FABRICAÇÃO DA FESTA COMO UM ESPETÁCULO TURÍSTICO**

A partir do ano de 1983 assume a Prefeitura de Campina Grande, Ronaldo José da Cunha Lima.<sup>44</sup> A história da passagem desse político no governo do município constrói, nos discursos e na prática da festa, uma espécie de divisor entre o que era a festa junina da cidade antes de Ronaldo e depois de Ronaldo. Aclamado e festejado como o pai, o idealizador do evento “O Maior São João do Mundo”, é na sua administração que a festa de São João assume a asserção de um espetáculo e a perspicácia e astúcia do citado administrador e de seus prepostos permitem a utilização da festa como um excelente instrumento de construção de estratégias, de táticas e de correlações de força em busca e continuidade do poder.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup>. Ronaldo José da Cunha Lima é eleito a 15/11/1982 e administra a cidade de Campina Grande nos anos de 1983 a 1989.

<sup>45</sup>. Refiro-me a estratégia como “(...) o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) pode ser isolado.” CERTEAU, 1994, p.99. A táticas como uma “(...) ação

No ano de 1983, época do primeiro São João da administração de Ronaldo José da Cunha Lima, a festa junina prossegue com a utilização do modelo adotado pelas administrações municipais anteriores, com algumas distinções; uma delas é a mudança do espaço para a realização da festa. A partir de então, a concentração dos festeiros dá-se no largo do Centro Cultural – mesmo lugar onde no ano de 1986 é inaugurado o Parque do Povo, espaço que atualmente centraliza a festa. O Centro Cultural situa-se próximo ao Parque do Açude Novo – conhecido também como Parque Evaldo Cruz –, no centro da cidade, local onde acontecia até 1982 à festa junina.

No último ano da administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro, em 1982, ocorre à desapropriação de uma grande área anexa ao Parque do Açude Novo, chamado de “Coqueiros de Zé Rodrigues” e é em parte dessa área que é construída e inaugurada por este administrador o Centro Cultural; só que uma grande área, de quase 25.000 metros quadrados, fica ociosa e é exatamente nesse espaço que o prefeito Ronaldo José da Cunha Lima monta o “Palhoção” para realizar o que os organizadores da montagem da festa e a mídia irão denominar de “O Maior São João do País”. A infra-estrutura do citado espaço é rudimentar, o terreno é em terraplanagem, o sistema de iluminação é fraco, a execução dos shows se dá a “céu aberto” e o “Palhoção” – que serve de barraca e dancing – é coberto com palhas de coco e folhas de bananeiras. No entanto, é dado o passo inicial para transformar essa área, três anos depois, num suntuoso espaço para festa com a inauguração do Parque do Povo e o seu “Forródomo”.

Outra distinção em relação ao festejo junino de anos anteriores é a sua duração; no ano de 1983, por exemplo, a festa se estende do dia 04/06 a 02/07. Mas permanecem o apoio e patrocínio às quadrilhas juninas de ruas e bairros da cidade, bem como prosseguem os bailes juninos nos clubes sociais. No entanto, alguns clubes, que durante a década de 70 criaram fama pela promoção de animadas festas, como o Gresse, o Paulistano, o Campinense e o Ipiranga, entram em franco

declínio e deixam de promover bailes durante o período junino.<sup>46</sup>

As atrações em geral agigantam-se em termos de participação, como é o caso das quadrilhas juninas inscritas; neste ano, foram mais de cem quadrilhas de ruas cadastradas pela Prefeitura, como também aumenta o número do público aos festejos no “Palhoção”:

Cerca de 10 mil pessoas compareceram à festa de abertura do ‘Grande São João’ de Campina Grande no último dia 04, na área do Parque do Centro Cultural.<sup>47</sup>

E ainda,

Os festejos juninos em Campina Grande, patrocinados pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação e Cultura, chegam ao seu clima na noite de hoje, a tradicional “Noite de São João”, com a realização da “Quadrilha dos Turistas”, no Parque do Centro Cultural, nas proximidades do Açude Novo, onde estão concentrados os folguedos. (...) Afora os festejos que estão sendo realizados nos bairros, a população está comparecendo maciçamente ao Centro Cultural, onde desde o início do corrente mês, está armado um Palhoção que está reunindo todas as noites os populares para movimentados e animados forrós, ao lado dos quais são oferecidas comidas e bebidas típicas, além de um parque de diversões destinado à criançada.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup>. Outros clubes despontam como locais atrativos durante o período junino entre eles: o Clube dos Caçadores, o Campestre, a AABB, além da primeira casa de shows da cidade, inaugurada no ano de 1981, o Vale do Jatobá, seguido da inauguração de mais três casas de shows: o Forrock, o Spazzio e a Vila Forró, nos anos de 1984, 1986 e 1994, respectivamente.

<sup>47</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 08/06/1983.

<sup>48</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/06/1983. Consultar ainda, os dias 05,08,24,26,28 e 29/06/1983.

Uma outra observação a ser destacada sobre o ano de 1983 foram às primeiras divulgações da imprensa, falada e escrita, sobre o grande número de “visitantes” – ainda não é corriqueiro na mídia, o uso do termo turista – de outras cidades e até de outras regiões do País para participarem da festa junina na cidade. Na verdade, os termos turista e turismo, tornam-se usuais ao longo do atual governo; são os idealizadores da festa que tornam “familiar” a idéia da convivência dos “nativos” com os “turistas”. Não é à toa que neste ano acontece a atração inédita no “Palhoção” que é exatamente a quadrilha dos turistas. É neste ano ainda que são criados os mascotes da festa junina da cidade, o simpático casal de espigas de milho chamados de “Sabugildo” e “Milharilda”. O casal passa a ser usado a cada realização do evento como emblema da festa e sua imagem é exposta em folders, cartazes e anúncios que divulgam o evento em todos os anos seguintes de realização do São João.

Na oportunidade em que fez a abertura do primeiro festejo junino em sua administração, o prefeito Ronaldo José da Cunha Lima que, além de político, destaca-se na sociedade local pelo seu talento de poeta e de excelente improvisador, dirige-se ao público concentrado no Centro Cultural e em versos “profetiza”:

Vendo assim minha gente,  
Feliz e toda contente,  
Nasce um desejo profundo...  
Hei de fazer em Campina  
O Maior São João do Mundo.<sup>49</sup>

Com essa fala o prefeito, na verdade, planta a primeira semente do que pretendia concretizar: transformar a festa junina na cidade em um espetáculo turístico.

Já nos anos de 1984 e 1985 observa-se um refinamento na orga-

---

<sup>49</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 26/06/1988.

nização da festa junina em Campina Grande, provavelmente em decorrência do sucesso dos anos anteriores, da receptividade dos turistas e dos campinenses, bem como da descoberta da força e da capacidade da festa em se transformar em um excelente instrumento de divisas econômicas para a cidade.

Os planos para a construção da festa passam a ser, a partir do ano de 1984, bem mais ambiciosos, a ponto de se constituir em um projeto de ação a ser planejado pela Secretaria do Departamento de Cultura e Recreação do Município. É neste ano ainda que é construído o hiperbólico slogan: o “Maior São João do Mundo”, que servirá de título definitivo para a festa.

A escolha do termo o “Maior São João do Mundo” para designar a festa junina na cidade de Campina Grande merece uma rápida digressão. Para alguns cronistas e jornalistas, a idéia de batizar o São João de o “Maior do Mundo”, foi de Ronaldo José da Cunha Lima, quando ainda no ano de 1954 participou de uma festa junina na fazenda de Josino Agra, nas imediações de cidade. Segundo o cronista Agnello Amorim:

No São João de 1954, quando brilhou no terreiro da Casa Grande, na fazenda de Josino Agra, numa previsão histórica, o então estudante do curso clássico do Colégio Estadual, Ronaldo Cunha Lima, entoou uma quadrinha bastante apreciada:

Quando eu me lembro que  
o chapéu perdeu o fundo,  
o São João de seu Josino  
é O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO!<sup>50</sup>

De opinião contrária à citada versão é o jornalista William Tejo, para quem o termo “Maior São João do Mundo” surgiu no ano de 1949

---

<sup>50</sup>.Folha Junina – C. Grande, Ano I, n.º 5, 30/06 a 07/07/1989. Distribuição Gratuita.

e foi criado por José Américo Lucena, também conhecido como José Américo II, um destacado animador da festa junina na cidade. Para comprovar a sua assertiva, o jornalista reproduz os versos criados e afirma que eles foram, inclusive, musicados por seu autor:

Hoje eu me perco,  
Meu chapéu está sem fundo. (bis)  
O São João de Zé Américo  
É O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.

I  
O milho assado  
Dá no meio da canela (bis)  
Tem canjica, tem pamonha  
Cozinhando na panela

II  
Camaleão foi ao palácio  
Falar com o Sr. Presidente, (bis)  
Oxente, quem foi que viu  
Camaleão falar com gente.

III  
Camaleão foi fazer feira  
Com uniforme de jaquetão, (bis)  
Chegando no meio da rua  
A calça caiu no chão.<sup>51</sup>

Controvérsias à parte, o fato é que o hiperbólico título de “Maior São João do Mundo” acabou se propalando na cidade como criação de Ronaldo José da Cunha Lima.

Em seu discurso de abertura do festejo junino em 1984, no

---

<sup>51</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 19/06/1988.

“Palhoção” do Centro Cultural, ocorrido no dia 02 de junho, o prefeito, novamente fazendo uso de sua capacidade para a poesia de improviso, dirige-se ao público e recita a seguinte estrofe:

Grande festa nordestina,  
Forró a cada segundo,  
Vamos fazer em Campina,  
O Maior São João do Mundo.<sup>52</sup>

Esta estrofe não surge como resultado de uma intuição ou de uma inspiração do governante municipal, ele apenas continua a pôr em prática e a substancializar um projeto extremamente bem definido de construir na cidade a festa junina instituindo-a como um evento turístico. A propósito, a estrofe citada pelo prefeito será diversas vezes utilizada e reproduzida como discurso que, não só institui a festa, mas também a sua figura política.

A partir de então, a festa assume um contorno diferente, ela passa a ser a expressão da administração municipal, é o prefeito quem a constrói e a torna um fato concreto, real, um evento sem precedentes na e para a história do município.

No ano de 1985 prossegue o chamado projeto junino, com a construção de uma nova estrutura burocrática para montar e executar a festa de São João; trata-se da criação da comissão para o festejo junino, composta pelo Secretário Extraordinário, Assessoria de Divulgação e Turismo além do Departamento de Cultura e Recreação da Secretaria de Educação do Município.

Com tal iniciativa, o que se observa é um cuidado e atenção maiores no que diz respeito à montagem da festa; ou seja, busca-se um controle e gerenciamento de todos os fatos que direta ou indiretamente tenham alguma relação, desde a infra-estrutura até a realização propriamente dita do evento, com suas atrações para trinta dias de festa.

---

<sup>52</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1984.

Esta vigilância contínua não é à toa, é a partir deste ano que a festa junina da cidade é inserida no calendário turístico da EMBRATUR. Assim, a festa vai paulatinamente adquirindo um novo sentido: de uma comemoração dos santos de junho, até então bem menos pretenciosa, como foi o caso das décadas de 70 e início de 80, ela passa a assumir novos e múltiplos sentidos: é uma festa para incentivar o turismo, para servir como uma espécie de cartão-postal da cidade, para orgulhar os seus habitantes, para destacar os seus políticos locais, para incrementar a economia local, para destacar o folclore local, as origens festeiras do campinense, as suas “mais legítimas tradições” etc.

É acompanhando os novos sentidos e adjetivos que a festa vai adquirindo que o discurso de seus idealizadores também se renova, para justificar exatamente tais mudanças. Lê-se abaixo, por exemplo, o pronunciamento do presidente da comissão organizadora do festejo junino, na oportunidade em que apresentou a programação do “2º Maior São João do Mundo” à imprensa, em solenidade ocorrida na Prefeitura Municipal:

(...) A partir desse momento entrego à imprensa, para que ela se empenhe na publicidade e transforme o São João de Campina, realmente no “maior do mundo”. A festa não é da Prefeitura, é do povo, é da cidade, precisamos do empenho de todos para que ela se torne realmente realidade.<sup>53</sup>

Obviamente é preciso que os discursos e a prática da festa se desvinculem de toda e qualquer relação com a política, daí a observação do citado secretário, de que “a festa não é da Prefeitura”, mesmo que seja, ela mesma, a responsável por toda a ordenação e montagem do evento. É necessário que a festa se institua como um evento da cidade e de seu povo, pois esta parece ser a condição de sua transformação em prática. A festa, para se materializar e se territorializar, necessita ser

---

<sup>53</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/05/1985.

imaginada e criada como um fenômeno coletivo, como uma unidade e uma homogeneidade que englobariam todo o povo campinense em torno da sua execução, daí porque ela não deve ser pensada como um evento isolado ou o resultado de uma iniciativa particular, individualizada. Ela deve ser concebida como produto do somatório de esforços, por exemplo, da Prefeitura, por meio dos setores organizadores da festa, dos patrocinadores, que contribuem para o sucesso do evento e principalmente, do cidadão, que com a sua presença efetiva na festa, não só ocupa os seus espaços, mas transforma em prática o acontecimento junino.<sup>54</sup>

A festa do “Maior São João do Mundo” não deve ainda, sob hipótese alguma, ser apresentada como um ambiente onde exista o conflito. A idéia de harmonia, de união, são pré-requisitos básicos e imprescindíveis ao sucesso do evento. Contudo, ao contrário desse discurso, o conflito, o jogo de correlação de forças por prestígio e poder, perpassam toda a construção e execução da festa. Nos bastidores do evento, interesses diversos – econômicos, políticos, culturais etc – confrontam-se, opõem-se e geram constantes situações de disputas.

No ano de 1986 o projeto junino toma forma com a inauguração de uma nova espacialidade para a festa: o Parque do Povo, inaugurado no dia 14 de maio. Situado na Rua Sebastião Donato com a Rua Treze de Maio, no centro da cidade, possui uma área de 27 mil metros quadrados – nos anos seguintes, o espaço da festa é ampliado para 42 mil metros quadrados. Em seu centro é erguida uma estrutura em forma de pirâmide, denominada de “Forródromo”, a qual serve de “dancing” e para a apresentação de grupos musicais. O “Forródromo” possui uma área de quase 1000 metros quadrados.

O novo espaço conta ainda com uma estrutura de 44 banheiros – três anos depois esse número é ampliado para 88 – além de salas em

---

<sup>54</sup>. É preciso, pois, a festa junina ser apresentada como produto e resultado da criação popular, como um processo inerente, específico e peculiar do povo campinense, em particular e do nordestino, em geral.

alvenaria, onde funcionam a administração do Parque, a recepção e os serviços médicos de urgência. No Parque do Povo é destinada também uma área de salas construídas para serem ocupadas com a comercialização de produtos artesanais.

Em toda a área do Parque do Povo, circunscrita à pirâmide, são montadas todos os anos barracas – cerca de 150 no ano de 1986 – onde são dispostas mesas e cadeiras, para atender ao público. Para adquirir a permissão de nelas comercializar, os interessados devem se cadastrar na Prefeitura e pagar um taxa mensal pela ocupação e outra de consumo de energia elétrica.

Um dos momentos de maior conflito na montagem da festa é a definição das pessoas a serem escolhidas para comercializar nas barracas. Há toda uma disputa e uma enorme procura por esta atividade. Comumente a Prefeitura cadastra os nomes dos interessados e realiza um sorteio, sem a presença dos interessados e de acordo com o número de barracas a serem montadas. Como a demanda todos os anos excede a oferta, os não contemplados acusam a Prefeitura de “protecionismo”, “politicagem”, “discriminação” etc. Este fato é tão notório na cidade que há todo um estado de expectativa e morosidade na divulgação dos contemplados, gerando-se assim, uma situação de descontentamento e revolta entre os envolvidos nessa disputa.

Por sua vez, a disposição das barracas, ao longo do espaço do Parque, fica a critério da comissão organizadora da festa junina e, conforme a sua localização e o seu tamanho, há uma variação de preço a ser cobrado.

O que se observa na distribuição das barracas é uma continuidade da hierarquia e estratificação social reproduzidas no cotidiano da cidade; ou seja, o próprio espaço da festa segmenta-se segundo determinados critérios, como posição social, poder aquisitivo, faixa etária, entre outros.

De maneira que o espaço de colocação das barracas pode ser classificado em três setores básicos: setor A, é a disposição das barracas de tamanhos grande e médio, destinados aos grandes restaurantes

da cidade e aos barraqueiros de alto poder aquisitivo; também denominadas de pavilhões, localizam-se na parte superior do Parque, a qual é batizada de Portal do São João, e costumam ser freqüentadas pelas classes mais abastadas e por jovens que, até certo ponto, transformam este espaço em point da juventude.

Este setor pode ser considerado como o mais privilegiado de todo o espaço do Parque do Povo, dado a sua localização estratégica em termos de espaço, com grandes barracas, a sua proximidade com as ruas circunvizinhas facilitando o escoamento dos festeiros dos espaços da festa etc.

As barracas no setor B, por sua vez, são de tamanhos médio e pequeno, destinadas a barraqueiros de bom poder aquisitivo, como comerciantes, funcionários públicos e encontram-se localizadas na parte central do Parque, cujo público freqüentador geralmente, é oriundo da classe média.

E finalmente, as do setor C, são as barracas de tamanhos médio e pequeno e destinadas particularmente a barraqueiros de baixo poder aquisitivo e cujos freqüentadores também são do mesmo padrão; tal segmentação desemboca no fato das citadas barracas estarem situadas próximas à pirâmide – “Forródomo” – que muito rapidamente será popularizado pelo termo “xerém”, isto é, um espaço de concentração das massas, do povão, que passa a noite dançando forró no “dancing” da pirâmide e que freqüenta as barracas circunvizinhas, ou seja, as barracas do setor C. Ano após ano o cenário das barracas, com seu visual e decoração, passam por mudanças, mas permanece a estrutura de divisão segundo este modelo de distribuição, criando nitidamente uma segmentação simbólica de conteúdo hierárquico e estratificado.<sup>55</sup>

A inauguração do Parque do Povo é um marco para a cidade de

---

<sup>55</sup>. Ao observar a continuidade dos processos de segmentação e hierarquia social presentes nos espaços do Parque do Povo, por ocasião do “Maior São João do Mundo”, é notória a afirmação de que a festa não rompe com o cotidiano ordinário da cidade e de seu povo, pois, tal como formula Néstor Garcia Canclini, a festa, na verdade, “não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária,

Campina Grande não apenas por sediar a festa do “Maior São João do Mundo”, mas por promover uma mudança radical na geografia do espaço urbano. A transformação da área paisagística onde hoje está situado o Parque do Povo começa a se redefinir ainda no governo de Evaldo Cavalcanti Cruz, quando em sua administração ele resolve aterrar um antigo açude e transformá-lo no Parque do Açude Novo – uma grande área na qual é erigido um enorme obelisco em homenagem aos primeiros habitantes de Campina Grande, os índios Ariús – que aqui chegaram no ano de 1697, trazidos de Piranhas, pelo Capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo. Toda a área do Parque do Açude Novo é repleta de árvores e espaço para o passeio público com parque de diversão, assentos e “fiteiros”.

Na administração seguinte, de Enivaldo Ribeiro, a mudança na geografia neste setor ganha novo cenário, desta feita, com a construção do Centro Cultural no espaço anexo ao Açude Novo e cujo terreno servia de escoadouro para as águas do antigo açude. É exatamente no espaço restante da grande área que margeava o açude que Ronaldo José da Cunha Lima inicia o trabalho de terraplanagem e constrói a pirâmide – “Forródomo” do atual Parque do Povo.

A transformação na paisagem urbana neste setor da cidade não só passa a servir de cartão postal, como incita as lembranças de antigos habitantes que, ao compararem essa área no passado confrontando-a com o presente, constroem um retrato e uma imagem muito nítida das mudanças presenciadas e a sensibilidade de observar a construção do novo, como na crônica abaixo:

Neste palco onde vocês dançam; amigos,  
Outrora sob ele piabas faziam acrobacias.

---

ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada. Porque não é apenas um momento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas nelas se repetem.” CANCLINI, 1983, p. 55. Assim, mesmo que exista todo um imaginário e produção simbólica de que a festa e o Parque do Povo são o locus por excelência para a experiência da confraternização e igualdade social, num espaço que é público e aberto a todos indistintamente o que se observa é que o próprio espaço se segmenta de forma prática e simbólica, criando-se nitidamente espaços distintos em um único lugar que se pretende igualitário.

No açude Novo onde eu nadava aos domingos!  
Destruíram minha piscina, meu lago, minha utopia!

Mas lembrem-se que da maneira como dançam,  
Entre as águas eu fazia idênticos movimentos.  
Os prazeres sentidos hoje neste palco em folgança,  
Eu também gozei nos meus entretenimentos...

Mas o açude já se foi – sepultaram minhas esperanças!  
Da morte – igual fênix – novos divertimentos,  
Porém diferentes dos meus tempos de criança!

Açude Novo – parque dos meus passatempos!  
Parque do Povo – açude feito de cimento – que mudança!  
Arena onde assisto o desfile dos meus sentimentos!

A nossa vida ao açude tem igual semelhança:  
O tempo transforma alegrias em dores num momento,  
Fixando nossa alma numa tela cheia de lembrança!<sup>56</sup>

Sob a inspiração das sensibilidades expostas na crônica acima, que descreve experiências de uma vida que assistiu não só a mudanças urbanísticas, mas sobretudo, de afetividades, uma importante e fundamental evidência é lançada como desafio aos mentores do evento junino: a festa não existe sem festeiros; portanto, há que se buscar pela sensibilidade do povo campinense e criar uma série de adjetivações para imprimir sentidos à festa.

É neste contexto que a festa junina passa a ser, nos mais variados discursos, particularmente da mídia, o evento que de mais perto sensibiliza o povo; a festa junina não é mais um acontecimento sem importân-

---

<sup>56</sup>. Título da crônica: “Parque do Povo”, escrita por Izael Marinho de Falcão. Folha Junina – C. Grande, Ano II, n° 6, 08/06/1990. Distribuição Gratuita.

cia, ela está impregnada do “espírito junino”<sup>57</sup>, ela é a experiência e prática da mais autêntica manifestação popular desse “povo festeiro” etc.

Não é sem intenção que nos cadernos especiais veiculados pelo *Jornal da Paraíba*, a partir de 1986, diversas matérias serão produzidas destacando as origens do festejo junino na cidade, como demonstração para o fato de que ele sempre existiu, ganhando apenas uma dimensão maior com a inauguração de uma nova espacialidade para a festa: a construção do Parque do Povo. Tais discursos vão instituindo e subjetivando uma importância, um destaque para a festa como antes não acontecia, eles, portanto, servem de incentivo para construção de uma sensibilidade junina.

Uma nova sensibilidade para a cidade, como espaço urbano, também é instituída por toda uma produção discursiva; é a partir do ano de 1986 que os discursos adjetivam a cidade como um centro destinado para o progresso, para a produção de riquezas, para o trabalho etc. Exalta-se a cidade no mesmo sentido em que se exaltam os seus habitantes, de maneira que festa, povo e cidade passam a formar a tríade articuladora de toda uma produção imaginária que busca exatamente criar uma simbiose, ao mesmo tempo em que uma alteridade, uma substância, uma marca e uma distinção para a festa, para o povo e para a cidade de Campina Grande.

Nos anos de 1987 e 1988 a área do Parque do Povo é ampliada com a desapropriação de alguns imóveis circunvizinhos ao espaço da festa, passando de 27 mil metros quadrados para 42 mil. A nova área é ocupada com a colocação de barracas e localizada por trás da pirâmide – “Fórródromo”, espaço onde, no ano de 1995, é erguida a “Cidade Cenográfica”, no espaço doravante denominado de “Arraial Hilton Motta”.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup>. É comum, nos enunciados sobre a festa, o uso desse termo abstrato e genérico para designar o grande apego e alegria do campinense pela festa junina.

<sup>58</sup>. *Jornal da Paraíba* – C. Grande, 21/05/1987.

Com o aumento da área da festa, muda-se um dos setores de distribuição das barracas: exatamente as do setor C, no qual encontram-se dispostas às barracas de tamanho pequeno, não padronizadas. No ano de 1987 são montadas no Parque do Povo um total de 435 barracas.

Uma outra inovação no referido ano é a construção de 15 boxes, também no setor C, para a comercialização de produtos do artesanato local. É inaugurada ainda, uma barraca destinada à comercialização de produtos artesanais confeccionados por representantes da sociedade, sem fins lucrativos, cuja renda é revertida para as “obras sociais” e filantrópicas do Município, batizada de “Barraca das Voluntárias” e coordenada pela primeira-dama do município, Glória Rodrigues da Cunha Lima. É o espaço da festa servindo, também, para divulgar e popularizar a figura da primeira-dama.

A “Barraca das Voluntárias” passa a ser montada todos os anos no Parque do Povo. Conhecida como uma barraca com fins filantrópicos, merece até cerimônia de abertura, com a cobertura da imprensa local e a presença de políticos que discursam sobre a importância da iniciativa das “senhoras da sociedade local” que se revezam no atendimento ao público a partir da “feliz idéia” da primeira-dama do município.

Já em 1988, último ano da administração de Ronaldo José da Cunha Lima, a novidade no festejo junino da cidade é o início do evento que ficará conhecido como “Forró na Praça”, isto é, prévias juninas realizadas nas quatro sextas-feiras que antecedem a abertura oficial do “Maior São João do Mundo”, na praça Clementino Procópio, localizada no centro da cidade. O “Forró na Praça” tem como principal atração a apresentação de cantores regionais, levando o público a dançar e se aquecer para os próximos trinta dias de festa.

Outra novidade na programação da festa junina é a sua duração, exatos 36 dias, isto é, seis dias a mais que os anos anteriores. A idéia de aumentar os dias da festa deve-se à despedida de Ronaldo José da

Cunha Lima frente à administração do município.

Vemos, então, que a festa junina em Campina Grande toma novo impulso, divulgação e popularidade com a inauguração do Parque do Povo; não só o espaço torna-se uma atração a incentivar a frequência dos festeiros – campinenses e turistas – como cria os instrumentos para objetivar a festa como um importante e destacado acontecimento na cidade e para o seu povo.

Já anos de 1989 a 1992, período de gestão do prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima, filho do prefeito anterior, os discursos em torno do “Maior São João do Mundo” adquirem novos sentidos e novos agenciamentos. Estes discursos objetivam produzir todo um imaginário<sup>59</sup> da tradição da festa junina e são formulados com o objetivo de reforçar a construção de uma nova identidade e uma nova imagem para o evento.

Para programar o festejo do ano de 1989, o prefeito cria uma comissão permanente para cuidar durante todo o ano do “Maior São João do Mundo” – ao contrário do que acontecia em anos anteriores, quando a comissão constituída só começava a atuar dois ou três meses antes da abertura do evento – e passa a ser atribuição da citada comissão, composta por representantes do Departamento de Turismo e Recreação do Município da Prefeitura Municipal de Campina Grande – Demtur, da Secretaria de Educação e Cultura do Município e Secretaria de Serviços Urbanos, elaborar um projeto no qual devem estar contidos toda a organização e programação da festa com vistas a atender à necessidade de resgate da originalidade e autenticidade da festa junina; como se a originalidade do São João houvesse sido “raptada”, “usurpada” de seu direito de existir ou de se manifestar na cidade que exatamente “sempre cultivou” o “espírito junino”.

---

<sup>59</sup>. Assim formula C. Castoriadis: “(...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que chamamos de ‘realidade’ são seus produtos.” CASTORIADIS, 1982, p.13.

Portanto, mais uma vez, a tática dos novos discursos, veiculados pelos organizadores e responsáveis em montar e executar a festa do “Maior São João do Mundo”, pode ser caracterizada pela insistência na necessidade de retomar a tradição da festa junina, as suas origens e a sua autenticidade e de imprimir, principalmente à nível cultural, a idéia de que ela é sentida e vivida com toda a intensidade nos espaços da cidade e na sensibilidade do campinense:

Bom dia, Rainha! Pulsa forte, em ritmo de alegria, porque és festa. Festa de um povo vocacionado para assumir lideranças, e alma de um mapa que adere à dinâmica empreendedora dos que movem a máquina do trabalho, nos mais diferentes setores de atividades. Permaneça em trono no alto desta montanha, Campina Grande, para de braços abertos e com muita vibração, receber teus turistas, ecoando o som de tuas vitórias, enquanto deixas no ar a dança efervescente do nordestino, como um convite de fé para o Brasil e para o Mundo. (...) <sup>60</sup>

Na história do festejo junino em Campina Grande nunca antes haviam sido criados e explorados sistematicamente elementos tais como a “invenção do típico”, através, por exemplo, da comercialização de comidas típicas do período junino, como o milho verde assado e cozido, a pamonha, a canjica, os bolos de milho e mandioca e outros <sup>61</sup> a serem servidas nas barracas instaladas no Parque do Povo:

---

<sup>60</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/06/1989.

<sup>61</sup>. A festa junina é comumente analisada e caracterizada como a “festa da fartura”; a mesa posta com toda uma variedade de doces, bolos e bebidas é um dos mais destacados pretextos para a realização do evento junino. Não é a toa que para Roger Bastide, por exemplo, a razão da festa seja a comemoração das colheitas, principalmente do milho e do feijão, e uma das maneiras de agradecê-las é exatamente a produção de um evento no qual a fartura e a oferta de alimentos sejam um de seus principais símbolos. Consultar BASTIDE, 1979, p. 69.

Rigorosamente, os barraqueiros terão que primar pelos comes e bebes típicos nos seus estabelecimentos no sentido de ser expressada aos visitantes, principalmente os que vêm do Sul do País, uma imagem fielmente tradicional da maior festa de São João, que hoje tem sua projeção em vários Países do continente.<sup>62</sup>

Ou ainda, através do apelo dos organizadores do evento para que os campinenses usem trajes típicos quando se deslocarem, não só aos espaços da festa mas também ao trabalho.<sup>63</sup>

Um outro incentivo determinado pela comissão de organização do Maior São João do Mundo, é que os campinenses neste período vistam-se a rigor: chapéu de palha, calças, camisas, blusas e saias coloridas, com o propósito de conservar ainda mais a festa que é de cunho popular e, sobretudo, nordestina tendo sua sede maior em Campina Grande.

Mediante este estímulo, segundo os integrantes da comissão, toda a cidade, desde o povão da periferia, os trabalhadores do comércio, das fábricas, até mesmo os segmentos mais abastados, o semblante é um só: muita alegria em clima de Maior São João do Mundo, o que vai perdurar por trinta dias, durante o mês de junho.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1989.

<sup>63</sup>. A indumentária de um “traje típico” da festa junina é apresentada pelo folclorista Edson Carneiro. Neste sentido, ele propõe o seguinte modelo para que os cidadãos se transformem em rurícolas e festeiros de São João: “a ocasião influencia o traje. Festinhas escolares e bailes “na roça” impõem a vestimenta que a literatura regionalista atribui ao caipira – chapéus de palha, vestidos de chita, calças de brim ou de zuate, lenços coloridos ao pescoço. Os foliões urbanos, para acentuar a semelhança com a roupa-de-todo-dia do homem do interior, põem a camisa semi-solta do cinturão, arregaçam a boca das calças, usam sapatos de pares diferentes ou trazem um dos pés no chinelo...crianças e mulheres põem borrões de carmin no rosto.” (...) CARNEIRO, 1982, p. 20.

<sup>64</sup>. Idem. 02/06/1989.

No mesmo caminho de “inventar o típico”, neste ano a identificação das barracas dispostas ao longo do espaço da festa é feita através de ruas com denominações como rua da pamonha, do angu, da canjica, do milho, etc. Além da opção e prioridade dos organizadores do evento em contratar trios de forró que executam o chamado “forró pé-de-sera”, ou seja, grupos compostos por tocadores de triângulo, zabumba e sanfona, para se apresentarem nos palcos do Parque do Povo. Há, enfim, uma preocupação em transformar a cidade em uma imagem que represente um verdadeiro “arraial junino”<sup>65</sup>, ruas e principais avenidas que dão acesso a Campina Grande são ornamentadas com bandeirinhas e balões, é criado até um tema “Cai, Cai, Balão”, para inspirar os decoradores.

As imagens e cenários do Parque do Povo, principal foco de concentração e animação da festa junina na cidade, merecem e recebem dos decoradores toda uma atenção especial:

Na área destinada exclusivamente ao quartel general do forró (Parque do Povo e Forródromo), a ornamentação será feita com 58 balões e muitas bandeirolas, sendo que ao lado do Centro Cultural serão afixados três painéis com o tamanho similar a seis metros aproximadamente. Nos quais serão pintadas às imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro, com uma iluminação circular refletida por 150 lâmpadas coloridas.

A parte que compreende apenas o Forródromo, destinada aos forrozeiros, será enfeitada com estrelas de mais de um metro de diâmetro cada, sendo acopladas em refletores, e

---

<sup>65</sup>. Para Marilena Chauí: “As imagens são um espelhamento ampliado e iluminado da experiência imediata, dotadas da capacidade de unificar aquilo que nesta última aparece fragmentariamente. Unindo o disperso, a imagem, espelho dos dados imediatos, exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento, graças ao seu aspecto ordenador.” CHAUI & FRANCO, 1979, p. 46.

circundadas por diversos balões.<sup>66</sup>

Além do Parque do Povo outros pontos estratégicos da cidade também recebem ornamentação com motivos juninos, é o caso do Aeroporto João Suassuna e do Terminal Rodoviário:

No Aeroporto, além de balões e bandeirolas multi-cores por toda área, a inovação este ano para recepcionar os turistas, será a instalação de um jumento com duas “cangalhas” com um casal de bonecos vestidos tipicamente. Na Rodoviária no local que compreende a plataforma, onde serão recepcionados os turistas, vai ser colocado um casal de bonecos que retratará os dançarinos de forró do Nordeste.<sup>67</sup>

Como se pode observar, mais uma vez, a opção dos organizadores e envolvidos com a montagem do cenário é a de construir uma imagem que reproduza todo um imaginário da tradição da festa de São João. Os santos juninos, os balões, as bandeirinhas, se misturam a estereótipos regionais, a ícones da cultura popular como o jumento, a cangalha, o caçua e os dançarinos de forró. Tais imagens criam um certo “ethos” para a festa: é o São João festeiro que se mescla ao Nordeste da seca, do tropeiro, do desbravador etc; é toda a cidade nordestina de Campina Grande que se enfeita para festejar o seu São João.

Neste sentido, a idéia de tradição – gestora de todo o evento junino – destaca-se para fazer valer a festa, que não é uma festa junina tão somente, mas “fruto da nordestinidade”; produto das mais ricas “raízes” que se encontram e são vivenciadas no espaço do Parque, durante trinta dias, através de uma “espontânea confraternização popular”; é este o imaginário e a prática da festa do “Maior São João do Mundo”. Um evento que, na verdade, toma conta da cidade durante o

---

<sup>66</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 17/05/1989.

<sup>67</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 19/05/1989.

mês de junho e o campinense, sem dúvida, é o grande responsável por toda essa receptividade ao evento, afinal é ele que diariamente se desloca para os espaços da festa e transforma em prática o acontecimento que transforma a cidade em um cartão postal.

Ainda como proposta de “retomar a originalidade da festa”, é inaugurado, também no ano de 1989, o “Museu do Maior São João do Mundo”, situado no largo da Estação Velha, em um dos antigos galpões que, até fins da década de 30, armazenavam o algodão. Segundo informações da secretária de Educação e Cultura, o “Museu do Maior São João do Mundo” foi criado para reunir todo material já produzido sobre o mais importante evento turístico de Campina Grande.<sup>68</sup>

Quem foi ao Museu Regional do São João na sua inauguração, saiu de fato entusiasmado com a beleza do mesmo. Dividido em três compartimentos, ornamentado tipicamente com palhas de palmeira, milho etc. O Museu Regional faz relembrar os tempos de quem já teve uma vida rural.

Entre os três compartimentos, o que mais vem chamando a atenção é justamente a cozinha, nesse local, o visitante encontra de tudo, tais como: um fogão à lenha, candeeiro aceso na parede, o tradicional pilão, o bule na beira do fogo, as panelas de barro, o pote de barro, os canecos de alumínio colocados em uma pequena copeira na parede, além de uma mesa pronta com comidas tipicamente juninas, como: milho verde, xerém, pamonha, canjica, queijo etc.

Após a recepção, está a sala de exposição: quadros de vários santos, principalmente de São João, Santo Antônio, São Pedro, São José e Padre Cícero, ornamentam as paredes, como também fotos de praticamente todas as quadrilhas juninas de Campina Grande, integram a ornamentação desse compartimento. São João, o homenageado pelos festejos juninos, além de ter ocupado nas paredes, também ganhou

---

<sup>68</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/06/1989.

um oratório.

Uma vitrine com roupas típicas regionais, mais precisamente do São João tem chamado a atenção dos visitantes, principalmente das mulheres.<sup>69</sup>

Construir uma história para “O Maior São João do Mundo” torna-se uma importante providência para objetivar o evento como um fenômeno que sempre existiu na cidade e que faz parte da cultura local. Os elementos, símbolos e signos da festa junina, presentes no acervo do museu, misturam-se aos elementos, símbolos e signos que instituem a idéia de região Nordeste a partir de uma leitura estereotipada dos valores, hábitos e costumes da região. Daí que misturar os elementos simbólicos e ícones da festa junina com os elementos simbólicos e ícones que objetivaram uma determinada construção imaginária da região Nordeste, passa a ser uma característica na montagem da festa junina em sua versão urbana e de espetáculo turístico, incitando a análise de tomar o acontecimento da festa do “Maior São João do Mundo” como um evento híbrido e produto de um sincretismo cultural – por misturar coisas que antes não se misturavam.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 30/06/1989.

<sup>70</sup>. Tal característica – o hibridismo e o sincretismo cultural – não é prerrogativa apenas da festa do “Maior São João do Mundo”; em cidades como Caruaru, que também constrói anualmente a sua festa junina durante trinta dias ininterruptos, a estratégia de aproximar o enunciado região ao modelo da “tradição junina” também está presente na montagem do cenário da festa. Tome-se como exemplo a criação do “Arraial Vitalino”, uma espécie de arruado com cerca de 700 metros de extensão, no qual está exposto todo um espaço imaginário de identidade da festa com o que a cidade tem de mais expressivo: o seu folclore local. O “Arraial Vitalino” é composto de barracas de artesanato no qual encontram-se dispostos para a venda de diversas peças em barro, confeccionadas pelos seguidores do Mestre Vitalino, além de réplicas de casas de barro e madeira simbolizando as residências do Mestre Vitalino, de uma rezadeira, de uma cigana e de uma fábrica de bonecos. Ainda como parte componente do cenário da festa junina em Caruaru, é construído um outro espaço, vizinho ao “Arraial Vitalino”, denominado de “Pá-

A decoração da festa do “Maior São João do Mundo”, transformando a cidade numa espécie de arraial junino, une-se à organização e cadastro das quadrilhas juninas a se apresentarem nas ruas e no Parque do Povo – no total de 450 quadrilhas este ano; na disposição das barracas ao longo do espaço da festa – no total de 350 barracas este ano; no policiamento ostensivo nos espaços da festa com um contingente de 500 homens da Polícia Militar para garantir a segurança dos festeiros; na organização do tráfego de veículos a fim de facilitar e desobstruir a área de acesso ao Parque do Povo; na definição de horários e lugares de parada dos transportes coletivos etc.

Assim, para que a festa se torne uma prática no cotidiano dos campinenses e turistas durante o período de trinta dias, toda uma estrutura é montada e o espaço da festa, longe de ser um ambiente de desordem, para se opor à ordem do cotidiano, é um espaço ordenado por uma multiplicidade de agenciamentos e dispositivos que regulam a sua institucionalização.<sup>71</sup>

A festa prossegue nos anos de 1990 e 1991 e a tríade: festa, cidade e povo, é novamente amplamente utilizada nos discursos que

---

tio de Eventos”, lugar no qual encontram-se montados cinco museus temáticos: o “Museu do Barro”, o “Museu do Mestre Vitalino”, o “Museu do Forró Luiz Gonzaga”, o “Museu do São João” e o Espaço “Elba Ramalho”. O “Arraial Vitalino” como os museus temáticos, no Pátio de Eventos, podem ser caracterizados como uma simbiose de arte, cultura, São João e tradição. As imagens que o turista certamente leva da Capital do Forró são uma mistura de festa junina com artesanato e de um São João representado em um boneco de barro.

<sup>71</sup>. Neste sentido, a festa do Maior São João do Mundo não pode ser analisada segundo a perspectiva teórica do conceito de festa proposto, por exemplo, por Mircea Eliade, para quem a festa nada mais seria que uma “ruptura do cotidiano, uma passagem do profano para o sagrado, uma busca do tempo originário onde se reencontra de modo pleno a dimensão sagrada da vida.” ELIADE, s/d., p. 82. Na festa junina de Campina Grande essa ruptura não acontece, pois as regras normativas da ordem se fazem presentes nos espaços da festa e qualquer estímulo à desordem, é objeto de punição imediata.

instituem a festa; de maneira que esta se substancializa na medida em que conta com o aporte discursivo de todo um imaginário que adjetiva o campinense como trabalhador, desbravador e festeiro e a cidade como a Rainha da Borborema, terra cuja vocação é o trabalho e a garra para realizar grandes eventos:

De 1 de junho a 1o de julho teremos o Espírito Junino tomando conta do nosso povo e transformando nossa cidade no Maior e Mais Belo Arraial do Mundo, tudo isso organizado com responsabilidade e dando plena segurança a todos que por aqui passarem para ver de perto o Maior São João do Mundo. Grande em sua duração, ele é principalmente destacado pela forma como é feito e o carinho com que são tratados todos os detalhes para dar, a cada ano de realização, maior destaque a Campina Grande e a seu povo, sempre crente em grandes realizações e audacioso no feito de tudo que pensa e efetua<sup>72</sup>

A grande atração e invenção da festa no ano de 1990 é a criação da Orquestra Sanfônica isto é, a reunião de tocadores de sanfona que, sob a regência de um maestro, executam músicas de forró.

A idéia para o surgimento da “Orquestra Sanfônica”, segundo o discurso da mídia na época, foi do então Prefeito Ronaldo José da Cunha Lima que, a partir de uma comparação entre as cidades de João Pessoa, Capital do Estado e Campina Grande, questiona em tom de brincadeira: “Se João Pessoa tem a sua Orquestra Sinfônica, por que Campina Grande não pode ter a sua Orquestra Sanfônica?”<sup>73</sup>

E, de fato, em 1990, a “Orquestra Sanfônica” surge como a grande atração e sensação do festejo junino. Ela é formada, inicialmente, por 18 sanfoneiros, sob a regência do maestro Edmar Miguel –

---

<sup>72</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, suplemento especial com o título: “Acenda a Fogueira do Seu Coração de 1 de Junho a 1 de Julho”, 01/06/1990.

<sup>73</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/05/1990.

anos depois, por 29 sanfoneiros e cinco percursionistas. Outra atração inédita na programação oficial da festa junina é a introdução de brincadeiras no Parque do Povo, destinado a crianças e adultos, como o “Quebra Padeiras” e o “Pau de Sebo”; para os organizadores do evento, “tais brincadeiras não só divertem o público como é mais uma maneira de resgatar a tradição junina da festa.”<sup>74</sup>

A idéia de resgate da “tradição junina” é uma constante nos discursos que instituem a festa. Toda e qualquer atração por mais díspare que seja, como as brincadeiras do “Quebra padeiras” ou do “Pau de Sebo”, que nenhuma relação possuem com o discurso folclórico sobre a festa junina, é apresentada como componente desta mesma tradição que é recriada na cidade.

Em 1992, último ano da administração de Cássio Rodrigues da Cunha Lima, a festa é construída, principalmente pelos discursos da mídia, como um evento já instituído na cidade graças ao envolvimento dos políticos locais – especialmente do prefeito – e do povo que, “irmã-nados” em um só interesse, ajudam a construir a cada ano uma festa de São João mais animada e receptiva aos turistas.

A cidade de Campina Grande agora é a terra do “Maior São João do Mundo”; é o espaço da cultura popular no qual são vivificadas as mais profundas raízes de um povo que é festeiro e que adora forró:

O Maior São João do Mundo é para Campina Grande a personificação da sua irresistível vocação de cidade festiva e hospitaleira. As multidões que diariamente acorrem ao Parque do Povo ou às quadrilhas e bailes que acontecem com crescente profusão, demonstram alegre e descontraidamente uma maneira prática de se fomentar a confraternização humana, sem os caprichos e formalidades inerentes à sociedade contemporânea. A cada vez que se vislumbra o Parque do Povo ‘abarroto’ de gente embalada por um ritmo tão

---

<sup>74</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 01/07/1990.

característico de nossa terra, uma sensação de realização invade todos os campinenses, pois o forró nada mais é do que uma vigorosa modalidade de se reverenciar e imortalizar nossas mais rebuscadas raízes populares. Tira o pé do chão Campina!<sup>75</sup>

Não há mais como imaginar a cidade sem a sua festa maior; ela se transforma na própria personificação da grande vocação da cidade, que é a de ser festeira e hospitaleira; a idéia de construir um lugar, uma territorialidade para a festa, é uma das maneiras de construir uma identidade cidadina, uma alteridade frente às outras cidades.

O “Maior São João do Mundo”, segundo essa perspectiva, não é mais simplesmente um fenômeno que acontece na cidade ou no meio urbano, tão somente, ele é da cidade e é em torno dessa noção de posse e de pertencimento que é construída a sua identidade, exatamente através de toda uma produção imagética e discursiva que destaca a cidade e seu povo como criadores e detentores deste evento hiperbólico, que mais parece um espaço para as fantasias e as práticas de devires, opondo-se à regularidade do dia-a-dia, com suas normas e regras definidas.

No ano de 1993, primeiro da gestão do novo prefeito do município, Félix Araújo Filho,<sup>76</sup> já se assiste a um destacado sucesso da festa do “Maior São João do Mundo” como um espetáculo, como um instrumento e produto a incrementar o turismo. A festa é um evento turístico, pois o mês de junho é a época em que a cidade costuma receber centenas de turistas dos mais variados lugares; é o momento em que o comércio, a rede hoteleira, os restaurantes, as casas de shows, os vendedores ambulantes e todas as demais categorias do setor informal da economia, se voltam para construir e tornar possível o evento junino e aproveitam exatamente esse acontecimento para incrementar e ma-

---

<sup>75</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 24/06/1992.

<sup>76</sup>. O prefeito Félix Araújo Filho governou o município nos anos de 1993 a 1997.

ximizar seus ganhos e lucros econômicos.<sup>77</sup>

Portanto, uma vez instituído o evento e alcançado pleno êxito, o turista passa a ser idealizado como uma espécie de moeda de muito valor; é necessário que ele volte no ano seguinte para mais um “Maior São João do Mundo” e para que tal expectativa se torne realidade, o turista necessita ter incentivos, motivações, algo que o impulse a regressar ao “arraial junino”.

Segundo a ótica do marketing, o fenômeno do chamado turismo de eventos, que a propósito, tem se transformado em prioridade nos últimos anos nas administrações estaduais dos governos da região Nordeste do País, se fortalece na mesma medida em que é inovado a cada realização;

“Inovar para melhorar”. Este é um dos lemas da PBTur e do Departamento Municipal de Turismo – Demtur, para aprimorar ainda mais o Maior São João do Mundo (...) As inovações acontecem a cada ano, e esta é a fórmula utilizada para transformar o São João em um evento de peso no calendário turístico nacional.<sup>78</sup>

A idéia do novo parece ser o fundamento, a receita de sucesso do evento. Apresentar sempre uma nova “roupagem”, tratando de um mesmo tema – fato corriqueiro na montagem da festa – é o grande desafio dos organizadores da festa do “Maior São João do Mundo”. E tal fórmula: mostrar o novo a partir de um modelo pretérito, amparado nos discursos da tradição e volta às origens, no mesmo sentido em que utiliza os recursos – cenográficos, técnicos – do “mundo moderno”,

---

<sup>77</sup>. Sobre a importância da festa como instrumento de captação econômicas, consultar o Relatório da Interplan - Planejamento e Pesquisa Ltda., coordenado por Ramilton Marinho Costa, com o título: “Pesquisa de Opinião e Mercado: São João em Campina Grande: Aspectos Turísticos e Sócio-Econômicos”. Junho – 1999.

<sup>78</sup>. Revista Turismo – Cultura e Lazer – do Jornal A União – Ano I, n. 17, João Pessoa – PB, com o título: “O Maior São João do Mundo – Ano Dez”, 23/06/1994.

constitui-se em um exercício paradoxal na invenção do evento: como conciliar o novo com o antigo? O moderno com a tradição? O presente com o passado?

Esse dilema apresenta-se como fantasmagoria nos espaços do Parque do Povo. Em algumas barracas, por exemplo, são armadas antenas parabólicas como forma de chamar os fregueses na mesma medida em que seus interiores são ornamentados com estampas de São João Batista e bandeirinhas coloridas, além da Bandeira do Brasil, que por ocasião da Copa do Mundo, também serve de pretexto para a realização da festa.

De qualquer maneira, e mesmo em detrimento do citado paradoxo, o sucesso da festa comumente é mensurado pela capacidade e potencialidade de inovação, a exigência de aprimoramento impondo ao evento uma qualidade contínua.

Um profissionalismo cada vez mais evidente na montagem, organização e prática da festa, surge como pré-requisito básico e fundamental para o regresso dos turistas à cidade, momento em que novamente se prenuncia o tempo da festa.

Assim, os responsáveis pela montagem e organização da festa do “Maior São João do Mundo” privilegiam a noção do novo como característica marcante e determinante do evento. O caráter de novidade concomitante à idéia de tradição são, portanto, a principal fórmula para o sucesso da festa junina.

No ano de 1994 a montagem da festa junina na cidade apresenta algumas inovações, mas sempre respondendo ao mesmo modelo de continuidade e de uma festa cada vez mais gerenciada, administrada e direcionada para oferecer entretenimento, principalmente e fundamentalmente, ao turista.

Tais mudanças no cenário do “Maior São João do Mundo” começaram pela disposição das barracas no espaço do Parque do Povo. No referido ano, a Prefeitura contratou uma empresa de Salvador, no Estado da Bahia, a ‘Salvador Toldos’ e ficou ao seu encargo a cober-

tura de todas as barracas, em forma de pirâmide e que deveriam obedecer uma igual padronização e que, por ocasião da Copa do Mundo, foram decoradas nas cores amarelo, verde, azul e laranja.

No plano superior foram instaladas 160 barracas cobertas duas a duas com toldos que dão idéia de balões. Na parte anexa ao Parque do Povo ficaram 98 barracas, além de 10 pavilhões. O arraial Hilton Motta conta com 22 barracas e a famosa cidadezinha do interior. Próximo à pirâmide, as barracas foram padronizadas com cobertura em lona comum.<sup>79</sup>

Em 1994 é comemorada uma data importante: os 10 anos de existência do evento do “Maior São João do Mundo”. E, para tanto, os jornais locais, por exemplo, retomam todo um discurso de origem e reminiscências do passado da festa na cidade; destacam ainda, a figura do idealizador do evento com textos de teor emocionado:

Dizem que São João é o santo do sono. Em Campina, o São João é o fruto de um sonho, um sonho ousado do então Prefeito Ronaldo Cunha Lima, que aproveitando a vocação natural da cidade onde a época junina sempre foi comemorada com vigor, decidiu dá o pontapé inicial para o que viria a ser o Maior São João do Mundo, hoje incluído em definitivo no calendário turístico nacional. (...) Este ano, com a festa dos dez anos, o São João se reveste de uma alegria e um colorido especial. O que era um sonho é hoje uma realidade palpável, um modelo de como levar alegria, promover o trabalho e aumentar a renda partindo das coisas mais simples do povo.<sup>80</sup>

Alguns folcloristas defendem que São João é o santo do sono,

---

<sup>79</sup>. Revista Turismo – Cultura e Lazer – do Jornal A União – Ano I, n.º 17, João Pessoa – PB, com o título: “O Maior São João do Mundo – Ano Dez”, 23/06/1994.

<sup>80</sup>. Jornal A União – João Pessoa, 23/06/1994.

pois ele dorme na noite em que é comemorado o seu nascimento e sua mãe, santa Isabel, não o acorda pois, se assim o fizesse, ele soltaria faíscas de alegria por observar a comemoração de sua festa, e colocaria, sem saber, fogo no mundo.<sup>81</sup> Na cidade de Campina Grande, o santo passa a ser, diferente da referida visão, fruto de um sonho que se transforma em realidade. É produto de uma ação que redimensiona um evento, até então disperso na cidade, em um fenômeno localizado e centralizado no Parque do Povo.

Em discursos como o acima citado, observa-se a tendência à naturalização do evento, a partir da defesa de que ele sempre existiu na cidade, sendo atualmente diferente apenas enquanto importância e dimensão; portanto, festejar o São João sempre foi um hábito, um costume corriqueiro entre os campinenses. Esta é uma das maneiras de justificar o evento e garantir a participação – de turistas e campinenses – pois a busca pela autenticidade, pelo ambiente criado imaginariamente e discursivamente, reverte-se em um excelente apelo para o sucesso da festa.

Já no ano de 1995, a montagem da festa junina em Campina Grande apresenta poucas mudanças em relação ao ano anterior, contudo, a novidade no cenário da festa é a construção de uma “Cidade Cenográfica” e de mais um palco, para a apresentação de grupos folclóricos e de quadrilhas juninas, localizados na parte inferior do Parque do Povo, onde está situado o recém inaugurado “Arraial Hilton Motta”.

A justificativa de construir a “Cidade Cenográfica” permite que os discursos dos organizadores da festa e da mídia, apontem para a oportunidade dos festeiros reviverem o passado da cidade, bem como para fazer conhecer aos “mais jovens” um pouco da história de “sua terra”; uma outra finalidade para a sua construção é a de possibilitar

---

<sup>81</sup>. Consultar por exemplo, MELO, 1979, p. 77-78; CASCUDO, 1954, p. 477-478 e STEINEN apud CASCUDO, 1956, p. 173.

uma maior frequência de campinenses e turistas ao espaço do “Arraial Hilton Motta”, numa tentativa de desobstruir a parte superior do Parque do Povo, “Portal do São João”, que se tornou pequena com o grande número de pessoas concentradas no local. O cenário da “Cidade Cenográfica” é composto de réplicas de prédios antigos de Campina Grande e o principal material utilizado é a madeira, pintada com imagens que reproduzem edificações da cidade.

Como já salientado em páginas anteriores, o espaço inferior do Parque, por trás da pirâmide, é freqüentado, preferencialmente, pelos festeiros de baixo poder aquisitivo, e é nesse lugar que eles marcam simbolicamente o seu território.

A idéia de fazer reproduções de alguns prédios históricos da cidade no Arraial Hilton Motta, em Campina Grande, não foi só um fato de inovação e beleza, mas também conseguiu ‘equilibrar’ todo o Parque do Povo durante as festividades do Maior São João do Mundo, já que antes havia uma certa discriminação com a parte de baixo do Parque, que inclusive era chamada de xerém. Ao contrário do que aconteceu em anos anteriores, hoje a parte de baixo é a mais procurada e freqüentada por campinenses e turistas exatamente por um motivo específico: a existência da cidade cenográfica. Reproduzindo com riqueza de detalhes os prédios da Câmara Municipal, Catedral, Cassino Eldorado, Telégrafo Nacional e a Fruteira de Cristino Pimentel, a cidade se constitui numa das maiores atrações, não só pelo fato de mostrar o passado para quem vive no presente, mas também por resgatar a memória campinense.<sup>82</sup>

O que se observa com a inauguração da “Cidade Cenográfica” é que, de fato, ela permite a criação de novos espaços referenciais para a festa; uma nova territorialidade é construída. Passada a fase de conhecimento e reconhecimento do novo espaço pelos festeiros indistinta-

---

<sup>82</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 25/06/1995.

mente, este passa a ser, preferencialmente, lugar de encontro de intelectuais da cidade, isto é, as mesas dispostas ao longo da nova espacialidade são, em sua grande maioria, ocupadas por professores universitários, poetas, músicos, artistas plásticos, alunos engajados em “movimentos estudantis” etc.

A ocupação e frequência dos citados segmentos sociais na “Cidade Cenográfica”, cria rapidamente estereótipos de que aquele espaço é “ponto de encontro” de homossexuais, moças de programa, comunistas, revolucionários, anarquistas etc.

Assim, mesmo com a tentativa dos organizadores de criarem um novo atrativo para compor o cenário da festa, a “Cidade Cenográfica” continua estigmatizada com novos estereótipos; desta vez, não mais quanto à classe e posição social de seus frequentadores, mas quanto aos valores ideológicos e respeito aos códigos da ética, da “moral e dos bons costumes”.

É em decorrência destas novas adjetivações ao recém inaugurado espaço que a parte superior do Parque continua a ser o lugar preferencial da elite campinense e dos turistas. De tal maneira que os processos simbólicos de segmentação e exclusão social permanecem mesmo com uma nova espacialidade para festa.

A parte superior do Parque, onde está situado o palco principal para apresentação das mais importantes atrações musicais e montadas as grandes barracas – pavilhões administrados por grandes restaurantes da cidade – continua a ser ocupado pela elite; a parte mais central, já próxima à pirâmide – “Forródro” – bem como a parte imediatamente atrás desta, é ocupada pelas classes de baixo poder aquisitivo, e a “Cidade Cenográfica” – “Arraial Hilton Mota” – torna-se conhecida por ser ocupada pelas pessoas e grupos que não se adequam “às regras sociais”, por “rebeldes”, por “comunistas”.

Não é a toa que esta “Cidade Cenográfica” é construída, ela visa exatamente produzir uma expectativa de confronto entre o passado e o presente e busca instituir a festa junina como partícipe desse referido tempo pretérito, como uma festa que é resgatada na cidade em respeito

e consonância com uma dada tradição. Uma festa enfim, que intenta trazer para os festeiros do presente, um saudosismo de um passado ingênuo, simples e rústico.

Outra inovação na programação oficial da festa junina no ano de 1995 é a execução do projeto “Arraial na Periferia”. A pretexto de descentralizar a festa do “Maior São João do Mundo”, cujo espaço de maior concentração é o “Parque do Povo”, o prefeito, junto à comissão organizadora dos festejos, lançam o projeto “Arraial na Periferia”.

Trata-se de um subliminar intento de excluir, na medida do possível, o campinense de baixo poder aquisitivo de frequentar os espaços do Parque do Povo, particularmente nos dias considerados de maior importância no calendário junino, os dias 23, 24, 28 e 29 (véspera e dia de São João, véspera e dia de São Pedro, respectivamente), oportunidade em que a cidade recebe o maior número de turistas. Para tanto, a Prefeitura montou arraiais em determinados bairros da periferia da cidade, incentivando seus moradores a comemorarem as principais datas do chamado ciclo junino nos denominados arraiais das comunidades, desobstruindo assim, o espaço do Parque do Povo para os turistas.

Interessante é o discurso do prefeito em justificar a “desocupação” do Parque para o turista nos dias de maior movimento: para ele, “a idéia é fortalecer o São João na periferia da cidade, procurando tornar mais enraizada às tradições e costumes dos campinenses nessa

---

<sup>83</sup>. No “Pátio de Eventos”, na cidade de Caruaru, também existe uma “Cidade Cenográfica” com casas permanentes e batizada de “Vila do Forró”. Essas casas são construídas em alvenaria e pintadas com cores alegres e fortes. Entre elas destacam-se: a Delegacia, a Polícia Civil, o Banco do Brasil, a Empresa de Correios e Telégrafos, o posto da TELEMAR, vários restaurantes e uma Igreja com a bandeira de São João hasteada. A impressão que se tem é a de que ao caminhar pela rua da “Vila do Forró” o festeiro embarca em uma viagem imaginária com o passado de casas simples e de ruas pouco movimentadas. A “Vila do Forró” é um retrato de um tempo pretérito que não mais existe nos centros urbanos modernos, com os seus arranha-céus e barulho ensurdecedor de automóveis.

época tradicional.”<sup>84</sup>

O discurso do “fortalecimento da tradição” é o recurso tático e estratégico utilizado para mascarar o intento de concretizar o processo contínuo de exclusão do campinense mais pobre dos espaços da festa. Para coibir a presença destes no Parque do Povo, nada mais criativo que construir pólos de animação em vários bairros. Desta maneira, os espaços da festa ficam mais livres para receber o turista, afinal, a festa é um espetáculo para “turista ver”, ele é o convidado especial, o visitante ilustre para quem a festa é montada.

A criação de pólos de atração turística também é uma inovação da festa junina no referido ano, merecendo destaque à realização do “Forró na Feira”. Os objetivos dos idealizadores desse evento são: o de criar um espaço para apresentação de grupos regionais em um ambiente “tipicamente nordestino” – a feira –; transformar o citado espaço em mais uma atração turística – leia-se, exótica; incentivar o aumento de vendas daquele setor:

O “Forró na Feira” permitirá maiores espaços para que os cantores regionais possam mostrar os seus trabalhos. A iniciativa de se levar o forró para Feira de Campina – considerada o maior componente cultural da cidade – além de ser mais uma opção para o turista que vem a cidade prestigiar a festa, objetiva ainda aquecer as vendas naquele mercado público. A estrutura do “Forró na Feira” está instalada numa área de 250 metros quadrados. Além de um pavilhão decorado com motivos juninos, um trio elétrico completará a estrutura.<sup>85</sup>

Novamente o que se espera com a criação do “Forró na Feira” é a construção de uma identidade da festa junina associada à idéia de região Nordeste, como um evento típico da região e de seu povo. É

---

<sup>84</sup>. Jornal Folha Junina – C. Grande, junho/julho de 1995. Ano VII, nº 144, com o título: “Trinta Dias, Outra Vez”. Distribuição gratuita.

<sup>85</sup>. Jornal Folha Junina. op. cit. junho/julho de 1995.

ainda uma forma de oferecer, principalmente ao turista, um conjunto de imagens exóticas do Nordeste simbolizado, desta feita, pelas suas feiras livres.

Já no ano de 1996, a montagem do “Maior São João do Mundo” passa por uma completa transformação no que diz respeito à disposição das barracas e à localização dos palcos para apresentação dos shows musicais e das quadrilhas juninas. Divulgadas como a grande inovação da festa, as mudanças no espaço do Parque do Povo, com a nova disposição das barracas, permite o surgimento de novos espaços para a dança, entre os módulos das barracas, o que até então não acontecia, uma vez que as barracas eram vizinhas umas das outras e, para dançar, muitas vezes, dependendo de sua localização, o festeiro tinha que percorrer uma distância considerável para o aceso às proximidades do palco:

As mudanças se farão sentir principalmente no Parque do Povo, onde serão construídos módulos que substituirão as tradicionais barracas, que passarão a serem chamadas de bares, logicamente com uma estrutura melhor e maior. O Parque do Povo será composto de 15 a 18 módulos, cada um contendo seis bares e um local para dança. Isto quer dizer que, além da pirâmide, o Parque terá mais 15 ou 18 locais para se poder dançar o legítimo forró.<sup>86</sup>

Há, ainda, uma ampliação da “Cidade Cenográfica”; o número

---

<sup>86</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 01/05/1996. Quanto aos valores a serem pagos pelos barraqueiros como aluguel de ocupação dos novos “bares”, as taxas não agradam muito aos pretendentes, pois consideram os preços aviltantes em decorrência da crise econômica que atravessa o País, na era do real. “O preço de um bar de 15 mesas, por exemplo, ficou em R\$ 360,00 dividido em quatro parcelas, da seguinte maneira: R\$ 60,00 no ato da inscrição, mais três parcelas de R\$ 100,00, para 10/06, 20/06 e 29/06. Já o preço de um bar de seis mesas ficou estipulado em R\$ 250,00, sendo R\$ 50,00 no ato da inscrição, mais duas parcelas de R\$ 100,00, com vencimento em 10/06 e 20/06”. Jornal da Paraíba – C. Grande, 21/05/1996.

de réplicas de prédios antigos da cidade chega a 34. A mudança, que não agrada aos barraqueiros instalados neste local, é a transferência do palco – em forma de coreto – que até então, servia de atrativo aos freqüentadores daquele setor e que comumente era utilizado para apresentação de quadrilhas juninas e grupos folclóricos, para a parte superior do Parque, restando como opção aos freqüentadores do “Arraial Hilton Motta”, apenas o som reproduzido pelos alto-falantes e pelas barracas.<sup>87</sup>

Outra inovação da festa é a transferência do palco principal, que no ano de 1995 estava situado na entrada do Parque, isto é, no setor superior, para a sua parte central, exatamente na lateral, entre o setor superior e a pirâmide. Investir no cenário da festa junina, mudando a cada ano a sua estrutura, é um outro recurso utilizado pela equipe responsável pelo evento para apresentar o modelo de inovação com vistas a instigar e provocar a freqüência de turistas e campinenses em seus espaços. Em outras palavras, o cenário do arraial junino na cidade é um grande espetáculo para ser apreciado, criando a ilusão de um espaço diferenciado, anômalo à estrutura física da cidade.

O arraial junino deve ser, por excelência, o espaço do sonho e da fantasia. Não é à toa, portanto, que o grande investimento imaginário da festa, seja exatamente na composição de seu cenário.

No ano de 1997 a cidade de Campina Grande volta a ser administrada pelo prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima<sup>88</sup> e o que se observa em sua gestão, no que diz respeito à montagem e à execução da festa do “Maior São João do Mundo”, é um retorno ao antigo modelo já utilizado quando assumiu o poder municipal no período de 1989 a 1992, ou seja, o de propalar o discurso da necessidade de “resgatar as origens da festa junina na cidade”, como uma maneira de perpetuá-la enquanto um evento da cidade e de seu povo.

---

<sup>87</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1996.

<sup>88</sup>. Cássio Rodrigues da Cunha Lima é eleito para administrar o município nos anos de 1997 a 2000.

A fama ecoa pelo Brasil, no barulho ensurdecedor das girândolas de bombas e rojões e no ritmo quente do forró: é o maior do mundo! Assim se diz do São João de Campina Grande, orgulho das festas populares do Nordeste, que faz da Paraíba a pátria do forró e da quadrilha junina.<sup>89</sup>

Investir no cenário da festa de maneira cada vez mais arrojada, bem como no jogo de imagens multicores e na reprodução imagética e discursiva sobre tal cenário, é a tática privilegiada para se reviver a “autenticidade da tradição junina”, é a estratégia utilizada pelo prefeito para criar um ambiente e uma nova sensibilidade para a festa do “Maior São João do Mundo”:

A autenticidade é a principal característica do Maior São João do Mundo resgatada graças à sensibilidade do Prefeito Cássio Cunha Lima, que teve todo o cuidado para preservar o que há de original na cultura nordestina, especialmente no que se refere à devoção aos santos de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro).<sup>90</sup>

No que diz respeito à montagem do cenário da festa no Parque do Povo, o que se observa no ano de 1997 é uma total e completa transformação no seu visual; as barracas não são mais cobertas com toldos e sim, com madeira e telhas de cerâmica – sob a responsabilidade da Associação de Marceneiros de Campina Grande – e outras, feitas com madeiras e cobertas com lonas.

A idéia dos organizadores em substituírem o material para a confecção das barracas reside no discurso de que a madeira consegue bem mais do que o toldo, criar o efeito de uma “vila do interior” e, com isto, o resgate da originalidade e autenticidade da festa são garantidos

---

<sup>89</sup>. Revista Gazeta Turismo, maio/junho, Ano III, n° 14. Maceió, 1998, com o título: “O Maior São João do Mundo”.

<sup>90</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/05/1997.

no cenário de imagens da festa do “Maior São João do Mundo”.<sup>91</sup>

Além de uma completa transformação na disposição das barracas no referido ano, uma outra inovação no cenário do Parque do Povo merece destaque: a criação da “Rua da Imprensa”. Como o sucesso da festa possui uma relação imediata com a cobertura da mídia – jornal, televisão e rádio – nada mais propício e particularmente importante para a divulgação da festa do “Maior São João do Mundo” do que a construção de um lugar para a concentração dos meios de comunicação. Para tanto, são construídas 15 barracas em madeira, num total de 45 cabines para abrigar os meios de comunicação.<sup>92</sup>

Na oportunidade em que inaugura a “Rua da Imprensa”, o prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima discursa destacando a proposta da festa e sua importância como modelo para a região Nordeste:

A proposta básica da festa é o resgate cultural. O São João é uma das maiores expressões culturais e foi o de Campina Grande que despertou no Nordeste a realização da festa, com tanta grandeza.<sup>93</sup>

A festa do “Maior São João do Mundo” é, segundo o discurso acima, expressão de um evento que busca, sobretudo, construir e mar-

---

<sup>91</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 17/05/1997.

<sup>92</sup>. A disposição das barracas na rua da Imprensa com seus respectivos meios de comunicação, podem assim ser descrita: “A rua da Imprensa começa com a Igreja, onde funcionarão o Departamento de Comunicação - Decom - e o Departamento de Turismo - Demtur. Em seguida, nas casinhas tipo “parede meia”, como se diz no interior, vêm os compartimentos do Jornal A União (e rádio Tabajara), a rádio Caturité, a rádio CBN, a rádio Panorâmica, o Sistema Correio de Comunicação (rádio Correio, TV Bandeirantes e Jornal Correio) a Rede Paraíba (TVs Paraíba e Cabo Branco e Jornal da Paraíba) e os Diários e Emissoras Associados (rádio Borborema e Cariri, TV Borborema e Diário da Borborema)”. Jornal da Paraíba – C. Grande, 25/05/1997.

<sup>93</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/05/1997.

car uma identidade e uma alteridade para a região; a festa promovida na cidade de Campina Grande todos os anos, rompe com o localismo para servir de uma espécie de modelo de resistência cultural para o Nordeste no contraponto com as outras regiões. A festa, pois, não é só importante para a cidade, enquanto espacialidade determinada, ela serve de modelo, de exemplo de resistência e especificidade cultural; no entanto, permanecem as noções de pertença e de apropriação da festa como um bem da cidade; é neste sentido que a festa do “Maior São João do Mundo” não é um evento realizado na cidade de Campina Grande, mas da cidade, é patrimônio seu, através do qual é construída a identidade de seu povo e por meio da qual desperta, no Nordeste, a importância do evento enquanto um “bem cultural”.

Outro destaque inédito no cenário da festa junina no ano de 1997 é a criação das chamadas “Ilhas do Forró”. Trata-se da montagem de dois mini-palcos cobertos com palhas e com espaço para dança, no qual trios de forró – tocadores de sanfona, zabumba e triângulo – todas as noites, executam o chamado forró pé-de-serra. As Ilhas são dispostas em pontos estratégicos do Parque do Povo e batizadas com os nomes: “Forró de Zé Bezerra” e “Forró de Zé Lagoa”.<sup>94</sup>

As “Ilhas do Forró” transformam-se na grande atração da festa no mencionado ano, a receptividade do público é enorme e todos querem dançar ou assistir, na área circunvizinha, à exibição de dezenas de casais de “forrozeiros” bem como a apresentação de grupos de forró pé-de-serra.

As palhoças (as chamadas Ilhas do Forró) do Parque do Povo, idealizadas pelo Prefeito Cássio Cunha Lima como alternativa de difusão do autêntico forró pé-de-serra, transformaram-se em privilegiados focos de diversão. Os forrós de Zé Bezerra e de Zé Lagoa são disputadíssimos por aficionados forrozeiros. O sucesso da novidade demonstra quan-

---

<sup>94</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/06/1997.

to o forró pé-de-serra “faz a cabeça” das pessoas, cada vez mais, apegadas às origens. As palhoças do Parque do Povo foram inspiradas nas festas de padroeiras de cidades do interior.<sup>95</sup>

Mais uma inovação no cenário da festa é a confecção e afixação de dezenas de painéis e de fachadas na parte superior da maioria das barracas, reproduzindo ícones da festa junina; tal iniciativa quebra um pouco a monotonia das barracas, pois observar as imagens espalhadas ao longo do espaço da festa, não só permite uma visão mais colorida do seu cenário, como se torna um atrativo aos transeuntes, instigando-lhes a curiosidade. No ano seguinte, novos painéis são confeccionados e usados para dar um colorido mais bonito ao visual do Parque do Povo;

Os Painéis retratam, na verdade, aspectos pitorescos da nossa cultura. Tem o trio, a zabumba, o triângulo, o pandeiro, a mulher assando milho, o menino soltando fogos e a fogueira. São painéis que na sua conjuntura retratam a grande festa.<sup>96</sup>

Colorir e montar cenários com elementos simbólicos da “tradição da festa junina” é ainda mais uma maneira de instituição do “Maior São João do Mundo” como um evento que reproduz fielmente na cidade, um ambiente típico da “festa na roça”.

A decoração à base de luzes e néon é outra atração na montagem da festa. Novamente, os símbolos e ícones da festa junina, tão amplamente propalados pela literatura folclórica, são usados como motes para criação de formas, as mais variadas possíveis, provocando um verdadeiro show de luzes.

---

<sup>95</sup>. Ver Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/06/1997.

<sup>96</sup>. Entrevista com Dilson Rocha, um dos responsáveis pela montagem do cenário da festa. Jornal da Paraíba – C. Grande, 24/05/1997.

O Maior São João do Mundo é uma festa com inúmeros atrativos, entre os quais a decoração, que tem se revelado um diferencial, tendo em vista os recursos utilizados. O brilho é alcançado graças às lâmpadas – serão usadas cerca de 10 mil unidades – e ao gás néon, que dão forma a motivos juninos como balões, bandeirolas, fogueiras, entre outros. Um misto de originalidade com modernidade, que provoca um efeito visual agradável e enchem Campina Grande de um colorido especial. No Centro Cultural, por exemplo, será fixado um painel medindo 7,0 x 23,0 m, em chapa metálica, onde será reproduzido um arraial com bonecos, bandeirolas, fogueira e pés de milho. No Parque do Povo e entradas da cidade, serão fixados nos postes figuras com motivos juninos, além de cortinas de lâmpadas. Na pirâmide, além da colocação do habitual letreiro O Maior São João do Mundo, a Celb construirá um balão com estrutura metálica medindo 6,0 m de altura, decorado em gás néon em diversas cores.<sup>97</sup>

Os ícones, emblemas e elementos da festa junina, segundo o discurso da chamada “tradição junina”, são revelados nas imagens e cenários que enfeitam os espaços do Parque do Povo. E, paradoxalmente, a toda essa reconstituição da “tradição da festa dos antepassados”, os recursos do “mundo moderno”, tais como certos materiais como o gás néon, as chapas metálicas e a energia elétrica, são utilizados para dar expressão a tais criações. Moderno e antigo se justapõem na construção do jogo de imagens que enchem a visão de turistas e campinenses.

Ainda são criados no mencionado ano mais dois focos de animação da festa junina na cidade; um, é o chamado “Forró da Prata”; um evento realizado nas madrugadas de sábado para domingo, a partir das 4h30, durante o mês de junho, na feira livre realizada no bairro da Prata. No local, foi montado um pavilhão para a apresentação de atrações musicais, com espaço para a dança. Espera-se que com esta atração, os

---

<sup>97</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 21/05/1997.

turistas tenham mais uma opção de entretenimento, com a criação de um ambiente – Feira e Forró – estereotipados como regional, nordestino, pitoresco, exótico etc. É atração para “turista ver”, através da imagem de um Nordeste com suas feiras onde de “tudo se vende”, unida “às raízes” de suas “tradições mais autênticas”, a festa junina, com seus forrós animados pelo barulho dos chinelos. Tal cenário se materializa enquanto prática de um imaginário, preso entre o fantasma do primitivo – a região Nordeste, como sinônimo de atraso e o seu povo, como exótico – e a fantasia do primeiro mundo – do mundo civilizado, dos grandes centros urbanos.

O outro foco de atração foi à realização do “Forró da Vila Pororoca”. Um evento realizado nas quartas-feiras, durante o mês de junho, na Rua Pororoca, localizada no centro da cidade. A idéia dos mentores e organizadores da festa parece ter sido o de chamar o maior número de visitantes para este novo local, cuja pretensão é transformá-lo em mais um ponto turístico. As edificações da rua foram transformadas em bares com mesas nas calçadas e fazem parte de um projeto da Prefeitura de revitalizá-la, padronizando-a a partir do estilo de “arte déco”, ou seja, um modelo de arquitetura e de pintura – geralmente com cores fortes e chamativas – comum nas edificações da cidade no início do século.

Observe-se que o que se espera com os dois eventos acima citados é inventar uma tradição, só que com a criação do “Forró da Vila Pororoca” está presente um trabalho mais condensado de artistas plásticos e designers, de tal maneira que o evento aparece como mais “pomposo”, destituído dos estigmas e estereótipos de uma feira, por exemplo. Prova de tal fato é que a Prefeitura, junto aos organizadores do evento, espera que o local venha a se constituir num point cultural e artístico, não só durante a festa do “Maior São João do Mundo”, mas durante todo o ano. Assim, o intento é que o lugar se transforme em um ponto de encontro de artistas, intelectuais e eruditos.<sup>98</sup>

No ano de 1998 poucas mudanças são observadas na montagem da festa; apenas ocorre a transferência do palco principal, situado na

---

<sup>98</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 27/05/1997.

área superior do parque, para o “Arraial Hilton Motta”, na “Cidade Cenográfica”, e a criação de mais duas “Ilhas do Forró”, que recebem os nomes de “Forró de Seu Vavá” e “Forró de Zé Pacheco”.<sup>99</sup> A construção de novos espaços para a dança, até então restritos à pirâmide do “Forró dromo” ou ao “ar livre”, redefine também a festa do “Maior São João do Mundo”.

No que diz respeito ao entretenimento antes da montagem das “Ilhas do Forró”, a festa possuía um significado bem mais marcante para “ser vista”, acompanhada por “olhos” que perscrutavam os cenários e imagens do Parque do Povo e a movimentação dos festeiros em suas andanças e descobertas dos espaços e peculiaridades da festa. Com as “Ilhas do Forró”, há um incentivo maior à participação dos campinenses e turistas, que podem desta feita “exibir” o seu talento de “forrozeiros” nos dancing da festa.

Ainda no referido ano, como uma forma de incitar a decoração de imóveis e ruas da cidade, além de casas comerciais com elementos e símbolos “típicos da festa junina”, a Prefeitura lança o “1º concurso de melhor casa e rua ornamentada” e o “1º Concurso de Vitrines”, cujo objetivo é transformar a cidade em um imenso “arraial junino”. Outra atração no Parque do Povo é a montagem de uma barraca batizada de “Sítio São João”, tendo em seu interior, mobílias que, segundo os organizadores da festa, são “típicas de uma casa da roça”, isto é, do espaço rural.

Novamente, o que se observa, é uma reprodução imaginária e estereotipada do espaço rural nordestino, com seus utensílios de barro, estampas de santo na parede, sanfona decorando uma prateleira, penico embaixo da cama que é, por sua vez, forrada com uma colcha de retalhos etc. O “Sítio São João” passa a ser uma das principais atrações no Parque do Povo; aberto à visitação, todos querem conhecer o cenário ingênuo e rústico de um bom pedaço do Nordeste.

---

<sup>99</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 27/03/1998.

Espera-se, com a montagem desse novo cenário, criar-se a ilusão de que os espaços do Parque do Povo são uma extensão do espaço rural, com as suas indumentárias e equipamentos típicos, mesmo que coexistindo na dispersão da cidade com os seus edifícios e exposição de modelos de modernidade. O cenário construído para a festa incita a convivência diária com esses dois espaços distintos, aproximando-os e até mesmo tornando-os vizinhos, inventa-se a tradição da festa junina no espaço urbano fantasiado de espaço rural.

O “Sítio São João” é um emblema do espaço rural que se transforma em alegoria no espaço urbano. Na justaposição desses dois espaços a festa do “Maior São João do Mundo” adquire a sua plenitude fantasmagórica por meio da recriação, apropriação e conservação da tradição em um espaço “diferente” construído para o sonho e para a fantasia.

Outra inovação no cenário da festa é a montagem da “Barraca Jackson do Pandeiro”, local onde o campinense e o turista podem conhecer todo o processo de fabricação de peças em cerâmica. Nada mais paradisíaco para o turista que a oportunidade do contato direto com o ceramista e o resultado de sua produção “in loco”.<sup>100</sup>

É novamente com o intuito de reproduzir uma história para o “Maior São João do Mundo”, fixá-la temporal e espacialmente como um fenômeno na cidade e do seu povo, que os organizadores do evento inauguram ainda, no ano de 1998, a exposição do “Maior São João do Mundo”.

O acervo é composto de alguns materiais como: vestimentas de quadrilhas juninas, folders informativos sobre a programação da festa nos seus anos de existência, quadros com propagandas sobre o evento trazendo a imagem dos mascotes símbolos da festa – “Sabugildo” e

---

<sup>100</sup>. Na cidade de Caruaru pode-se encontrar também a Barraca denominada de “Fábrica de Bonecos” na qual encontra-se um ceramista confeccionando peças em argila para o deleite e curiosidade dos turistas que visitam a “Capital do Forró”.

“Milharilda” –, iconografias sobre a festa de São João enquanto emblema constitutivo da cultura popular do Nordeste, além de imagens que reproduzem uma determinada forma de ver e dizer sobre a região, como as imagens dos retirantes e vítimas da seca e do jegue como animal preferido e mais próximo do nordestino etc.

Novamente o que se observa, nesse sincretismo e hibridismo cultural, é a tentativa de uma simbiose entre a festa junina e a região Nordeste, uma busca “desenfreada” de construção de processos de identificação, no mesmo sentido em que de uma alteridade para a festa como um bem e um patrimônio da região.

Na montagem do cenário da festa em 1999 a mudança mais visível acontece no espaço da “Cidade Cenográfica”. As réplicas de antigos edifícios da cidade, são substituídas por novas imagens, inclusive reproduzindo cenários de prédios atuais, como é o caso da reprodução da Catedral de Nossa Senhora da Conceição – padroeira da cidade – situada ao lado do palco principal da festa e em frente a uma outra réplica, o Cassino Eldorado – que serve de camarote destinado às autoridades políticas e convidados especiais que vierem participar da festa.

Os dois prédios, a Catedral e o Cassino Eldorado, criam uma espécie de barreira para o acesso às proximidades do palco principal da festa; por conta das dimensões das réplicas, cerca de 18 metros de altura e 19 metros de largura, o que se observa é uma diminuição do espaço para o público assistir aos shows musicais, fora das barracas ou dos camarotes, provocando constantes situações de super lotação no local e pouco conforto e segurança para o público.

Os organizadores da festa, ao que tudo leva a crer, mais preocupados em construir um cenário exuberante, provocam uma crescente dificuldade de acesso do público àquele espaço, principalmente nos dias em que aconteceram mega shows com artistas consagrados nacionalmente, a exemplo de Elba Ramalho, Dominginhos, Leonardo, Flávio José, Fagner, entre outros. Não existiu no “Arraial Hilton Motta”, no

referido ano, espaço para a dança ao “ar livre” ou para o passeio dos festeiros, e sim, sobretudo, um cenário para ser visto e admirado pelos campi-nenses e pelos turistas.

Outra mudança na montagem da festa é a transferência do tablado para a apresentação das quadrilhas juninas e grupos folclóricos, até então situado no “Arraial Hilton Motta”, para a parte superior do Parque do Povo, mesmo local onde foi armado, de maneira conjugada, o cenário inédito de uma “Fogueira Ecológica”:

Instalada na parte superior do Parque do Povo, a super fogueira mede 15 metros de altura por 5 metros de diâmetro. A estrutura também é de ferro, mas na parte de cenografia foi utilizado madeira revestida de tecido para que ela ficasse mais leve. A cenografia dá impressão de imensos troncos dispostos uns sobre os outros, tal e qual numa fogueira de verdade. Para completar o cenário, efeitos de iluminação farão o trabalho das chamas artificiais e um dispositivo eletrônico comporá o sistema de áudio, reproduzindo sons de chamas e o estalar característico da lenha queimando.<sup>101</sup>

A idéia de construir uma fogueira cenográfica na parte superior do Parque do Povo, “Portal do São João”, consubstancia-se em mais uma tentativa de imprimir um significado de autenticidade e correspondência à “tradição junina” representada na cidade. Tal iniciativa justifica-se por ser a fogueira um dos principais e mais destacados símbolos da festa junina. E como a idéia básica dos organizadores do evento do “Maior São João do Mundo” é o de reproduzir na cidade uma “autêntica festa junina da roça”, a fogueira não poderia deixar de estar presente no cenário de imagens da festa.

Uma nova barraca também passa a compor o cenário da festa: a “Casa do Cantador”, que serve de uma espécie de museu, com um pequeno acervo de discos de forrozeiros famosos, cordéis, poesias re-

<sup>101</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 08/06/1999.

gionais etc, além de ser ponto de encontro de repentistas, cantadores e escritores que versam sobre a chamada literatura regional.

A barraca do “Sítio São João” volta a ser atração turística no ano de 1999, mas com uma nova denominação: “Casa de Reboco”. No entanto, permanece o mesmo cenário das indumentárias expostas no ano anterior.<sup>102</sup>

Com o intento de construir um perfil e espaço para o sagrado na festa do “Maior São João do Mundo”, acontece no ano de 1999 à atração inédita na programação oficial do evento com a sugestiva denominação de “Momento Religioso”: um encontro de párocos das mais variadas paróquias da cidade, na pirâmide do Parque do Povo, realizado no dia 24/06 – data em que se comemora o dia de nascimento de São João Batista – para uma reflexão em torno da importância do santo para a Igreja Católica.<sup>103</sup>

Incorporar discursos sobre São João Batista, presentes na escatologia cristã, é a estratégia e a tática utilizadas pelos organizadores do evento para criar um novo sentido para festa, qual seja, o de reforçar todo um imaginário de que a festa junina é produto da crença do campinense, em particular, e do nordestino, em geral, no santo São João. Ou ainda, a criação imaginária de que a festa do “Maior São João do Mundo” não é só a experiência de um povo festeiro, mas é, também, o espaço de culto ao santo de devoção:<sup>104</sup>

O São João é uma das mais tradicionais manifestações culturais do povo nordestino. Durante o mês de junho, os agricultores comemoram a boa colheita acendendo fogueiras e

---

<sup>102</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 13/06/1999.

<sup>103</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/06/1999.

<sup>104</sup>. Nos discursos da Bíblia Sagrada, São João Batista é apresentado nos quatro Evangelhos do Novo Testamento, como uma figura de extrema importância para o advento do Cristianismo. Caracterizado como um homem asceta e rígido nos valores e preceitos de seu tempo e de sua crença, sua missão na terra é posta claramente em todos os Evangelhos do Novo Testamento (de Lucas, Mateus, João e Marcos): ele vem ao mundo como precursor, anunciador e testemunha da vinda do Messias, Jesus Cristo. A sua principal mensagem é a exortação ao

realizando novenas para agradecer ao santo da fartura. Este ano, o Maior São João do Mundo tem um apelo cultural muito forte, de forma que as verdadeiras raízes do povo nordestino serão resgatadas, através de uma série de atividades que serão desenvolvidas durante os 30 dias de festa. Em função disso, o lado religioso das festas de São João do Nordeste estará mais presente, no Parque do Povo.<sup>105</sup>

A ênfase na figura religiosa de São João Batista é tão destacada neste ano que merece até uma cerimônia especial como a do “Momento Religioso”. No ano seguinte, além de se repetir este acontecimento, duas Igrejas cenográficas são montadas no espaço do Parque do Povo – uma, no “Portal do São João”, na parte superior do Parque, e outra, próxima à pirâmide – “Forródro”, em mais uma nova vila cenográfica, denominada de “Vila Nova da Rainha”, numa clara homenagem à cidade na época em que ainda era uma vila, no ano de 1790.

Em seu interior podem ser visualizadas as imagens dos santos juninos – São João, Santo Antônio e São Pedro. Até então a réplica da Igreja construída anualmente na “Cidade Cenográfica” não possuía interior, era apenas uma fachada.

Assim, o objetivo da inclusão de mais esse cenário nos espaços do Parque do Povo é o de reforçar um caráter sagrado à festa do “Maior São João do Mundo”, ressignificando o evento, que deixa de ser

---

arrependimento e renúncia ao pecado, enquanto prática de conversão e preparação para a chegada eminente do Messias. Só aquele que estivesse disposto em espírito, portanto, convertido, estaria preparado para escutar a Boa Nova trazida por Jesus Cristo, ensinou João Batista. Para maiores detalhes, consultar: Evangelho segundo São Lucas: capítulo 1, versículos 11 a 19; 39 a 45; 57 a 80; capítulo 3, versículos 1 a 3; 10 a 18. Evangelho de São Mateus: capítulo 3, versículos 1 a 6; 13 a 17; capítulo 11, versículos 7 a 15. Evangelho de São João: capítulo 1, versículos 19 a 37; capítulo 3, versículos 22 a 30. Evangelho de São Marcos: capítulo 1, versículos 17 a 29.

<sup>105</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 08/06/1999.

apenas profano, para passar a ter também um conteúdo religioso, mesmo que só na reprodução de imagens do sagrado, no cenário da festa.

Para completar o cenário sagrado da festa do “Maior São João do Mundo” no ano de 1999, também a figura de Santo Antônio – o “santo casamenteiro” – é amplamente utilizada em uma das atrações inéditas no Parque do Povo: a realização de um “Casamento Coletivo”. Este evento reuniu no espaço da “Cidade Cenográfica”, defronte à réplica da Catedral de Nossa Senhora da Conceição, exatamente no dia de Santo Antônio, dia 13, diante do Juiz Dr. Jairo Queiroz de Albuquerque, 26 casais para oficializarem o seu matrimônio civil.

O evento foi uma promoção da Prefeitura Municipal, que, não só foi a responsável por toda a infra-estrutura, como também patrocinou o vestuário das noivas e noivos, a maquiagem, além do álbum de fotografias e a confecção de um bolo para quinhentas pessoas, servido após a cerimônia. O prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima foi escolhido para ser o padrinho de todos os casais e a cerimônia ainda contou com a cobertura da Rede Globo, que transmitiu flashes ao vivo para o programa “Domingão do Faustão”:

Hoje, dia de Santo Antônio, mais uma novidade aguarda centenas de pessoas no ‘quartel general do forró’, quando um flash ao vivo da equipe do programa ‘Domingão do Faustão’, da Globo, mostrará para todo o Brasil a alegria e a emoção de 26 casais que estarão se casando no civil às 19 horas, em frente à réplica monumental da Igreja Nossa Senhora da Conceição – Catedral – montada na Cidade Cenográfica do Arraial Hilton Motta. O casamento coletivo será presidido pelo Juiz Inácio Jairo Queiroz de Albuquerque, da 2ª Vara Civil da Comarca de Campina Grande, e terá a benção do ‘santo casamenteiro’ como forma de fortalecer ainda mais a união entre os casais participantes. Não é para menos que a Prefeitura tenha escolhido a data alusiva a Santo Antônio para realização desse casamento, afinal é neste dia que muitas fogueiras são acessas e diversos pedidos realizados àquele

que é considerado o ‘santo casamenteiro’.<sup>106</sup>

Duas outras atrações se destacam na programação da festa junina em 1999: a “Exposição de Artesanato e Gastronomia Junina” e a “Exposição de Arte Popular no Maior São João do Mundo”.

A “Exposição de Artesanato e Gastronomia Junina” aconteceu no período de 18 a 22 de junho, no Centro Cultural, espaço este contíguo ao Parque do Povo. A idéia básica dos organizadores do evento foi o de apresentar os principais “pratos típicos” do período junino como a canjica, a pamonha e diversos tipos de bolos, além dos produtos do artesanato local, com especial atenção para os confeccionados em estopa.

Cerca de 15 mesas foram montadas com produtos da culinária junina e produtos do artesanato local, cuja finalidade parece ser a de exacerbar a cultura da festa como um espaço “tipicamente junino”, no qual podem ser encontrados e conhecidos, os símbolos e ícones que fazem desta festa um fenômeno na cidade e na região Nordeste.

A realização da “Exposição de Artesanato e Gastronomia Junina” funciona como uma evidência objetiva da ligação da festa, em sua versão urbana, com a “autenticidade e as origens da festa junina”; esse imaginário de conservação da “tradição junina” na cidade de Campina Grande surge como um poderoso instrumento de instituição da festa do “Maior São João do Mundo”.

A “Exposição de Arte Popular no Maior São João do Mundo” aconteceu no período de 04 de junho a 04 de julho, no Museu de Artes Assis Chateaubriand, no centro da cidade, e trouxe em seu acervo pinturas em óleo sobre tela, cujo tema principal foi à festa junina.

Novamente ícones da festa junina são utilizados enquanto instrumentos de inspiração e sobretudo de reprodução de toda uma construção imagética e discursiva que elege a quadrilha junina, o casamento

---

<sup>106</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 13/06/1999.

matuto e as comidas típicas do período junino como os seus elementos constitutivos.

Com base no exposto, a festa do “Maior São João do Mundo”, em sua acepção de espetáculo turístico, institui-se na cidade de Campina Grande paulatinamente a partir do gerenciamento e controle de um evento até então de domínio “popular”, para ser gestado, pensado e objetivado em projetos de ação da municipalidade que, a partir de então, passam a monitorar, controlar e disciplinar os discursos e as práticas, mediados por uma apropriação seletiva de atores, cenários e elementos enquanto partes constitutivas na construção da festa junina no espaço urbano.

O tratamento e cuidado dispensados aos cenários e múltiplas imagens da festa junina nos espaços do Parque do Povo ganham objetividade no rigor dos detalhes e da insistente presença dos símbolos e ícones da “tradição da festa junina”, apresentando-se como uma evidência contundente não só da recriação da festa na cidade mas de sua apropriação e conservação enquanto modelo de expressão dos processos culturais no mundo contemporâneo; que utilizando-se de todo um imaginário e memórias de afetividades e sensibilidades, transforma em prática o acontecimento junino.

Assim, transformar a cidade durante o mês de junho em um “arraial junino”, com a presença dos elementos criados pelo imaginário da festa como as comidas típicas, as bandeirinhas, as fogueiras, os balões, os fogos de artifício, a idéia enfim, de uma “festa caipira” é a estratégia utilizada pelos mentores da festa junina do “Maior São João do Mundo” para instituí-la como um evento turístico. Ao apropriar-se dos elementos da “tradição junina”, reinventando-o na cidade, os mentores do evento encontram a fórmula para a conservação desta mesma “tradição junina”, bem como da festa, como um fenômeno urbano, exatamente por meio de uma produção imaginária que adjetiva a festa como um “evento da roça” que se transforma num bem da cidade e de seu povo.

Até que se encerra mais um tempo e fecha-se mais um ciclo. O desmonte do cenário de imagens aponta para o encerramento da festa... Os discursos a partir de então, revelam a saudade da festa que terminou:

Depois de tantos encontros, encantos e até desencontros, o Maior São João do Mundo começa a se despedir. A festa transformou a rotina de Campina Grande; promoveu o resgate das raízes culturais nordestinas, fez com que o riso desabrochasse ao som do forró e que paixões espargissem uma magia especial no Parque do Povo. (...) Hoje seus corações já batem como a zabumba, (tum, tum, tum...) no prenúncio de que a festa está acabando e que, já amanhã, o compasso será regido em outro ritmo: o da saudade.<sup>107</sup>

Os discursos também apontam para o completo êxito do evento; mais uma vez a cidade e o seu povo se prepararam para receber e viver a festa que mais de perto o sensibiliza e emociona.

Horas, minutos...cantados e dançados, incansavelmente, nos acordes da sanfona, do triângulo e do zabumba. Foram 30 dias de alegria. Um mês de conagração entre campinenses e turistas. Uma belíssima festa, que despertou o interesse do Brasil inteiro, através das páginas dos grandes jornais. Grande como Campina. Rico como a cultura de nossa terra. Original como nosso forró. Autêntico, assim como a auto estima do campinense. A bandeira de nossa bravura. Orgulho de nosso povo. Campina Grande viveu intensamente sua maior e mais genuína festa: o Maior São João do Mundo! No burburinho das ruas do comércio; nas fogueiras acesas em homenagem aos santos juninos: Antônio, João, Pedro; na animação das quadrilhas; no sabor das comidas típicas;

---

<sup>107</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/06/1997.

nas tardes de forró do Vale do Jatobá e Vila Forró; nos hotéis superlotados... Toda a rotina de Campina Grande foi intensamente alterada nesses 30 dias.

E o Parque do Povo? Aquela imensa arena repleta de gente, num vai e vem descontraído e alegre. Forró em todos os quadrantes, pessoas vaidosas a exhibir sua dança. Forrozeiros que na leveza dos passos, ao som do mais autêntico ritmo nordestino, não se deixaram abater pelo cansaço das noites e noites em claro.

Trinta dias de forró. Quanta saudade contida nos corações: paquera, amizade, música, dança, cerveja, cachaça, enfim, entretenimento gratuito... Tantas alegrias guardadas. É assim o Maior São João do Mundo, uma festa criticada pelos inconformados e inimigos do povo.

Maior São João do Mundo! Tão grande quanto o brio de nossa gente. Um evento que se supera e se renova, na alegria dos forrozeiros. Uma saudade que fica acalentada na perspectiva de que acontecerá outra vez. Será sempre assim: Campina Grande vivendo, a cada ano, um mês inteiro de festa.<sup>108</sup>

A festa junina assim se encerra, o ciclo do tempo e espaço saem de cena para dar lugar a um período sem festa, para ser reinventada um ano depois, quando tudo recomeça com força e vibração, nos discursos e práticas, no cotidiano da cidade e de seu povo. O que permanece no “ar” são múltiplos fragmentos de emblemas e alegorias deixados nas ruas e avenidas, ícones que permanecem como anunciação de que o evento junino faz parte do espaço da cidade. Permanecem igualmente ao longo do ano, as lembranças e memórias que em uma hora ou outra, eclodem como sinal de que a festa junina está inevitavelmente incorporada nas afetividades e sensibilidades do campinense, que orgulhoso,

---

<sup>108</sup>. *Jornal da Paraíba* – C. Grande, 12/07/1998.

exacerba “a sua festa” como veículo de identidade e de alteridade.

A tríade: festa – cidade – povo é a “fórmula mágica” para a construção da festa junina do “Maior São João do Mundo” como um fenômeno urbano e um evento turístico. Ela institui-se a partir dessa ligação de verdadeira simbiose, de maneira que, nos discursos e na prática da festa, a cidade e o seu povo se revestem de um certo “ethos junino” para, numa determinada temporalidade e espacialidade, o mês de junho e o Parque do Povo, transformar o cenário de imagens cotidianas da cidade em uma espécie de “arraial junino”.

A festa junina, no espaço urbano de Campina Grande é, portanto, pensada, montada e executada a partir das noções de pertencimento e identidade da festa como um bem da cidade e de seu povo. A festa não existe sem essa dupla relação, daí porque a construção de toda uma gama de discursos que buscam objetivar a festa a partir da cidade que “se transforma e se enfeita” para receber o São João, e de seu povo que, com o “seu espírito junino”, transforma em prática o acontecimento da festa.

## CAPÍTULO II

### UMA FESTA PARA SER VISTA

#### 2.1. OS TURISTAS E A POLÍTICA DO TURISMO

Esta é Campina Grande, o coração da Paraíba, que pulsa forte na alegria do maior forró do mundo. Este colorido de balões e bandeirolas é um convite hospitaleiro a todo o Brasil para 30 dias de festa.

Bonita, jovem alegre, ousada, esta cidade que nasceu Rainha, por sua posição geográfica, é hoje o maior pólo turístico do Nordeste.

O Maior São João do Mundo é aqui: tudo que se descreve dessa festa não é suficiente para exprimir seu tamanho, sua forma, seu calor e cor. É necessário vivê-la para deixar-se atrair por um magnetismo de sentimentos que jamais poderão ser esquecidos.

Sejam bem-vindos, turistas, na certeza de que essa festa é para muitos convidados e vocês são convidados especiais. Portanto, entrem nessa dança quente que é misto de ingenuidade caipira com orgulho de recepção de gala.

Aqui tudo é poesia junina, aqui, acolá, estilizada. Gigantescos palcos em duas das maiores casas de shows do País, Forrock e Spazio, com atrações do mais alto nível nacional, são opções de lazer, para os que já estão de volta ao Parque do Povo, nessa feira-festa com cerca de 350 barracas com comidas e bebidas típicas. É um lugar mágico onde pobres e ricos esquecem as diferenças sociais, para num aquecimento de fogueira de emoções, ensaiar a liberdade de direitos iguais.

Durante 30 dias, a cidade toda é um gigantesco arraial, mais de 300 quadrilhas distribuídas em diversas ruas de todos os bairros, revela o orgulho do povo campinense pelas suas raízes. Nessa alegria contagiante, que envolve a todos, vocês com-

prenderam porque a cada ano essa festa toma dimensões maiores e porque nossos turistas é que fazem a maior divulgação.

Dia à noite, esta festa, que por sua força nunca cansa, tem seu lado bem cultural além dos desfiles de carroças e arrastões, um trem ferroviário ou ônibus, com decoração caipira e muito forró, levará nossos turistas a conhecer as pedras Itaquiarias do Ingá, uma bonita paisagem bucólica que nos leva à pré-história. Além de outra opção, o Açude de Boqueirão, onde existem cachoeiras artificiais para um banho bem descontraído e natural.

Tudo isso e muito mais, existe para você, turista. Mas, não se preocupe, não somos alienados da nossa realidade nordestina, é que é característica da nossa fé, transcender o sofrimento com coragem e determinação e é justamente por isso mesmo que somos capazes de lutar por uma nação melhor.<sup>109</sup>

Neste discurso de apresentação da festa do “Maior São João do Mundo”, dirigido especialmente ao turista, está presente toda uma criação imaginária sobre a cidade de Campina Grande, com destaque para sua pujança e altivez que, mesmo por se tratar de uma “cidade do interior”, consegue se diferenciar por sua beleza, jovialidade, alegria e ousadia. Ela não é uma “cidade qualquer”, é uma cidade que diverge das demais a partir de suas peculiaridades. A festa é apresentada como uma espécie de “conto de fadas”, tamanha a beleza dos sonhos expostos para serem vividos em um privilegiado palco – Parque do Povo – no qual se exercita a experiência da igualdade social. A festa é de todos; todos se misturam, se confraternizam, esquecendo-se das hierarquias e desigualdades sociais.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 03/06/1990.

<sup>110</sup>. O imaginário em torno da festa como um momento de confraternização e um espaço no qual as desigualdades são postas de lado pode ser encontrado também na produção folclórica. Ao descrever a realização da festa junina, autores

Há o destaque ainda, para os principais meios de entretenimento à disposição dos turistas, bem como para todo um cenário de fantasias e devir. E finalmente, para encerrar a apresentação desta “fábrica de sonhos”, é aberto um espaço para o discurso da região Nordeste como território do abandono e da miséria e que a festa – por simbolizar a alegria – longe de ser um instrumento de alienação, é um eficaz mecanismo de transcendência, posto que ela é a prova concreta da prática de um povo bravo que não cessa de lutar, nunca.

Ao construir o cenário da festa do “Maior São João do Mundo” para ser apreciado pelos turistas, o discurso acima apresenta o que denomino de um “conflito simbólico” preso entre o enunciado da festa como “matuta” e a caracterização da cidade de Campina Grande como “evoluída”, “ousada” e que tem fama de “Rainha”. Ou seja, se a festa é referenciada por todo um elenco de discursos em torno das figuras da cidade e de seu povo como desbravadores, trabalhadores e desenvolvidos, como sustentar a construção e modelo de uma “festa matuta” que ocupa todos os espaços da cidade durante trinta dias, que se sustenta no antigo, no arcaico, no primitivo, sendo a festa das origens e da tradição?

A “saída” para o impasse entre o “novo” e o “antigo” parece ser mesmo a instituição de uma percepção e de uma sensibilidade que permitam a justaposição das duas instâncias, o “novo” e o “antigo”, convivendo de maneira harmônica em uma mesma temporalidade e espacialidade.

Assim, O “Maior São João do Mundo”, tanto do ponto de vista dos cidadãos quanto do ponto de vista dos turistas, apresenta-se, no

---

como Alceu Mayanard Araújo formulam que a festa junina “congraça os membros adultos da comunidade, caem as barreiras sociais, pobres e ricos, moradores das casas de tijolos e das choupanas de palha – mocambos, de mãos dadas, alegres, cantam, esquecendo-se das tricas políticas, das desdidas, das mágoas, das rixas e intrigas familiares, do bate-boca de comadres, dos desníveis sociais. Ali todos pertencem à grande família alagoana, una, alegre e feliz”. ARAÚJO, 1977, p. 19.

presente, como uma promessa de sonhos a percorrer os espaços e as imagens construídas nos discursos e na prática da festa, “antigo” e “novo” se justapõem no jogo das linguagens:

Esta é uma terra onde se cultiva o espírito das fortes manifestações folclóricas da Região. Aqui o povo cresce com o orgulho de fazer dos seus valores, tradições e costumes, uma grande festa.

A rigor, durante todo o mês de junho, esta cidade, com magia de metrópole, lindamente estendida na Serra da Borborema, vive um grande festival de cores, luzes e muita alegria, para num clima acolhedor, receber milhares de turistas de todo o Brasil.

Há uma fogueira acesa no coração de cada campinense durante o Maior São João do Mundo, este fogo contagia os que por aqui passam e a cada ano o São João de Campina Grande toma uma dimensão maior. (...)

O Maior São João do Mundo é o resultado da dedicação de toda uma comunidade e, para orgulho da Paraíba, figura no calendário do turismo nacional. Pois, em nenhuma outra cidade do Brasil, as noites frias de junho são aquecidas pelo calor da fogueira das emoções de todo o seu povo, convidando turistas dos mais distantes recôncavos, para uma quadrilha de alegria nacional.<sup>111</sup>

O mesmo modelo de instituição de sonhos da festa junina, as quais surgem como uma espécie de promessa de devir tanto para os cidadãos quanto para os turistas, pode igualmente ser observado no discurso abaixo:

Bem-vindos turistas. Durante todo mês Campina Grande é

---

<sup>111</sup>. Encarte especial do Jornal da Paraíba – C. Grande, 24/06/1989, com o título: “Campina Abraça o Brasil com o Maior São João do Mundo”.

uma festa só. Esta festa que orgulha a Paraíba, o Nordeste e é respeitada em todo País, enche de emoção os campinenses, que fazem de seus corações, ricos ninhos de amor e alegria, para melhor receber seus visitantes.

Sejam bem-vindos turistas. Aqui vocês conhecerão a nossa verdadeira história. Saberão de nosso amor pelas raízes, da nossa luta e da nossa garra. Saberão que não somos apenas o povo que arriba em busca da sobrevivência em outras regiões, somos um povo cheio de energia, alegria, esperança e hospitalidade.

Enfim, caro turista, contar com você nesta grande festa, é poder provar a beleza da indústria sem chaminés, soltar balões de vitória, acender fogueira de emoções e ao som do forró, de mãos dadas, abraçar todo o Brasil, em gesto de carinho e confraternização em estilo caipira.<sup>112</sup>

Os turistas são o esperado público que se deseja conquistar e seduzir, pois, sendo a festa junina um evento construído para se instituir cada vez mais como um fenômeno turístico, sua presença e participação são fundamentais para garantir o sucesso do acontecimento junino.

Neste sentido, não é à toa ou aleatória a construção, por exemplo, dos insistentes discursos de boas-vindas aos turistas, desejando-lhes uma ótima estadia; em afirmações como: “sejam bem-vindos turistas, esta terra é sua”, chega-se até a, simbolicamente, oferecer a cidade como estratégia de transformar o distante em familiar, os turistas em nativos. Para eles são organizadas recepções ao desembarcarem na cidade, quando quadrilhas juninas se apresentam, seja no Terminal Rodoviário ou no Aeroporto, pois, o que se espera, é uma imediata apresentação e amostra das alegorias e fantasias que a festa promete, e ao chegarem ao hotel – já totalmente decorado com “motivos juninos”,

---

<sup>112</sup>. Encarte especial do Jornal da Paraíba – C. Grande, 01/06/1991, com o título: “Campina Grande Abraça o Brasil para O Maior São João do Mundo”.

quando um trio de forró busca animá-los, com alegres e dançantes músicas. O que os organizadores da festa intentam construir é um ambiente de “festa matuta” em todos os lugares que os turistas venham a ocupar.

O cuidado em oferecer uma ótima recepção aos turistas pode ser mensurado pela realização de reuniões de alguns órgãos envolvidos para a plena execução da festa do “Maior São João do Mundo”:

O Sindicato de hotéis, restaurantes, bares e similares de Campina Grande, se reuniu, pela quarta vez, só este mês, com todos os seus associados para traçar melhores diretrizes que venha a beneficiar o grande fluxo de turistas que estarão na cidade, neste período de festas juninas.

Os pontos da pauta de reunião da categoria se prendeu ao que diz respeito a unificação dos preços, recuperação do aspecto físico dos estabelecimentos e, sobretudo, a instrução mais precisa para que seus funcionários proporcionem um melhor atendimento aos turistas.<sup>113</sup>

A publicidade em torno da importância da figura do turista e sua presença por ocasião do festejo junino, também é realizada pelo Departamento Municipal de Turismo e PB/Tur. Todo um sistema de divulgação é dirigido a alguns setores prestadores de serviços com o lançamento da campanha “Respeite o Turista”, cujo intento é otimizar os laços de sociabilidade e respeitabilidade entre a população local e os turistas:

A campanha de conscientização do Maior São João do Mundo, será iniciada hoje em Campina Grande, com a distribuição do material, junto aos ônibus (coletivos), bares, restaurantes, hotéis, lojas etc., através de sindicatos locais e órgãos representativos.

Segundo Luca Sales, diretor de turismo dessa cidade, a cam-

---

<sup>113</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 25/05/1988.

panha tem dentre outras finalidades dar ao turista uma melhor recepção durante os festejos juninos de Campina Grande. O material inclui adesivos e gráficos com várias frases, a exemplo: “Respeite o Turista”, entre outras.

Ainda essa semana, o Demtur deverá se reunir com o Sindicato dos Taxistas com o objetivo de fazer a entrega do material publicitário da campanha do Maior São João do Mundo, ocasião em que serão passadas as orientações aos motoristas de táxi, no que se refere ao tratamento de relações humanas.<sup>114</sup>

Outras iniciativas são tomadas para receber os turistas que vêm à cidade, a exemplo da criação do “Guia Turístico de Campina Grande”, com distribuição gratuita, no qual estão contidas informações sobre a história da cidade, seus principais pontos turísticos, bem como os diversos serviços que podem auxiliar os turistas durante a sua estadia:

O Guia Turístico campinense, que será distribuído gratuitamente, será encontrado pelos turistas em hotéis, bares, restaurantes, rodoviária, aeroporto e demais locais estratégicos da cidade, onde a convergência de pessoas de outros municípios e Estados se registra de forma freqüente. O Roteiro Turístico de Campina Grande, será lançado em grande quantidade e anualmente, sempre na época dos festejos do Maior São João do Mundo, quando o fluxo de turistas é verificado em grande escala.<sup>115</sup>

Uma outra idéia dos organizadores do “Maior São João do Mundo”, com a finalidade de otimizar o atendimento aos turistas, é a criação de “Centros de Informações Turísticas”, num total de quatro, sendo um localizado na Praça Clementino Procópio, no centro da cidade, e três

---

<sup>114</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/05/1989.

<sup>115</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 17/06/1989.

outros, ao longo dos espaços do Parque do Povo.<sup>116</sup>

Além de todos os instrumentos de publicidade, bem como a criação de postos de atendimento aos turistas, é posto em prática, ainda, o “Projeto Meninos Cicerones”.<sup>117</sup> A preparação dos meninos cicerones acontece cerca de três meses antes da abertura oficial da festa. Para tanto, um grupo de educadores do município repassa orientações sobre a história da cidade, os seus principais pontos turísticos, além de informações sobre a história do “Maior São João do Mundo”.

O “Projeto Meninos Cicerones” muda de denominação no ano de 1998, passando a se chamar “Guias da Cultura”, mas o intento continua a ser o mesmo: atender, informar e acompanhar os turistas em seus passeios pela cidade.

Além do verdadeiro processo de disciplina a que são submetidos os “meninos de rua” que, como autômatos, se vêem obrigados a se fantasiarem de “matutos” e a decorarem uma dezena de histórias sobre a cidade e sobre o evento do “Maior São João do Mundo”, ajudando na composição do cenário de alegorias do festejo junino, existe, ainda, a confecção, com distribuição gratuita, do “Guia do Forró”, uma espécie de folder contendo toda a programação das atrações previstas para o mês de festa no Parque do Povo, nas casas de shows e nos clubes sociais, além da localização e as principais informações sobre os hotéis, farmácias, hospitais, restaurantes, bares, cinemas, museus e agências de turismo disponíveis na cidade.<sup>118</sup>

O cenário para receber os turistas para a festa do “Maior São

---

<sup>116</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/06/1986.

<sup>117</sup>. Trata-se de um amplo programa, realizado desde o ano de 1987, junto a um pequeno grupo de “meninos de rua” – que, por sua vez, participam do “Movimento Meninos e Meninas de Rua”, promovido pela Prefeitura Municipal – com a finalidade destes servirem de guias turísticos, acompanhando e informando aos turistas sobre os principais pontos turísticos da cidade, restaurantes e bares.

<sup>118</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/06/1998.

João do Mundo” já está pronto; pelo menos, foram postas em prática uma série de medidas para recebê-los com toda a sedução mediada por um jogo de imagens que a tudo lembra um “arraial junino”. Assim, tem-se, de um lado, a cidade que oferece aos turistas a sua festa junina, e de outro, os turistas que vêm à cidade viverem as suas fantasias de festa junina.

Ambos, cidadãos e turistas, instituem, participam e são co-autores da construção da festa junina. Espaço de invenção materializado nas danças das quadrilhas juninas, nas corridas da fogueira e do jegue e na festa nos ônibus e trens do forró, fantasias se conectam, se entrecruzam, numa simbiose de devir, num jogo hipnótico onde todos brincam e oferecem suas fantasias a serem materializadas e singularizadas no acontecimento e fenômeno da festa junina.

## **2.2. ATRAÇÕES PARA “TURISTA VER”**

Foi visto ao longo do primeiro capítulo, toda uma estrutura de montagem, organização e planejamento para instituir de maneira prática a festa junina durante o período de trinta dias; a infra-estrutura do evento, com todos os seus dispositivos de organização, conseguem compor o cenário desejado: a teatralização do “arraial junino”, visto através de uma multiplicidade de jogo de imagens que instituem e conservam, na cidade, os elementos “típicos da festa junina”, de tal sorte que, por exemplo, balões, fogueiras, bandeirolas e sanfonas passam a povoar o ambiente criado para a fantasia junina e dito com discursos que adjetivam e naturalizam esses mesmos elementos, tornando-os fontes de inspiração para as produções discursivas que buscam instituir e homogeneizar o evento.

No entanto, a festa não se institui apenas com um cenário estático de imagens juninas ou com discursos que destacam a importância do evento para a cidade e para o seu povo. Ela é prática, é movimento, é efervescência. Daí a necessidade de construção de todo um elenco de

atrações para compor à dinâmica da festa. Em outras palavras, os cenários e os discursos em torno desta festa urbana devem necessariamente ser construídos como condição de sua instituição, mas o que marca a audiência e a frequência de festeiros nos espaços da festa é, sobretudo, a definição da programação oferecida. Cabe destacar aqui que um dos campos mais ricos e abertos à invenção e instituição do fenômeno da festa junina, não só na cidade investigada, mas no Nordeste de maneira geral, é exatamente a definição da programação para o período junino.

Ganha na audiência e na frequência de festeiros, o “arraial” da cidade que oferecer a melhor programação e a que demonstrar a maior criatividade para inventar entretenimentos que permitam aos turistas e aos cidadãos viverem as suas fantasias de São João. E é exatamente sob esse aspecto que é possível observar como a criação das atrações juninas adota elementos já instituídos socialmente imprimindo-lhes novos significados. Ou seja, o velho fato ou costume cultural é redefinido como novo a partir de seus deslocamentos para outros significados simbólicos. Por exemplo, o trem ferroviário que, por anos, transporta cargas e pessoas e é considerado atualmente no Brasil até como um meio de transporte rústico, obsoleto, lento e desconfortável, transforma-se, no período junino, em “Trem Ferroviário”, transportando, desta vez, “forrozeiros” em passeios bucólicos; o mesmo acontece com o ônibus, que se transforma em “Marinete do Forró” e “Forrozada”; corridas de atletismo, costumeiras no cenário da cidade, transformam-se em “Corrida da Fogueira”; para sacralizar a festa junina como um “bem do Nordeste”, é inventada a “Corrida do Jegue”; desfiles públicos, como, por exemplo, os que ocorrem no dia em que se comemora a independência do Brasil, são transformados, no mês de junho, em “Desfiles Juninos” etc.

Ao inventar atrações e transformar o antigo e corriqueiro em novo, inédito, fantástico, abrem-se também, simultaneamente, as possibilidades, as brechas e as arestas para os deslocamentos da festa, para a construção de suas singularidades. Uma coisa é a festa com a sua mon-

tagem cênica e discursiva unida às atrações, outra, é a construção de subjetividades que a festa permite. Daí porque, mesmo sendo a festa cartografada para ser um evento tal como se objetiva em sua prática ao longo de trinta dias, ela é dispersão prática e discursiva a partir de suas singularidades. Ela permite o deslocamento de significados que deixam de ser simplesmente juninos para serem investidos de novos significados.

Os deslocamentos da festa junina estão presentes, por exemplo, nas quadrilhas juninas, que se reinventam ano a ano em suas coreografias e indumentárias e deixam de ser uma simples exibição alegórica de uma “festa matuta” para redefinirem-se como uma empresa, um concurso, uma competição.

A festa para “turista ver” é rica, sobretudo, em opções de entretenimento; basta uma rápida consulta ao folder informativo da programação prevista no “arraial urbano”, para ver que nele está contido uma diversidade de atrações, algumas repetidas ano a ano, mas com uma nova moldura, outras, inventadas com características extremamente inusitadas. O que importa é oferecer um cardápio vasto para destacar a cidade que a patrocina. O que se objetiva, enfim, é transformar em prática e em sucesso o evento construído. Essa viagem nas atrações que enchem os olhos dos turistas durante a festa junina do “Maior São João do Mundo” é o tema a seguir.

### **2.2.1. QUADRILHAS JUNINAS : AS EMERGENTES EMPRESAS JUNINAS**

As quadrilhas juninas são sem dúvida, o grande ícone da festa junina. Outros elementos constitutivos da festa ajudam em sua composição, como as fogueiras, os balões, as bandeiras multicoloridas, mas nenhum possui a sua substância, peculiaridade e especificidade; ela é, definitivamente, o seu grande símbolo, de tal sorte que não existe festa junina sem a participação de quadrilhas juninas.

Seja onde for comemorado o evento junino, sempre uma quadrilha estará se apresentando e marcando a sua presença. É ela, inclusive,

que ajuda a criar e a instituir todo um imaginário em torno da festa junina como uma “festa matuta”, através, por exemplo, de sua indumentária e vestuário: saias e blusas ou vestidos rendados, com babados fartos, para as mulheres; calças jeans, com remendos de tecidos coloridos, camisas no mesmo padrão do tecido usado pelas mulheres, além de chapéus de palha e botas, para os homens. Com o uso de tal indumentária caipira, institui-se o chamado “traje típico da festa junina”.

As quadrilhas juninas ajudam, ainda, na instituição do imaginário da festa como um evento inocente, ingênuo; como uma festa primitiva arraigada à tradição dos antepassados longínquos; como uma festa exótica com um misto de humor e de simplicidade.

No caso específico da cidade de Campina Grande, a importância das quadrilhas juninas ainda merece um destaque maior: pode-se afirmar que foram elas que deram o incentivo inicial para a construção paulatina dos chamados “festejos de rua”, quando no ano de 1971 é criada na Rua da Floresta a primeira “quadrilha junina de rua”. De lá para cá, muita coisa mudou e as quadrilhas se multiplicaram na cidade e o evento junino, até então localizado em uma e, posteriormente em várias ruas, é transferido para um espaço que busca concentrar e unificar toda a festa, o Parque do Povo.

É exatamente com a utilização do modelo das quadrilhas juninas dispersas nas ruas da cidade, que é idealizado o grande “Projeto Junino” de transformar a festa em um mega espetáculo turístico, cujo carro-chefe, em termos de atrações, passam a ser as exibições das quadrilhas juninas nos palcos da festa.

As quadrilhas juninas servem ainda de instrumento de socialização e aprendizado na instituição do imaginário da festa junina. Comumente se realizam em escolas, em todas as fases de aprendizado, durante o mês de junho, apresentações de quadrilhas juninas que se transformam em encontros festivos de confraternização entre alunos, suas famílias e professores. Quem de nós, brasileiros e particularmente, nordestinos, nunca participou, nem dançou em uma quadrilha junina na escola, du-

rante a infância ou na juventude? Qual dos pais não preparou um de seus filhos ao “estilo matuto” para dançar em uma quadrilha?

Contudo, a partir do exposto, cabe a indagação: como e a partir de que situação as quadrilhas juninas passaram a serem tão importantes na instituição da festa junina? Afinal, o que são as quadrilhas juninas? Segundo alguns autores, como Maria Amália Corrêa Giffoni, a quadrilha:

É dança de origem francesa (Quadrille), cujo nome, segundo Eugéne Giraudet, é diminutivo de Squadra, vocábulo italiano que significa companhia de soldados disposta em quadrado. Este nome foi dado, mais tarde, a um grupo de quatro pares, e de Squadra passou para Quadrille.

Surgiu em Paris no século XVIII. Musard foi considerado o pai das Quadrilhas. Dança derivada da “Contredance Française”, que por sua vez é uma adaptação da “Country danse”, inglesa, introduzida na França. A Quadrilha resultou da disposição dos dançadores daquela em quadrado.(...)

Foi introduzida no Brasil no século XIX, durante a Regência, trazida pelos mestres de orquestras francesas Milliet e Cavalier. Brilhou durante anos na sociedade brasileira e, ao que consta, no último baile solene do Paço (1852) foram dançadas vinte Quadrilhas.<sup>119</sup>

Para alguns estudiosos do Folclore e da Cultura Popular a quadrilha é introduzida no Brasil como uma dança aristocrática, restrita aos nobres da corte portuguesa. No entanto, logo ganha às ruas e se populariza como uma dança típica no País. Até então, a dança de quadrilha aristocrática não tinha relação alguma com a festa junina, tal relação ocorre quando ela passa a ser executada nas ruas e de maneira indistinta pelos vários extratos sociais:

---

<sup>119</sup>. GIFFONI, 1964, p. 214-215.

Nesse processo de popularização de danças aristocráticas, novos aspectos foram surgindo de maneira que hoje em dia a Quadrilha - também chamada Quadrilha Caipira - tem estas características gerais: danças de pares em conjunto; dança de lazer festivo para pessoas de qualquer faixa etária; cristalizada nas festas juninas; trajes do arquétipo popular do homem rural; locação rural (como que lembrando ambiente “da roça”, em que se incluem cordões de bandeirinhas de papel de seda); exige ensaios; exige um marcador (mestre, dirigente); perdendo a pompa das danças palacianas de que provém, ganhou passagens alegres, acompanhada por música de ritmo marchado; no sul, sudeste e centro do País é feita com andamento mais lento quando comparado com o norte e nordeste.<sup>120</sup>

Com essa visão mesclada de evolucionismo vitoriano e de culturalismo americano, os estudiosos do Folclore tentam explicar a origem da dança de quadrilha no Brasil, principalmente com a finalidade de justificar a sua introdução e a sua “popularidade” durante a festa junina. Ou seja, buscam entender como e por quê a dança se torna uma atração indispensável nessa festa.

Tal fato é possível exatamente porque mudam as características da dança; de uma dança aristocrática, cheia de pompa e requinte, ela começa a ser associada ao espaço rural, a uma “festa matuta”, a uma “festa da roça”. Em consequência de tais mudanças, até a marcação da coreografia da quadrilha é redefinida por meio de um novo processo semântico, pois o povo, em sua grande maioria, não dominando a língua francesa, a qual era comumente utilizada para marcar os movimentos da dança, também “aportuguesa” o Francês de tal forma que passam a di-

---

<sup>120</sup>. PELLEGRINI FILHO, 1986. p. 51-52.

rigir a seqüência da dança da seguinte maneira:

- . Anavan (do francês “En avant”, para a frente);
- . Anarriê (“En arrière”, para trás);
- . Tur (“Tour”, giro, fazer o giro);
- . Garranchê ou Granchê (“Grand chaine”, grande cadeia);
- . Otrefoá (“Autrefois”, outra vez); etc.<sup>121</sup>

Em uma quadrilha junina não pode faltar o marcador de quadrilha, que exerce a função de organizar o desenvolvimento de toda a coreografia da dança, desde a entrada para a apresentação até a saída. Ao som da música de forró, o marcador define os momentos e toda a desenvoltura da dança. Outra atração na dança de quadrilha é a realização de um “casamento matuto”. Trata-se da encenação bem humorada de um enlace matrimonial a ser realizado a contragosto do noivo; daí a presença – além dos noivos, do padre, dos pais da noiva e das testemunhas – do delegado, que serve de autoridade para exigir do noivo que não fuja de sua responsabilidade e se case. A apresentação do “casamento matuto” é um dos momentos mais esperados na apresentação das quadrilhas, por divertir o público com as cenas inusitadas do noivo querendo fugir de seu compromisso.

A coreografia utilizada na dança, unida ao uso do traje típico, podem ser considerados como o “modelo tradicional” do que vem a ser a composição de uma quadrilha junina; no entanto, um fato observado nos discursos da mídia, bem como dos folcloristas, e que pode ser demonstrado até na própria prática de campo, é o processo de contínua estilização das quadrilhas juninas, através da adesão a novas coreografias, sob o acompanhamento musical que oscila e varia em seu estilo e cadência, além de uma completa mudança, até mesmo, redefinição, no vestuário e nas indumentárias de seus componentes.

---

<sup>121</sup>. PELLEGRINI FILHO, 1986. p. 51.

Tais transformações são suficientes para provocar, a nível dos discursos e da prática da festa, toda uma discussão em torno de seu “caráter tradicional”, do “respeito às origens” que vêm paulatinamente perdendo as suas características e peculiaridades, em decorrência de um contínuo “processo de estilização”.

Presos a uma criação imagética e discursiva de vertente folclórica, os “saudosistas” clamam pelo respeito às origens das quadrilhas juninas e outros, tentando imprimir a idéia do novo, como inovação e não como “quebra da tradição”, defendem o seu ponto de vista, afirmando que a redefinição colabora para que as quadrilhas juninas continuem a ser uma das principais atrações da festa junina. Alguns dos que defendem o “modelo da tradição” assim formulam, quando comentam sobre a apresentação das quadrilhas juninas, por exemplo, no Parque do Povo:

Algumas quadrilhas de Campina Grande devem despertar para a preservação autêntica do forró pé-de-serra. É lamentável a gente ver a apresentação de uma quadrilha ao som do axé music das bandas baianas. Isto é loucura! Já sabemos que tem quadrilhas que se apresentam ao som da banda baiana e com figurinos que nada tem a ver com forró ou com nosso folclore. Além de ridículo, é um vexame para todos nós o turista ver coreografias, músicas e figurinos que nada têm com o São João.<sup>122</sup>

O que está em jogo no processo de contínua descaracterização das quadrilhas juninas, segundo o discurso acima, é o perigo de igualmente se descaracterizar a própria festa do “Maior São João do Mundo” como uma “festa matuta”, que preza pela conservação da “tradição e da origem da festa junina”.

Não é à toa essa preocupação; o que se observa na construção

---

<sup>122</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 11/06/1998.

coreográfica e no vestuário das atuais quadrilhas juninas é a contínua adoção de um novo modelo de indumentária que se afasta cada vez mais do “modelo da tradição matuta”. Como exemplo desta tendência e reinvenção, posso citar a quadrilha “Xote Menina”, cuja característica principal é a de inovar no que diz respeito ao vestuário, com o abandono do chamado “estilo matuto” e a adoção de um estilo cada vez mais luxuoso e rico:

A Xote Menina é uma das primeiras quadrilhas lançadas no São João de Campina Grande. Precursora da idéia de que quadrilha não é só pano de chita ou coisa parecida, em suas apresentações as moças e rapazes se vestem em alto estilo, mas, como manda a tradição, com saia rodada e tudo mais. Em suas apresentações, a Xote Menina sempre mostra beleza e elegância.<sup>123</sup>

Enquanto a “Xote Menina” descarta o estilo do vestuário caipira ou matuto, instituído pelo discurso da “tradição junina”, e adota o requinte e o luxo em seu vestuário, uma outra quadrilha da cidade, chamada “Countrilha”, inova utilizando vários estilos musicais, com destaque para o estilo country, bem como introduz novas coreografias em suas apresentações:

A Countrilha é uma das quadrilhas que mais se destaca nos festejos juninos, apesar de ter pouco tempo de existência vem crescendo a cada ano, com ritmos, graça, alegria e cores. Durante as apresentações, além da quadrilha tradicional, os componentes dançam músicas country can-can e inúmeras outras, que vão desde os ritmos caribenhos, passando pelo xaxado, xote, baião – tipicamente nordestinos – até o tango argentino. A graça e leveza das coreografias encantam a forrozeiros e turistas.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup>. Suplemento especial do Jornal A União – João Pessoa, 16/06/1996, com o título: “O Maior São João do Mundo – Pense numa Festa Arretada!”

<sup>124</sup>. Suplemento especial do Jornal A União – João Pessoa, 16/06/1996.

Outras quadrilhas, como “As Virgens da Seca” e “Assanhadas da Amazonas”, por exemplo, rompem completamente com o “modelo da tradição” e mudam, inclusive, o sentido de suas apresentações, qual seja, o de reproduzir um estilo de dança com uma definição prévia de marcação. Essas quadrilhas possuem, como marca principal, a irreverência: por meio da inversão de papéis, os homens vestem-se de mulheres e estas, de homens; também não se vestem de acordo com o “estilo matuto” e, sim, fantasiando-se de figuras famosas do meio artístico e do cenário político, satirizando-os. Desta forma, as suas exibições são divertidas apresentações humorísticas.<sup>125</sup>

A partir do exposto, tudo leva a crer que, no intuito de competir e criar uma identidade própria, bem como de legitimar e reinventar a sua tradição, as quadrilhas juninas em Campina Grande buscam criar características que as tornem diferenciadas, afastando-se, em consequência, cada vez mais do antigo modelo da “tradição matuta” que ajudou a instituir a festa junina do “Maior São João do Mundo”. Como pode ser observado, atualmente as quadrilhas juninas já não se inspiram a partir de um só modelo, no caso, o da “tradição matuta”; elas estão investidas de outros significados, como também passam a se caracterizar por um contínuo processo de reinvenção.<sup>126</sup>

A própria existência das quadrilhas como instrumento de entretenimento e confraternização entre os moradores da rua ou bairro, como acontecia, por exemplo em Campina Grande na década de 70, muda de sentido; no atual estágio de fabricação da festa junina no espaço urbano, o critério que parece prevalecer nas apresentações das quadrilhas juninas não é mais o de divertir os quadrilheiros e o público presente, mas a apresentação de uma encenação fria, repleta de regras de postura, determinação de passos e desenvoltura insistentemente ensaiadas; é a disciplina imposta aos dançarinos e a sua performance.

---

<sup>125</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/06/1991.

<sup>126</sup>. Também na cidade de Caruaru, as chamadas “drilhas” incorporam em sua montagem toda uma leitura cômica e irreverente do “mundo moderno” unindo-o

O que importa desta feita não é o divertimento gratuito, puro e simples do quadrilheiro, seu prazer já não é tão relevante; o seu desejo atual é exhibir-se, mostrar-se com toda a perfeição que for possível, é destacar o seu vestuário e a sua coreografia, pois “olhos atentos” o observam para atribuir-lhe conceitos. Esses “olhos” não são os do público, que, buscando a todo custo suas fantasias de São João, não tira a atenção da atração vista, mas de uma comissão julgadora, que atribui notas e seleciona ou desclassifica, segundo critérios previamente estabelecidos, para definir quem deve ou não ser premiado pelo reconhecimento da disciplina.

O que parece estar em jogo atualmente na exibição das quadrilhas juninas é, pois, a vitória nos concursos promovidos, seja a nível municipal, estadual ou mesmo, nacional. O que importa são os campe-

---

ao estereótipo do “caipira”. Em outras palavras, elas são produto de uma invenção urbana, com seus valores e preconceitos, aprisionadas estratégica e taticamente, a um modelo oriundo dos discursos da chamada “tradição junina”. Se constituem ainda em uma empresa, pois para montar e levar para as ruas uma quadrilha junina, o estilo de organização se aproxima bastante do adotado pelos grandes blocos de carnaval, ou seja, para garantir à participação, o festeiro deve comprar o “kit da quadrilha”, dirigindo-se à sua respectiva sede. A própria apresentação das quadrilhas possui uma sistemática de organização exatamente igual a dos blocos carnavalescos, com direito ao acompanhamento de trios elétricos e cordão de isolamento. Para criar uma identidade a cada quadrilha, são compostas músicas de forró a serem executadas pelos trios durante o seu percurso. Outra peculiaridade das quadrilhas juninas de Caruaru são os nomes inventados para defini-las, tais como: “Turisdrilha” – quadrilha formada só por turistas, “Babydrilha” – quadrilha composta por bebês e crianças, “Gaydrilha” – quadrilha formada só por homens vestidos de “matutas e matutos”, “Sapadrilha” – quadrilha formada só por mulheres vestidas de “matutos e matutas”, “Trokadrilha” – quadrilha na qual se dá à inversão dos papéis, mulheres se vestem de “matutos” e os homens de “matutas”, “Machadrilha” – quadrilha formada só por mulheres que se vestem de “matutos e matutas” e a “Matutodrilha” – quadrilha composta por homens e mulheres vestidos de “matutos e matutas”. Consultar o Site: <http://www.caruaru.capitaldoforro.com.br/programacao.htm>

onatos e troféus conquistados. Convém acrescentar que as realizações de concursos de quadrilhas juninas começam a acontecer em Campina Grande antes mesmo da criação do “Maior São João do Mundo” como um espetáculo turístico.

O primeiro “Concurso de Quadrilhas” registrado pela mídia data do ano de 1976, momento em que o Jornal da Paraíba, em parceria com o grupo São Braz, promovem um concurso para a escolha da melhor quadrilha de rua. No entanto, a proposta de competição não tinha o mesmo significado de hoje. Tal iniciativa tinha por finalidade criar um atrativo à frequência de festeiros aos locais de apresentação, bem como para servir de incentivo a uma maior participação e interesse em formar quadrilhas de rua. Tal fato pode ser comprovado ao se observar os prêmios a serem recebidos pelas quadrilhas vencedoras: além de troféus, os ganhadores teriam em suas respectivas ruas, a instalação dos sistemas de som e iluminação para “abrilhantar” as suas apresentações públicas.<sup>127</sup>

Atualmente, o sentido da competição entre as quadrilhas se agudiza, criando até um certo “estado de mistério”, por exemplo, sobre a roupa que a quadrilha vai usar – sua padronagem e modelo – que coreografia vai ser exibida, que músicas serão escolhidas para a evolução da coreografia etc. Tudo é tão cercado de segredo que até os ensaios costumam ser feito “às escondidas”. A preocupação em conquistar títulos engessa e aprisiona a criação, o resultado parece ser a de uma alegoria da alegria não sentida e do prazer castrado, pois elas apenas se exibem, se mostram e ambicionam o reconhecimento como única via de devir.

Para se ter uma idéia de tal fato, os “Concursos de Quadrilhas” fazem parte da programação oficial da festa do “Maior São João do Mundo”, instituindo-se como um valor, um costume, uma naturalidade. E os critérios que definem a sua realização são os mesmos que definem

---

<sup>127</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, nos dias: 26/05; 05,12, 17 e 22/06/1976.

o “mundo social” corriqueiro e cotidiano quais sejam: a competição, o jogo de interesses, a correlação de forças, a automação e a disciplina.

No ano de 1990, foi realizado durante a festa do “Maior São João do Mundo”, o “Concurso de Quadrilhas Campinenses”, cuja vencedora, por sua vez, representou a cidade de Campina Grande no “Campeonato Brasileiro de Quadrilhas Juninas”, na cidade de Salvador.<sup>128</sup>

Já no ano de 1997, teve início o “Festival Regional de Quadrilhas Matutas”. Para participar do evento, as quadrilhas juninas inscritas em Campina Grande concorreram entre si, apresentando-se no Parque do Povo e apenas uma foi classificada para concorrer com a quadrilha vencedora da Capital do Estado, João Pessoa. Concluídas estas etapas, a quadrilha classificada representou o Estado da Paraíba no evento realizado na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Para disciplinar o evento, os seus organizadores confeccionaram um regulamento com nada menos que 23 itens, fato que demonstra o exagero de critérios a serem seguidos pelos concorrentes.<sup>129</sup>

Há três anos que o “Concurso Regional de Quadrilhas” se realiza e a cada ano o que se observa é que ele fica mais criterioso e exigente quanto à instituição de um modelo do que deve representar uma quadri-

---

<sup>128</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/05/1990.

<sup>129</sup>. Entre os critérios selecionados destacam-se os seguintes: “As participantes terão um mínimo de 20 (vinte minutos) até o máximo de 40 (quarenta minutos) para apresentação. (inclusive o casamento neste tempo). Cada concorrente que ultrapassar o tempo de 40 (quarenta minutos), perderá 03 (três) pontos por cada minuto excedente. As concorrentes devem prestar atenção aos sinais luminosos: Verde – início da apresentação; Amarelo – preparar a saída e Vermelho – tempo de apresentação esgotado. Os itens em julgamento pela Comissão Julgadora são: entrada no arraial; animação; evoluções e coreografia; alinhamento; vestuário; marcador; casamento; criatividade dos passos e saída do arraial. A decisão da Comissão Julgadora é soberana, não cabendo a nenhum participante contestações verbais ou de caráter jurídico”. Jornal da Paraíba – C. Grande, 18/05/1997.

lha junina nos tempos de espetacularização da festa de São João.

Seguindo a moda de realização de concursos e competições, tem início a partir do ano de 1997, no tablado do Parque do Povo, o “Concurso de Rainha do Maior São João do Mundo”, quando representantes das quadrilhas juninas são selecionadas para, posteriormente, competirem entre si:

A grande festa do Concurso Rainha do Maior São João do Mundo 98, acontecerá no dia 10 de junho, no Arraial Hilton Motta, com o apoio do Departamento Municipal de Turismo. A festa tem o objetivo de escolher a rainha oficial do Maior São João do Mundo, que é hoje um dos 10 maiores eventos turísticos do Brasil. A exemplo das grandes festas turísticas brasileiras, que escolhem suas rainhas como símbolos da festa, o nosso monumental São João terá pelo 2º ano a sua Rainha Oficial e representante da beleza feminina campinense. As candidatas desfilarão em trajes típicos representando o folclore junino, para uma comissão julgadora formada por personalidades da sociedade, cultura, política e imprensa, e a vencedora receberá um troféu, a faixa e coroa, além de uma jóia.<sup>130</sup>

Assim, o sentido da competição, da disputa entre as quadrilhas juninas, torna-se um forte instrumento de instituição destas como uma empresa. Em outras palavras, mesmo se utilizando de um modelo propalado pelos discursos de resgate da “tradição e da origem da festa junina”, as quadrilhas juninas se sobrepõem a estes e reinventam novos sentidos e emblemas para a sua construção. A própria nomeação das quadrilhas aponta para tal caminho, isto é, novos sentidos e dispersões passam a serem adicionados na própria escolha dos nomes das quadrilhas, rompendo-se paulatinamente com os elementos até então caracterizados como “típicos da festa junina da roça”. Abaixo, alguns exem-

---

<sup>130</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 17/05/1998.

plos de nomes escolhidos para denominar as quadrilhas juninas, que podem ser assim agrupados:<sup>131</sup>

#### TERMOS TÍPICOS DAS FESTAS JUNINAS:

*São João do Carneirinho, São João na Roça, Caminho da Roça, Os Pequenos Matutinhos, Pisa na Fulô, Chiado de Chinelo, Sanfoninha Choradeira, Lume da Fogueira, Arraial das Pastorinhas, Arraial da Felicidade, Arraial do Carneirinho, Arraial do Milho Quente, Arraial de São João, Arraial Pé de Moleque, Arraial Noiva de São João, Arraial Matutando no Forró, Arraial Boneca de Milho, Arraial do Busca-pé, Peneirou o Xerém, Milho Verde, Santo Antônio no Arraial, Sabor Junino, Gente Junina, Xote do Milho Verde, Quadrilha Brilha São João, Quadrilhão Pula Fogueira e Xote na Roça.*

#### TERMOS DE DUPLO SENTIDO:

*Arrochadas no Arraial, Forró do H Radinho, Forró na Moita, O Funga-funga do Chico, Arriba a Saia, Donzelas Arrochadas, Alisando a Mandioca, Nós Sofre, Mas nós Goza, Ninho do Amor, Arraial da Coisa Preta, Arraial da Coisa Branca, Arrochados na Moita, Taba Lascada, Arraial Água na Boca, Caipiras Assanhadas, As Perigosas do Forró, Arraial da Matutada Quente, Cavalheiros da Taba K Ida, Arraial das Sassaricadas, Deixa o Povo Falar, Arriba Saia, Maria da Pamonha Quente, DK um Beijo, Ninho de Amor, Buli com Tu, Arranca Faísca, Arraial do Arroxôxô, Arraial do Ricardão, Perigosas Peruas, Amasso na Fogueira, Os Atrevidos no São João, As Virgens da Mata, As Virgens da Seca, Arraial do Requebra, Arraial Furar o Q, Arrocha o Nó, Quadrilha Roda Menina, Arraiá dos Beijoqueiros, Macho com Macho e Pindura Saia.*

<sup>131</sup>. Nomes das quadrilhas juninas coletados nos arquivos do Jornal da Paraíba e Diário da Borborema nas décadas de 70, 80 e 90.

## NEOLOGISMOS:

*Gaydrilha, Sapadrilha, Countrylha, Quadrilhódromo, Forróxik, Malufando a Malufeta, Cajaforró, Quadrilha Méchilão, Arraial Quadribodó, Quadrilha Xepxep, Forrofiscando, Arraial dos Trinks, Arraial Kibeleza, Showtrilha, Quadrescot, Quadroest, Buadrilha e Quadrigury.*

## TERMOS REGIONAIS:

*Pisa na Fulo, Sanfoninha Choradeira, Muíé Macho, Sim Sinhô, Arraial da Panela de Barro, Flor da Macaxeira, Fole Furado, Cana de Cabeça, Arraial do Lampião, Arraial do Sabugo, Quadrilha Pisa no Pilão, Arraial Mulher Rendeira, Arraial Maria Bonita, Severina Xique-xique e Arraial do Candieiro .*

## TERMOS PARA FAZER MENÇÃO À RUA OU BAIRRO DE ORIGEM:

*São Getúlio (quadrilha da Rua Getúlio Vargas), Joana na Fogueira (Rua Joana D'arc), Quadrilha da Floresta (Rua da Floresta), Os Naufragos do 100 Réis (Rua de 100 Réis), Quadrilha da Liberdade (Bairro da Liberdade), Arraial da Dinamérica (Bairro Dinamérica), Os Bonecos do Médice (Bairro Médice).*

## TERMOS REFERENTES À CATEGORIA PROFISSIONAL:

*Arraial dos Marceneiros, Arraial do Óleo Queimado (quadrilha dos*

*Mecânicos*), *As Damas da Quadrilha (Colégio Damas)*, *Quadrilha da Greve (quadrilha dos professores da rede estadual de ensino em greve)*, *Quadrilha São Braz (Empresa do grupo São Braz)*, *UFPBendo (quadrilha da UFPB)*, *Quadrilha da Associação das Domésticas*, *Quadrilha da Sológica (Empresa de Informática)*, *Arraial do Gigantão (quadrilha da Escola Estadual do Bairro da Prata)*.

As quadrilhas juninas, assim, reinventam-se para assumirem novos sentidos, para criar novas linguagens e novas maneiras de se comunicar com o público. Não há, portanto, como mais se sustentar à idéia destas presas às categorias da tradição ou da origem; se tais enunciados ainda são utilizados nos discursos e na prática da festa junina, existem como instrumentos de substância, de legitimação e instituição; existem como linguagem de um tempo pretérito, para se apresentarem na festa junina em sua versão urbana, como dispersão, como deslocamentos de sentidos que se afastam cada vez mais de um pretense “modelo original”.

No entanto, as quadrilhas juninas ajudam na composição das fantasias que a festa promete; elas continuam a ser um importante e destacado referente imaginário e discursivo na fabricação da festa junina no espaço urbano.

### **2.2.2. A APOTEOSE DO SÃO JOÃO: AS ALEGORIAS DA FESTA JUNINA**

Arrastões, desfiles juninos, passeatas, caminhadas, disputas; esta é a dinâmica da festa junina em sua versão urbana. Tal como um grande teatro ao ar livre, o público de espectadores se concentra para assistir à passagem de desfiles e caminhadas que buscam simbolizar e recriar, na cidade, um ambiente junino. Assistir ao espetáculo programático torna-se a grande fonte de entretenimento; inventar atrações, fabricar o movimento da festa é a finalidade desses eventos, a exemplo do “Quadrilhão” – atração que existe durante a realização do “Maior São João do Mun-

do” desde o ano de 1997.

Trata-se do encontro, na rua Severino Cruz, no centro da cidade, das quadrilhas juninas para um arrastão seguido por trios elétricos, em direção ao Parque do Povo:

Cinquenta e nove agremiações juninas participaram, no último Domingo à tarde, do ‘Quadrilhão’ promovido pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Município, às margens do Açude Velho. O evento, de acordo com os seus organizadores, foi revestido de êxito, e atraiu milhares de pessoas à avenida Severino Cruz.

‘O maior arraial do mundo’ se deslocou até o Parque do Povo, epicentro da festa campinense, aonde uma multidão aguardava ansiosa pelo ‘Quadrilhão’ que fez apresentação pela primeira vez, dentro da programação do Maior São João do Mundo.<sup>132</sup>

O “Quadrilhão” surge como uma forte atração durante o “Maior São João do Mundo”, pois se torna uma oportunidade para o público conhecer, em um só momento, a indumentária, vestuário e coreografia de dezenas de quadrilhas juninas.

Convêm acrescentar que durante o cortejo, as quadrilhas juninas nunca se misturam, cada quadrilha segue-se a outra, obedecendo a uma lógica de organização, destaque e competição. Tal como “classes”, separam-se e buscam criar as suas particularidades, seja no vestuário, na coreografia dos passos ou na noção de conjunto. Ao brincar de São João, público e quadrilheiros instituem o evento como mais uma forma de participação no festejo junino; tal alegoria, materializada no desfile “bem comportado” das quadrilhas dispostas entre os “seus iguais” e com um percurso a ser previamente seguido, é mais uma alternativa de instituição da festa junina na cidade.

---

<sup>132</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 24/06/1997.

Outras atrações em estilo de arrastões são: o “Arrastão do Forrozeiro” – uma longa e grande caminhada de “forrozeiros” pelas principais ruas da cidade com o acompanhamento de trios elétricos executando músicas de forró, além da participação de quadrilhas juninas, cantores regionais e grupos folclóricos.

A “Forreata dos Namorados” – comboio de automóveis conduzindo casais de namorados com destino ao município de Fagundes para visitar a Pedra de Santo Antônio, lugar no qual se fazem promessas para se conseguir um casamento, no dia devotado ao Santo, 13 de junho. Desfile dos bonecos mascotes e símbolos da festa do “Maior São João do Mundo”, Sabugildo e Milharilda – atores se fantasiam de mascotes da festa, representando espigas de milho vestidas de matutos e de matutas, pelas principais ruas da cidade, acompanhados pelo desfile de “Grupos Folclóricos”, da “Rainha do Milho” e da “Garota Caipira”. “Passeio da Fogueira” – uma espécie de desfile com vários automóveis, percorrendo as principais ruas da cidade, trazendo em cima dos carros, uma fogueira estilizada, confeccionada comumente com madeira e papel colorido, na qual é afixada uma lâmpada para criar a impressão de uma fogueira acesa. “Desfile da Carroceata” – exibição e desfile de carroças de burros, ornamentadas com palhas de coco e bananeiras, bandeirinhas e balões, trazendo casais fantasiados de matutos e representantes das quadrilhas juninas pelas ruas centrais da cidade.

Essas exposições públicas tentam criar um “ambiente junino” nas ruas da cidade, com vistas à instituição de que Campina Grande “respira” festa junina em todos os seus espaços. Desta feita, o “arraial junino” não se reduz ao Parque do Povo, mas a toda a geografia da cidade.<sup>133</sup>

Os desfiles, os passeios, os arrastões e as apresentações das ale-

---

<sup>133</sup>. Na cidade de Caruaru também é comum a realização de toda uma programação em estilo de desfiles e caminhadas como o “Desfile Junino” – composto pela reunião de mais de 20 carros alegóricos e cerca de 10 mil figurantes, distribuídos em quadrilhas juninas, grupos folclóricos, bacamarteiros, bandas de pífanos etc, “Caminhada do Bacamarteiro” – reunião de tropas, ou batalhões de bacamarteiros,

gorias juninas instituem-se como a grande atração e fonte de entretenimento para os turistas. Espectadores do exótico vislumbram todo o jogo de cores e indumentárias das fantasias que enchem as ruas em exibições com pretensões de grandiosidade.

### 2.2.3. CORRIDAS DA FOGUEIRA E DO JEGUE

Uma outra atração durante a festa junina de Campina Grande é a realização da “Corrida da Fogueira”. Essa prática desportiva, que, na verdade, não possui nenhuma relação com o “modelo da tradição da festa junina”, é inventada no meio urbano para transformar uma simples e corriqueira competição, em atração junina.

Para transformar as competições desportivas em fatos juninos, parece ser suficiente a simples utilização de um emblema ou de um elemento típico a ser adicionado ao evento; ou seja, a corrida de atletas pelas ruas da cidade recebe um novo conteúdo simbólico e ritual ao ser denominada de “Corrida da Fogueira”, o apelo à participação de um público assíduo para assistir à competição comumente não será resultado somente do gosto pela prática de desportos; certamente, o público está em busca de um devir da festa de São João que o evento promete.

Nesses termos, a corrida não é uma disputa qualquer; ela é a “Corrida da Fogueira”, é uma atração a mais durante o festivo mês de junho, é parte componente de um feixe imagético e discursivo que imprime novos significados ao mesmo, ao corriqueiro, ao já conhecido.

No mesmo caminho de invenção é também criada, durante a festa do “Maior São João do Mundo”, a “Corrida do Jegue”, competição que acontece tão logo se encerra a Corrida da Fogueira. Parece que o intento dos organizadores pela montagem da festa junina em introduzir

---

que desfilam pelas principais ruas da cidade e a “Caminhada do Forró” – arrasão com centenas de festeiros que saem do centro da cidade com destino ao Alto do Moura, localidade rural, distante de Caruaru 7 km, para degustar o “Cuscuz Gigante”. *Jornal Vanguarda – Caruaru*, 19 a 25/06/1999.

na programação essa outra modalidade desportiva, é o de imprimir um sentido anedótico, humorístico à festividade junina. O jegue, esta figura tão caricaturada pelo cancionista popular, pelo cordel e pelo romance regional, aparece como um ícone do Nordeste, esta região estigmatizada como exótica, primitiva, de outro mundo. Nesta região, imaginariamente apresentada e instituída como espaço da seca, da miséria, do atraso e do abandono, o jegue aparece como o grande companheiro do nordestino, seu lombo transporta homens famintos e as tralhas esfarrapadas de poucos objetos conseguidos durante toda uma vida. A imagem da miséria caricatura-se na figura do animal e é com esses emblemas que ele é apresentado no mundo imaginário dos grandes centros urbanos para competir.

A imagem pitoresca do jegue no asfalto da rua, sendo preparado por seu dono para a disputa, cria imaginariamente e discursivamente um confronto e um paradoxo entre a modernidade da cidade e a rusticidade do campo; espaço urbano e rural se encontram e se defrontam no jogo das linguagens.

Ao serem exacerbadas as diferenças, a comicidade se sobressai como via de devir; é o homem urbano rindo de seu vizinho rural que ainda cultua animal tão primitivo, é o homem rural rindo de seu vizinho urbano que se admira de cena tão familiar... Ao rirem, todos legitimam e instituem o evento, transforma-o em um campo aberto de significados; de aproximações e distanciamentos, de familiaridades e estranhamentos.

Paralelo a Corrida da Fogueira, a irreverência tomou conta de outra corrida no Parque da Criança: a também tradicional Corrida do Jegue. Sob os olhares dos turistas, os 11 jericos inscritos fizeram o reconhecimento da pista. Dada a largada, partiram em busca do troféu. Em menos de cinco minutos, os participantes cumpriram os mil metros do percurso, com destaque para o jericó 'Desmantelado', montado pelo garoto Adriano Farias, de Santa Cruz do Capibaribe – PE, venceu-

na programação essa outra modalidade desportiva, é o de imprimir um sentido anedótico, humorístico à festividade junina. O jegue, esta figura tão caricaturada pelo cancionista popular, pelo cordel e pelo romance regional, aparece como um ícone do Nordeste, esta região estigmatizada como exótica, primitiva, de outro mundo. Nesta região, imaginariamente apresentada e instituída como espaço da seca, da miséria, do atraso e do abandono, o jegue aparece como o grande companheiro do nordestino, seu lombo transporta homens famintos e as tralhas esfarrapadas de poucos objetos conseguidos durante toda uma vida. A imagem da miséria caricatura-se na figura do animal e é com esses emblemas que ele é apresentado no mundo imaginário dos grandes centros urbanos para competir.

A imagem pitoresca do jegue no asfalto da rua, sendo preparado por seu dono para a disputa, cria imaginariamente e discursivamente um confronto e um paradoxo entre a modernidade da cidade e a rusticidade do campo; espaço urbano e rural se encontram e se defrontam no jogo das linguagens.

Ao serem exacerbadas as diferenças, a comicidade se sobressai como via de devir; é o homem urbano rindo de seu vizinho rural que ainda cultua animal tão primitivo, é o homem rural rindo de seu vizinho urbano que se admira de cena tão familiar... Ao rirem, todos legitimam e instituem o evento, transforma-o em um campo aberto de significados; de aproximações e distanciamentos, de familiaridades e estranhamentos.

Paralelo a Corrida da Fogueira, a irreverência tomou conta de outra corrida no Parque da Criança: a também tradicional Corrida do Jegue. Sob os olhares dos turistas, os 11 jericos inscritos fizeram o reconhecimento da pista. Dada a largada, partiram em busca do troféu. Em menos de cinco minutos, os participantes cumpriram os mil metros do percurso, com destaque para o jericó 'Desmantelado', montado pelo garoto Adriano Farias, de Santa Cruz do Capibaribe – PE, vence-

dor da prova.<sup>134</sup>

Desfilando nas ruas, os jegues mudam o cenário da cidade, transportam o público ao ambiente rústico da roça; unir festa junina ao espaço rural é a estratégia dos organizadores do evento para construir o espaço fantasioso que a festa promete. O jegue representa assim, a aproximação entre os espaços rural e urbano, a ponto de confundir-se e não se saber mais o que é urbano ou o que é rural, tudo isto a partir da comicidade que o evento promove.

Portanto, apontar e apresentar ao turista o lado pitoresco da região Nordeste pelo uso da imagem do jegue, é a estratégia dos organizadores da festa de criar, inventar uma especificidade para a festa junina e para a região; é como se, ao utilizar o discurso estereotipado da região e de sua festa de maior destaque, se estivesse, desde já, garantindo a audiência, a receptividade e o sucesso do evento. O turista acorre ao Nordeste para participar da festa junina, entre outras razões, em busca dessa comicidade, da sensação de estranhamento e distanciamento em relação ao lugar de que se origina; o novo que a festa oferece, promete e monta, parece ser a possibilidade de conhecer e viver a experiência da diferença e da alteridade.

#### **2.2.4. A FESTA DOS TURISTAS NOS TRENS E ÔNIBUS DO FORRÓ**

Criado durante a festa do “Maior São João do Mundo” no ano de 1989, o passeio no “Trem Ferroviário” surge como a grande atração do festejo junino em Campina Grande. O passeio ferroviário é uma promessa de diversão contínua e objetiva atingir a duas finalidades:

O passeio Ferroviário é um projeto elaborado pela Comissão coordenadora do São João em convênio com a Rede Ferroviária, que terá duas finalidades: oferecer mais uma opção

---

<sup>134</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/06/1999.

de lazer para os turistas que visitarão Campina Grande durante o mês de junho, por ocasião dos festejos juninos, e promover uma maior integração da Rainha da Borborema com os municípios do compartimento.<sup>135</sup>

O passeio no “Trem Forroviário” é inventado principalmente para oferecer ao turista entretenimento durante o dia, pois sendo ele o convidado mais idealizado e mais cobiçado, ocupar-lhe todo o tempo, oferecendo-lhe a maior quantidade possível de opções, é a condição não só de sucesso do evento, como a garantia de seu retorno no ano seguinte para mais um ciclo junino:

O primeiro passeio do Trem Forroviário, ontem motivou a participação de dezenas de turistas que já se encontram na cidade e de campinenses que aproveitaram para prestigiar a nova opção que vem a somar-se a várias outras, que já fazem parte da programação do Maior São João do Mundo. O trem partiu da Estação Velha, às 10 horas, fazendo o percurso férreo até Ingá.

Com uma capacidade para 150 pessoas, o Trem Forroviário atendeu perfeitamente aos anseios dos turistas e curiosos que puderam, logo de entrada, desfrutar de uma boa recepção por parte das moças tipicamente vestidas de caipira, que atendem ao pessoal durante todo o passeio além de grupos de forró, divididos nos cinco vagões, tocando com muita animação as músicas nordestinas.

A animação foi contagiante e logo quando as pessoas entraram nos vagões não resistiram e caíram no forró ao som do zabumba, sanfona e triângulo numa demonstração do regionalismo bem característico.

A bordo do Forroviário os passageiros tiveram à sua disposição comidas típicas da região, a exemplo da pamonha, canji-

---

<sup>135</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/05/1989.

ca, milho assado e cozido. (...) <sup>136</sup>

O “Trem Ferroviário” passa a ser, em certo sentido, uma extensão do Parque do Povo, pois em seu interior podem ser encontrados os elementos simbólicos que tornaram possível a construção da festa do “Maior São João do Mundo”: os trajes matutos, os trios de forró e as comidas típicas da época junina.

A insistência no modelo de região e o destaque para a festa junina como um bem simbólico e um patrimônio da região Nordeste é um outro forte apelo na instituição da festa. A região se objetiva como o lócus privilegiado para a realização do evento junino e com essa característica, o caráter de “regionalismo da festa junina”, busca-se marcar uma identidade e uma alteridade do enunciado região;

Não só a euforia da viagem é parte integrante de todo o passeio do Trem Ferroviário, que num tempo de quase 60 minutos, percorre 23 quilômetros de muita emoção possibilitada pelas mais lindas paisagens, mas sobretudo, a animação dos conjuntos regionais que tocando e cantando músicas juninas revestem todos os passageiros na mais viva harmonia da festa nordestina. <sup>137</sup>

O passeio no “Trem Ferroviário” é apresentado aos turistas, conforme o discurso acima, como uma excelente oportunidade de viver a fantasia, não só da festa junina, mas de seu enraizamento à região, a noção de pertença, unida a uma geografia regional que não é mais da miséria ou da seca, mas de uma paisagem e uma espacialidade que transporta o festeiro para o sonho, através das imagens de uma natureza exuberante. E ao desembarcarem na cidade de Ingá, os passageiros do

---

<sup>136</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1989.

<sup>137</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 30/06/1989.

trem, “já extasiados” pela fantasia da paisagem da região e do ritmo junino, ainda tem a oportunidade de conhecer as itacoatiaras – um conjunto de inscrições rupestres de mais de cinco mil anos, cuja origem ainda não foi decifrada pelos arqueólogos.

Apesar do sucesso obtido pelos promotores do evento, o “Passeio Ferroviário” fazendo o percurso de Campina Grande até a cidade de Ingá tem curta duração, ele apenas acontece nos anos de 1989 a 1991 e é suspenso em decorrência das péssimas condições da linha férrea. Mas no ano de 1992 uma nova rota é inventada para dar continuidade aos passeios de trem. Neste ano, a viagem, que é batizada como “Viagem de Integração”, tem como ponto de embarque a cidade de João Pessoa, capital do Estado, com destino a Campina Grande. No entanto, este passeio não volta a se repetir nos anos seguintes.<sup>138</sup>

É só a partir do ano de 1997 que é retomado o passeio no “Trem Ferroviário”, exatamente no ano em que a cidade comemora os 90 anos da chegada do primeiro trem a Campina Grande, em 1907 – o trem permite o escoamento e o transporte do principal produto da época na cidade, o algodão, colocando Campina Grande no destaque de 2ª maior exportadora de algodão do mundo; a primeira foi Liverpool, na Inglaterra. E como a data é sugestiva, os promotores do evento, dentre eles o diretor do Demtur, fazem uso do discurso de que o passeio no “Trem Ferroviário resgata a história de Campina Grande e, principalmente, a nossa cultura”.<sup>139</sup>

Em 1998 o passeio no “Trem Ferroviário” muda o seu itinerário, desta vez o percurso a ser realizado é até o distrito de Galante, em uma viagem com duração de menos de uma hora, mais próximo a Campina Grande do que a cidade de Ingá. Assim, novos atrativos são inventados pelos promotores do evento e propalados pela mídia, para incentivar os turistas a conhecerem o novo roteiro da viagem:

---

138. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/06/1992.

139. Jornal da Paraíba – C. Grande, 22/06/1997.

Atenção senhores passageiros, o remelexo vai começar, ao som do mais autêntico forró nordestino, ritmo oficial do Maior São João do Mundo! A ordem é essa no trem ferroviário, que segue destino a Galante, com muita alegria e descontração a bordo. Em Galante, a festa já está preparada. Para receber os passageiros do trem do forró, os moradores do distrito, capitaneados pelo pessoal do Departamento de Turismo, organizaram um “Forró no Mercado”, onde existirão pontos de vendas de bebidas e comidas típicas. No pólo de animação cultural, como está sendo chamada a estação de destino do trem, os forrozeiros terão direito a exposições de quadrilhas e grupos de dança folclórica. Passeios exóticos também estão programados para os passageiros, que poderão escolher como meio de transporte jumentos, burros, carroças ou cavalos.<sup>140</sup>

Insistir na idéia do “típico” e inserir elementos estereotipados da região Nordeste, como o mercado público, o jumento e a carroça, é a estratégia utilizada pelos organizadores do evento para chamar o turista a participar do “Passeio Ferroviário”. Desta feita, com uma imagem de regionalismo, pela insistência nas noções do primitivo, arcaico, exótico, de outro mundo, despertando, em consequência, no turista, o sentimento de distanciamento de uma cultura tão rude com suas fantasias de metrópole.

Exacerbar a diferença de forma estereotipada é o recurso encontrado pelos promotores do evento, oferecendo uma imagem e uma leitura distorcida, fantasmagórica da região e de seu povo. Manipular com os elementos que instituíram uma determinada idéia de região Nordeste, é pois, a estratégia para introduzir o turista num novo território, espacialidade de sonhos e fantasias.

O passeio no “Trem Ferroviário”, assim, ajuda a compor o cenário de fantasmagoria que a festa promete. É mais uma alegoria e exem-

---

140. Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/06/1998.

plo de deslocamento da festa que utilizando-se de elementos do espaço urbano, transforma um simples meio de transporte em ícone da festa junina. Além disso, o citado passeio, ao fazer uso de elementos estereotipados da região Nordeste, ajuda na instituição de um Nordeste do atraso e da miséria; de um espaço exótico e arcaico contrapondo-se ao modelo de moderno trazido também de maneira estereotipada pelo turista.

No confronto de culturas locais, exacerbam-se as diferenças e abrem-se espaços e brechas para a prática de visões etnocêntricas que, de um lado, pela ótica do turista, fazem-no admirar-se com a existência do “outro”, tão inocente e rude, com as suas carroças de burro que passeiam pelas pequenas ruas exibindo as suas alegorias juninas, somado aos seus pratos regionais “excêntricos”, como a buchada, o pirão, a tripa assada etc. servidos durante a visita ao distrito; e, de outro lado, pela ótica do nativo, o orgulho de se mostrar, apresentar suas fantasias de lugar que é visitado e ocupado por pessoas de fora, que, muitas vezes atônitos, não entendem a sua linguagem e os seus valores e até riem de tal desconhecimento.

É trabalhando com esses dois extremos: o espaço do atraso em contraposição ao espaço do moderno que os discursos da mídia, dos festeiros e dos promotores do “Maior São João do Mundo” instituem a fantasia da festa junina.

É por meio do apelo ao típico, aos discursos da cultura local, com as suas características “tão peculiares”, que se constroem os ali-cerces da festa como “tipicamente regional”, como um “bem do Nordeste”, que se exacerba de forma mais original na cidade de Campina Grande.

Seguindo o mesmo recurso de inventar atrações para “turista ver” e participar, é criado, no ano de 1991, em Campina Grande, o passeio na “Marinete do Forró”. Trata-se de uma viagem de ônibus com saída de Campina Grande com destino à cidade de Boqueirão, cuja atração é um açude no qual os festeiros podem se banhar. No interior do ônibus, os mesmos elementos simbólicos que compõem o “Trem Forroviário”,

também se fazem presentes: recepcionistas, vestidas com trajes típicos e trios de forró:

Outra grande atração do São João/91 será a Marinete do Forró, idealizada pela agência Reitur Turismo para fazer parte da programação diurna. (...) Além do conjunto de forró animando os viajantes a Marinete terá ainda várias “moças matutas” vestidas tipicamente, caracterizando o clima junino a bordo de um ônibus que lembra os anos 60.<sup>141</sup>

A outra atração nas rodovias é a “Forrozada”, que nos anos de 1996 e 1997, trouxeram turistas de Recife e de João Pessoa, para participarem do “Maior São João do Mundo”:

Campina Grande recebe esse ano uma novidade no Maior São João do Mundo. É a Forrozada, primeiro comboio rodoviário de Forró, ligando João Pessoa e Recife à Rainha da Borborema. A promoção é uma parceria do Governo do Estado, Prefeitura Municipal de Campina Grande, Vale do Jatobá e Playtours (distribuidora de passes turísticos).

Na entrada da cidade do Maior São João do Mundo, um grande buzinaço e foguetório para anunciar o comboio do forró. O primeiro destino dos participantes dessa brincadeira é o Vale do Jatobá, onde se terá a oportunidade de dançar com legítimos representantes do forró de pé-de-serra e grandes bandas.

Depois dessa verdadeira “sessão da tarde”, a Forrozada desce à serra em direção ao gigantesco Parque do Povo, acompanhando o acender das fogueiras. A animação entra pela madrugada e a Forrozada retorna no amanhecer do dia, ao local de partida. Os participantes terão direito à camisa padronizada, transporte ida/volta e ingressos no Vale do Jatobá.<sup>142</sup>

---

<sup>141</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1991.

<sup>142</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 29/06/1996.

O sucesso do primeiro ano de realização da “Forrozada” foi comemorado com otimismo pelos promotores do evento, pois só em uma das viagens foi possível reunir cerca de 280 passageiros, distribuídos em sete ônibus. O mesmo sucesso pode ser auferido aos passeios no “Trem Ferroviário” que, com seus seis vagões, com capacidade para abrigar em cada um, cerca de cem pessoas, em quase todas as suas viagens contou com a capacidade máxima.<sup>143</sup>

Portanto, as atrações da festa junina tomam conta da cidade, acontecem em várias espacialidades e num período de trinta dias. Grupos de pessoas se aglomeram nas ruas, nas praças, nas barracas, nas sacadas das residências para assistirem ao mega evento da fantasia junina.

O festeiro, ávido por novidades e pela experiência da alteridade, procura participar de tudo, seja na condição de espectador ou por exemplo, de membro de quadrilha, que envaidecido, veste a sua fantasia de São João e apresenta-se com toda satisfação, nos palcos e ruas da festa do “Maior São João do Mundo”, ou ainda, compra um bilhete e embarca no “Trem Ferroviário” que, ao som do forró, o leva para ambientes exóticos.

A festa do “Maior São João do Mundo” é rica em atrações, em entretenimentos, em opções enfim, para o lúdico. Mas é na mesma intensidade, um ambiente no qual as desigualdades sociais se exacerbam. Para participar da festa e de alguma de suas atrações como das quadrilhas juninas, passeios nos trens ou ônibus do forró, até mesmo para sentar-se em uma barraca ao longo dos espaços do Parque do Povo, por exemplo, é necessário o poder aquisitivo para arcar com as despesas que o ato de festejar comporta.

A festa nesses termos, não é um “evento popular”, como propalado pela mídia ou pelos mentores do evento junino, ela é segmentada e estratificada socialmente, mesmo apesar de ser principalmente realizada

---

<sup>143</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, nos dias 16/06/1996 e 04/06/1991, respectivamente.

em um espaço denominado de “Parque do Povo”. Assim, aos menos abastados resta a condição de espectadores do “excêntrico”.

O Parque do Povo é um mercado de ofertas e consumo de produtos, é uma empresa na qual múltiplos interesses ora se confundem, ora se conectam, com discursos e/ou com práticas que transformam em um acontecimento o fenômeno junino.

Neste sentido, há uma apropriação seletiva de espaços e de pessoas, que por sua vez, serve de instrumento de disciplinarização para os atores e as conseqüentes expressões da festa, desde a atração a ser escolhida e apresentada no Parque do Povo até os atores que delas participam.

Outro fato que merece destaque na festa junina de Campina Grande é a apropriação do evento como o momento propício para a construção de perfis políticos. A festa construída nos espaços do Parque do Povo consubstancia-se no lócus privilegiado para a prática política.

O apelo à gestão do evento, é uma luta constante por ocasião da festa. Grupos políticos mutuamente se acusam nos espaços da festa. Nos palcos do Parque do Povo ouvem-se discursos emocionados, na mesma intensidade em que inflamados, são pois, estratégica e taticamente construídos para produzir determinados efeitos.

Uma outra faceta da festa que merece destaque é a de ser um promissor negócio para a economia local. Diversos setores da economia formal e informal, envolvem-se direta ou indiretamente no evento, seja no patrocínio para a realização da festa, seja na participação com a infra-estrutura para receber os turistas que acorrem à cidade durante o mês de junho, como os setores de hotelaria, restaurantes, casas de show e o comércio que assiste a um incremento em suas vendas no período da festa. As práticas políticas e econômicas envolvidas na construção da festa são o tema do próximo capítulo.

## **CAPÍTULO III**

### **A FESTA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA E INVESTIMENTO ECONÔMICO**

#### **3.1. A POLÍTICA NA FESTA**

Um fato recorrente observado na construção e execução da festa junina na cidade de Campina Grande é a participação e a presença dos políticos locais e de seus prepostos, não só em seus espaços, mas em todo um conjunto de produções discursivas que apontam para a disputa da festa como um bem, um instrumento de posse, de apropriação e de reivindicação à gestão do evento. De fato, a construção da festa junina no espaço urbano surge como um excelente campo de busca e concretização por prestígio e poder.

A fabricação da festa junina consubstancia-se, ainda, como um excelente espaço de comunicação dos políticos locais com o povo; os momentos de suas aparições públicas nos espaços da festa do “Maior São João do Mundo”, configuram-se em uma oportunidade de, não só por em confronto a sua audiência e receptividade “popular”, mas, sobretudo, de criar um ambiente propício para a construção de perfis políticos.

Um dos momentos mais esperados pelos políticos locais é, sem dúvida, o dia da abertura oficial da festa junina; momento em que o prefeito toma a palavra, e ao discursar, comumente engrandece a sua cidade e o seu povo pelo majestoso evento que é oferecido aos cidadãos e aos turistas. A festa, nesse momento, transforma-se em uma espécie de palanque para um comício político; é a ocasião por excelência na qual os humores, as sensibilidades estão voltadas para viver a festa. O público, ansioso, espera e aguarda o veredicto final, ou o famoso: “declarado oficialmente aberto ‘O Maior São João do Mundo’ deste ano”. É exatamente nesse momento que, de maneira subliminar e estratégica, o

político passa a sua mensagem de festeiro, de “amigo do povo e da cidade”, de “administrador moderno”, pois, afinal, na sua administração, construiu espetáculo tão rico, popular e alegre; além de não esquecer de destacar a importância do evento como um instrumento de divisas econômicas para o município, para a divulgação da cidade etc.

O espaço da festa configura-se como um importante ambiente de comunicação e passa a ser amplamente utilizado pelos políticos locais como uma maneira de construir seus perfis políticos na conquista da simpatia do público.

Daí que sua presença nos arraiais, por entre as barracas, no palco, discursando, a sua ocupação, enfim, de todos os espaços da festa, é uma prova incontestada de que na festa junina urbana pode-se experimentar uma nova forma de fazer política, desta vez, mediada por um jogo de sedução, de disputas por pertencimentos, de comunicação direta com o público. É sob esse prisma que a política não é mais, como formula Jacques Le Goff,

Um simples estoque de idéias programáticas produzidas pelas “elites conscientes”, pelos partidos nascidos nas crises revolucionárias, e que teria se difundido progressivamente ao conjunto do corpo social por sua própria capacidade de convencer e mobilizar. Para impregnar a vida social a política teve que tornar-se algo diverso de si mesma – seríamos tentados a dizer, mas do que ela mesma: não só um projeto sobre a organização de poder, mas uma maneira de se comunicar com os outros e compreender o mundo.<sup>144</sup>

A política, assim, nos “tempos da sociedade do espetáculo”, utiliza amplamente o espaço da festa urbana para estabelecer uma comunicação com o público eleitor e transmitir as suas mensagens, seja deles se aproximando, com todo um conjunto de discursos que apontam para

---

<sup>144</sup>. LE GOFF, 1993, p. 149.

a sua identidade com a festa, reivindicando o seu papel de gestor, seja aproveitando o espaço para criticar os opositores, classificando-os como ante festeiros e até “inimigos do povo”. O espaço da festa junina, enfim, serve também de palco para o acirramento das disputas políticas e para a construção de figuras políticas.

### **3.2. A POLÍTICA MEDIADA PELA FESTA E A CRIAÇÃO DOS MITOS POLÍTICOS**

Durante os anos de existência do chamado “Maior São João do Mundo”, na cidade de Campina Grande, que teve início no ano de 1983, um fato notório pode ser observado, tanto na prática da festa como na consulta aos arquivos dos jornais: a constante lembrança e menção ao pai do evento, Ronaldo José da Cunha Lima. Foi em sua gestão como prefeito da cidade que a festa junina foi idealizada e se transformou em um mega espetáculo, quando, no ano de 1986, ele inaugura o Parque do Povo, local que atualmente congrega a festa.

As menções ao idealizador do “Maior São João do Mundo”, os seus discursos e os usos que irá fazer do evento, demonstram de forma prática, como a festa é um excelente espaço de disputas pelo poder. Por exemplo, a partir do ano de 1984, já se esboçam os primeiros discursos que enaltecem a figura do prefeito como completamente comprometido com a cidade e com o cidadão; a festa é propalada como um presente, uma dádiva do administrador municipal, que, com todo o empenho, envidou os esforços necessários para torná-la uma realidade na cidade, como enuncia o discurso abaixo:

Não bastava apenas o evento. Era preciso usar a criatividade, o amor maior por um acontecimento de domínio popular. Servindo não apenas de lazer, mas especialmente marcante pelos traços históricos. Pelo folclore, por sua beleza de um modo geral que forcem por si só a participação espontânea de todas as pessoas.

A partir do dia 02 de junho, a consagração total, com a pre-

sença de um público incalculável no Parque do Centro Cultural. Durante todo o mês de junho, em todos os bairros havia festas, quadrilhas, todos recebendo o apoio da Prefeitura Municipal. Apesar das dificuldades econômicas do município, Ronaldo Cunha Lima usando novamente a sua inteligência e criatividade na divulgação da promoção, colhia os frutos do trabalho realizado.<sup>145</sup>

A festa, nestes termos, assume um contorno diferente: ela passa a ser a expressão da administração municipal; é o prefeito quem a constrói e a torna uma realidade, um evento sem precedentes na e para a história do município. A matéria acrescenta, também, a atenção que o evento recebeu de entidades, de instituições e de grupos políticos, através do envio de votos de parabéns ao administrador, pela iniciativa e patrocínio da festa:

Enquanto isso, o Gabinete da Prefeitura campinense começava a receber de todas as partes do Brasil, telegramas, cartas, ofícios e outros documentos, numa unanimidade de expressões parabenizando o Prefeito Ronaldo Cunha Lima, pela promoção do Maior São João do Mundo.<sup>146</sup>

Com base nos discursos acima, pode-se afirmar que são construídos os instrumentos políticos para a invenção do evento junino. Ou seja, a festa junina passa a ser o resultado do pioneirismo e criatividade de seu idealizador, o prefeito local; ela é, ainda, produto das peculiaridades do povo campinense, que espera ansioso pela abertura do ciclo junino, que sabe, como nenhum outro povo, recepcionar o turista etc. A festa, em sua nova acepção, tem um lugar, uma espacialidade definida: a cidade de Campina Grande. A cidade, a partir de então,

---

<sup>145</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1984.

<sup>146</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1984.

passa a ser apresentada como a terra do “Maior São João do Mundo” e o seu povo, como forrozeiro nato, que ocupa os espaços dos arraiais noite adentro, para mostrar ao turista como é que se dança o forró na “terra do forró”.

Com a inauguração do Parque do Povo, ocorrida no ano de 1986, os jornais locais incitam a seguinte indagação: como e por quê surgiu a idéia de construir uma espacialidade para a festa junina na cidade? Segundo relatos da época, houve um que parece ter sido definidor na execução da citada obra: o de marcar a administração de Ronaldo José da Cunha Lima, como expressa, anos depois, o então secretário de Educação e Cultura do Município, ao ser indagado sobre quem teve a idéia de arquitetar o Parque do Povo e o seu “Forródromo”. Em entrevista concedida ao Jornal da Paraíba, ele assevera:

O sonho primeiro de ver o São João realizado naquele local foi nosso. Recordo-me que a Secretaria de Educação estava funcionando provisoriamente no Centro Cultural. Da varanda eu olhava para aquele espaço e algo me dizia que era ali que a festa devia ser realizada. Levei a sugestão para o Prefeito e ele concordou. Porém a construção do Forródromo tem outra história... Ronaldo queria marcar sua administração com uma obra monumental. Pesquisas e consultas foram feitas e ele optou por uma realização que pudesse fazer o povo eternamente feliz. Acertou.<sup>147</sup>

A importância que a festa junina vai assumir na cidade e entre os seus habitantes, bem como a sua relação com o seu idealizador, vai materializar-se nos espaços do Parque do Povo.<sup>148</sup> Daí porque não há

---

<sup>147</sup>. Entrevista com o Secretário de Educação e Cultura do Município, Eraldo César, concedida ao Jornal da Paraíba – C. Grande, 14/06/1992.

<sup>148</sup>. Georges Balandier formula que: “no decorrer de sua história toda cidade se enriquece de lugares aos quais pode ser atribuída uma função simbólica, recebida

mais como separar a festa de seu pai, os discursos instituem essa relação de verdadeira simbiose, a ponto de, ano após ano, a sua memória, lembrança e presença não serem mais esquecidas.

A sua imagem passa a apresentar-se como uma espécie de fantasmagoria a percorrer os espaços da festa; desde a abertura do evento, quando nos discursos ele é lembrado como o seu pai, até o encerramento do ciclo junino, quando, novamente, ele se apresenta marcado no adeus à festa. No parque vazio e sem festa, resta a sua lembrança nas paredes de blocos de concreto que revestem a pirâmide e duas grandes placas fincadas ao longo do espaço do parque, sinalizam a sua passagem pela administração do município. Em uma dessas placas estão registrados os seguintes versos por ele escrito:

Que esse meu gesto marque  
O nascer de um tempo novo,  
O povo pediu o Parque  
Eu fiz o Parque do Povo.<sup>149</sup>

Ronaldo José da Cunha Lima atinge, assim, o seu objetivo, que não foi somente o de marcar a sua administração – com a construção de uma “obra monumental” – mas, sobretudo, o de não ser esquecido, pois consegue se metamorfosear em festa.<sup>150</sup>

por destinação ou em virtude de algum acontecimento. São os tea-tros onde se apresenta a sociedade “oficial” e, inversamente em que se “manifesta” o protesto popular. A topografia simbólica de uma grande cidade é uma topografia social e política. (...) Certos lugares exprimem o poder e impõem seu ar sagrado melhor do que qualquer explicação”. BALANDIER, 1982, p. 11-12.

<sup>149</sup>. Informação recolhida em Pesquisa de Campo no Parque do Povo.

<sup>150</sup>. Georges Balandier assevera que: “Ao centro das ilusões produzidas pelo poder se encontra a capacidade de escapar aos assaltos do tempo. Tão inevitável como os embaraços naturais ele quer ser fator de continuidade, ele apresenta as provas de sua duração em face dos homens e das gerações que passam, de seus súditos que morrem”. BALANDIER, 1982, p. 10.

Prova de tal fato, ainda no campo da ação política<sup>151</sup> e das estratégias de poder, pode ser mensurado no dia da inauguração do Parque do Povo, em 14 de maio de 1986. Cerca de 10 mil pessoas para lá acorreram e, enquanto fazia uso da palavra, o prefeito, ao dirigir-se ao público, fez uma inusitada pergunta: se devia ou não deixar a Prefeitura – no meio de seu mandato – para se candidatar ao Governo do Estado. Os Jornais noticiaram na época, que o povo aos “gritos” assim se manifestou em resposta à indagação do prefeito: fica, fica, fica. Em seguida, ele transmitiu o seguinte discurso para o público:

Eu devo renunciar a meu mandato de Prefeito. Tenho até meia-noite para me decidir. Mas para atender à vontade do meu povo, fico. Ficarei até o fim governando Campina Grande para bem servi-la. Aqui, no momento histórico da mais alta responsabilidade para minha vida política, para o destino de Campina Grande e da Paraíba, eu repito o que foi dito há muito tempo atrás, uma frase que ficou na história deste País: se Campina Grande pede e se é pela vontade deste povo, eu digo a este povo que fico.<sup>152</sup>

Momento mais que propício para o governante, em plena inauguração do espaço da festa, transformar o evento em uma espécie de “showmício”. Na verdade, a decisão de não mais se candidatar ao Governo do Estado, foi tomada um dia antes, após longas horas de reunião com a cúpula de seu partido – o PMDB – e com aliados políticos, ocasião em que o prefeito decide dar continuidade ao seu mandato. Mas, por tratar-se de um político ousado e confiante de que o carisma

---

<sup>151</sup>. Edgar Morin ensina que: “a ação política é um jogo (...) constantemente defrontado com o problema do erro de percepção, do erro de diagnóstico, do erro de previsão e do erro de comportamento. (...) A ação política, por último, é estratégia, e como toda estratégia necessita de certo segredo e de certa astúcia”. (...). MORIN, 1995, p.152.

<sup>152</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 15/05/1986.

é seu principal trunfo e, principalmente, após ter sido criada na cidade toda uma expectativa em torno da inauguração do Parque do Povo com o seu “Forródromo”, ele resolve “por à prova” o seu poder, a sua popularidade e a sua audiência, diante de uma platéia atenta e de toda a cúpula do PMDB, presente ao evento.

Político astuto, já sabia, obviamente, qual seria a reação do público e, diante de tal receptividade, o prefeito, ao demonstrar o seu poder, sai fortalecido, não só nos limites do Município, mas do Estado e de sua liderança no interior de seu partido.<sup>153</sup>

A repercussão de seu gesto e o desenrolar de todos os acontecimentos ocorridos no dia da inauguração do Parque do Povo foi de tamanha magnitude que provocou, a título de exemplo, na Câmara de Vereadores da cidade, uma proposição, no mínimo, inusitada, por parte de uma vereadora, Maria Barbosa, aliada ao prefeito, de instituir por “Lei Municipal, O DIA DO FICO”. Chega a ser anedótica tal proposta, mas em seu bojo, ela encerra uma evidência concreta: a força política do prefeito.<sup>154</sup>

A partir do ano de 1986 o Jornal da Paraíba começa a circular, durante o mês de junho, com suplementos especiais que tratam exclusivamente da festa junina na cidade e, neste ano, todo o caderno intitulado: “O Folclore Paraibano está de parabéns”, é dedicado à inauguração do Parque do Povo. Nele há um discurso extremamente interessante cha-

---

<sup>153</sup>. Ronaldo José da Cunha Lima é eleito Governador do Estado da Paraíba, no ano de 1990; após o término de seu mandato, concorre em novo pleito e é eleito para o cargo de Senador da República, função que ocupa atualmente. No nível municipal, o seu poder se perpetua pela vitória de seu filho, Cássio Cunha Lima que, aos 24 anos de idade, o substitui na administração municipal no ano de 1989, que por sua vez é sucedido por um aliado político, Félix Araújo Filho no ano de 1993, e é novamente substituído por Cássio Cunha Lima no ano de 1997, que é reeleito ao governo municipal, em primeiro turno, nas eleições de outubro de 2000. Portanto, há pelo menos dezoito anos, o grupo da família Cunha Lima exerce o poder em Campina Grande.

<sup>154</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1986.

mado de “Poesia e Sonho”:

A inauguração, hoje, do Parque do Povo, traz em seu bojo uma simbologia que transcende à própria obra em sua dimensão material. Feliz associação entre a vontade de quem faz e as origens culturais da terra, o Parque com o Forródroto marca definitivamente, o reencontro do Prefeito Ronaldo Cunha Lima com o povo de Campina Grande, naquilo que ele tem de mais importante: a sua identidade cultural.

Líder carismático, Ronaldo soube aproveitar bem os anseios da coletividade, que antes de planos mirabolantes, que ace- nem com um futuro nebuloso, quer um pouco de pedra e cal na concretização de suas quimeras.

De parabéns Campina Grande. De parabéns o Prefeito Cunha Lima, que com sua alma de poeta faz transbordar o coração dos campinenses, na alegria da festa que nos toca mais de perto. Feliz o povo que ainda pode sonhar. Abençoado o governante que pode proporcionar aos seus concidadãos, além de obras materiais, o lirismo e o sonho.<sup>155</sup>

Este discurso institui um sentido interessante para a construção do perfil político de Ronaldo José da Cunha Lima; ele não é o administrador que cria o espaço para a festa, ele é o poeta que clama pelos “anseios do povo campinense” e pela emoção de sua festa maior – a festa junina – que se deixando levar pela sensibilidade, transforma ar- mações de concreto em sonho.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1986. suplemento especial com o título: “O Folclore Paraibano está de Parabéns”.

<sup>156</sup>. Convém acrescentar que Ronaldo José da Cunha Lima foi candidato à Prefeitura do Município de Campina Grande no ano de 1969, eleito, só consegue governar por 38 dias tendo o seu mandato cassado; em seu lugar, assume o interventor Manoel Paz de Lima seguido por Luís Motta Filho. Muda-se para o Rio de Janeiro e só retorna à cidade para se candidatar novamente à Prefeitura do Município, no

A festa, neste sentido, serve para a legitimação de perfis políticos a partir de construções imagéticas e discursivas tais como: “é a sensibilidade de poeta que se une à sensibilidade do povo festeiro”; o “sonho” se concretiza porque, por uma “feliz coincidência”, o “poeta” também administra a cidade; ele não entrega aos campinenses uma “obra”, mas a possibilidade de um “sonho” de poder festejar as suas datas mais importantes, particularmente, a festa junina.<sup>157</sup>

Um outro fato que merece destaque ocorrido no ano de 1987, na véspera do dia de São João (23), foi à soltura de dezenas de balões no Parque do Povo, mas com uma peculiaridade: eles continham as iniciais do prefeito local:

Por volta das 22 horas, os céus de Campina Grande se vestiram de um colorido mágico, quando se iniciou o “show pirotécnico”. Ao mesmo tempo, dezenas de balões foram soltos na imensidão da cidade, os quais traziam a inicial do nome do Prefeito (R).<sup>158</sup>

A criatividade do prefeito-poeta em se metamorfosear em festa não tem limites; os balões trazendo as suas iniciais servem de lembrança e mensagem simbólica ao povo de que aquela festa tem um dono, um idealizador, um pai.

---

pleito de novembro de 1982. Por isso, na citação acima, há a afirmação de que a inauguração do Parque do Povo marca o reencontro do prefeito com o povo de Campina Grande.

<sup>157</sup>. Georges Balandier defende que é “o mito do herói que acentua com mais frequência a teatralidade política. (...) Ele é reconhecido em virtude de sua força dramática. Dela deriva sua qualidade e não do nascimento ou da formação recebida. Ele aparece, age, provoca a adesão, recebe o poder. A surpresa, a ação, e o sucesso são as três leis do drama que lhe dão existência. Ele deve ainda respeitá-los na condução do governo, manter-se no próprio papel, mostrar que a sorte permanece sua aliada contra todos”. BALANDIER, 1982, p. 07.

<sup>158</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 26/06/1987.

A escolha do balão junino para marcar a presença do referido político, não é sem conseqüência; o balão – um dos emblemas e sinais da festa junina – é utilizado exatamente para provocar uma simbiose da figura do político a um ícone da festa, a tal ponto que, como produto de construções imagéticas e discursivas, ele passa a ser representado igualmente, como elemento constitutivo e instituinte da festa.

No ano seguinte, em 1989, há uma questão crucial para ser resolvida pelo prefeito Ronaldo José da Cunha Lima: que nome escolher para sucedê-lo na administração municipal, nas eleições do mês de novembro do corrente ano. E, não por coincidência, ele escolhe o nome de seu próprio filho, Cássio Rodrigues da Cunha Lima, na época, exercendo o mandato de Deputado Federal. E não menos sem coincidência, ele escolhe exatamente o espaço de realização da festa do “Maior São João do Mundo” para lançar a candidatura de seu filho – na oportunidade em que no Parque do Povo ocorria o encerramento oficial do festejo junino no referido ano. Ao discursar para o público presente – cerca de 50 mil pessoas – o prefeito, como de praxe, agradece ao povo, aos patrocinadores e aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso da festa e assumindo a paternidade do evento, formula astutamente:

Essa festa eu criei como se cria um filho, pequeno crescendo e jogando-o ao mundo. E só um filho poderia prossegui-la no Maior São João do Mundo. Por isso, entrego Cássio ao próprio destino de Campina Grande.<sup>159</sup>

Cássio Rodrigues da Cunha Lima após a fala do pai, estrategicamente acrescenta:

Haverei de palmilhar os caminhos de Campina Grande, iniciados por Ronaldo Cunha Lima (...) E com o vosso apoio e vos-

---

<sup>159</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

sa confiança, oferecer minha juventude e idéias, para que Campina permaneça com o encontro marcado para o futuro.<sup>160</sup>

Dando continuidade ao jogo de sedução numa noite de melancolia em que os festeiros se despediam de sua “festa maior”, Raimundo Lira, o então Senador da República e aliado do prefeito, toma a palavra, afirmando que: “a cidade terá a grande satisfação de ver um grande filho suceder um grande pai”.<sup>161</sup>

Aproveita ainda o Senador o momento de euforia política para “alfinetar” os seus adversários políticos que, segundo ele, “pretendem acabar com o São João de Campina”. Neste sentido, formula enfático: “esta festa está assegurada, pelo menos até 1992”,<sup>162</sup> exatamente o período de mandato do sucessor de Ronaldo José da Cunha Lima que, como previsto, foi Cássio Rodrigues da Cunha Lima.

Ao formular que a oposição é contrária à festa, o Senador de maneira estratégica, cria uma espécie de “estado de terror” junto à população de que a festa do “Maior São João do Mundo”, “tão caprichosamente criada por Ronaldo”, corre o risco de ser extinta, caso a Prefeitura chegue a mãos erradas. A festa, além de servir de instrumento e dispositivo de legitimação, é também, moeda política; assim, para que ela não desapareça, é preciso um “guardião” e ninguém melhor que o próprio filho do “pai da festa”, para protegê-la de seus “algozes” e

---

<sup>160</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

<sup>161</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988. O poder investido nestas três últimas falas pode ser evidenciado tomando de empréstimo as palavras de Georges Balandier: “Sua pregação transforma o imaginário em presença. (...) A mecânica empregada para produzir efeitos é a máquina oratória. O poder adquirido é teatral na aceção mais imediata do termo. Nasce de uma voz, no sentido lírico do termo. É uma “ditadura da voz”. É com este desempenho que o imaginário e a ideologia se tornam ilusões realizadas.(...) O grande ator político comanda o real através do imaginário. Ele pode, aliás, manter-se em uma ou outra destas cenas, separá-las, governar e produzir um espetáculo”. BALANDIER, 1982, p. 06.

<sup>162</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

“desafetos”. Esse discurso e outros irão permear a campanha política do candidato do prefeito, de tal maneira que será comum o enunciado de que “é necessário que Cássio ganhe as eleições para que o São João de Campina Grande não desapareça”; portanto, uma das estratégias de perpetuação de poder amplamente utilizado pelo grupo político dos “Cunha Lima” é exatamente a apropriação da festa, tomando para si a autoria e, sobretudo, a proteção do evento.

Com o intento de apoiar a candidatura de Cássio e encerrar os discursos, toma a palavra o presidente da Câmara de Vereadores, Félix Araújo Filho, que, buscando incitar o público a também se manifestar favoravelmente ao seu candidato, assevera:

Cássio, olhe como o povo lhe ama, ama! E você, que ama tanto esse povo, sobe nesse mesmo balão para as alturas maiores, na Prefeitura de Campina Grande.<sup>163</sup>

E a suposta festa de encerramento do festejo junino transforma-se em uma festa de lançamento do candidato Cássio Rodrigues da Cunha Lima à Prefeitura do Município:

Carregados nos braços da população, o Prefeito Ronaldo Cunha Lima e o deputado Cássio Cunha Lima foram retirados do palanque, num encerramento de uma festa com gosto de comício.<sup>164</sup>

A apropriação da festa junina em Campina Grande pelos políticos locais é tão destacada que um dos vereadores da Câmara Municipal, Aristóteles Agra, no ano de 1988, chega à estapafúrdia idéia de

---

<sup>163</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988. Não é à toa, pois, que “todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos, entre os quais os que se comparam às ilusões criadas pelas ilusões do teatro”. BALANDIER, 1982, p. 06.

<sup>164</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 12/07/1988.

propor um projeto que sugere a utilização de trajes típicos pelos parlamentares durante as sessões na Câmara por ocasião da festa junina:

O Presidente da Câmara Municipal de Campina Grande, vereador Lindaci Medeiros, rechaçou com veemência o projeto de resolução do vereador Aristóteles Agra, que sugere a utilização de trajes típicos por parte dos vereadores, durante as sessões realizadas no mês de junho, quando acontece O Maior São João do Mundo. Logo que a proposta foi registrada no expediente da Casa, Lindaci ordenou que fosse dado um parecer contrário por intermédio da Mesa Diretora. Mesmo assim, o projeto terá que ser votado em plenário.

A grande indagação da maioria dos parlamentares, era se, no período natalino e carnavalesco, seriam impingidos, de conformidade com o raciocínio do autor da proposta, a se fantasiarem de Papai Noel e palhaço, respectivamente.<sup>165</sup>

Como já salientado, o momento preferencial para o jogo da política é, particularmente, o dia de abertura oficial do festejo junino na cidade, oportunidade em que os políticos locais testam o seu prestígio junto à população. Por exemplo, no ano de 1989, o prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima concede inicialmente a palavra ao presidente da Paraíba Turismo – PBTur, que assevera:

O meu incentivo à realização desse evento é de todo coração, o fiz, porque tive a certeza de que o Prefeito Cássio Cunha Lima garantiria a grandeza da festa do Maior São João do Mundo. O Maior São João do Mundo fez ressurgir no peito dos campinenses, o amor pelas raízes, suas tradições, seus costumes. É uma linda festa.<sup>166</sup>

---

165. Jornal da Paraíba – C. Grande, 13/05/1989.

166. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1989.

Em seguida, toma a palavra o gerente do Banco Itaú – uma das principais empresas patrocinadoras do evento neste ano – que, após os elogios à organização da festa, entrega ao ex-prefeito Ronaldo José da Cunha Lima, uma placa em homenagem ao “idealizador e incentivador” do “Maior São João do Mundo”.

Para responder a homenagem recebida, Ronaldo José da Cunha Lima profere as seguintes palavras:

Minha Campina Grande, eu recebo esta homenagem com o coração cheio de emoções, emoções estas derramadas no meio das ruas e que, agora, estão sendo renovadas.(...) Ainda bem que esta festa se amplia em Campina Grande. Eu cuidei do Maior São João do Mundo como quem cuida de um filho e, agora, o meu filho passa a cuidar do Maior São João do Mundo. Neste momento de tamanha importância, registro a minha emoção, que não tem dimensão.<sup>167</sup>

Por fim, discursa Cássio Rodrigues da Cunha Lima, que, seguindo o estilo “emocionado” do pai, busca seduzir o público bem como aproveita o momento para dirigir críticas aos seus opositores como forma de construir a sua própria “figura política”:

Ao realizar essa festa, sinto-me um herói, porque muitos foram os que disseram que o Maior São João do Mundo havia se acabado, pequenos grupos que se dizem amigos de Campina, mas que na realidade, trabalham contra o progresso da cidade. Aqui está o evento, tenho a certeza que o êxito será alcançado e que a festa jamais desaparecerá. (...) Esse São João, me permitam o desabafo campinenses, é o São João do cala-boca daqueles que diziam que ele iria acabar. Aí está a beleza desta multidão na praça pública, a beleza do povo que faz a festa. Esta festa não é de ninguém, é do povo de

---

<sup>167</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1989.

Campina, é desta cidade, e ela jamais haverá de desaparecer, porque ela está enraizada no nosso coração.<sup>168</sup>

Pode-se afirmar que a principal finalidade da administração de Cássio Rodrigues da Cunha Lima é a de instituir na cidade o turismo de eventos, enquanto principal atividade e “vocação natural” do Município. Desta feita, no ano de 1990, além da realização do “Maior São João do Mundo”, um outro evento é construído; trata-se do carnaval fora de época, a “Micarande” – evento que posteriormente, “vai virar mania” no País, a exemplo do “Fortal”, carnaval fora de época de Fortaleza, no Ceará; do “Carnatal”, em Natal, no Rio Grande do Norte etc. Convém acrescentar que Campina Grande, depois de Feira de Santana, na Bahia, com a sua “Micareta”, foi a primeira cidade a reinventar o evento do carnaval fora de época e, para muitos, segundo os diversos discursos produzidos neste ano, foi o atual prefeito que idealizou a “Micarande”, da mesma maneira que o seu pai, Ronaldo José da Cunha Lima, quando prefeito da cidade, idealizou o “Maior São João do Mundo”.

Assim, ambos marcam sua passagem pela Prefeitura local como construtores de grandes eventos; aparecem como políticos audazes e modernos, que não se resumiram apenas a governar, mas mudaram a mentalidade de como deve ser uma administração voltada para o “desenvolvimento da cidade” e o “engrandecimento de seu povo”. Em seu primeiro ano de existência, a “Micarande” ainda é um evento “tímido”, mas se notabiliza nos anos seguintes como um grande fenômeno turístico. Com duração de quatro dias, sempre durante o mês de abril, este evento também faz parte do calendário turístico da EMBRATUR.

Ainda no mesmo ano, o prefeito, na oportunidade em que abre oficialmente a festa do “Maior São João do Mundo”, usa parte de sua fala para reclamar e denunciar “ao povo” a falta de qualquer apoio do Governo do Estado, particularmente através da PBTur, em ajudar no

---

<sup>168</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1989.

patrocínio da festa na cidade. Segundo ele, tal fato acontece porque o seu partido – PMDB – passa a ser opositor à gestão do então governador, Tarcísio de Miranda Burity, o que se evidencia também nos discursos dos políticos locais, prepostos do grupo “Cunha Lima” e na eleição para o Governo do Estado ocorridas em novembro do mesmo ano, quando Ronaldo José da Cunha Lima candidata-se e é eleito sem o apoio do então governo. Assevera astutamente o prefeito em seu discurso de abertura da festa no Parque do Povo:

Me orgulho dessa festa que já não é mais da Prefeitura e sim do povo paraibano, especialmente os campinenses, que souberam vencer as dificuldades, os obstáculos e mostrar a todos que o São João desta cidade é o único evento da Paraíba incluído no calendário da EMBRATUR. Portanto, a discriminação, por parte do governo do Estado, de nada vai adiantar. Afinal esta não é a primeira vez que ele cruza os braços para o povo de Campina.<sup>169</sup>

A festa, assim, é um grande instrumento político usado pelo prefeito; ao incitar uma posição do povo de repúdio ao governo estadual, que sempre “cruzou os braços para o povo”, ele constrói e institui a sua própria figura política – apesar da festa junina, como já salientado, no ano anterior, ter recebido todo o apoio da PBTur. Não é à toa que a memória de passado dos políticos seja tão curta, hoje se tem um aliado, amanhã este se torna opositor, e não convém trazer à tona tais fatos.

Em 1991, a festa do “Maior São João do Mundo”, ao contrário da do ano anterior, recebe todo o apoio do governo do Estado e da PBTur, uma vez que o então governador é, como já informado, o pai do atual prefeito de Campina Grande. Para tanto, ambos abrem, no palco do Parque do Povo, oficialmente a festa junina. Fazendo uso da palavra, o governador do Estado, dirige-se ao público com o seguinte dis-

---

<sup>169</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1990.

curso:

Neste instante estou revivendo alguns minutos quando assumi a Prefeitura de Campina Grande numa situação muito difícil, não tão grande como a do Estado, que estou vivendo agora. Na época em que idealizei essa festa houve quem não acreditasse, o resultado agora é que ela cresce a cada ano, e aqui estou vivendo a emoção de um governador que declara oficialmente aberto o Maior São João do Mundo, e que em épocas passadas o inaugurou como Prefeito.<sup>170</sup>

Em seguida, o prefeito, mais preocupado em destacar a figura de seu pai, assevera:

Este ano o Maior São João do Mundo tem sabor diferente, já que após uma longa espera, um governador, o próprio que criou a festa, faz a sua abertura oficial.<sup>171</sup>

A mídia cumpre eficazmente o papel de divulgar a figura de Ronaldo José da Cunha Lima como o único e grande pai da festa do “Maior São João do Mundo”. Pois a garantia de sua perpetuação no poder é que ele nem as suas ações e obras, devem ser esquecidos:

Está no ar a fumaça do São João. O pavio do candeeiro, que clareou a fogueira, foi aceso sábado, 1º de junho, a quatro mãos: as de Ronaldo, criador do evento, e as de Cássio, tutor da festa. (...)

A noite era só emoção. No palco principal, inaugurando a versão 91 do Maior São João do Mundo, um homem era mais emoção que os outros: Ronaldo Cunha Lima. Estivera antes ali naquele mesmo local várias vezes. Primeiro inau-

---

<sup>170</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1991.

<sup>171</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1991.

gurando a praça para o povo (Parque do Povo); depois oficializando a festa de 30 dias; mais adiante vendo o filho, que lhe sucedera, abrir os festejos já consagrados pelo povo. Mas à noite de sábado, 1º de junho de 1991, foi diferente. O parque e o povo viam um outro Ronaldo: o Governador da Paraíba. O Ronaldo era o mesmo, mas o povo sentiu-se maior. Por Ronaldo, o parque esteve outro. Agora mais forte, sem medo de boicote. Certo de ser feliz.<sup>172</sup>

Além de pai do evento do “Maior São João do Mundo”, Ronaldo José da Cunha Lima aparece, no discurso acima, como guardião e protetor do povo, agora na condição de autoridade máxima do Estado, apesar de continuar “a mesma pessoa de sempre”. Como que num processo de simbiose, o povo se sente maior dado a grandeza de seu representante mais querido. O próprio parque “agiganta-se” em orgulho por ser “co-autor” de momento tão especial, e tranqüiliza-se, como se fosse um ser vivo, por saber que seus espaços abrigarão ano a ano, o evento que de mais perto o sensibiliza: o “Maior São João do Mundo”, pois, afinal, não faltará apoio do governo estadual, nem tampouco, municipal, na construção anual da festa.

No ano de 1992, a festa que se tornou “tão importante” para a cidade e para o seu povo, prossegue com uma sensibilidade de despedida do governante que “tanto contribuiu” para a sua instituição, tornando possível o destaque da cidade frente ao Estado e até mesmo a região Nordeste. O prefeito que se despede tem, no discurso de seu pai, o respaldo que ajuda a construir a sua figura de “empreendedor”, de “político moderno” e comprometido com a cidade e com o seu povo; tais atributos podem ser evidenciados no discurso abaixo:

Agora o São João é nosso; o São João é da Paraíba, é do Nordeste, é do Brasil; é marca registrada de Campina Gran-

---

<sup>172</sup>. Jornal Folha Junina – C. Grande, Ano III, nº 8, 08 a 22/06/1991.

de, faz parte da sua vida, de sua história. E ninguém, por mais comprometido que esteja com o passado, por mais regresso que possa representar, poderia imaginar em modificar ou tirar o brilho e o prestígio dessa festa, só porque foi feita por nós. (...)

Lembro Cássio, você pregando bandeirinhas nos postes, subindo para trocar uma lâmpada. Nós da equipe, com devotamento, fazendo a decoração no Parque do Povo, ainda sem calçamento, sem asfalto, sem ser Parque do Povo; lá era um mangue, um lamaçal, onde as águas corriam, pois não havia drenagem; não havia absolutamente nada. A partir do segundo São João, a mesma coisa, mas a partir daí, passava a se consolidar, e era essa festa bonita que Cássio ampliou e consolidou em definitivo.<sup>173</sup>

Em seguida, discursa o prefeito já sinalizando para a sua despedida da Prefeitura, com as seguintes palavras:

Este ano, eu vivo um momento de grande emoção porque, afinal de contas, será esse o último São João que eu terei a honra de abri-lo oficialmente como Prefeito. Nesta abertura, que para mim tem gosto de despedida, eu quero renovar, de forma absolutamente sincera, verdadeira, o meu agradecimento ao povo de Campina Grande; a cada um de vocês que durante todos esses anos, nos tem dado confiança, solidariedade, amor, carinho, apoio e, sobretudo, estímulo para que pudéssemos vencer as dificuldades. Lembro-me de quando o Maior São João do Mundo foi criado pelo Prefeito Ronaldo Cunha Lima, ele tinha só um objetivo: oferecer entretenimento, alegria para o povo. Mas o São João de Campina cresceu tanto, que hoje é visto nacionalmente como um dos

---

<sup>173</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, suplemento especial com o título: “O Maior São João do Mundo : En Avainte Tout (todos pra frente) Campina! Explodem Fogos Anunciando 30 Dias de Festa.”, 05/06/1992.

maiores eventos folclóricos e populares do Brasil, representando para a nossa cidade uma forte vocação econômica.<sup>174</sup>

Junto com a despedida da festa, despede-se o prefeito, é o fim de sua administração; mas nem ele nem a festa são esquecidos. Ele, como o pai, seu antecessor na administração do Município, conseguiu se metamorfosear em festa.

No ano de 1993 assume a Prefeitura Municipal Félix Araújo Filho com o apoio do grupo político dos “Cunha Lima”. Em sua gestão, ao modo das administrações anteriores, repete-se a utilização do evento do “Maior São João do Mundo” como um espaço para a construção de sua figura política. No entanto, ele encontra em sua administração, uma oposição que, a todo custo, parece desejar por em confronto o seu governo junto à população local, e, não por coincidência, as crises em torno da disputa pelo poder se agudizam e ganham foros de publicidade, por ocasião da realização da festa junina.

É neste contexto de luta política que o prefeito, com as seguintes e curtas palavras, dirige-se ao público concentrado no Parque do Povo para abrir oficialmente o evento:

São 30 dias; nenhum dia a menos, para que o povo eleve o seu sonho, expanda o seu coração e viva em Campina Grande o Maior São João do Mundo.<sup>175</sup>

Como toda a fala e todo o dito possuem uma multiplicidade de intenções abertas sempre à interpretação, a táticas e a estratégias, não é a toa que o prefeito, neste ano, oficializa a duração da festa por trinta dias e faz questão de destacar em seu discurso, o período de tempo do evento, que costumeiramente já acontecia desde 1983, no período de um mês. O fato é que, no transcurso de montagem e execução do feste-

---

<sup>174</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 06/06/1992.

<sup>175</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 05/06/1993.

jo junino deste ano, grupos políticos opositores ao prefeito sugerem a redução dos dias da festa do “Maior São João do Mundo” de 30 para 15 dias.

Tal sugestão gera uma polêmica e começa a ganhar espaço de discussão no interior da Câmara dos Vereadores da cidade e toma as ruas, as pesquisas de opinião pública, as conversas entre vizinhos. Tudo começa com um requerimento do vereador Assis Costa, do PFL, alegando que, “diante das dificuldades econômicas pelas quais passa o País, e em decorrência do prolongado período de estiagem no Compartimento da Borborema – área geográfica na qual situa-se a cidade – não teria sentido uma festa junina com duração de 30 dias”;<sup>176</sup> daí a proposição de redução do evento para 15 dias.

Vereadores aliados ao prefeito defendem, por sua vez, a exemplo do vereador Fábio Nogueira, a manutenção dos 30 dias de festa, pois “a indústria do turismo atualmente é a única capaz de gerar dinheiro para os pequenos comerciantes”.<sup>177</sup>

As discussões em torno da realização e, principalmente, da duração da festa em Campina Grande assumem neste ano uma audiência tão expressiva a ponto de um jornalista local comparar, com muito bom humor, o período de festa junina na cidade ao regime do Absolutismo na França:

Na época do absolutismo, o rei Luiz XIV, da França, dizia: “O Estado sou eu”. Agora o absolutismo reina nesta cidade. O rei do MILHO, tendo ao seu lado a rainha, puxando uma quadrilha de São João, grita: “Campina Grande sou eu”.<sup>178</sup>

Na verdade, o que se observa na comparação acima é uma crítica ao poder que a festa junina detêm na cidade, seja através dos discurs-

---

<sup>176</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/05/1993.

<sup>177</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/05/1993.

<sup>178</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 20/06/1993.

sos de seus idealizadores, dos políticos locais ou dos setores que direta ou indiretamente encontram-se interessados no evento. Já se defendeu muito, aliás, desde o tempo de Maquiavel, a necessidade do “pão e circo”, como forma de conservar e reproduzir relações sociais, demonstrar poder político e construir perfis políticos, ou mesmo, de suscitar uma espécie de “calmaria social”, servindo a festa como uma espécie de “válvula de escape” no mesmo sentido em que se presta a devolver à sociedade o equilíbrio e a definição clara da hierarquia social. Enfim, seja de que forma for, a festa é um acontecimento na cidade e amplamente utilizado pelos setores políticos para forjar ou destruir reputações de grupos e/ou figuras políticas.

A festa junina, ainda, como já tem sido observado ao longo dessas páginas, é inventada, entre outras motivações, como um excelente palco de disputas políticas que se dão, seja no interior das mesmas, quando políticos e/ou prepostos “testam o seu prestígio” pessoal, seja nos seus bastidores, quando um substancial jogo de interesses e de poder confrontam-se nos mais variados setores das relações sociais, incitando realmente a imaginar e caricaturar a festa como modelo da experiência do absolutismo francês.

Para encerrar de uma vez por todas as “perseguições daqueles que trabalham contra a cidade, pois desejam denegrir a imagem de sucesso e pleno êxito do São João campinense”, o vereador Fábio Nogueira, dois meses após o requerimento do citado vereador, propõe, de maneira tática e estratégica, em sessão ordinária na Câmara de Vereadores, um Projeto de Lei oficializando o festejo junino na cidade. Para ele:

O Maior São João do Mundo engrandece o município do ponto de vista econômico ao aspecto de divulgação, face ao número de visitantes que vem participar das atividades e trazer divisas para o município anualmente. As atividades do São João de Campina Grande sob a denominação de O Maior São João do Mundo, bem como as manifestações artísti-

co-populares que o compõem, constituem-se em evento oficial da cidade com apoio e sob a gestão da Prefeitura Municipal. Deve, ainda, ter os festejos, uma duração mínima de 30 dias, pois eles são tradicionalmente realizados em 30 dias; por isso detemos a hegemonia do São João, que nos gera divisas – deve-se levar em conta que a ‘indústria sem chaminé’ (turismo) é hoje uma das mais ricas fontes de renda do mundo –, sem falar no aspecto artístico-cultural do evento.<sup>179</sup>

nos bastidores do evento, tornam-se públicos neste ano. Novamente, grupos opositores à administração municipal lançam a discussão em torno do perigo eminente de desgaste do “Maior São João do Mundo” como evento turístico; para tanto, é necessário que a festa seja imediatamente revitalizada em vários aspectos, que vão desde a montagem da sua infra-estrutura até a definição de sua programação para que desperte, efetivamente, o interesse do turista em prestigiar o evento. Arlindo Almeida na época, secretário de Indústria, Comércio, Turismo, Ciência e Tecnologia do Estado, por exemplo, é quem incita as críticas à montagem e execução do “Maior São João do Mundo” com o seguinte comentário:

Em relação ao São João eu tenho uma posição muito crítica, porque tenho a impressão que perdeu a qualidade em Campina Grande. Na organização, o próprio Parque do Povo continua a mesma coisa que nós tínhamos no início. Isso é muito ruim, principalmente agora que o São João de Campina Grande é um produto que já alcançou um pico e a tendência é cair. Os estudiosos e entendidos de marketing dizem que no ciclo vital do produto, ele começa a se esgotar no momento em que a concorrência se afirma.

(...) Isso nós já estamos assistindo, porque João Pessoa que nunca teve São João, nunca teve essa tradição, já tem São

---

<sup>179</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 03/07/1993.

João, Recife já tem São João. Então há uma concorrência muito grande. A marca que Campina Grande criou, o evento que Campina Grande criou, isso sim tem um apelo muito forte e trata-se agora dos organizadores procurarem conferir um caráter mais profissional, que é uma coisa que eu tenho reclamado muito.

(...) É a improvisação, é o amadorismo. Aquele Parque do Povo é muito sujo. As barracas mal feitas. Aquilo ali é festa para turista e turista vem gastar dinheiro. Então é conveniente que passe por um processo de depuração, que ele até diminua um pouco em seu período de duração, mas que se confira uma marca de qualidade e, principalmente, de criatividade.<sup>180</sup>

Para responder às acusações de declínio do “Maior São João do Mundo” e de que este estaria cansativo aos “olhos” dos turistas, o Prefeito Félix Araújo Filho formula astutamente:

O São João de Campina Grande não está cansativo. Pelo contrário, o São João de Campina Grande este ano trouxe novas atrações. Particpei vivamente no meio das ruas com a população; o epicentro da festa que é o Parque do Povo, também foi deslocado para a própria cidade do povo, quando a população encheu as ruas, num dos mais belos encontros que meus olhos já viram até hoje.

(...) A população alegre, animada, se confraternizando nas ruas de Campina Grande, superlotando as ruas do centro da cidade, num processo inédito de festividades. Não há porque dizer que o São João está cansativo. Algumas pessoas é que estão cansando por essa força maravilhosa que é o Maior São João do Mundo. Eu, particularmente, não me sinto cansado. Estou muito satisfeito com o São João. Tenho ouvido de turistas de todo o Brasil as mais carinhosas manifesta-

---

<sup>180</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1993.

ções de apreços, de congratulações a essa festa que, sem dúvida nenhuma, é a maior festa popular do mundo.<sup>181</sup>

Enquanto o citado secretário utiliza-se do discurso e linguagem do marketing para atirar farpas à organização e gerenciamento do prefeito na execução do festejo junino, este prefere direcionar o seu discurso para o “estado de espírito” de contentamento do povo – campinenses e turistas – na comemoração de sua festa maior, o São João. Assim, ele prefere responder às críticas fazendo uso do discurso da tradição, da festa como reunião coletiva, fraterna, ao discurso “frio” do marketing que vende e oferece produtos – como se esta não fosse, na verdade, uma das principais finalidades da festa.

No ano de 1994, assessores do prefeito local têm a idéia de estender o gabinete municipal ao Parque do Povo, com a função não somente de despachar, mas, sobretudo, de receber as “autoridades” que vem conhecer e participar da festa. Unir política a festa é uma excelente estratégia utilizada pelo prefeito. O que se busca, ao que tudo indica, é dessacralizar a idéia da política como uma instância separada da sociedade e nada mais propício e promissor para a construção do perfil político do prefeito, que o ambiente da festa, enquanto possibilidade de proximidade com o povo – seus eleitores.

No jogo do “corpo a corpo”, o prefeito passa a visitar diariamente as barracas, a ouvir os festeiros com as suas sugestões para a festa etc. Com tal atitude, ele reproduz a imagem de um governante democrático, sensível aos apelos e reivindicações, na mesma medida em que está aberto a receber elogios e testar a sua popularidade.<sup>182</sup>

A celeuma em torno da duração da festa junina na cidade reaparece no ano seguinte, mais uma vez o vereador Assis Costa – do PFL – apresenta na Câmara de Vereadores o requerimento que sugere a dimi-

---

<sup>181</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 07/07/1993.

<sup>182</sup>. Revista Turismo – Cultura e Lazer – do Jornal A União, Ano I, nº 17, João Pessoa, 23/06/1994. Com o título: “O Maior São João do Mundo Ano Dez”.

nuição do período da festa de 30 para 15 dias:

Desde o ano passado que o vereador Assis Costa sugeriu a redução do calendário do evento para quinze dias. Apesar das divergências que surgiram com a idéia, ele não voltou atrás e no mês passado reapresentou o requerimento, que chegou como uma bomba no seio da sociedade campinense.<sup>183</sup>

A propositura do citado vereador novamente não é aprovada na Câmara de Vereadores, mas provoca uma intensa movimentação na cidade entre grupos e entidades defendendo ou não a redução da festa. Os principais segmentos do comércio, da indústria e da rede hoteleira promovem, pela primeira vez, este ano, uma reunião para avaliar o resultado econômico do “Maior São João do Mundo”. Para estes:

Os festejos necessitam urgentemente de uma renovação, senão vão perder o lugar de destaque para outras realizações nordestinas. Todos concordam, por outro lado, que o São João em Campina Grande deva ter seus dias de realização reduzidos.<sup>184</sup>

Aproveitando-se dos resultados em torno da crise entre a comissão responsável pela montagem do evento e os demais segmentos da sociedade, o vereador Lula Cabral – do PSDB – solicita à Mesa Diretora da Câmara Municipal de Campina Grande a formação de uma comissão para discutir a reestruturação do “Maior São João do Mundo”. Para o vereador:

O maior evento popular da cidade, que envolve os mais di-

---

<sup>183</sup>. Jornal Folha Junina – C. Grande, Ano VII, nº 14, junho/julho de 1995, com o título: Trinta Dias, Outra Vez”. Distribuição Gratuita.

<sup>184</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 16/07/1995.

versos setores necessita ser repensado, sob pena de perder a hegemonia das festas juninas para municípios circunvizinhos e de outros Estados.

A comissão para discutir o São João deve ter a participação de vereadores, de forma suprapartidária e das entidades de classe do município, como a Associação Comercial, Câmara de Diretores Lojistas, Sindicato dos Hoteleiros, empresários das casas de shows e demais entidades que contribuem para o êxito da festa, além da Prefeitura Municipal de Campina Grande, patrocinadora do evento.<sup>185</sup>

O discurso em torno da necessidade de profissionalização da festa, como garantia de sua continuidade, surge como alternativa para combater o desgaste do “Maior São João do Mundo” e proporcionar um novo impulso ao evento. A idéia, portanto, de inovação, surge como a “fórmula mágica” a garantir a perenidade da festa.

Há que se observar também que a festa do “Maior São João do Mundo”, ao passar por um processo de avaliação, traz à tona todo um jogo de interesses envolvendo os mais distintos grupos e instituições da sociedade local, o que demonstra a importância que o evento assumiu na cidade e o seu caráter de empreendimento econômico. Em outras palavras, a festa não é mais restrita aos técnicos da Prefeitura, ela é um produto a ser manipulado, gerenciado e negociado por hoteleiros, comerciantes, empresários etc. Assim, um eventual fracasso da festa significa um prejuízo para vários setores da economia local.

Em 1996, último ano da gestão do prefeito Félix Araújo Filho, as dificuldades para organizar e montar a festa do “Maior São João do Mundo” são iniciadas ainda no mês de maio, momento em que surge toda uma polêmica em torno do lugar para realização da chamada pré-*via* junina, o “Forró na Praça”. Desde o surgimento do evento, no ano de 1988, ele sempre aconteceu – nas quatro sextas-feiras que antecede-

---

<sup>185</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 27/07/1995.

dem a abertura oficial da festa junina na cidade – na praça Clementino Procópio, localizada no centro da cidade.

Neste ano, as Curadorias do Patrimônio Público e do Meio Ambiente, com o apoio da Associação Paraibana da Natureza, resolvem proibir a realização do evento na citada praça, sob a alegação de que a grande movimentação de transeuntes durante o evento, danificaria os canteiros – com a sua vegetação – além do patrimônio público:

O curador do Meio Ambiente, lembra que, a Prefeitura teve um ano para pensar em outro local, no entanto, não o fez. “A Prefeitura deveria ser a primeira a entender que o local não é apropriado ao forró, porque quem vai pagar os prejuízos é o povo, é o contribuinte. Estamos querendo evitar gastos à própria Prefeitura”, comentou o curador.<sup>186</sup>

Por outro lado, a coordenação do projeto “Forró na Praça” não admite de forma alguma que o evento seja realizado em outro local que não o já definido:

O coordenador do projeto Forró na Praça, continua desenvolvendo todos os esforços, no sentido de que as Curadorias revejam a decisão. “Quando elaboramos o projeto foi pensando em oferecer alguma atividade que antecedesse as festas juninas e optamos pela praça por entendermos ser um local propício, onde as pessoas podem se divertir e, ao mesmo tempo, os artistas mostrarem seus trabalhos publicamente”.<sup>187</sup>

Finalmente, depois de muitas conversações, o impasse é resolvido através da proposta apresentada pela Prefeitura de isolar os canteiros da praça, evitando, assim, a deprecação da vegetação do local.

---

<sup>186</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 14/05/1996.

<sup>187</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 14/05/1996.

E, novamente o evento acontece, mas desta feita, com vinte dias de atraso.<sup>188</sup>

No ano de 1997, Cássio Rodrigues da Cunha Lima, ao reassumir a Prefeitura do Município, retoma o discurso da necessidade de implementar o antigo modelo já adotado em sua administração anterior, qual seja: a ação planejada, o profissionalismo e a organização que devem permear a execução da festa junina. Ao discursar no Parque do Povo no dia da abertura da festa, formula:

A realização do São João no primeiro ano de nossa administração, marca o resgate das mais legítimas tradições culturais da região. O São João é uma das mais ricas expressões culturais de todo o Brasil. E este evento que neste momento está sendo aberto, preserva os mesmos ingredientes que garantiram o sucesso da Micarande deste ano: ação planejada, profissionalismo e organização.<sup>189</sup>

Com esta fala, o prefeito endossa o modelo da festa como um espetáculo turístico, cuidadosamente calculado e planejado para se instituir como uma empresa que fabrica um produto: a festa. E para tanto, ele se utiliza dos discursos em torno da tradição, origem e autenticidade das festas juninas no Nordeste, a qual adquire plena materialização, na cidade de Campina Grande, com o evento do “Maior São João do Mundo”. A própria cobertura da mídia corrobora com esta máxima:

Transformar o Parque do Povo num imenso e autêntico arraial era o desafio inicial, hoje materializado, para torná-lo cenário propício ao resgate das mais genuínas manifestações culturais nordestinas. Essa foi à idéia concebida pelo

---

<sup>188</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, nos dias: 15, 19, 23, 24/05/1996.

<sup>189</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1997.

Prefeito Cássio Cunha Lima, que se diz plenamente satisfeito com os resultados ao revelar que o Maior São João do Mundo é hoje, de fato, uma típica festa de São João.<sup>190</sup>

Com a intenção de comprovar o sucesso do evento e, sobretudo, a “popularidade política” do prefeito, neste ano, duas pesquisas foram realizadas; uma, pelo sistema “interativo” da Rede Paraíba de Televisão – que transmite o sinal da Rede Globo – que buscou ouvir a população sobre o nível de aceitação no que diz respeito às mudanças na disposição das barracas e no cenário do Parque do Povo. Como resultado, 72,5% das pessoas que ligaram para responder à pesquisa, foram favoráveis às mudanças no espaço da festa. A outra, uma pesquisa encomendada pela Secretaria de Governo e Coordenação Política a Vox Gentium Pesquisas Sociais Ltda, para auferir os índices de aprovação do “Maior São João do Mundo”, revelou um percentual de 91,4% de satisfação com o evento deste ano, de maneira geral. Foram analisados os resultados de 450 questionários aplicados nos dias 21, 22 e 23 de junho, com turistas de diversas cidades do Brasil e uma amostragem relativa de Campina Grande.<sup>191</sup>

No ano seguinte, mais uma vez a comissão responsável pela montagem e execução da festa encomenda a Vox Gentium – Pesquisas Sociais Ltda, uma pesquisa a ser realizada com turistas e campinenses para detectar o nível de aceitação da festa do “Maior São João do Mundo” – versão 98. Num universo de 298 informantes, acima de 16 anos, 92,1% dos entrevistados “aprovaram em todos os aspectos a realização do Maior São João do Mundo”. Com base nesse resultado, o coordenador executivo do “Maior São João do Mundo”, Fábio Nogueira afirma:

Os resultados da pesquisa reforçam o que já se sabia: o evento

---

<sup>190</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 31/05/1997.

<sup>191</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 05/07/1997.

superou as dificuldades e todas as expectativas para se firmar como um grande sucesso. Até a estimativa de público também foi superada nos dias de auge do evento, a exemplo dos dias 23 e 24, quando o Parque do Povo recebeu cerca de 60 mil pessoas.<sup>192</sup>

A festa junina assim, é, numa primeira análise, a festa da política e dos políticos que inventaram a festa. Os elementos que comumente no discurso folclórico são introduzidos para descrever a festa junina, como os santos de junho – Santo Antônio, São João e São Pedro – as comidas típicas à base de milho, as bandeirinhas, os balões, os fogos de artifício, as fogueiras, o forró e as quadrilhas juninas, por exemplo, entram nos discursos da festa como uma espécie de ingredientes a substanciá-la; mas, na prática, o espaço da festa transforma-se num sedutor jogo político, embora de forma subliminar, já que toda uma produção discursiva em torno do sentimento e sensação de fantasia, introduz o festeiro em um ambiente – arraial – de sonho e desejo; em um lugar mágico, repleto de ícones e signos a serem desvendados pela sensibilidade lúdica e desejante do turista e do cidadão que, às vezes, “atônitos”, vislumbram o enorme cenário de cores, luzes e sons.

Fazer uso da festa transformando-a em um espaço privilegiado para as táticas e estratégias políticas, foi portanto, um dado recorrente observado na construção da festa junina na cidade de Campina Grande. Não é à toa que há todo um processo de identificação simbólica e imaginária da festa com o administrador municipal. Ele faz “questão” de se fazer presente na montagem e execução da festa, constrói todo um discurso que exalta e conclama o povo a “construir e participar” do evento junino que é feito para ele; aparece como o grande idealizador e assistente, ao mesmo tempo em que ouvinte dos “clamores do povo”; ele é seu representante mais legítimo, mais interessado, mais envolvido em trazer e dar ao “seu povo” a alegria da festa.

---

<sup>192</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/07/1998.

Ao ser reinventada como via de poder e de saber, a festa junina institui-se, também, como a festa da política; ela é cada vez mais o ambiente propício para a construção de perfis políticos, é o espaço por excelência para demarcar territórios e espaços políticos.

Sob a proteção da armadura de toda uma construção imagética e discursiva amparada no saber folclórico, que aponta o povo como principal artífice desse evento “popular” e “tradicional”, os políticos fazem a sua festa!

### **3.3. AS RIQUEZAS GERADAS COM A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**

Uma das razões para a realização anual da festa junina é o forte apelo ao incremento da economia local. O mês de junho, com os seus trinta dias de festa, é o momento em que se constata, em todos os setores da economia, um aumento de produção e consumo. A festa, entre outras justificativas, surge como a oportunidade ideal para que todos os setores da economia local, formal ou informal, obtenham ganhos reais utilizando a época do evento.

Na verdade, muitos setores da economia ganham com a festa: comprovadamente o comércio, de vestuário, calçados, alimentos e bebidas, apresenta um aquecimento em suas vendas. O ciclo junino representa para os cidadãos o período de destacada importância na cidade, por isso, as compras de novas peças de roupas e calçados, por exemplo, são quase que uma exigência e necessidade para os consumidores, que desejam, tal como nas festas de fim de ano, usarem roupas novas, principalmente no dia 23 de junho.

Outro setor que é aquecido em sua economia no período junino é o setor de hotelaria. É nesta época que os turistas acorrem à cidade e pacotes turísticos são oferecidos já incluindo as despesas com hospedagem.

Quanto ao setor informal, diversas são as atividades e ofertas de

produtos, desde a comercialização de produtos da culinária junina: pamonha, canjica, bolos, milhos assado e cozido etc, até a venda de adereços e elementos decorativos da festa junina, como balões, bandeirinhas, lanternas, chapéus de palha, indumentárias para as quadrilhas juninas, madeira para armação das fogueiras, fogos de artifício etc.

Ganham ainda, no setor informal, os vendedores ambulantes, que oferecem os seus produtos nos principais pólos de atrações da festa, com uma diversidade de opções que vão desde o amendoim torrado, o algodão doce, a “maçã do amor”, o cachorro-quente, até rosas artificiais, bonecos, bolas, camisas com estampas de propagandas da festa junina da cidade, além dos barraqueiros – que se instalam ao longo do espaço do Parque do Povo para comercializar bebidas e tira gostos – e que, durante o ano, ou desenvolvem uma atividade formal ou encontram-se desempregados.

Enfim, ganham as casas de show, clubes, restaurantes, bares, lanchonetes e músicos, representantes da música de forró, que aproveitam a época junina para apresentar seus trabalhos e vender seus CDs.

Abaixo, um esboço descritivo mais detalhado sobre a reversão do evento junino em moeda econômica em setores como: comércio, hotéis e casas de show.

### **3.3.1. FESTA JUNINA AQUECE O COMÉRCIO**

A cidade de Campina Grande – a segunda maior cidade do interior nordestino – que, particularmente até o final da década de 70, detinha o prestígio de entreposto comercial – de produtos em grosso e a varejo – do interior da Paraíba e até mesmo na região Nordeste, além de pólo industrial, foi paulatinamente perdendo esse status, de tal maneira que o comércio local atualmente pode ser caracterizado como sazonal, observando-se um crescimento apenas nos períodos das festas do carnaval fora de época, “Micarande”, durante a realização do “Maior São João do Mundo” e nas festas de fim de ano; nos outros meses

do ano a crise é contínua. Por isto, a grande expectativa do comércio é a espera pela chegada do período de festas, momento em que se observa uma maior procura pelo setor:<sup>193</sup>

Tendo em vista às vésperas do dia de São João, a venda no comércio de Campina Grande aumentou consideravelmente, Principalmente ontem, quando centenas de pessoas procuraram no comércio local adquirir artigos relacionados com a festa junina.<sup>194</sup>

Em uma outra matéria, é apontado o completo êxito das vendas no comércio, atingindo um recorde até então não observado, exatamente

---

<sup>193</sup>. “Campina Grande fez parte do grande projeto da SUDENE (nos anos 50), cujo objetivo principal era o da integração da Economia do Nordeste à Economia Nacional e o redimensionamento da divisão nacional do trabalho. Para tanto de 1960 a 1970, o número de indústrias e a mão-de-obra no município aumentaram quase 50%, com desdobramentos significativos no setor comercial e de serviços. A década de 80 chega com o fim dos incentivos fiscais da SUDENE, muitas indústrias fecham as portas. Dá-se a diáspora do parque industrial, a transferência de capitais e empresas e um processo geral de desinvestimento, com repercussões negativas no setor comercial e de serviços da cidade. As transformações nas relações de trabalho no campo, aliada a uma série de outros fatores conjunturais, como a seca, fazem engrossar a corrente migratória para Campina Grande, que vai sendo absorvida precariamente, dentro de um quadro geral de desaquecimento da economia e aumento do desemprego, crescimento horizontal da cidade e favelização. É, portanto, nesse período, que vai ganhar destaque o Turismo de Eventos, surgindo como uma das alternativas de geração de emprego e renda, num mercado de trabalho que havia se retraído, tornando-se complexo e complementar. Mas, comércio e serviços neste período sofrem retrações. Segundo dados da Junta Comercial do Estado da Paraíba, o número de estabelecimentos comerciais e de serviços diminuiu entre 1986 a 1992 em 276 estabelecimentos (passaram de 1569 para 1293 estabelecimentos). Apesar disso, o setor comercial da cidade continua a movimentar mais de 10 milhões de dólares por mês e empregar mais de 50% da mão-de-obra da cidade (quase 6.000 pessoas, mas aproximadamente 2.000 sem carteira assinada)”. COSTA, 1999, s/p.

<sup>194</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 22/06/1985.

em decorrência do festejo junino:

Os efeitos da efervescência do Maior São João do Mundo, já podem ser sentidos no comércio campinense. As ruas centrais estão apinhadas e, transitar por elas, se constitui num verdadeiro exercício de paciência. Fazer compras também é difícil e requer muito tempo disponível, pois as lojas estão permanentemente cheias. Os gerentes desses estabelecimentos se confessam satisfeitos com o pique das vendas, mas alguns ainda acreditam que elas irão ficar maiores ainda, daqui a alguns dias. As lojas de tecidos, calçados e confecções estão sofrendo verdadeira invasão de clientes, ávidos em comprar a vestimenta necessária para se divertir nos festejos juninos.<sup>195</sup>

Uma estratégia interessante e comum utilizada pelo comércio é a de decorar as suas vitrines com elementos da festa junina. É raro encontrar uma casa comercial que não esteja decorada com balões, bandeirinhas, lanternas etc. Ao criar o “clima junino” espera-se transformar mercadorias em fetiche da própria festa e o consumidor, uma vez tomado pelo encantamento do cenário, consome, muitas vezes, além do necessário. Algumas casas comerciais chegam a contratar trios de forró, que executam músicas da época junina, complementando o cenário de fantasia e hipnose para o consumo desenfreado. Não só as casas comerciais transformam-se em uma espécie de arraial junino, praticamente toda a cidade se enfeita para esperar a chegada da festa junina:

Campina Grande é realmente um bonito arraial nesta semana de véspera de São João. Há bandeiras balançando o seu colorido em quase todas as praças e avenidas centrais, há balões subindo nos céus a cada noite, há luzes enfeitando as águas do Açude Velho com o calor da fogueira estilizada, há

---

<sup>195</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/06/1986.

até telefones públicos – os populares orelhões – de roupa-nova, meio acaipirados, prestes a integrar as quadri-lhas...

Bancos, colégios, repartições públicas, hospitais, bares e restaurantes, hotéis, casas comerciais e pequenas e médias indústrias, todos vivem o ar do São João, cheiram a fumaça saudável da fogueira e explodem os fogos da alegria e da fartura que chegou.<sup>196</sup>

Como se trata de uma festa junina, as lojas, naturalmente, diversificam seus produtos e optam por artigos que fazem menção à época. Desta maneira, o comércio fica tomado por indumentárias de decoração e vestuário que fazem referência à festa junina. O comércio, neste sentido, colabora para instituição da festa como uma “festa matuta”:

O comércio campinense envolvido pelo clima do Maior São João do Mundo, já tratou de colocar nas prateleiras das lojas artigos característicos do período e os resultados registrados nestes últimos dias vem surpreendendo os empresários do ramo, que já estão contando com uma previsão de vendas recordes para este ano. A diversidade de artigos pode ser vista em toda extensão do comércio local, onde são encontrados tecidos quadriculados e com estampas caipiras, camisas já confeccionadas ao estilo junino, além de chapéus, lenços, enfim, todos os apetrechos para se vestir tradicionalmente para os festejos. Por outro lado, está aquecida também a procura por artigos ornamentais, a exemplo de bandeirolas, lanternas coloridas, balões, entre outros produtos tradicionais das festas caipiras. As panificadoras intensificaram as suas produções de comidas típicas.<sup>197</sup>

---

<sup>196</sup>. Jornal Folha Junina, Ano I, n° 3, Campina Grande, 16 a 22/06/1989. Distribuição Gratuita.

<sup>197</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 19/05/1989. Em recente pesquisa realizada pela Interplan – Planejamento e Pesquisa Ltda, foi averiguado que o aumento médio de faturamento das empresas do setor comercial e de serviços de Campina Grande,

Aproveitando-se do período junino, o setor informal da economia local também auferir seus lucros durante o mês de junho. Ao longo do centro comercial, várias bancas de camelôs são montadas para venda de vestidos “matutos”, chapéus e, outras, para venda de produtos decorativos, como balões, bandeirinhas e lanternas:

Balões, bandeirolas, chapéus e vestidos. A tradição junina faz com que todos esses e outros produtos típicos da época sejam comercializados por toda a cidade de Campina Grande. O comércio sazonal garante a algumas pessoas uma renda extra durante os trinta dias de festa, em que casas são ornamentadas como arraiais e as pessoas fazem questão de se mostrarem “matutas” com o vestido de chita ou camisa de xadrez e o chapéu de palha.<sup>198</sup>

Além dos camelôs, ganham igualmente com o evento, os que montam barracas para a comercialização de fogos de artifício, os que vendem madeira para a montagem de fogueiras e os vendedores de milho, nas feiras espalhadas pela cidade. Estima-se que, por exemplo, para montar a estrutura da festa junina em Campina Grande, cerca de 800 empregos temporários são criados: montadores das barracas, carregadores, vigias etc, e que durante os trinta dias de realização do evento, são criados, pelo menos, 1.500 empregos, só nas dependências do Parque do Povo, para as atividades de barraqueiros e vendedores ambulantes. Toda a área circunscrita ao Parque do Povo é ocupada por barracas de camelôs que comercializam os mais variados produtos. E é exatamente no período da festa do “Maior São João do Mundo” que é possível mensurar o nível de desemprego que assola a cidade, pois são

---

durante a realização do festejo junino, fica em torno de 24%. Enquanto que 35% do setor de vestuário/calçados contratam novos funcionários. COSTA, 1999, s/p.

<sup>198</sup>. Ver Diário da Borborema – C. Grande, 06/06/1999.

diversos os pontos de vendas concentrados neste espaço, o que caracteriza um crescente aumento do comércio informal e temporário.

Um outro setor da economia que obtém lucro certo é o de bebidas. Há, inclusive, um interesse constante das empresas em patrocinar o evento, uma vez que conseguem a exclusividade de comercialização do produto no espaço da festa e, conseqüentemente, maximizam os ganhos. Este fato desagrada ao consumidor, pois fica sem opção para escolher a sua marca preferida de bebida, uma vez que os barraqueiros, por exemplo, são proibidos de oferecer outra marca que não a do patrocinador do evento.

A única alternativa para o consumidor é servir-se da bebida oferecida, para poder, inclusive, ocupar uma mesa da barraca, ou escolher sua marca de preferência, comprando-a a um vendedor ambulante, que percorre os espaços da festa transportando seu isopor. No entanto, com tal opção, o consumidor perde o direito de abrigar-se em qualquer barraca, pois para nela acomodar-se, a regra é consumir.

Os símbolos, ícones e signos da festa junina são amplamente utilizados pelo marketing na apresentação dos mais variados produtos. Comumente, junto à utilização de tais elementos, acrescentam-se as menções de elogios ao evento junino. Exemplos disto são as propagandas das Empresas do Grupo São Braz – que fabrica café, massa de milho e colorau; Vepel e Cavesa – Concessionárias de automóveis; Kadiscos – loja de CDs e Meggashop – loja de vestuário, respectivamente:

Nossa cidade está preparada, mais uma vez, para fazer o melhor São João do Mundo. A safra foi ótima, o clima está para muita festa e a esperança de um ano ainda melhor está em todos os corações campinenses.

O milho é o nosso trigo. Que nos dá o cuscuz de cada dia. Por isso, aqui na terra da São Braz, São João é sempre bem recebido.

A Vepel faz a festa e realiza a maior promoção do mundo. A fogueira está queimando os preços de toda a linha Ford OKm. Aproveite!

Visite o arraial da CAVESA e faça um negócio de cumpade. É que além de aceitar Carta de Crédito de qualquer consórcio a CAVESA ainda lhe dá R\$ 1.200,00 a mais no valor de sua carta para facilitar a compra do seu carro ou deixá-lo nos trinque. Melhor do que isso, só pamonha com queijo de coalho.

O point Kadiscos no Maior São João do Mundo vendem pelo menor preço do mundo.

Ofertas juninas Meggashop. Cai, cai balão. Porque o preço já caiu.<sup>199</sup>

Além do recurso publicitário de apresentação de produtos comerciais utilizando emblemas e mensagens sobre a festa junina, outra iniciativa da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL – é a realização anual de “Concursos de Vitrines” com motivos juninos, somados ao estímulo ao uso de “trajes típicos” por parte de seus funcionários, com a finalidade de incrementar as vendas durante o período junino:

Como Campina Grande promove no mês de junho o Maior São João do Mundo, a CDL não poderia deixar de estruturar uma promoção para movimentar o comércio durante o período. Para tanto, a entidade está com inscrições abertas para os Concursos Juninos, que oferecerão prêmios em dinheiro e troféus para os estabelecimentos que apresentarem a me-

---

<sup>199</sup>. Encarte especial do Jornal da Paraíba – C. Grande, 01/06/1991, com o título: “Campina Grande abraça o Brasil para o Maior São João do Mundo”; Jornal da Paraíba nos dias 14, 15, 18 e 20/06/1999, respectivamente.

lhor decoração. A comissão irá observar o caráter matuto do funcionário, abrangendo as dependências das empresas inscritas, além de vitrines. O objetivo da promoção é estimular estabelecimentos (lojas comerciais, bancos, restaurantes e hotéis) a apresentarem-se condignamente revestidas em caráter tipicamente matuto, considerando a posição de Campina Grande: realizar o Maior São João do Mundo; estreitar os laços de amizade entre a classe lojista campinense, bem como fazer com que estabelecimentos se apresentem com maior brilhantismo aos olhos dos cidadãos campinenses e aos inúmeros turistas que visitam Campina Grande durante os festejos juninos.<sup>200</sup>

Uma atração inédita, no ano de 1999, durante o período de festa junina na cidade foi à realização do chamado “1º Forró na Maciel Pinheiro”. Esse evento foi uma iniciativa do CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas e da Prefeitura Municipal, com a intenção de levar o forró para uma das principais ruas de comércio da cidade, buscando promover um aquecimento nas vendas. O evento aconteceu nas sextas-feiras durante o mês de junho, com início às 17 e término às 20 horas.

Para realizar o “1º Forró na Maciel Pinheiro”, a Prefeitura inonou um palco para a apresentação de grupos musicais e isolou parte da avenida para o tráfego de veículos; em contrapartida, as lojas comerciais trabalharam com todo um marketing de promoção de seus produtos, com o objetivo de aumentar as vendas utilizando-se da festa junina do “Maior São João do Mundo” como uma maneira de maximizar seus lucros.<sup>201</sup>

Assim, o comércio local aproveita a realização da festa junina para incrementar suas vendas, no mesmo sentido em que ajuda a instituí-la como um fenômeno natural e importante na cidade. Em outras palavras, o comércio tanto propala os elementos instituintes da festa,

---

<sup>200</sup>, *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 24/05/1998.

<sup>201</sup>, *Diário da Borborema – C. Grande*, 10/06/1999.

como deles faz uso, não só divulgando seus produtos, mas também ressignificando o evento como uma forte e poderosa moeda econômica.

### 3.3.2. FESTA JUNINA ESGOTA RESERVAS NOS HOTÉIS

A grande expectativa da rede hoteleira é pelo início do mês de junho e a conseqüente chegada dos turistas que desembarcam na cidade para participarem da festa junina.

Tal ansiedade tem sua razão de ser; é justamente neste período que há um aumento substancial no número de hóspedes, fato que não se observa no decorrer do ano. Campina Grande transforma-se em cidade turística apenas no período de realização de seus dois principais eventos: a “Micarande” e o “Maior São João do Mundo”. Passadas as citadas festas, não há nenhum outro fato de tamanha atração que chegue a esgotar completamente as vagas disponíveis na rede hoteleira.<sup>202</sup>

Neste sentido, durante todo o período de trinta dias de festa, os hotéis, além das empresas de turismo, oferecem pacotes, os mais variados possíveis, quanto ao número de diárias e quanto ao tipo de serviços, com a finalidade de atrair o maior número possível de turistas. A prática tem demonstrado que, desde o surgimento do “Maior São João do Mundo” na cidade, no ano de 1983, em alguns poucos anos os hotéis não tiveram suas reservas esgotadas.<sup>203</sup> A festa proporciona e cria o que pode ser denominado de um circuito de turismo junino:

---

<sup>202</sup>. Outros eventos turísticos acontecem na cidade ao longo do ano, tais como: a “Feira Campina Mostra Negócio”, a “Feira de Tecnologia”, o “Festival de Inverno”, o “Encontro para Nova Consciência”, o “Congresso de Violeiros” e as “Vaquejadas no Parque Maria da Luz e no Parque Ivandro Cunha Lima”, mas nenhum destes, recebe um número tão expressivo de turistas como durante a realização da “Micarande” e do “Maior São João do Mundo”.

<sup>203</sup>. Uma das maneiras de mensurar a importância do evento do Maior São João do Mundo é observar o aumento no número de hotéis que foram sendo inaugurados

Apesar da grande procura de vagas na rede hoteleira por turistas de todo país, todos os hotéis campinenses já estão com 100% de suas reservas feitas para o Maior São João do Mundo. Os Hotéis Ouro Branco, Magestic, Serrano e Rique Palace Hotel, desde o final do mês de maio estão com suas reservas completamente lotadas. Muitos turistas continuam telefonando para estes hotéis, na esperança de conseguir uma reserva, mas é em vão, devido às reservas terem sido feitas com antecipação.<sup>204</sup>

Atualmente a cidade de Campina Grande conta com uma estrutura hoteleira ainda deficiente para receber os turistas que para a cidade se dirigem durante o mês de junho; são apenas 19 hotéis, perfazendo um total de 800 leitos; e como acontece deste número não ser suficiente para acomodar a todos os que buscam participar da festa junina, a opção criada pela Prefeitura, junto a Codemtur – Coordenadoria de Turismo do Município – desde o ano de 1987, foi a instauração do programa denominado de “Hospedagem Alternativa”. Ou seja, o turista tem a opção de alugar algum imóvel – casas ou apartamentos – cadastrados pela Prefeitura Municipal. Esta alternativa de hospedagem dos turistas já se transformou em prática durante o mês de junho e todos os anos observa-se uma grande procura por esta possibilidade de acomodação.

Para dar uma idéia do número de imóveis cadastrados para o

---

na cidade: “até o ano de 1983, quando foi criado o Maior São João do Mundo, Campina Grande só dispunha de seis hotéis: Belfran, Magestic, Ouro Branco, Serrano, Rique e Marajó, que abrigavam apenas cerca de 10 por cento dos turistas que convergiam para Campina durante o mês de junho. Hoje temos mais oito novos hotéis, que surgiram nos últimos cinco anos: Charret, Ellus, Futurama, Vale do Jatobá, Gandhi, Max Center, Recife e São Lucas, todos modestos, mas que são uma decorrência natural do evento”. E de 1989 até o ano de 1999, mais cinco hotéis foram construídos na cidade. *Jornal Folha Junina*, Ano II, nº 7, Campina Grande, 22/06/1990. Distribuição Gratuita.

<sup>204</sup>. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 21/06/1985.

programa de “Hospedagem Alternativa”, só no ano de 1999 110 imóveis foram colocados à disposição, entre casas e apartamentos, sendo a maioria localizados no centro da cidade e em bairros mais próximos da concentração da festa junina.<sup>205</sup>

Assim, investir no modelo dos grandes eventos promovidos na cidade com toda uma estrutura de marketing publicitário é a estratégia utilizada pela rede hoteleira para auferir seus lucros. E, até o momento, o retorno do investimento tem sido propício para os setores de hotelaria, quando centenas de turistas chegam à cidade para conhecerem e participarem de sua festa.

### **3.3.3. A PARTICIPAÇÃO DAS INICIATIVAS PÚBLICA E PRIVADA NA FESTA JUNINA**

Um fato recorrente na montagem e execução da festa junina no espaço urbano é a participação da iniciativa privada no patrocínio do evento. A introdução do capital privado na construção da festa é um fato recente na história do festejo junino em Campina Grande. Até o final da década de 70, era quase inexistente qualquer apoio a sua realização. É só a partir da década de 80, e com a instituição do evento junino como um espetáculo turístico, que as empresas passam a participar efetivamente da festa.

Para tornar possível o projeto junino, os organizadores da festa saem à “caça” de patrocinadores; apresentam o produto – a festa do “Maior São João do Mundo” – buscando demonstrar como o Parque do Povo se constitui em um privilegiado espaço para divulgação seja de que produto for.<sup>206</sup>

Além do patrocínio da iniciativa privada, instituições e órgãos

---

<sup>205</sup>. Diário da Borborema – C. Grande, 23/06/1999.

<sup>206</sup>. O patrocínio das festas juninas na cidade de Campina Grande adquire uma expressividade cada vez mais evidente. A título de exemplo, no ano de 1984 o Banco Itaú e a Empresa do Grupo São Braz despontam como os grandes patrocini-

públicos vão paulatinamente inserindo-se na ajuda financeira à festa junina. Para montar o evento, além da Prefeitura Municipal, despontam como patrocinadores a EMBRATUR, o Ministério da Cultura e a Secretaria de Turismo do Estado e do Município. Os custos totais para montar a festa correspondem a um valor aproximado a cada ano de realização do evento; por exemplo, no ano de 1999, a estimativa de gastos para construir a festa em Campina Grande foi de R\$ 1 milhão de reais.<sup>207</sup>

Não é só a Prefeitura Municipal que descobre a “mina de ouro” em que podem vir a se transformar as festas de São João em sua acepção de “festa de produção”; empresários locais, logo cedo despertam também para as potencialidades da festa e sua conseqüente possibilidade de serem revertidas em uma nova fonte de renda.

Neste sentido, o investimento em torno da construção de espaços para abrigar mega shows começa a ser introduzido na geografia urbana da cidade. Para tanto, a grande novidade do festejo junino no ano de 1981 é a inauguração da primeira casa de show da cidade: o “Vale do Jatobá”, localizada no Sítio Covão, no município de Lagoa Seca, distante 5 Km de Campina Grande, com uma área coberta de 6.120 metros quadrados e capacidade para receber 15 mil pessoas. O espaço oferece ainda, dois palcos, seis camarotes, além de um amplo serviço de bar e estacionamento. A inauguração do “Vale do Jatobá”

---

nadores do evento; no ano de 1985 aumentam o número de patrocinadores, além dos acima citados, acrescentam-se: o Café Aurora, o Açúcar Ouro Branco e Paraquar; em 1986 patrocinam a festa as empresas: São Braz, Brahma, Antarctica e Coca-cola; em 1994 o destaque é para as empresas: Dorianas, Havaianas, Brahma, Antarctica, Refinações de Milho do Brasil, Vitamilho, Canjiquinha, Aguardente Caranguejo e Banco do Brasil; em 1995 patrocinam o evento as empresas: Havaianas, Antarctica, Coca-cola, Ron Montilla, Caranguejo e o Banco do Brasil; em 1998 são divulgadas como patrocinadoras oficiais do evento as empresas: Havaianas, Brahma, Vitamilho, o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste e em 1999 patrocinam o evento as empresas: Brahma, Caranguejo, TIM e Banco do Brasil.

<sup>207</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 10/06/1999.

provoca uma expectativa muito positiva entre os campinenses para comemorarem a festa do ciclo junino na cidade.

No ano de 1985 é inaugurada mais uma casa de show, o “Forrock”,<sup>208</sup> com um espaço de 5 mil metros quadrados, na época, considerada como “a maior casa de show do Nordeste”, com capacidade para receber até 10 mil pessoas. Trata-se de um importante empreendimento econômico e a sua inauguração, no dia 01 de junho de 1985, provoca um aumento expressivo de turistas na cidade ao longo de todo o período junino – o “Forrock” fecha as suas portas no ano de 1991.

Dois anos depois, no dia 19 de junho de 1987, mais uma casa de show é inaugurada em Campina Grande, o “Spazzio”. Maior que o “Forrock”, o “Spazzio” possui uma área de 8 mil e 300 metros quadrados, com 900 metros quadrados de dancing, área de 700 mesas para o grande público, 400 mesas reservadas (pagas) divididas em duas plataformas, além de 18 camarotes e dois palcos e um estacionamento com capacidade para abrigar até 10 mil automóveis.<sup>209</sup>

Anunciada como “a maior casa de espetáculos da América Latina”, sua inauguração em pleno mês de junho é uma das fortes razões para um aumento na demanda dos turistas pela festa junina em Campina Grande.

Já no ano de 1994, mais uma casa de show é inaugurada: a “Vila Forró”.<sup>210</sup> Localizada a 7 Km de Campina Grande, tem 12 mil metros, sendo 3 mil de área coberta. A “Vila Forró” possui ainda em sua estru-

---

<sup>208</sup>. A construção do “Forrock” foi uma iniciativa de quatro empresários locais: José Gregório, Luís Augusto de Oliveira, José Pedrosa Júnior e Gregório Pereira de Moura. Estima-se que, na época, foram investidos em sua construção o montante de um bilhão de cruzeiros. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 26/06/1985.

<sup>209</sup>. A casa de show “Spazzio” foi um empreendimento dos empresários locais: Crisóstomo Lucena, José Pedrosa Júnior e Luís Augusto Nóbrega. Os custos da obra foram avaliados em CZ\$ 18 milhões. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 24/05/1987.

<sup>210</sup>. Convém acrescentar que os proprietários da “Vila Forró” são os mesmos do

tura, uma réplica de 12 casas que fazem uma homenagem a artistas nordestinos, como Luiz Gonzaga, Amazan, Nando Cordel, Jorge de Altinho, Genival Lacerda, Elba Ramalho, entre outros. No interior das casas podem ser encontrados objetos que caracterizam a cultura nordestina e o forró. A “Vila Forró” destina-se, principalmente, da mesma maneira que o “Vale do Jatobá”, a oferecer entretenimento aos turistas e campinenses durante o dia, de maneira que os shows com grupos de forró “eletrônico” ou “pé de serra”, têm início, comumente, no período da tarde, prolongando-se até o início da noite.

A inauguração de casas de show em Campina Grande, além de um promissor instrumento econômico para os seus idealizadores, reverteu-se ainda em um interessante instrumento de empregos sazonais. Para se ter uma idéia, estima-se que elas contratem, durante o mês de junho, aproximadamente 350 pessoas para as atividades de limpeza, da segurança etc, e mais 300 para o atendimento em seus bares.<sup>211</sup>

Uma outra evidência da instituição do “Maior São João do Mundo” como uma empresa surge no ano de 1998, a partir de uma nova definição do evento como uma “festa – modelo” que poderia ser, inclusive, vendida, copiada e realizada em outras cidades do Brasil. Tal sugestão partiu do vice-presidente de Franchising da Localiza – empresa de locação de carros – Aristides Newton, que, em visita à cidade, afirmou a compatibilidade de utilização do sistema de Franchising ao evento do “Maior São João do Mundo”. Para ele:

Campina Grande poderia transferir o know how, ter uma griffe e exportar a festa do Maior São João do Mundo para outras cidades, quem sabe até para o exterior.

Um exemplo desta possibilidade é a Ocktoberfest, em Santa

---

“Spazio”. Tal constatação, denota a importância do evento junino na cidade como um excelente empreendimento empresarial, pois neste caso, há uma prova evidente da rentabilidade e do retorno que a festa proporciona.

<sup>211</sup>. COSTA, 1999, s/p.

Catarina, que já é reproduzida em várias cidades do País, que tiveram uma colonização alemã. Por que não também formatar a franquia do Maior São João do Mundo para outras partes, aí teríamos vários eventos semelhantes em várias partes do Brasil. Isso está acontecendo na festa do Peão Boiadeiro, de Barretos, em São Paulo, que esta sendo exportada para cidades do interior paulista.<sup>212</sup>

A festa do “Maior São João do Mundo” alcança, em seu atual estágio, as características, administração e gerenciamento de uma empresa, um mega evento, um produto turístico a servir de “modelo de festa”, não só para região Nordeste, mas para todo o País.

A construção, montagem e execução da festa do “Maior São João do Mundo”, com base no exposto, permite diversos sentidos e apropriações. É um evento que busca construir entretenimento durante trinta dias ininterruptos a campinenses e turistas, mas é também, o momento propício para as disputas políticas, bem como para a reversão dessa festa em uma empresa com vistas a auferir ganhos e prestígio econômicos.

No momento em que a festa junina na cidade de Campina Grande passa a ser administrada pela Prefeitura do Município e gerenciada através de projetos de ação pelas mãos de burocratas, ela adquire novos agenciamentos. A festa junina do “Maior São João do Mundo” não é tão somente um evento característico de uma “cultura popular” ou exemplo de uma “manifestação popular”, ela é também e, principalmente, um instrumento de comunicação entre os políticos e o público eleitor. É um grande palanque no qual os discursos exacerbam-se e sucedem-se por um conjunto de falas que convida o “povo” a ouvir as manifestações de apreço ao evento “carinhosamente” construído. A festa é uma “dádiva para o povo” e este em retribuição, delega o seu amor, fidelidade e admiração àqueles que assumem a paternidade do evento.

---

<sup>212</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 21/05/1998.

A festa junina do “Maior São João do Mundo” constitui-se ainda, em um promissor mercado econômico. Mesmo com um valor razoável de custos para montar o evento, o retorno do empreendimento é certo e lucrativo para os patrocinadores, empresários das casas de show, comerciantes e hoteleiros. Em certa medida, o evento junino promove também, um crescimento no emprego sazonal e acaba por servir como uma estratégia de sobrevivência para muitos trabalhadores que se encontram na condição de sub-empregados ou desempregados. A apropriação da tradição da festa junina como uma linguagem política e uma moeda econômica, são enfim, características contundentes na construção do evento junino na cidade de Campina Grande. A montagem e execução da festa junina está repleta de intencionalidades, de usos e construções de saber e de poder que se materializam nas práticas e nos discursos em torno do evento como um bem, um patrimônio que significa, entre tantos outros sentidos, uma busca contínua por prestígio político e econômico.



## **CAPÍTULO IV**

### **A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NA MÍDIA, NO CORDEL E NA MÚSICA**

#### **4.1. A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NA MÍDIA**

Os meios de comunicação, jornal, rádio, televisão e, mais recentemente, a Internet, cumprem um papel de fundamental importância na instituição da festa junina em sua versão urbanizada. Eles são um dos principais veículos de divulgação do evento, ajudando a instituir, através de seus discursos, todo um imaginário dessa festa como uma excelente oportunidade de vivência de uma prática cultural localizada temporal e espacialmente. A afluência de turistas e cidadãos ao “arraial junino” é, sobremaneira, garantida em decorrência da propaganda em torno do evento.

Durante todo o mês de junho a imprensa local ocupa-se em cobrir a realização da festa junina, destacando os mais variados aspectos do evento; a programação prevista; as peculiaridades do cenário nos espaços da festa; o sucesso do evento, mensurado pela frequência dos festeiros; além de entrevistas, crônicas e artigos que fazem menção ao acontecimento junino.

Uma das estratégias utilizadas pelos organizadores da festa do “Maior São João do Mundo” é ter a imprensa como o seu principal aliado; é ela que ajuda na criação de um perfil para a festa, que sinaliza para o seu sucesso ou para o seu fracasso, é portanto, instrumento de saber e de poder. Sua linguagem seduz, inquieta, provoca a criação de um devir. É tática estrategicamente articulada para transmitir um determinado tipo de discurso que objetiva atingir determinados fins. Nunca é uma linguagem aleatória, desprovida de sentidos e interesses, pelo contrário, ela é um poderoso instrumento de criações imaginárias.

A importância que a mídia, particularmente o jornal, adquire num dado momento da construção da festa junina no espaço urbano pode

ser mensurada, por exemplo, a partir da consulta aos arquivos dos jornais locais. No caso da cidade de Campina Grande, observei que foi exatamente a partir do ano de 1984 que a mídia dedicou um maior espaço à programação do festejo junino. O crescimento da cobertura jornalística em torno do evento não surgiu naturalmente, ou a partir do nada; é por essa época que começam a ser esboçadas as primeiras tentativas de instituição da festa junina na cidade de Campina Grande, já batizada de o “Maior São João do Mundo”.

Assim, cria-se a festa e a mídia passa a ser um dos principais instrumentos de sua divulgação, cujo fim é transformá-la em um acontecimento na cidade. Neste sentido, é inquestionável a afirmação de que a mídia surge como um excelente colaborador para instituir a festa com os seus múltiplos discursos e atenção para a cobertura diária do evento. Em outras palavras, os meios de comunicação também fabricam a festa e são um de seus mais destacados obreiros.<sup>213</sup> Em discursos como o abaixo transcrito, tais assertivas podem ser constatadas:

O Prefeito Ronaldo Cunha Lima, abre às 20 horas de hoje, no Palhão do Centro Cultural, o Maior São João do Mundo, como vem sendo classificado o período junino deste ano. (...) O São João do ano passado revestiu-se do maior êxito, mas para este ano, a administração municipal resolveu patrocinar a Campina Grande, um período de festas juninas sem precedentes em sua história.<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup>. Entendo como Laymert G. Santos, que “os meios de comunicação constituem uma espécie de muro de linguagem que propõem ininterruptamente, modelos de imagens nas quais o receptor possa se conformar – imagens de unidade, de racionalidade, imagens de legitimidade, imagens de justiça, imagens de beleza, imagens de cientificidade. Os meios de comunicação falam pelos e para os indivíduos”. SANTOS apud GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.58.

<sup>214</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 02/06/1984. Consultar ainda os dias 13/05/1984; 01, 02 e 03/06/1984.

Ano após ano, os meios de comunicação, principalmente nos níveis local e regional, cumprem o papel de fabricar a festa. Na “sociedade do espetáculo”, os meios de comunicação passam a servir igualmente como uma espécie de “termômetro” a verificar o prestígio do evento. Este é o grande poder da imprensa: ela busca criar o fato imprimindo-lhe os contornos que assim lhe aprouver; utiliza os mais variados elementos para substancializar um acontecimento através da utilização da noção de pertencimento, com vistas a construir alteridades, como no discurso abaixo:

A partir de agora o Brasil de Norte a Sul “arrasta o pé” para Campina Grande e em clima de muita alegria desfrutará da riqueza de nossa cultura, dos nossos costumes e crenças. O ritmo apaixonado do forró irá mais uma vez unir povos, à proporção em que une pureza e malícia em coreografia e poesia. Mais uma vez a maior cidade do interior do Nordeste, comprova o seu direito de ser a Rainha da Borborema, capital da cultura, capital do trabalho e de sorriso aberto do alto de lindas serras, distribuída graciosamente, abre os braços para receber milhares de visitantes, enquanto manda um abraço para ti pequenina. Paraíba masculina, Sim Senhor.<sup>215</sup>

Para transformar e fundamentar em prática o fenômeno do “Maior São João do Mundo”, jornais locais passam a veicular informações sobre a abertura oficial da festa, destacando, por exemplo, o sentimento de euforia e conagração da multidão ao longo dos espaços do Parque do Povo:

A incontida e ilimitada sensação de alegria que brota do povo campinense durante esse período do ano, quando tem início

---

<sup>215</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, suplemento especial, com o título: “Campina Grande abraça o Brasil para o Maior São João do Mundo”, 01/06/1991.

a mais rica manifestação do seu folclore, eclodiu novamente ontem à noite quando foi aberto o Maior São João do Mundo, superlativo em tudo que se possa imaginar de uma festa popular. Ao longo dos próximos 29 dias, o remelexo característico de nossa região vai ser ininterrupto, como é incessante a vocação irresistível dessa nossa gente em se desgarrar dos infortúnios cotidianos e se integrar durante um mês à festa da confraternização, das suas raízes. Vislumbrar o Parque do Povo pontilhado de luzes, com novo visual e apinhado de gente é um espetáculo que nossos olhos haverão de suscitar lágrimas para reverenciar essa imagem que sintetiza tantas emoções que se renovam a cada ano.<sup>216</sup>

E para cada vez mais instituir a festa do “Maior São João do Mundo” como um fenômeno localizado na cidade de Campina Grande, a participação da imprensa nacional torna-se um instrumento imprescindível. Pois, quanto mais espaço a festa adquire nas redes de televisão e nos jornais de divulgação nacional, mais se propala o seu sucesso, pois, afinal, a festa rompe os limites do Município, do Estado e da Região, para ocupar os espaços de divulgação de maior amplitude.

Assim, investir na divulgação nacional do evento é uma das principais formas de legitimá-lo; atualmente, os promotores da festa junina da cidade apelam, a qualquer custo, para que emissoras de televisão, que cobrem todo o território nacional, montem matérias que transmitam mensagens e cenários da festa. Chega-se a patrocinar toda uma equipe de produção para garantir esse espaço na mídia.

Em Campina Grande o festejo junino foi paulatinamente adquirindo espaço em grandes redes nacionais a partir do ano de 1992, com a presença, inicialmente, da equipe de produção do “Programa Legal” da Rede Globo de Televisão, que montou a matéria de toda uma edição de seu programa sobre a festa junina da cidade. O mesmo aconteceu no

---

<sup>216</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 04/06/1994.

ano de 1994, com o programa “Casseta e Planeta”, da mesma emissora. De 1992 aos anos subsequentes, foram diversas as matérias que fizeram menção à festa do “Maior São João do Mundo”, algumas de curta duração, com rápidos flashes ao vivo, outras um pouco mais demoradas, a exemplo das matérias realizadas sobre o passeio no “Trem Ferroviário” e a apresentação de quadrilhas juninas no palco do Parque do Povo, produzidas para serem exibidas no “Vídeo Show”, da Rede Globo e no programa “Domingo Legal”, do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão).<sup>217</sup>

No entanto, convém acrescentar que a mídia nem sempre transmite e veicula informações imparciais ou desprovidas de determinadas intenções. Como ela fabrica determinadas formas de ver e dizer sobre o lugar e a situação que narra, comumente o acontecimento, descrito e transmitido também por meio de imagens, vem recheado de estereótipos e preconceitos. Tome-se, por exemplo, a transmissão realizada sobre o “Maior São João do Mundo” no mencionado “Programa Legal” da Rede Globo, exibido no ano de 1992.

Na época, os jornais locais destacaram a expectativa pela trans-

---

<sup>217</sup>. Some-se à divulgação e cobertura da festa do “Maior São João do Mundo” nas emissoras de televisão, a sua divulgação nos jornais, revistas e rádios nacionais. A título de exemplo, destaco as seguintes: *Jornal da Cidade de Aracaju* – 05/06/1998; *O Estado do Paraná* – 03/05/1998; *Jornal A Tarde de São Paulo* – 31/05/1998; *Jornal Tribuna da Bahia* – 31/05/1998; *Jornal Tribuna de Guarulhos* – 31/05/1998; *Jornal Notícias Populares, São Paulo* – 07/06/1998; *Jornal Correio Brasiliense* – 27/05/1998; *Jornal O POVO, Fortaleza* – 04/06/1998; *Jornal Folha de São Paulo* – 21/06/1998; *Jornal O Liberal, Belém* – 23/06/1998; *Jornal Diário de Pernambuco* – 23/06/1998. As seguintes revistas: *Revista Veja* – 03/06/1998; *Revista Ícaro* (revista de bordo da VARIG) agosto de 1998 e *Revista Capricho* (produziu sua revista de moda junina nos dias 05,06 e 07/06 – com 17 páginas sobre o forró, sendo 10 com Campina Grande). As seguintes rádios: *Rádio CBN – BRASIL* (reportagem levada ao ar no dia 30/05/1998, em rede nacional, com 15 minutos de duração); *Rádio Bandeirantes de São Paulo* (flash ao vivo do Parque do Povo). Fonte: *A Brasa* – Julho de 1998. Informativo do Departamento de Comunicação Social – DECOM/SECOR/PMCG.

missão do programa uma vez que a festa junina da cidade teria, finalmente, uma repercussão nacional. Feita a cobertura do evento, a decepção pela escolha das imagens e mensagens transmitidas foi generalizada na sociedade local; os jornais da cidade rechaçaram com veemência o que foi selecionado para ser exibido sobre o “Maior São João do Mundo”.

Ao invés de imagens que mostrassem os diversos cenários do Parque do Povo, epicentro da festa, por exemplo, as imagens escolhidas foram: a feira livre, as esquinas de rua com pedintes e tantos outros lugares e aspectos julgados como “pitorescos” e “característicos” da cidade e da festa junina:

Em cidade nordestina, a pretexto de cobrir as festas juninas, dois humoristas procuram insistentemente por alguém que tivesse visto o cangaceiro Antônio Silvino; aproximam-se de um velho e à queima-roupa perguntam: “Antônio Silvino era cabra macho mesmo?”. Continuemos assistindo, pois é um programa de humor. Na feira da cidade ressurge Antônio Conselheiro, com um aspecto enlouquecido, vocifera uma pregação desencontrada, vestido com um roupão branco e trazendo um enorme bordão de madeira, com que ameaça as pessoas. Esquecidos da cidade e da festa que vieram cobrir, procuram ceguinhas cantadoras de emboladas e uma procissão em louvor a Santo Antônio. Termina o programa com Lampião e Maria Bonita, no Rio de Janeiro, atirando para todo lado, para acabar com a imoralidade na praia e porque é bom ver gente cair.<sup>218</sup>

Assim, munidos de uma visão instituída sobre a região Nordeste como território do atraso e o seu povo como crédulo e ingênuo, as imagens não poderiam ser de um “mega evento”, de um espetáculo turístico, mas de todo um conjunto de elementos como a feira, as figuras

---

<sup>218</sup>. ALBUQUERQUE Jr., 1999, p. 19.

de Antônio Conselheiro e Lampião que ajudaram na instituição de uma determinada forma de ver e dizer a região.

Um outro exemplo que demonstra a fabricação de imagens para serem veiculadas pela mídia é a descrição da realização do “Casamento Coletivo” ocorrido no Parque do Povo, como parte da programação oficial da festa junina, no dia 13 de junho de 1999; momento em que foram exibidos ao vivo flashes do evento para o programa “Domingão do Faustão”, da Rede Globo de Televisão, o qual reuniu 26 casais para diante do Juiz oficializarem o seu matrimônio civil.

Para melhor detalhar a realização do “Casamento Coletivo”, bem como os seus desdobramentos, é necessária uma rápida digressão etnográfica do que observei e anotei sobre o evento. É de suma importância o recurso à etnografia para compreender as minúcias e diferenças entre a forma como as imagens e os discursos são apresentados para a opinião pública e o fato observado tal como aconteceu; em outras palavras, é necessário atentar para o dito e o não dito, bem como para as diferenças de significados e sentidos de, por exemplo, uma simples e ingênua piscadela, tão bem postas por Clifford Geertz, ao que chamou de uma descrição densa.<sup>219</sup>

Para participar do evento, dirigi-me ao Parque do Povo e para a réplica da Catedral de Nossa Senhora da Conceição, na “Cidade Cenográfica” do “Arraial Hilton Motta”, às 19:00 horas – horário marcado para o início da cerimônia do “Casamento Coletivo” – para fotografar e fazer anotações de campo sobre o evento.

Ao chegar, observei o cenário construído para a realização do casamento civil: cordões de isolamento foram dispostos em torno da Igreja de Nossa Senhora da Conceição; dentro, diversas cadeiras estavam dispostas ao longo do espaço para acomodarem os noivos e as suas respectivas testemunhas; em frente à Igreja, foi colocada uma mesa para acolher o Juiz, o prefeito local e as autoridades convidadas; ao lado desta mesa, uma outra, com um bolo, decorado com “motivos

---

<sup>219</sup>. GEERTZ, 1978, p. 13-41.

juninos”, a ser servido ao fim da cerimônia.

Aos poucos, foram chegando os noivos e as testemunhas, o Juiz, o prefeito e as autoridades. Fotógrafos movimentavam-se ao longo do espaço, registrando as imagens dos noivos e do cenário da festa. Já estava também presente, a equipe de produção do programa “Domingão do Faustão” da Rede Globo de Televisão, bem como o jornalista que iria cobrir a cerimônia, aguardando apenas o sinal da emissora para transmitir as imagens.

Com uma hora de atraso, inicia-se a cerimônia. O Juiz, Dr. Inácio Jairo Queiroz de Albuquerque, cumpre todo o ritual previsto para o casamento civil e chega o momento de proferir-se os discursos. Primeiro discursa o Juiz, que, após fazer os elogios à iniciativa da Prefeitura Municipal em patrocinar o evento, acrescenta: “celebramos o amor nesta cerimônia, em pleno espaço da festa, com o mesmo ardor das fogueiras de São João”; e, no mesmo caminho de retomar toda uma construção imaginária e discursiva sobre a festa junina e sobre o “Maior São João do Mundo”, faz a seguinte indagação ao público: “como a festa é do povo e estamos no Parque do Povo, pergunto se alguém gostaria de proferir algumas palavras sobre esta importante cerimônia”. E um dos convidados dos noivos faz uso da palavra e elogia a iniciativa do prefeito em apoiar o evento.

Em seguida, discursa o prefeito municipal Cássio Rodrigues da Cunha Lima que, dirigindo-se aos noivos, emite essas palavras: “vocês fazem hoje essa festa para Campina, exatamente nessa imensa festa que é o Parque do Povo”. Acrescenta em seu discurso o lamento pela ausência de seu pai, o Senador Ronaldo José da Cunha Lima<sup>220</sup>, e afirma que, se ele estivesse presente, aproveitaria esta feliz ocasião para recitar versos e poesias, o que embelezaria ainda mais esta cerimônia tão espe-

---

<sup>220</sup>. O motivo para ausência do Senador da República Ronaldo José da Cunha Lima ao evento, bem como durante todo o mês de festa junina na cidade, deve-se ao seu estado de convalescença, por ter sido vitimado por um AVC – Acidente Vascular Cerebral – ocorrido no mês de abril do ano de 1999.

cial. Neste sentido, desculpa-se por não ter o mesmo talento do pai para a poesia, mas deixa clara a sua profunda emoção em presenciar e participar do evento.

Termina a cerimônia – exatamente às 21:00 horas – e um estado de ansiedade “rondou” todo o tempo às mentes dos presentes: ainda não fora autorizado o sinal da Globo para a transmissão das imagens da festa. É neste momento que surge o grande problema: como reproduzir e transmitir imagens ao vivo de algo que já aconteceu? A saída encontrada pelos organizadores do evento é pedir ao público, aos noivos, às testemunhas, às autoridades e, enfim, a todos os presentes, que aguardem alguns minutos em seus lugares, enquanto chega à mencionada autorização, para se encenar novamente a cerimônia, como se ela ainda não houvesse acontecido.

A próxima providência é entreter o público, ele não pode se dispersar, sair das proximidades do cordão de isolamento; para tanto, reiniciam-se as falas do Juiz e do prefeito para pedirem que o povo não saia de seus lugares. O Juiz, ao tomar a palavra, emite o seguinte discurso: “vamos todos esperar para que nossa festa seja vista por todo o País; a nossa festa vai divulgar a cidade no País”. Em seguida, o prefeito faz uso da palavra e diz ao público presente: “a idéia do Casamento Coletivo foi para prestar um serviço à comunidade, mas é um momento também para divulgar a festa do Maior São João do Mundo nacionalmente”. E como último recurso estratégico, ele, com toda a sua perspicácia, convida o povo a fazer a seguinte escolha: “olhem, faltam só oito minutos para que o sinal da Globo chegue, se o povo quiser esperar, faltam só oito minutos, é o povo quem decide! Quem quiser permanecer no Parque e esperar, levante as mãos”. Obviamente, todos levantaram as mãos, pois quem não gostaria de ver a sua “cidade e a sua festa maior” ser transmitida para todo o Brasil? Com a resposta afirmativa, o prefeito logo em seguida, sai da mesa e se dirige ao público distribuindo abraços e beijos.

Finalmente, o repórter avisa que foi dada a autorização para o início da transmissão. O prefeito “dá as costas” ao povo, que, até então,

abraçava e dirige-se à mesa. A encenação tem início exatamente às 21 horas e 30 minutos, o Juiz, simbolicamente, realiza o casamento de três casais e encerra a cerimônia. Com o término da transmissão, é servido o bolo aos noivos, familiares, testemunhas e convidados. Obviamente, o público que assistia a cerimônia e que estava fora do cordão de isolamento, não pode provar do “bolo dos noivos”.

Com poucos minutos do encerramento do “Casamento Coletivo”, o coordenador executivo do “Maior São João do Mundo”, Fábio Nogueira, que no momento se encontrava no palco principal da festa, no mesmo “Arraial Hilton Motta”, usa o microfone para informar que mais uma inserção ao vivo pela Rede Globo será realizada, desta feita, com imagens da “Orquestra Sanfônica” no palco do arraial. Para tanto, ele emite a instrução enfática aos organizadores do evento, que se encontravam dispersos na “Cidade Cenográfica” para que, imediatamente, abaixem a corda, para que o povo possa passar e vir para a frente do palco, “pois a Globo só grava se tiver povo!”

Informa, ainda, que os técnicos da emissora deram três minutos para que o novo cenário esteja todo montado. E começa uma ‘correria’ geral: rapidamente são retirados os cordões de isolamento, que, até então, excluía o “povo”, bem como as cadeiras e mesas que serviram de cenário para o outro evento, abrindo espaço para o povo ‘correr’ para as proximidades do palco.

Enquanto isso, o mencionado coordenador usa o microfone e conclama o povo a se aproximar do palco e a levantar os braços e dançar, a fim de que seja mostrada a imagem de que ninguém faz um São João como o de Campina. Mas acontece, e este é o grande paradoxo, que não existia nenhum ambiente para animação, o que estava acontecendo não era ‘real’, era uma encenação, uma fantasia e uma fantasmagoria produzidas para a televisão, cuja intenção era a de mostrar uma emocionalidade e uma sensibilidade que não estava sendo sentida por um público já cansado de encenar.

Como forma de acabar com o estado de apatia do público, que permanecia de pé e parado defronte ao palco, sem esboçar nenhuma

reação de animação pelo “fórró de Campina Grande”, o coordenador do evento solicita que imediatamente o maestro Edimar Miguel inicie a regência da “Orquestra Sanfônica”. E começa a ecoar o ritmo do fórró. Alguns focos de animação se iniciam, mas ainda não é suficiente para criar o ‘clima’ do “Maior São João do Mundo”. Até que, novamente, o coordenador toma a palavra, e, em “alto e bom som”, diz: “venha até aqui Cássio, só você mesmo para animar esse povo!” E o prefeito, agora exercendo o papel de uma espécie de “animador de auditório”, dirige-se ao público com a seguinte fala: “essa festa tem raízes culturais porque está no coração do povo; daqui a oito minutos Campina será mostrada para o País inteiro e eles vão ver a alegria do Maior São João do Mundo”.

E continua o prefeito organizando a disposição do povo e das quadrilhas juninas em frente do palco, passando sugestões para o seu secretário de Turismo, Temi Cabral, que estava junto ao público, com a finalidade de preparar o cenário para as imagens a serem transmitidas. E a “Orquestra Sanfônica” continua a tocar e Cássio diz: “não pare maestro, segura, bora!” Diz, segundos depois, “animação galera!” Em seguida, ele começa a se movimentar imitando uma coreografia do ritmo do fórró e diz ao povo: “não tenho cintura, nem sou bom de fórró, mas o povo é! Quando o jornalista entrar, é para todo mundo levantar os braços e dançar, pois depende do povo que o São João apareça com to-da a animação para todo o Brasil”. Na seqüência, diz: “Edimar agora vai botar uma música dançante, bora, agora!” para ‘animar’ o povo. Na continuação de sua fala, ele sugere ao povo que dance em pares e faz a seguinte indagação: “Se eu descer aqui do palco e for aí para baixo e dançar com alguém, vocês prometem dançar entre si?” E sem esperar a resposta, desce imediatamente e junta-se ao público e começa a dançar.

Aproxima-se do microfone o repórter da Globo do Rio de Janeiro, informando que falta muito pouco tempo para a festa entrar no ar e aproveita a ocasião para também pedir ao povo para dançar. Afirma o

jornalista: “todo o País vai ver a festa e a festa é conhecida porque todo mundo dança e se o povo não dançar, ninguém no Brasil vai entender nada, pois o povo, da metade do palco para cima, não está dançando!” E o povo, pre-sente no arraial, quase em sua totalidade, começa a dançar em pares ou individualmente, levantando os braços. Até um vereador local usa o microfone e diz: “vamos dançar, dança meu Parque do Povo! dança noivos que acabaram de se casar”.

Finalmente, acontece o tão esperado momento em que a festa do “Maior São João do Mundo” é transmitida, em um só dia, pela segunda vez, para o Brasil. O prefeito, o vereador, o secretário de turismo e o coordenador do evento, presentes no palco, saem nas imagens ‘para o Brasil’, sorridentes e batendo palmas junto ao povo, que, finalmente animado, bate palmas também. O cenário e as imagens desejadas concretizam-se num ambiente de fantasmagoria criado pela e para a festa.

Um outro fato corriqueiro no bojo da disputa por audiência e espaço nas grandes redes de televisão é que ela serve para, não só justificar a realização do evento, mas, sobretudo, para a construção de toda uma produção discursiva e imaginária de que a festa é um sucesso total, pois, se mereceu da mídia destaque tão expressivo, é porque a sua importância superou todas as expectativas. Tais discursos ocultam, na verdade, toda uma estratégia de poder e de saber que emolduram relações de interesses os mais variados possíveis e que utilizam o evento como um instrumento tático e estratégico para atingir determinados fins.

O uso que os mentores do evento fazem dos resultados da divulgação da festa, principalmente em nível nacional, é extremamente estratégico: busca-se, sobretudo, despertar o orgulho do cidadão que habita em uma cidade que é tão festeira. Nesses termos se expressa o coordenador da festa do “Maior São João do Mundo”, Fábio Nogueira:

Durante esse mês, nós estamos oferecendo à Paraíba e ao Brasil o melhor e o maior São João do Mundo. E conseguimos um grande tento que foi inseri-lo no cenário nacional,

através da grande mídia. Na rede Globo, por exemplo, conseguimos espaços generosos. Quatro aparições no Vídeo Show, dois flashes ao vivo no Fantástico, matéria no Faustão, duas vezes no Jornal Nacional, além do SBT, através do programa Domingo Legal, e o programa Topa Tudo por Dinheiro, do quadro de Silvio Santos. A TV Cultura esteve na cidade fazendo um documentário e a Bandeirantes entrou com flashes em sua programação. A Rede Record idem, de maneira que esse ano superou-se tudo em termos de mídia. A grande imprensa escrita também divulgou muito bem a festa. Isso é fruto de contatos e planejamento, que vem mostrar a força do nosso evento.<sup>221</sup>

Pode-se afirmar que atualmente o acesso às informações sobre a festa junina na cidade adquiriu uma enorme amplitude. Seja através do jornal, rádio, televisão ou Internet, já é possível acompanhar diariamente a evolução desse festejo. Tal evidência denota o sucesso desta festa como um fenômeno urbano, com especial destaque para a sua espetacularização; ela virou inegavelmente, notícia. Não há mais como

---

<sup>221</sup>. Jornal Folha Junina – C. Grande, Ano X, nº 16, junho/julho de 1999. Distribuição Gratuita. Outros instrumentos de divulgação da festa junina em Campina Grande efetivam-se no ano de 1993, quando a Embratel, através da Telpa – Telecomunicações da Paraíba, atualmente, Telemar – lança um Cartão Telefônico em homenagem ao “Maior São João do Mundo”, com uma tiragem de 15 mil cartões de vinte fichas; além do lançamento do selo, cartão postal e carimbo com símbolos da festa, ocorrido no ano de 1995, com uma tiragem de um milhão e duzentos selos. A partir do ano de 1997, empresas de vídeo, como a Alexis Filmgens, iniciam a divulgação e cobertura das atrações do “Maior São João do Mundo”, em vídeo, a serem comercializados como instrumento de propaganda do evento. Redes de Televisão locais também cumprem o papel de divulgar a festa não apenas restrita aos telejornais, mas a uma programação especial que trata apenas da festa junina da cidade, a exemplo do programa “Momento Junino” a partir do ano de 1987, exibido pela TV Paraíba, afiliada da Rede Globo de Televisão, e o programa também chamado de “Momento Junino”, exibido pela TV Borborema – afiliada do SBT, a partir do ano de 1998.

a mídia ficar indiferente ao “fenômeno junino”, pois ela mesma faz uso dessa evidência, ajudando na instituição da festa como um mega evento turístico. Não é à toa que diversos setores dos meios de comunicação locais, como rádios e televisões, ocupem, durante todo o mês de junho, barracas na “Rua da Imprensa”, com todo o equipamento necessário para a transmissão de notícias diárias sobre a festa.

O recurso à Internet é um outro poderoso instrumento de divulgação do evento junino. Diversos Sites foram criados para apresentá-lo e são oriundos das mais variadas instituições, como empresas turísticas, Secretarias de Cultura e Turismo Municipais, EMBRATUR ou por iniciativa dos grupos que organizam a festa. As informações disponibilizadas sobre a festa do “Maior São João do Mundo” vão desde a apresentação da cidade, que patrocina o evento, a estrutura de serviços oferecidos pela cidade aos turistas, dados sobre a história da festa e suas peculiaridades, até à descrição de toda a programação prevista para trinta dias, bem como arquivo de fotos com imagens dos principais espaços e atrações da festa, com atualização diária, além de flashes em vídeo da festa e a transmissão ao vivo, direto do Parque do Povo através da Rádio Campina FM.<sup>222</sup>

Portanto, a publicidade em torno da festa junina em Campina Grande adquire, a cada ano, maior notoriedade. O que há cerca de duas décadas era considerado um evento localizado e restrito a um determinado espaço, adquire, atualmente, o status de um “fenômeno de notícia” e se objetiva a partir da existência de um circuito de “turismo junino”. A festa junina é, em sua versão urbanizada, uma atração turística; um acontecimento que cada vez em maior intensidade, rompe com o localismo e chega aos mais distantes recantos do País através de imagens e mensagens que a destacam como um “espetáculo urbano”, apesar de toda a parcialidade investida nas mensagens veiculadas e de toda

---

<sup>222</sup>. A partir do ano de 1997, por exemplo, a festa junina em Campina Grande pode ser conhecida através do site: <http://wwwsaojoao.com.br> e nos anos de 1998 e 1999, pelo site: <http://www.forronet.com.br>.

uma produção de estereótipos construídos para anunciá-la.

#### 4.2. A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NA POESIA E NO CORDEL

Um dos eficazes instrumentos de divulgação do ciclo junino é a produção escrita. Seja em forma de cordéis ou livros, por meio de crônicas, poesias ou versos, a festa junina é um tema recorrente. A chamada literatura regional institui uma determinada forma de ver e dizer sobre a festa de São João, cuja principal fonte de inspiração para o “cancioneiro e o poeta popular” são os discursos propalados pelo saber folclórico.

Imbuídos de uma construção imaginária da festa junina como um “bem do Nordeste”, e de seu povo como crédulo nos santos de junho, os poemas e os “causos” do São João são descritos numa linguagem simples e repleta de erros de ortografia tentando aproximar-se ao máximo da escrita e da fala do “nordestino popular”. Essa literatura não é escrita em sua totalidade pelo “popular”, mas é a ele dirigida. O “popular” – que, neste caso, nomeio como o povo nordestino que habita nas propriedades rurais ou que migrou para as cidades e habita na periferia dos centros urbanos – é o público alvo desta produção.

A literatura que faz menção à festa junina é repleta de uma linguagem de saudosismo, alegria, pureza de sentimentos, intenções e buscas. Essa literatura apresenta a festa como o evento que mais emociona o nordestino – que passa a ser generalizado como sertanejo. É, ainda, a festa das fogueiras e das adivinhações, das brincadeiras e das danças ingênuas, do compadrio e do espocar de fogos, como demonstrado abaixo:

A festa qui nós fizemo/ no convite já dissemo/ mas carece  
isplicá é pra mode arrelembra/ do São João que se passou./  
São João das fogueira grande/das labareda bunita/ que assubia  
lá pra riba/ lambendo a cara da noite/ levando junto com ela/ o

grito das meninada./ Os pipouco dos foguete/ as reza da gente grande/ o gargaiá da moçada./ São João das bacia água/ friinha de fazê gosto/ pra gente oiá bem no fundo/ e percurá pela cara/ quando a cara aparecia/ meu Deus, qui satisfação! / a criatura vivia/ inté o outro São João./ Mais, porém quando essa água/ a cara do ente escondia valei-me, Virge Maria/ mau sinal, assombrão pro mode qui a morte vinha/ dizia os véi, os antigo com a sua foice bem grande/ antes do outro São João./ São João das comida boa/ faz minha boca mina, canjica, pé-de-moleque/ pamonha, mi, aluá./ São João das bomba estourando/ dos busca-pé percurando muié mode aperreá./ Dos coiô e das rodinha/ dos traque, das estrelinha quaje sem luz, pobrezinha/ num briava, mais, porém infeitiçava o oiá./ Afiado, afiada/ padrim, madrinha também dando volta nas fogueira/ com as mão bem agrudada dando nó nas amizade arrojando os parafuso dos amô, das afeiçã./ São João qui taqui guardado/ no meu véio coração/ coração já mei cansado/ mas quinda bate avexado/ toda vez que o calendaro me amostra na sua fôia/ que é noite de São João.<sup>223</sup>

A festa serve ainda de pretexto para os encontros e desencontros nas relações amorosas. É a festa da conquista do amor. O cenário de um céu repleto de estrelas e balões, cindindo em luzes de fogos de artifício e fogueiras, parece ser o ambiente propício ao amor e à imaginação para a construção dos seguintes versos:

Foi numa noite de São João/ que ela toda enfeitada com vestido franzido/ e fita incarnada/ saiu para rua/ esplêndida e maravilhada/ com as labaredas das fogueiras/ alumiando as pessoas na praça e clareando aquela sua pele aveludada./ Suas mãos ajeitavam com graça/ o laço preso nos cabelos compridos e passavam o pó-de-arroz/ no rosto risonho de

---

<sup>223</sup>. “Noite de São João” – Gilson Nascimento. In: *Jornal da Poesia*

olhos de garça/ que possuía dois olhinhos ligeiros/ mesmo da cor de violeta/ os pés desfilavam um bonito sapato branco/ deixando ver duas pernas bem torneadas./ Estava linda/ uma beleza selvagem e tropical/ olhando as moças no passeio público sorrindo um riso sem graça/ chorando de tristeza naqueles olhos que procuravam sem encontrar/ olhando em volta sem nada ver./ De repente seu rosto se enfeitou ainda mais/ sua boca rasgou-se em dentes alvíssimos e ela esqueceu-se dos seus ais./ Ele vinha vindo/ olharam-se nos olhos sereníssimos/ deram-se às mãos/ e foram para o salão/ depois ela ficou a imaginar/ naquele beijo gostoso/ bem no ritmo do baião/ sorrindo pensou consigo: tinha que acontecer naquele São João.<sup>224</sup>

O universo das adivinhações, realizadas na véspera e dia dedicados a São João Batista, descrito pela produção folclórica, é um outro tema recorrente na literatura regional. A crença na eficácia das adivinhações e no poder e interseção de São João, que responde em forma de oráculos a seus fiéis, é reproduzida através de versos que descrevem uma dezena de simpatias a serem realizadas neste período. Instituir um aspecto de encantamento e magia à festa, torna-se um forte recurso a sua naturalização; neste ínterim, os espaços sagrado e profano aproximam-se nestas noites de sortilégios.<sup>225</sup>

A festa junina é apresentada, também, como um importante acontecimento na cidade. Neste espaço há lugar para um animado festejo com fogos, fogueiras, danças, compadrios e comidas fartas:

Quando São João chegava/ a cidade inteira pegava fogo./  
rugiam busca-pés, fogos do ar / prendas, sambas, zabumbas  
e reisados, improvisados, punham-se à noite toda a festejar./

---

<sup>224</sup>. “Uma Noite de São João”. In: *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 29/06/1977.

<sup>225</sup>. Como exemplo, consultar o folheto de cordel: “O que você deve fazer para saber se casa na fogueira de S. João” – *Abraão Batista, Juazeiro do Norte – CE*, 1979.

Em torno das fogueiras/ o povo se agrupava,/ rindo a tagarelar. enquanto, na disputa do trabalho,/ os meninos lançavam no borralho/ batatas para assar./ E choviam comadres e compadres,/ mil adivinhações para casar: – encher a boca d’ água atrás da porta,/ trincar a faca a bananeira da horta,/ a ceia de São João para sonhar./ vinha o “bumba-meu-boi”,/ vinham “quilangues”,/ gengibirra, panquecas, aluá./ “Berimbau de barriga”,/ “umbigadas”/ – danças barbarizadas que os escravos trouxeram / “da banda de lá”./ Depois, São João se ia, / entre pamonhas e canjicas,/ missa cantada, sinos a tocar.../ E ao retornar à luta, toda gente/ ria mais alto, mais gostosamente,/ doida, doidinha pra São João voltar.<sup>226</sup>

Nos versos acima descritos há um detalhe que merece destaque: para descrever a festa junina o tempo utilizado pelo autor é o passado; ele relata um período em que ela acontecia com todos os elementos e as alegrias próprias da festa, mas no tempo atual, é como se tais sentimentos não fizessem mais parte do cenário urbano. O sentimento predominante nas mensagens dos versos é a nostalgia e a saudade de emoções que não são mais sentidas no presente.

O estabelecimento de lugares simbólicos para a realização da festa junina é um dos principais recursos para a instituição do evento. A literatura regional cria espaços referenciais para a festa: sob o prisma do migrante e dos que não habitam na região, o Nordeste é o sertão; tomado de forma genérica, ele é o seu “torrão”, o seu lugar. Sob as “lentes” do citadino que habita no Nordeste, o sertão é uma determinada área geográfica, presente em todos os Estados da região. A festa, é por excelência, uma festa rural, e nestes termos, torna-se uma festa do sertão. Neste contexto, toda a área rural da região, para opor-se ao espaço urbano, torna-se sertão e para caracterizar ainda mais o lugar – sertão – como principal e “original” lócus do evento junino, é comum a criação

---

<sup>226</sup>. “Quando São João Chegava” – D’ ALVAREZ, 1985, p. 95-96.

de versos que apontam este “lugar” como o berço da festa junina para se opor à cidade que, mesmo ao tentar imitar o “São João da roça”, nem sequer dele se aproxima.<sup>227</sup>

Outro tema recorrente na produção literária sobre a festa junina é a descrição minuciosa do evento no espaço rural, como uma forma de ensinar ao citadino as alegrias de uma festa junina na “roça”. Para tanto, é registrada a seqüência do festejo desde o acender da fogueira, a movimentação das pessoas na cozinha, na sala e no terreiro. O objetivo parece ser o de traçar um retrato imaginário da festa de São João como um evento que nem de longe se aproxima do realizado na cidade – e, neste caso, as cidades a que se referem os autores são as capitais dos Estados e as grandes metrópoles do País – ajudando a instituir a festa como um acontecimento do sertão e de seus habitantes.<sup>228</sup>

Outro tema comum nos escritos que descrevem a festa junina é o da saudade daqueles que habitam na cidade e não podem participar do “São João na roça”. Particularmente, o sentimento de nostalgia é dirigido aos migrantes que saem de sua “terra natal” para lugares distantes e vêm chegar o mês de junho e não podem participar da festa junina. São versos que narram um sentimento de tristeza profunda sentida pelos migrantes, que, por se verem presos na cidade ao trabalho e às necessidades de sobrevivência, sentem-se impedidos de viverem a emoção da festa. Como não podem participar da festa do “norte”, a festa junina da cidade é descrita como um falseamento da alegria sentida na “roça”, um arremedo mal feito de seus elementos instituintes com uma destacada ausência de fogos de artifício, das fogueiras e das brincadeiras, tão presentes em seu ambiente original: o norte, o sertão.<sup>229</sup>

Com o contínuo processo de espetacularização da festa junina no

---

<sup>227</sup>. Sobre esta discussão, consultar: “A fogueira de São João”, ASSARÉ, 1992, p.201-204.

<sup>228</sup>. Sobre a instituição da festa junina como um evento da “roça”, como uma festa típica do espaço rural, consultar, por exemplo: “Festa de São João” – Clóvis de Melo. In: *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 28/06/1983.

<sup>229</sup>. Sobre esta sentimentalidade, consultar: “São João do Norte” – Severino de

espaço urbano e sua instituição como um evento turístico, a “literatura popular” passa a não mais ignorar a festa junina na cidade e nem a tratá-la como um evento desprovido de significados. Neste sentido, começam a surgir versos que exaltam o arraial urbano, transportando elementos, que até então eram localizados no “São João da roça”, para a cidade que promove anualmente o evento junino. O festejo junino em Campina Grande aparece como a grande “sensação do momento”, como uma inovadora possibilidade de ser vivenciado no espaço urbano o que até então era privilégio do espaço rural, inclusive com a presença de quase todos os elementos simbólicos que caracterizam a festa junina na “roça”:

Doutô lhe faço um convite/ com toda minha atenção/ aqui  
em Campina Grande/ p’ra mode ver um São João/ venha  
com toda fãmia./ mulé, o genro e a fia./ p’ra levá rescordação./  
O Maior São João do Mundo/ oh que festona animada!/ cada  
rua de Campina/ fica toda embandeirada/ com papé de toda  
cor/ dum canto a outro, enfeitada./ Aqui se acende a foguei-  
ra/ adispois do sol se por/ com as moças e os rapaz/ trocando  
jura de amor. Pois aqui a gente dança/ com a sanfona ge-  
mendo/ o mestre sala falando/ e o resto obedecendo.../  
Alavantú, narriê./ é a quadria falada/ uns p’ra lá, outros p’ra  
cá vai inté de madrugada./ Tem mio assado na brasa/ tem  
pa-monha e tem canjica/ comer tem em todo canto/ com  
fome aqui ninguém fica./ Aqui no Parque do Povo/ é de  
rabicho atacado./ 30 dias de forró e ninguém fica parado/  
dança rico e dança pobre/ fica tudim misturado./ Dispois da  
fogueira acesa/ já vai subindo o balão./ é a coisa mais bonita/  
de uma noite de São João./ com os foguetão subindo/ e as  
varetas caindo/ e se espetando no chão./ Tem forró que a

gente dança/ com a muié se penerando,/ no aperto da cintura,/ ela vai se aperriando/ com o cheiro do cangote foi não foi dá um pinote/ e a coisa se danando./ Para quem gosta de pileque/ tem cachaça engarrafada,/ tira gosto de primeira/ uma carne bem assada/ pra beber com cana pura ou beber com misturada./ O senhor vindo a Campina/ pode ficar a vontade/ nosso povo lhe espera/ com toda sua amizade/ e será bem recebido/ pra depois sentir saudade./ Pru senhor tem quase tudo/ pode vir quando quiser,/ porém, doutor não se esqueça/ de trazer sua muié./ isso eu digo ao senhor avisar assim convém/ pois aqui só tem a minha / e não empresto a ninguém.<sup>230</sup>

A festa do “Maior São João do Mundo” é apresentada, ainda, segundo o discurso acima, como o momento propício para a confraternização igualitária; o Parque do Povo é um grande espaço público onde ricos e pobres se encontram e se relacionam, esquecendo-se das diferenças sociais; onde campinenses e turistas confraternizam-se, acolhidos pela cidade que cultua e constrói evento tão rico e importante para a comunidade local. Ou seja, é transplantada para a cidade toda uma produção imaginária que toma a “festa junina na roça” como um momento e um ambiente propício ao fortalecimento dos laços de vizinhança e de sociabilidade, um ambiente no qual não existem as desigualdades e a estratificação social. Os mesmos significados imaginários e discursivos podem ser encontrados no discurso abaixo:

Campina Grande abre as portas,/ escancara o coração,/ aos filhos e visitantes/ e, tomada de emoção,/ vai abraçar todo mundo nos festejos de São João. As fogueiras crepitando,/ os balões soltos no ar,/ homem mulher se amando,/ corações a balançar/ no compasso do zabumba trinta dias sem parar. Durante esses trinta dias,/ o céu de Campina brilha;/ em cada

---

<sup>230</sup>. “São João é assim” – Clóvis Moura. In: *Jornal da Paraíba*, 15/06/1986.

esquina um forró;/ em cada rua, uma quadrilha,/ meus amigos visitantes,/ desta querida cidade,/ Campina também é sua; podem ficar à vontade. Campina Grande está ancha/ e nessa hora se desmancha/ toda em hospitalidade. A fumaça da fogueira,/ o espocar do foguetão,/ o soluço da sanfona,/ o céu pintado de balão/ é o MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO/ trinta noites de São João.<sup>231</sup>

A mensagem que o autor deseja transmitir sobre a festa do “Maior São João do Mundo” é a de um evento que toma conta de toda a cidade por um período ininterrupto de trinta dias, a cidade transformando-se em um verdadeiro “arraial junino”, com quadrilhas juninas nas ruas, forrós, fogueiras, balões e fogos; o propalado “espírito junino”, que se “apodera das mentes” dos campinenses durante o mês de junho, faz com que a cidade se “desmanche” em hospitalidade com os turistas que a visitam.

O autor imagina em seus versos uma cidade que vive, durante trinta dias, o tempo e o espaço do extraordinário, para se opor à regularidade do cotidiano ordinário. Homogeneiza o fenômeno junino como um acontecimento que envolve toda a cidade e os seus habitantes, em seus versos não há espaço para a exceção. A festa, assim, é apresentada como uma promessa de realização de sonhos e fantasias, de expectativas e experiências a serem vividas em um espaço construído para realizá-las em toda a sua magnitude. O tempo e o espaço são de festa, portanto, de lazer e entretenimento. O trabalho, o cotidiano, a labuta e os problemas do dia a dia que esperem. O “tempo é outro”, o mês de junho, é, por excelência, o tempo de festa; o “espaço é outro”, Campina Grande é a “terra do São João”.

O “Maior São João do Mundo” é também apresentado como um momento do extraordinário, do sobrenatural, onde cegos vêm e aleija-

---

<sup>231</sup>. “O São João de Campina” – Zé Laurentino. In: Revista Turismo – Cultura e Lazer, João Pessoa, 23/06/1994.

dos correm; como uma bela “farra” que chega até a provocar a desavença e a separação dos casais que só voltam a se unir após o encerramento da festa:

No maior São João do Mundo  
Tem coisa de arrepiar  
Cego querendo ver  
Pras mulheres conquistar;  
Vê aleijado correndo  
Sem ter perna pra andar.  
Marido deixa a mulher  
Fazendo em casa o jantar  
E diz para a pobrezinha:  
- Vou ali e volto já  
Só chega no outro dia,  
Quando a ressaca passar.

A mulher da mesma forma,  
Pra se vingar do marido,  
Diz a ele: – Fique aí,  
Que vou provar meu vestido.  
Vai balançar o esqueleto  
Pois acha mais divertido.

Assim é o Maior São João do Mundo,  
Caro leitor,  
Pois só em Campina Grande  
Esta festa tem valor.  
Depois de tudo acabado,  
Voltam todos ao amor.<sup>232</sup>

Uma outra forma de divulgar a festa do “Maior São João do

---

<sup>232</sup>. Moacir Oliveira. In: Folha Junina, C. Grande, Ano I, nº 5, 30/06 a 07/07/1989. Distribuição Gratuita.

Mundo” é a criação de pequenas quadras, escritas por autores desconhecidos no ramo literário, geralmente por leitores do jornal específico de divulgação da festa junina da cidade, a exemplo da Folha Junina. Abaixo, algumas “quadrinhas” dos leitores:

Que alegria  
Que grande emoção  
Brincar em Campina  
O Maior São João.

Campina Grande e feliz  
Tem um orgulho profundo  
De mostrar para o Brasil  
O Maior São João do Mundo.

No mês de junho em Campina  
A cidade pega fogo.  
É a maior festa junina  
Por tradição e arrojo.  
Um forró em cada esquina,  
Todo mundo sai de fogo.

Passar no Trem do Forró  
É animado que só,  
A gente sai viajando  
Num constante vai-e-vem,  
Com todos ali forrozando  
Curtindo o balanço do trem.<sup>233</sup>

---

<sup>233</sup>. Edna Minhaquí. In: Folha Junina, C. Grande, Ano I, nº 2, 09 a 15/06/1989; Heloísa Helena de M. M Guimarães. In: Folha Junina, C. Grande, Ano I, nº 3, 16 a 22/06/1989; José Silvério Ramos. In: Folha Junina, C. Grande, Ano II, nº 7, 22/06/1990 e José Silvério Ramos. In: Folha Junina, C. Grande, Ano II, nº 7, 22/06/1990, respectivamente. Distribuição Gratuita.

A literatura regional, assim, cumpre o papel de ajudar na instituição da festa junina como um evento localizado num dado espaço e tempo – a cidade de Campina Grande e o mês de junho, como produto do saber de um povo que é crédulo e devoto dos santos de junho e que é sobretudo, festeiro, alegre, solidário e amigo.

O folheto de cordel é outro eficaz instrumento de divulgação da festa do “Maior São João do Mundo”. O modelo de descrição do evento segue um padrão semelhante entre os autores, no qual destacam-se, entre outros temas: a alegria da festa, o convite aos turistas para visitarem a cidade no mês de junho e a participação dos políticos locais, especialmente do Prefeito do Município em criar, patrocinar e apoiar o evento:

No dorso da Borborema  
Campina está incrustada  
Com o coração aberto  
E a porta escancarada  
Os que aqui chegam, recebem  
Festa, aconchego e pousada.

O povo é hospitaleiro,  
O clima ameno e gostoso,  
Aos turistas recebemos  
De modo bem carinhoso,  
Chegar e ficar é fácil,  
Porém sair é custoso.

No mês de junho, Campina  
De modo doce e gentil  
Faz seus dias mais alegres,  
O seu céu mais cor de anil  
Se enfeita e se engalana  
Pra receber o Brasil.

São trinta dias de festa  
De forró, polca e xaxado,  
Feijão verde e mocotó  
Cana brejeira e picado  
Queijo de coalho e canjica  
Milho cozido e assado. (...)

São João é festa do povo  
Igual a queijo e canjica  
Menina tomando banho  
Água correndo na bica  
E do folclore da gente  
A expressão mais rica.

O ex-prefeito Ronaldo  
Como homem de visão  
Deu vida nova a Campina  
Reinventando o São João  
Ressuscitando das cinzas  
Novo amor à tradição

E o jovem prefeito Cássio  
Seu filho e substituto  
Vai continuar a festa  
Como a render um tributo  
A inteligência do pai  
E a alma do matuto. (...) <sup>234</sup>

A festa junina é apresentada como o evento que mais emociona o

---

<sup>234</sup>. Folheto de cordel: “Campina dos meus amores”, de autoria de Manoel Monteiro, s/d, p.01-08. Para maiores informações sobre a festa do “Maior São João do Mundo” em cordel consultar: “Dois Matutos no Maior São João do Mundo”, Campina Grande, 1987, p.01-22 e “Vexame para casar no Maior São João do Mundo”, Campina Grande, 1988, p. 01-18, ambos de autoria Maria do Socorro C. Soares.

campinense, como um esperado momento para acender fogueiras, soltar fogos, fazer adivinhações, consumir o milho – transformado em variados pratos da “culinária junina” – e dançar em pares ou em quadrilhas. É a festa do encontro e reencontro de parentes e amigos, próximos e distantes, e é ainda o momento de fixar, para sempre, na escrita, a importância que o idealizador do evento, Ronaldo José da Cunha Lima, possui como pai da festa do “Maior São João do Mundo”.

Uma das evidências do uso tático e estratégico que os organizadores do evento fazem da chamada “literatura popular” está na montagem da festa do “Maior São João do Mundo” no ano de 2000, quando um novo cenário é construído na parte superior do Parque do Povo. Uma espécie de arruado, composto pela barraca do “Sítio São João” – já instituído no cenário da festa desde o ano de 1998 – e mais três edificações cenográficas: a “Bodega Santo Antônio”, a “Barraca de Mangaios” e a “Capela de São Pedro”. As quatro barracas, vizinhas entre si, objetivam, não só criar um cenário inédito para a festa do “Maior São João do Mundo”, mas unir todo um imaginário da festa de São João à idéia de região Nordeste. Ademais, todos os santos do ciclo junino são, neste novo cenário, homenageados: Santo Antônio, com uma Bodega, São Pedro, com uma Capela e São João, com uma casa “típica” do nordestino que habita no espaço rural. O detalhe inédito desta nova cenografia é a montagem de uma mesa, em frente à “Bodega de Santo Antônio”, para a venda e exposição de folhetos de cordel; e para dar mais objetividade e materialidade à invenção deste cenário, são encomendados a poetas populares da cidade, a escrita de cordéis que fazem menção exatamente a este arruado, recém inaugurado no espaço da festa.

Sobre a “Capela de São Pedro”, lê-se, por exemplo:

(...) Lembro os Santos no altar,  
No centro, Pedro, o primeiro  
Nosso santo padroeiro

Sereno a me contemplar,  
Não me cansava de olhar  
Sua barba preta e seu manto,  
Nos conhecíamos tanto  
Que o chamava de amigo  
Ele falava comigo  
Na sua língua de santo.

São João martirizado  
Pagou caro a sua fé  
Pelas mãos de Salomé  
Terminou decapitado  
Porém foi recompensado  
Com a santificação  
Por isso em junho o balão  
E o clarão da fogueira  
São da cristandade inteira  
Uma homenagem à São João.

No mês de junho o tripé  
Antônio, Pedro e João  
Ganham espoucar de rojão  
E rastros de busca-pé,  
Fortalecidos na fé  
Prestamos tributo aos três  
Sendo um de cada vez  
À receber honrarias  
Com espaço d'alguns dias  
Mas sendo tudo num mês.(...)

Até que fui bacana  
Falando de Santo e prece  
Mas só que junto acontece  
A parte dita profana,  
Aí quem manda é a cana

O forró e o namoro  
S'algueém esquece o decôro  
Quando a cana faz efeito  
Ou leva um corte no peito  
Ou cipó de boi no couro. (...) <sup>235</sup>

Nesse cordel o autor descreve, ainda, com minúcias, a disposição dos santos juninos, tal como foram fixados na Capela cenográfica do Parque do Povo: São Pedro, no centro do altar, São João, à esquerda e Santo Antônio, à direita. A mensagem básica que deseja transmitir é o aspecto sagrado da festa junina, que passa a compor o espaço da festa do “Maior São João do Mundo”, a partir de uma nova estratégia de reforçar o aspecto religioso à festa profana.

Os outros três cordéis, que fazem menção à “Bodega Santo Antônio”, à “Barraca de Mangaios” e ao “Sítio São João”, inserem todo um imaginário da festa junina como profundamente arraigada aos costumes e crenças do Nordeste. Neles, há toda uma descrição dos principais produtos fabricados e comercializados como sendo “peculiares” da região Nordeste e do espaço rural; inclusive, essas três barracas são descritas como pertencentes à “roça”. Os autores as descrevem como parte componente de um sítio imaginário no interior do Nordeste. <sup>236</sup>

Assim, ao apropriar-se deste saber e produção “populares”, seja em forma de cordéis, quadras ou crônicas, os mentores da festa do “Maior São João do Mundo”, não só transformam em prática a ligação entre a festa junina e a região Nordeste, mas a instituem igualmente como produto da “sabedoria popular”, que se subjetiva no imaginário a partir da construção de versos que naturalizam as mencionadas barra-

---

<sup>235</sup>. Folheto de cordel: “A Capela de São Pedro”, de autoria de Manoel Monteiro. Campina Grande, 2000, p. 01-08.

<sup>236</sup>. Folhetos de cordel: “Depósito de Mangaios e Capela São Pedro do Sítio São João”, de autoria de Arnaldo Cipriano. Campina Grande, 2000, p. 01-08; “A Bodega Santo Antônio”, de autoria de Manoel Monteiro. Campina Grande, 2000, p. 01-08 e “A Casa do Sítio São João”, de autoria de Arnaldo Cipriano. Campina Grande, 2000, p. 01-07.

cas como parte constitutiva da festa do “Maior São João do Mundo”.

Profundamente influenciado pelo saber folclórico, os “poetas populares” e “cantadores” utilizam-se de todo um universo imaginário sobre a festa junina do “Maior São João do Mundo” cujo fim é naturalizar, homogeneizar e generalizar o evento como uma manifestação específica da cidade e de seu povo. Essa literatura, portanto, ajuda na construção de uma identidade para a cidade e torna-se paulatinamente, um excelente recurso de divulgação da festa junina.

### **4.3. FESTA JUNINA: A “HORA E A VEZ” DO FORRÓ**

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que a música, notadamente o gênero que ficou conhecido como o forró, com suas variações como o xote, o xaxado e o baião, é a grande vedete e a responsável pelo sucesso da festa junina.

A música atravessa toda a construção da idéia de festa; em outras palavras, falar em festa já significa automaticamente, dinâmica de um ir e vir contínuo; ela é um incessante movimento de escuta de sons de músicas. Notadamente, durante o chamado ciclo junino, o estilo musical por excelência executado no “arraial junino” do Parque do Povo, nos palcos da festa, nas casas de show, na apresentação das quadrilhas juninas é o forró. E como a música aparece como um excelente instrumento a popularizar, tornar familiar e criar uma identidade ao evento junino, imprimindo-lhe sentidos simbólicos, rapidamente os organizadores da montagem e execução da festa do “Maior São João do Mundo” descobrem como podem fazer uso da música de forró enquanto veículo de institucionalização do evento.

Para tanto, o uso da música é amplamente objetivado através da realização dos chamados “Festivais de Música” patrocinados pela Prefeitura Municipal, Rede de Televisão local e algumas empresas da iniciativa privada.

O primeiro festival realizado na cidade de Campina Grande remonta ao ano de 1985, com a realização do “1º Festival Nacional de Música de Forró”. Tal programação, patrocinada pela Prefeitura Municipal, perdurou até o ano de 1989 e seu objetivo era o de descobrir novos talentos do forró, através do lançamento de compositores no mercado da música, bem como o de fortalecer os já conhecidos, além de prestar-se o evento, como um propício ambiente de divulgação e difusão deste gênero musical.<sup>237</sup>

O segundo festival, iniciado no ano de 1988, com a denominação de “Forraço – 1º Encontro Nacional de Forró” – foi patrocinado pela TV Paraíba, afiliada da Rede Globo de Televisão, e da Prefeitura Municipal. Um dado interessante a ser destacado na divulgação das regras para a realização do citado evento, é a concepção que seus mentores irão dar ao termo forró; o que se observa é uma nítida tendência e estratégia a associar este gênero musical como uma criação do Nordeste. Em outras palavras, o que se espera é que a música de forró seja a mais importante e legítima representante da região:<sup>238</sup>

(...) O termo forró, para efeito de caracterizar as peças concorrentes, deve ser entendido como música popular nordestina, cantada em todos os gêneros e características.<sup>239</sup>

Assim, “a música popular do Nordeste é o forró!”. Instituído como produto da região, o forró clama e fala sobre e pela região. O forró é a

---

<sup>237</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 23/05/1989.

<sup>238</sup>. Um dos mais famosos compositores nordestinos que, no início da década de quarenta, aparece como criador da “música nordestina”, notadamente do baião, é Luiz Gonzaga: (...) “O baião será a “música do Nordeste”, por ser a primeira que fala e canta em nome desta região. Usando o rádio como meio e os migrantes nordestinos como público, a identificação do baião com o Nordeste é toda uma estratégia de conquista de mercado e, ao mesmo tempo, é fruto desta sensibilidade regional que havia emergido nas décadas anteriores”. ALBUQUERQUE Jr., 1999, p. 155.

<sup>239</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 11/05/1988.

arte do Nordeste, a sua mais importante e rica produção, o seu grande instrumento identitário. Sua voz, seu representante a ser ouvido em outras regiões do País e com elas se contrapor. O forró passa a ser a música do “povo nordestino”; o gênero forró passa a fazer parte da chamada Música Popular Brasileira, assim entendida, não por ser feita pelas camadas populares, mas para as camadas populares. Uma música comercial, que tinha no rádio o seu principal veículo.<sup>240</sup>

Portanto, o gênero musical denominado de forró, além de contribuir sobremaneira para a construção de uma identidade “nordestina”, serve igualmente para instituir a invenção da festa junina no espaço urbano. Ele é um de seus principais elementos simbólicos. A festa de São João existe, torna-se uma prática na cidade e no espaço rural, por estar intimamente associada à música de forró. É ele que imprime movimento, dinâmica, à festa junina. Independentemente do lugar onde ocorra, sempre existirá a execução de músicas buscando criar e instituir uma “sensibilidade junina”. E é exatamente com o conhecimento da força e do potencial instituído a este ritmo “tão nordestino” que os festivais de música se utilizam abundantemente do significado simbólico e representativo que possui o forró para tornar igualmente popular a criação do evento musical, que já não é mais um festival sem maiores pretensões, ele passa a ser a materialidade da “cultura local e da arte do povo” que vive intensamente os momentos de sua festa maior, o “Maior São João do Mundo”:

Os eventos que fazem a história, marcando época, em verdadeira comunhão de dons com a cultura, são os que são comprometidos unicamente com a arte em benefício do povo. (...) Nos dias 3,4 e 5 de junho próximo, Campina Grande será o berço nacional do forró, uma real explosão de sons regionais como: xote, forró e baião trarão a tona,

---

<sup>240</sup>. ALBUQUERQUE Jr., 1999, p.158.

nomes que com certeza iluminarão os céus do Maior São João do Mundo. O Forraço será o evento que estava faltando na cidade mais junina do mundo, para transformá-la na Capital Mundial do Forró.<sup>241</sup>

No ano de 1990 não acontece o mencionado evento e em 1991 o antigo “Forraço” muda para a denominação de “Forró Fest”.<sup>242</sup> Ano a ano os discursos em torno da importância deste festival de música ganham espaço na mídia e os elogios não cessam, seja no aspecto da importância do evento como instrumento de divulgação da “música regional nordestina”, seja no aspecto de sua organização ou de sua montagem, na quantidade e qualidade das músicas inscritas ou na receptividade do público em prestigiar o evento.

O Forró Fest é um evento que chegou à sua nova versão consolidado pelo incentivo, estímulo e reconhecimento aos artistas da terra que podem, através da sua música, expressar não só seus talentos, mas, sobretudo perpetuar suas raízes culturais nordestinas.<sup>243</sup>

As letras das músicas que concorreram ao longo dos anos de existência do festival podem ser caracterizadas como uma repetição e recorrência de temas como: a exaltação à região Nordeste; o Nordeste da seca, da miséria e do abandono; o flagelo da migração; o destaque para as riquezas do folclore e do artesanato locais; a alegria da festa

---

<sup>241</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 15/05/1988.

<sup>242</sup>. A dinâmica de organização e execução do “Forró Fest” continua a ser semelhante aos anos anteriores, isto é, algumas cidades do interior do Estado, como: Patos, Cajazeiras, Bananeiras, Guarabira, Cabedelo e a Capital do Estado, João Pessoa, se revezaram ao longo de realizações anuais do evento, sediando eliminatórias, sendo sempre a etapa final do festival, realizada no espaço do Parque do Povo, em Campina Grande.

<sup>243</sup>. Jornal da Paraíba – C. Grande, 17/06/1997.

junina; a grandiosidade da festa do “Maior São João do Mundo”; o lado pitoresco e popular do Nordeste; o amor entre o homem e a mulher; as desilusões amorosas; a homenagem a músicos famosos do Nordeste; a importância do forró para o nordestino, entre outros.

Em músicas, como a descrita abaixo, o enunciado Nordeste aparece como uma região rica em seu folclore, mas pobre e miserável em sua possibilidade de garantia das condições mínimas de sobrevivência para o seu povo, que, castigado pelas vicissitudes e caprichos da Natureza, não encontra outra alternativa senão a migração para o sul do País. Tais músicas ajudam na instituição e invenção da idéia de um Nordeste como espaço da miséria e da saudade.<sup>244</sup>

Eu fiz um xote/ Pra falar do meu nordeste/ Onde o folclore é  
arte fundamental/ E lá prá bands do sul vai nosso recado/  
Num sentido figurado, numa página de jornal;/ Culturalmen-  
te FOLC é o nosso povo/ LORE é saber da grande massa do  
sertão;/ Acarajé, vatapá e caruru/ Da batata ao umbu/ Tudo  
aqui vira canção;/ Onde a enxada é o lápis do lavrador/  
Com muito amor cultiva a terra molhada./ E muitas vezes  
tão cansado de sofrer/ Vai a São Paulo trabalhar e não traz  
nada;/ Sou nordestino, sei de cor o sofrimento/ Meus senti-  
mentos eu expresso com razão;/ Bumba Meu Boi, Maracatú  
e Lampião/ Todos fizeram sucesso, nos versos de  
Gonzagão.<sup>245</sup>

O gênero forró descreve, assim, nada mais que a própria saga do nordestino, com os seus encantos e desencantos, com as suas riquezas e as suas misérias, enfim, com os seus dualismos e contradições mas, definitivamente, com o seu imaginário de sentimentos e sensibilidade.

---

<sup>244</sup> . Sobre a discussão da idéia de Nordeste como uma invenção imagética e discursiva, consultar o trabalho de ALBUQUERQUE Jr., 1999.

<sup>245</sup> . Título da música: “Tudo Aqui vira Canção”. Autoria de Juca Viana e Gilmar Pereira. *Jornal da Paraíba – C. Grande*, 17/06/1999.

des de raiz e de tradição, aliada a uma história imagética e discursiva de bravura, luta, coragem e sentimento festeiro.

Um outro tema preferencial na música nordestina é a festa de São João, profundamente influenciado pelo saber folclórico que caracterizou o evento como típico do “sertão nordestino” e introduziu a fogueira, o forró e a dança enquanto instrumentos instituintes da festa. A música de forró que trata do São João, no mesmo sentido observado na construção da literatura regional, descreve, entre outros temas, as suas alegres festas:

A fogueira tá queimando/ Em homenagem a São João/ O forró já começou/ Vamos gente rapapé neste salão/ Dança Joaquim com Zabé/ Luís com Iaiá/ Dança Janjão com Raque/ E eu com Sinhá. Traz a cachaça Mané/ Eu quero vê, quero vê/ Paia avoá.<sup>246</sup>

Um outro tema recorrente é tomar o santo São João Batista como mediador do fiel nos pedidos a outros santos; na letra abaixo, São João serve de intermediário a São José para que o sertanejo obtenha uma boa colheita de milho. Observe-se que o santo junino é apresentado como “bonzinho”, a tentativa é aproximar o santo para o ambiente profano do fiel; o atributo de bondade permite uma relação direta do pedinte com o santo, de maneira cordial e intimista, prerrogativa não permitida na relação com o santo São José, por exemplo:

Eu prantei meu mio todo/ No dia de São José/ Se me ajuda a Providência/ Vamos te mio a grane/ Vou colhe pelos meus cálculos/ Vinte espiga em cada pé/ Pelos cálculos vou colhe/ Vinte espiga em cada pé./ Aí São João, São João do carneirinho/ Você é tão bonzinho/ Fale lá cum São José/ Peça

---

<sup>246</sup>. “São João na Roça” (marcha), gravado em 1952, autoria de Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

pr'ele me ajuda/ Peça pro meu mio dá/ Vinte espiga em cada pé.<sup>247</sup>

Em outras músicas, a opção é reverenciar a aura cristã do santo, com destaque para a lenda das fogueiras de São João e o aviso de seu nascimento – apesar de não existir nos registros bíblicos nenhuma menção ao acordo feito entre Santa Isabel e a sua prima Santa Maria sobre o aviso do nascimento do Batista através de uma fogueira acesa no alto de uma montanha. O discurso folclórico criou esta história e ela tomou foro de verdade a ser contada e reproduzida, inclusive, na música. Da mesma maneira a lenda, a qual ensina que o santo São João não pode despertar de seu sono na véspera da noite em que se comemora o seu nascimento pois, se soubesse da festa realizada em sua homenagem, de tão feliz, colocaria, sem querer, fogo na terra, destruindo-a por completo:

Eu vou, vou solta foguete/ Eu vou, vou solta balão/ Eu vou festeja São Pedro/ Eu vou festeja São João./ Diz que Santa Isabel/ Disse à prima Maria/ João vindo ao mundo/ Lhe aviso no dia/ Ao ver no meu rancho/ Um grande clarão/ É uma fogueira/ Nasceu São João./ Por isso que o mundo/ Com muita razão/ Assim festeja/ O senhor São João./ Disse que João foi dormir/ E que só se acordou/ No dia de Pedro/ E São João se zangou./ Pois tinha pedido/ À santa família/ Que lhe acordasse/ Chegando o seu dia/ Mais se ele saísse/ Do sono profundo/ Um grande incêndio/ Acabava o mundo.<sup>248</sup>

O tema da gastronomia junina é um outro mote comum nas letras das músicas de forró. A idéia da festa junina como um momento de

<sup>247</sup>. “São João do Carneirinho” (baião), gravado em 1952, autoria de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes.

<sup>248</sup>. “Lendas de São João” (baião), gravado em 1956, autoria de Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

fatura, principalmente de comidas à base de milho, e a conseqüente relação da colheita deste produto no final do mês de maio e início do mês de junho no Nordeste, enquanto ingrediente a compor os elementos da festa, é um fato freqüente, como pode ser observado na letra da música abaixo:

O sertanejo festeja/ A grande festa do milho/ Alegre fala mamãe/ Vem ver voltar o seu filho/ O sertanejo festeja/ A grande festa do milho/ Alegre fala mamãe/ Vem ver voltar o seu filho./ Em março queima o roçado/ A dezenove ele planta/ A terra já está molhada/ Ligeiro o milho levanta/ Em maio solta o pendão/ Ta todo embonecado/ Prontinho para o São João./ No dia de Santo Antônio/ Já tem fogueira queimando/ O milho já está maduro/ A palha vai se assando/ O São João e o São Pedro/ A festa é bem maior, viu (?)/ Porque pamonha e canjica/ Completam a festa do milho.<sup>249</sup>

As relações amorosas são um outro tema que se incorpora aos elementos da festa junina e não é à toa essa relação; na produção folclórica a figura de São João simboliza o amor e a ele é atribuído o título de “santo do amor”. Com essa visão, os compositores normalmente pensam a festa junina como o ambiente propício para os encontros e desencontros amorosos:

Olha pro céu meu amor/ Vê como ele está lindo/ Olha pra'quele balão multicolor/ Como no céu vai subindo/ Foi numa noite/ Igual a esta/ Que tu me deste/ O coração/ O céu estava/ Assim em festa/ Porque era noite de São João/ Havia balões no ar/ Xote, baião no salão/ E no terreiro, o teu olhar/ Que incendiou meu coração.<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup>. “A Festa do Milho”, autoria de Rosil Cavalcanti.

<sup>250</sup>. “Olha pro Céu” (marcha junina), gravado em 1951, autoria de Luiz Gonzaga e

Mas nenhum tema é tão recorrente na música de forró quanto a descrição da festa junina como um evento do sertão – “roça” – e não da cidade. O “pé-de-serra”, popularizado por Luiz Gonzaga, é apresentado como o locus privilegiado e mais autêntico para a realização do evento junino. Essa temática é dirigida, preferencialmente, ao migrante que se encontra distante de sua “terra natal” e não pode desfrutar do festejo. O sertão aparece como o lugar amado, objeto de desejo; o sertão e o São João são apresentados, enfim, como o espaço da saudade:

Se Deus quiser/ Vou m’ imhora pro sertão/ Pois a saudade  
me aconselha o coração/ Manda que eu vá/ Convidar Dona  
Chiquinha/ Para ser minha madrinha/ Na fogueira de São  
João./ Chegando lá/ Desabafo minha mágoa/ Encho uma  
garrafa d’água/ Depois enterro no chão/ Peço a São João/  
Que apele ao Soberano/ Pra saber se para o ano/ Chove  
cedo em meu torrão./ Se Deus quiser...<sup>251</sup>

A mesma temática pode ser observada na letra da música abaixo:

Eu esse ano vou m’ imhora pro sertão/ Pra dançar pelo São  
João/ Farrear com mais de mil/ Ver os velhotes atirar de  
granadeiro/ E a moçada no terreiro/ Tirar fogo sem fuzil./ A  
meninada a brincar de anê/ Pamonha e café/ Sempre na  
mesa/ E as moreninhas pra servir com alegria/ Quando for  
no outro dia / Tem buchada com certeza.<sup>252</sup>

---

José Fernandes. Convém acrescentar que em todos os anos de abertura do Maior São João do Mundo, essa música é executada pelo cantor Madruga, no mesmo momento em que acontece a realização do show pirotécnico. Assim, como num ritual, a música “Olha pro Céu” e o show pirotécnico sinalizam para a abertura oficial do evento junino e acontece logo após o discurso do prefeito da cidade.

<sup>251</sup> . “Pedido a São João”, gravado em 1963, autoria de José Marcolino.

<sup>252</sup> . “Fogo sem Fuzil” (marcha junina), autoria de Luiz Gonzaga e José Marcolino.

Ao selecionar o sertão – ambiente rural – como o espaço privilegiado para a realização da festa junina, a cidade aparece como o espaço no qual existe um falseamento, uma fantasmagoria do evento junino:

Nunca vi São João sem foguete/ Fogueira, trique-traque, ronqueira, buscapé e balão/ Sem divinhação, milho assado e canjica/ Sem sanfoneiro é frutica/ Pra mim nunca foi São João./ Por isso quando chega o mei do ano/ Eu vou correndo pro interior. Lá eu sou pedra, xexo miúdo/ No sertão tenho tudo/ Que aqui não há/ Ah sou doidinho pro São João do meu lugar. (falando)/ São João só é bom com bacamarteiro e mungunzá/ Aluá, chá de burro, pé de moleque/ E sanfoneiro bom puxando o forró/ Se não tiver nada disso num é São João./ É imitação.<sup>253</sup>

A descrição da festa junina com o uso do tempo pretérito é outro recurso corrente utilizado pelos compositores para narrar o evento junino; este é apresentado com uma sensibilidade que não existe mais no tempo presente do espaço urbano. A expectativa é a de que, ao retornar ao sertão, o festeiro possa viver a emoção da festa:

Era festa de alegria/ São João! / Tinha tanta poesia / São João! Tinha mais animação/ Mais amor, mais devoção/ Eu não sei se eu mudei/ Ou mudou o São João./ Vou passar o mês de junho/ Nas ribeiras do sertão/ Onde dizem que a saudade/ Inda aquece o coração/ Pra dizer com alegria/ Mas chorando de saudade/ Não mudei, nem São João/ Quem mudou foi a cidade.<sup>254</sup>

---

<sup>253</sup> . “São João sem Futrica” (marcha junina), gravado em 1984, autoria de João Silva e Zé Mocê.

<sup>254</sup> . “São João Antigo” (marcha junina), gravado em 1957, autoria de Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

Na música abaixo, a saudade do sertão e a alegria da festa de São João servem de inspiração para o lamento do migrante, que, distante, volta-se ao passado e relembra a sua terra natal e o festejo que mais o emociona:

Ai que saudades que eu sinto/ Das noites de São João/ Das  
noites tão brasileiras, das fogueiras/ Sob o luar do sertão./  
Meninos brincando de roda/ Velhos soltando balão/ Moços  
em volta à fogueira/ Brincando com o coração/ Eita São João  
dos meus sonhos/ Eita saudoso sertão, ai, ai.<sup>255</sup>

A música também é utilizada pelos promotores da festa junina em Campina Grande com a criação de temas que falem de seu arraial e estas passam a servir de emblemas para a festa, como é o caso da música sobre o “Maior São João do Mundo”, composta pelos compositores e intérpretes Capilé e João Gonçalves, no ano de 1985, a qual foi apresentada pelo prefeito Ronaldo José da Cunha Lima, no dia da abertura oficial da festa junina na cidade, em 01/06/1985. Abaixo, a letra da música:

Tem xote, xaxado, baião, milho verde,  
É São João em Campina,  
Trinta dias de festa,  
Que ninguém imagina,  
Lá no Parque do Povo,  
Emoção por segundo,  
O Brasil vira forró,  
No Maior São João do Mundo.<sup>256</sup>

---

<sup>255</sup> . “Noites Brasileiras” (baião), gravado em 1954, autoria de Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

<sup>256</sup> . “O Maior São João do Mundo”. Compositores: Capilé e João Gonçalves; intérprete: Capilé. Compacto lançado em 1985, com o título: “Campina Grande, Capital Mundial do Forró”.

Esta música será repetidas vezes divulgada como o “hino oficial” da festa do “Maior São João do Mundo” de Campina Grande. Ano após ano ela é ouvida nas rádios, nos espaços do Parque do Povo, nas propagandas e avisos sobre o evento.

No ano seguinte, por ocasião da inauguração do Parque do Povo, mais uma música é lançada sobre a festa do “Maior São João do Mundo”. Em sua letra, existe, além da apresentação da festa junina da cidade, toda uma apologia ao então administrador do município e idealizador da festa, Ronaldo José da Cunha Lima:

“Ai Ronaldo, grande poeta, essa é pra você!”

Forró em Campina Grande todo mundo dança/ Forrozando a noite inteira./ O tempo passa e não me cansa (BIS).

Campina Grande agora é/ Capital Mundial do Forró/ Sanfona, zabumba, triângulo animando a festa/ Todo mundo dança mesmo com uma perna só/ Quadrilhas, fogueiras, balões./ Em cada esquina um arrasta pé/ Vou brincar no Maior São João do Mundo/ Que não sobra homem, nem mulher/ Forró em Campina Grande todo mundo dança/ Forrozando a noite inteira/ O tempo passa e não me cansa (BIS).

Eu aqui vou cantando pra vocês/ O que um dia o poeta falou/ Por amor a Campina, cidade menina/ Que brota com cheiro de fulô/ A festa que faz nos palhoções/ No Parque do Povo tem forró/ E a gente emenda a noite com o dia/ E troca à lua pelo sol.<sup>257</sup>

Como os ritmos do forró tomam conta de todos os espaços do Parque do Povo, uma das maneiras de divulgar diariamente esse gênero musical, bem como as atrações e a movimentação da festa do “Maior São João do Mundo”, é a criação, no ano de 1995, da “Rádio Junina”. Instalada em uma das barracas no próprio espaço da festa, na “Rua da Imprensa”, a rádio é comandada pela assessoria de comunicação da

---

<sup>257</sup> . “Forró em Campina Grande”, gravado em 1986, autoria de Capilé.

Prefeitura Municipal e por estudantes do curso de Comunicação Social.<sup>258</sup>

Outro importante instrumento de divulgação da festa junina na cidade, no ano de 1999, foi à gravação de um CD, ao vivo do Parque do Povo, denominado de “O Melhor do Forró no Maior São João do Mundo”. Tal iniciativa, por parte da comissão organizadora da festa, trouxe para o Parque do Povo grandes artistas da música regional já consagrados nacionalmente:

Este ano, finalmente os festejos juninos de Campina Grande ganham um registro oficial, através de um CD, que será lançado nacionalmente em outubro, coincidindo com as comemorações alusivas ao aniversário da cidade. (...)

O CD deverá sair com 18 músicas. Cada artista gravará três músicas, mas apenas uma – a que ficar melhor, será aproveitada. Ao todo, 70 músicas estão no repertório, incluindo clássicos das obras de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Rosil Cavalcante. O CD terá três músicas inéditas e as demais serão regravações de grandes sucessos que marcaram a história do Maior São João do Mundo.<sup>259</sup>

O CD é gravado ao vivo do Parque do Povo em três dias: na abertura do evento, ocorrido no dia 04/06 e prolongando-se ao dia 06/06. Artistas como Elba Ramalho, Tânia Alves, Dominginhos, Biliu de Campina, Capilé, Marinês, Genival Lacerda, Fagner, Antônio Barros e Cecéu, grupo Os Três do Nordeste, entre outros, participaram das gravações do CD, que foi lançado com selo da gravadora BMG.

Durante os três dias de gravação do CD o Parque do Povo recebeu um número recorde de público e verdadeiros mega shows foram montados para a apresentação dos músicos e intérpretes do forró.

---

<sup>258</sup> . Jornal Folha Junina, C. Grande, Ano VII, nº 14, junho/julho de 1995. Distribuição Gratuita.

<sup>259</sup> . Diário da Borborema – C. Grande, 05/06/1999.

Ao ser realizado o registro da festa em um CD, com intérpretes de expressão nacional, a festa do “Maior São João do Mundo” ganha um importante instrumento de divulgação, cria um novo significado e importância nunca antes conquistado: o de ser o evento junino mais expressivo do Nordeste. A cidade de Campina Grande doravante passa a ser conhecida musicalmente, como a “terra do São João”, passando pois a ser uma referência no Estado, na região Nordeste e no País.

Linguagens, sons e imagens são componentes imprescindíveis na construção da festa junina como uma “tradição popular”, bem como na instituição da festa do “Maior São João do Mundo”. A utilização da literatura regional e da música de forró como partes constituintes da festa montada todos os anos em Campina Grande é uma oportuna estratégia para caracterizá-la como um evento representativo de toda uma “tradição junina” já instituída em versos que declamam e cantam o apego à festa que mais sensibiliza o nordestino: o São João.

A literatura regional com os seus versos que narram a saga do povo nordestino como sofredor e esquecido, mas ao mesmo tempo como festeiro e crente em seus santos, unida a música, que igualmente expressa as afetividades pela “terra natal” e por suas peculiaridades regionais, permitem a construção de todo um imaginário da festa junina como um “bem do Nordeste” e de seu povo.

O resultado dos processos de identificação da “tradição da festa junina” com a região Nordeste aponta, portanto, para a possibilidade de análise desta festa como um fenômeno híbrido e resultado de um sincretismo cultural; ou seja, de uma festa que remonta ao período do Brasil Colônia e que pode ser considerada como um fenômeno universal, presente em várias culturas, nos mais variados tempos, ela passa a ser produto da união da região Nordeste, com a adoção de seus valores e linguagens, a todo um sistema de ícones e emblemas que ajudaram na instituição do “evento junino”. De maneira que pensar em festa junina é pensar em região Nordeste, na mesma medida em que pensar em carnaval é sinalizar para as cidades do Rio de Janeiro e Salvador, por

exemplo. A festa junina, enfim, adquire um novo significado ao ser identificada com a região Nordeste. E a produção da literatura regional e musical, notadamente o forró, contribui, sobremaneira, para a sua instituição como um “patrimônio” da região e como um fenômeno localizado. A festa junina “fala” sobre e para o Nordeste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerra-se mais um tempo, fecha-se mais um ciclo. O desmonte do cenário sinaliza para o fim da festa... E mais um “São João se vai”; declaram o jornalista, o músico, o turista festeiro, o campinense forrozeiro, o barraqueiro, a moça da quadrilha junina, o político, enfim, todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, presenciaram e participaram da festa durante trinta dias.

O que resta ao seu final, quando as cortinas do grande teatro que é o Parque do Povo são abaixadas? Que imagens são guardadas? O que levam os festeiros para os seus cotidianos de lembranças e memórias de noites e noites embaladas ao som dançante do forró? Quem afogou mágoas em uma noite de lua clara, sob a proteção de uma barraca qualquer? Quem encontrou o que buscava? E quem perdeu o que tinha? Quem não achou nada ou nada buscou? Quem ganhou? Quem perdeu? Quem nada perdeu, nem nada ganhou?

São tantas as perguntas, tantas as indagações... São questões sem respostas, que ficaram guardadas e singularizadas em cada indivíduo, seja na criança, no jovem, no adulto ou no velho. São promessas de uma espera contínua por mais um momento de buscas, de encontros e desencontros, tal como a vida real, tal como a dura realidade da vida ou simplesmente, vida.

Mas, talvez, o que instiga a espera é saber que, mais uma vez, por algum breve período de tempo, o cenário novamente será montado, imagens serão apreciadas por olhos desejosos de tudo ver, bocas estarão sedentas para sorrir e os braços, generosos para abraçar; vozes, que até então encontravam-se silenciosas, estarão ansiosas para cantar e o povo, louco de vontade de viver. Viver a festa tão preparada para ser um enorme acontecimento na cidade, para ser um fato e uma realidade de um tempo e de um espaço construídos na e para a festa.

A festa do “Maior São João do Mundo” propicia a redefinição do cotidiano ordinário. Uma nova noção de tempo é construída quando

se prenuncia “o tempo de festa”. A cidade fica um burburinho de movimentos incessantes de preparação para o evento junino. Novas territorialidades são cartografadas quando os espaços do Parque do Povo são enfeitados para receber o São João. Espaço e tempo são redimensionados para novas e diferentes escalas. Está aberta a temporada dos festejos juninos, noticia um Jornal local, balbuciam os campinenses ávidos por diversão.

Dirigir-se ao Parque do Povo para viver as fantasias de São João é o que importa nesse novo tempo-espaço da festa. Iconografias com ícones da “tradição da festa junina” povoam o cenário, enchendo o ambiente de vida, luzes e sons. Sons imaginários, sons ouvidos, sonhos por realizar, promessas por serem cumpridas.

E o São João? Por onde anda? De que São João se fala? Pouco importa. Ele está em algum lugar, no imaginário, na invenção de homens e mulheres, de pobres e de ricos, que constroem a sua maneira, o seu São João particular, o São João de suas fantasias e sonhos.

A festa junina no espaço urbano sob este aspecto é multiplicidade; ela está nos planos dos políticos que a esperam para testar o seu prestígio junto ao eleitorado que preenche os espaços da festa do “Maior São João do Mundo”; está na busca e esperança dos barraqueiros de conseguirem bons lucros com a oferta de bebidas e comidas expostas à venda; está na expectativa dos músicos, dos sanfoneiros anônimos, para finalmente, mostrar o seu trabalho para um público ávido de diversão; está na vaidade de quadrilheiros e quadrilheiras ao apresentarem-se nos palcos da festa; está, enfim, no vir a ser de indivíduos que escolhem o acontecimento junino, como possibilidade de caminho, de trilha, de busca.

A festa do “Maior São João do Mundo” é feita de deslocamentos de sentidos, mesmo que sob o signo de emblemas e sinais que tentam instituí-la como um acontecimento típico de uma determinada região, cidade ou povo, que se pauta, sobretudo, na idéia de unidade e de homogeneidade. Mas, no entanto, e em detrimento de seus deslocamentos e dispersão de práticas e discursos, ela se substancializa a partir de vários dispositivos de poder e de saber que se articulam, se

entrecruzam e se conectam em espacialidades e intencionalidades diversas.

A festa é instituída, por exemplo, nos quartéis, que, sob o comando das milícias, disciplinam a ordem da festa; nos hotéis e no comércio locais, que exacerbam uma outra faceta do acontecimento junino: os ganhos econômicos, com a oferta da festa como um produto a ser consumido; na política do turismo, que adjetiva o turista como peça fundamental na e para a criação do evento; nas reuniões políticas, onde tática e estrategicamente “estudam-se” formas e alternativas de saber e de poder para fazer da festa um promissor ambiente para a construção de figuras políticas; nas esperanças e expectativas dos barraqueiros, para que o seu “ponto” seja o mais requisitado e visitado pelos campinenses e turistas; nos trilhos e vagões do “Trem Forroviário” que transportam os forrozeiros em passeios bucólicos que mostram a paisagem deslumbrante da natureza da região Nordeste e da riqueza do folclore local; nos tablados que acolhem as quadrilhas juninas; nas alegorias dos desfiles e concursos juninos, que, no jogo da disputa, exacerbam as rivalidades, as competições e as lutas do cotidiano entre grupos, classes e indivíduos.

A festa está presente ainda nas afetividades e sensibilidades da poesia, sempre criativa, dos cordéis e “causos” do São João. Na música que é movimento e efervescência, que faz a festa ficar rica de sentidos, desejos e devir.

A festa, com base no exposto, permite, portanto, todo um exercício de deslocamentos e dispersões; as figuras emblemáticas do São João e da festa junina não são no cenário da festa urbana as únicas “vedetes”, outras criações imagéticas e discursivas estão o tempo inteiro se cruzando e se conectando ao grande modelo configuracional criados nas e pelas práticas e discursos que tornaram possível o espetáculo do fenômeno junino no meio urbano.

Neste sentido, a festa do “Maior São João do Mundo” é produto de diversas criações, sensibilidades, descontinuidades e devir. Ela não é tão somente a continuidade de uma “tradição junina”, nem tampouco,

prova concreta de uma “ação popular”, de uma “cultura popular” ou exemplo de uma “manifestação regional”. É uma linguagem infinita de símbolos, ícones, cenários, imagens e discursos. É uma invenção em sua materialidade e resultado de criações discursivas e imaginárias que buscam objetivá-la como um evento localizado, tradicional e popular.

A festa junina, tal como se apresenta todos os anos na cidade de Campina Grande, é um espetáculo, um evento turístico repleto de promessas de fantasias e sonhos. Ela é um vir a ser no jogo do confronto entre a idealização do antigo com o novo, do rústico com o moderno, do primitivo com o desenvolvido; ela é um projeto que busca se objetivar em seus espaços, tornando-se um fato em sua prática e se subjetivar no imaginário dos festeiros, comerciantes, barraqueiros, empresários, músicos, políticos etc. como a “festa do momento”, como a “chance” que não pode, nem deve, ser desperdiçada, que necessita ser vivida com toda a intensidade pela ocupação de todos os seus espaços.

A partir do que foi analisado ao longo desta tese, é plausível pensar a festa de São João no espaço urbano como uma dispersão de práticas e discursos pois, nos cenários e imagens do “Maior São João do Mundo”, misturam-se sentidos e interesses múltiplos; em outras palavras, não é possível pensá-la como uma unidade e uma homogeneidade em torno de apenas uma figura emblemática: São João Batista.

A festa junina é um jogo de relações, de disputas, de confrontos, de conflitos e de fantasias criadas na e para a festa; é um palco de construções de sensibilidades, que, para serem “desvendados”, necessitam ser destruídos, recompostos, em seus discursos e práticas, não para garantir a sua imagem de unidade, amparados nas noções de tradição e origem, que tão bem servem de feixe para a sua construção, mas para demonstrar que o evento junino não se permite a apenas um sentido, mas a múltiplos significados.

A festa do “Maior São João do Mundo”, enfim, pode ser vista como um fenômeno da sociedade contemporânea, que elege determinados fenômenos culturais e simbólicos, tal como a festa junina, e a transforma em verdadeiros ícones que se redefinem para serem vendi-

dos, apropriados e ressemantizados como cartão postal da cidade.

A festa junina em sua versão urbanizada não é mais uma festa só para ser vivida, ela é gestada e construída para ser vista. O novo “olhar” para a festa do “Maior São João do Mundo” como um fenômeno da sociedade contemporânea, propicia a sua nova condição como um fenômeno da notícia e quanto mais contada seja, maior a sua receptividade como um fenômeno turístico e como um espetáculo urbano de sons, imagens e luzes criadas para a prática de devires de festeiros que, “ansiosos”, aguardam mais um ciclo junino.

A festa junina do “Maior São João do Mundo” é simultaneamente uma conservação da tradição, porque preserva em seus espaços fragmentos dos discursos bíblico e folclórico, bem como determinadas práticas e rituais da “festa junina da roça”; ela é uma invenção da tradição, porque cria o fenômeno e o espetáculo da festa junina no espaço urbano, amparada na tríade: festa-povo-cidade; e é uma apropriação da tradição enquanto práticas e discursos que permitem a leitura do evento como um campo aberto a intencionalidades: nos campos econômico, político, social e cultural.



## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes** Recife, FJN, Ed. Massangana; São Paulo, Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_ Vidas por um fio, Vidas entrelaçadas. Rasgando o pano da Cultura e descobrindo o rendilhado das Trajetórias Culturais. **História e Perspectivas**. Uberlândia, (8): 87-95, jan/jun, 1993.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval Devoto – Um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém**. Petrópolis, Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira – Significados do festejar, no País que “não é sério”**. São Paulo, Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia – FFLCH – USP, 1998.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: Máscaras do Tempo – Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval de Recife**. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1977.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante Lá que eu Canto Cá – Filosofia de um trovador nordestino**. 8ª ed., Petrópolis, Vozes, 1992.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas, Papirus, 1994.

AYALA, Maria Ignes Novais. **No Arranco do Grito – Aspectos da Cantoria Nordestina**. Série Ensaios, São Paulo, Ática, 1988.

BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria**. 2a ed., São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

BARROSO, Gustavo. **Terra do Sol**. 6a ed., Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso das Vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção**. Rio de Janeiro, Rio Fundo Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. Ritual e Símbolo na Política. **Cadernos CERU**, Série 2, nº 7, 1996.

\_\_\_\_\_. **Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política, 1998.

\_\_\_\_\_. A cidade em close up – imagens e apropriações do espaço em campanha eleitoral. **Revista Sociedade e Estado**, volume XIII, nº 1, jan./jul., 1998.

BETTENCOURT, Gaston de. **Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Biblioteca de Etnografia e Folclore, Livraria Agir Editora, 1947.

BOSI, Alfredo (org.) **Cultura Brasileira – Temas e Situações**. São Paulo, Ática, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel; Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro, Companhia de defesa do Folclore, 1987.

\_\_\_\_\_. **Os Deuses do Povo – um estudo sobre Religião Popular**. São Paulo, Brasiliense, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Que é Folclore**. 9a ed., São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, nº 60, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Cultura na Rua**. Campinas, Papyrus, 1989.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Fabricação do Rei – A construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

BURTON, Richard Francis. As Fogueiras de São João em Alagoa Dourada. CASCUDO, Luis da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro – Séculos XVI-XVII-XVIII – Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros**. Vol. I. 3a ed., São Paulo, Edição Martins, 1956.

BUTLER. **Vida dos Santos**. Vol. VI, Petrópolis, Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Vida dos Santos**. Vol. VIII, Petrópolis, Vozes, 1992.

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa, Edições 70, S.d.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande, Ed. Caravela, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico-Social do Povoado e da Vila (1697 a 1864)**. Campina Grande, Prefeitura Municipal / Secretaria de Educação / Núcleo Cultural Português, Ed. Caravela, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. 2a ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.

CARNEIRO, Edson. **Folguedos Tradicionais – Etnografia e Folclore**. Coleção Clássicos 1, Rio de Janeiro, Edições Funarte/INF, 1982.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o tempo: É o Bumba-Boi do Maranhão – Um estudo da tradição/modernidade na cultura popular**. São Luís, [s.n], 1995.

CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em Cordel : o mote do consumo**. Coleção Saber Nordeste. São Paulo, Maltese, 1994.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Ediouro S.A, 1954.

\_\_\_\_\_. **Folclore no Brasil**. Portugal, Fundo de Cultura, 1967.

\_\_\_\_\_. **Tradição, Ciência do Povo**. São Paulo, Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **Anúbis e Outros Ensaio – Mitologia e Folclore**. 2a

ed., Rio de Janeiro, Funarte/INF, Achiamé, 1983.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 2a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. Campinas, Papirus, 1995, Coleção Travessia do Século.

COSTA, Pereira da. Noite de São João. CASCUDO, Luis da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro – Séculos XVI-XVII-XVIII – Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros**. 3a ed., Vol. 1, São Paulo, Edição Martins, 1956.

COSTA, Ramilton Marinho. **Pesquisa de Opinião e Mercado – O São João em Campina Grande: Aspectos Turísticos e Sócio-Econômicos**. Campina Grande, Interplan, Planejamento & Pesquisa Ltda, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena & FRANCO, M. S. Carvalho (org.) **Ideologia e Participação Popular**. São Paulo, Cedec; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Viva São João! O Santo e sua Festa**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFPB, João Pessoa, 1991.

CREPSCHI, Maria Célia. **“Num Tempo e Num Espaço, Fora do Tempo e Fora do Espaço”**: Um Estudo do Ciclo Junino em

**Piracicaba.** Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia – FFLCH, USP, São Paulo, 1992.

DAMATTA, Roberto Augusto. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro.** 4a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Casa e a Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** 3a ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

D’ALVAREZ, Martins. **O Norte Canta.** Fortaleza, Edições UFC, 1985, Coleção Alagadiço Novo.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo – Comentários sobre a sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro, Graal, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Fortaleza, Edições UFC; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões.** Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, S.d.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em Cordel – o passo das águas mortas.** São Paulo, Hucitec, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 3a ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Microfísica do Poder**. 11a ed., Rio de Janeiro, Graal, 1993.

FRAZER, James George. **O Ramo de Ouro**. São Paulo, Círculo do Livro, 1978.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala : Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 31a ed., Rio de Janeiro, Editora Record, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GLUCKMAN, Max. **Rituais de Rebelião no Sudeste da África**. Cadernos de Antropologia, nº4, Brasília, Universidade de Brasília, 1974.

GOLDWASSER, Maria Júlia. **O Palácio do Samba – Estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GIFFONI, Maria Amália Correia. **Danças Folclóricas Brasileiras**. 2a ed., São Paulo, Melhoramentos, 1964.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. 2a ed., Petrópolis, Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Luís de Oliveira. **Os Santos Populares: Santo António, São João e São Pedro**. Portugal, Gaia/Edições Pátria, 1931.

HEERS, Jacques. **Festas de Loucos e Carnavais**. Lisboa, Dom Quixote, 1987.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 20a ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora S.A., 1988.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 2a ed., São Paulo, Martins Fontes, 1993.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de Samba, Ritual e Sociedade**. Petrópolis, Vozes, 1977.

LIMA, Rossini Tavares de. **Alguns Complexos Culturais das Festas Joaninas**. Revista Brasileira do Folclore. Ano I, nº1, Companhia de Defesa do Folclore, Rio de Janeiro, setembro/dezembro, 1961.

LIMA, Fernando de Castro Pires de. **O Simbolismo Cristão na Canção Popular**. Porto, Portucalense Editora, 1941.

MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lílian de Lucca (org.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco – cultura popular e lazer na cidade**. 2a ed., São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU, 1974.

MENEZES, Marilda Aparecida e outros. O Retorno para festa. Tra-

vessia – **Revista do Migrante**, São Paulo, Publicações do CEM, Ano III, n°7, 1990.

MEGALE, João Batista. **O Profeta que veio do deserto – vida de São João Batista narrada para o homem de hoje**. 2a ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1978.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MELO, Veríssimo de. **Superstições de São João**. Natal, Pequenas Edições “Bando”, 1949.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares no Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MORIN, Edgar. **As Grandes Questões do Nosso Tempo**. 4a ed., Lisboa, Editorial Notícias, 1995.

MOTA, Leonardo. **Violeiros do Norte**. 4a ed., Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra, 1976.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. **O São João em Portugal**. Revista de Etnografia e História. Vol. V, Tomo 1, Porto, Julho 1965.

ORTIZ, Renato. **A Consciência Fragmentada – Ensaios de Cultura Popular e Religião**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Românticos e Folcloristas – Cultura Popular**. São Paulo, Olho d’água, S.d.

\_\_\_\_\_. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mundialização e Cultura**. 2a ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Danças Folclóricas**. 2a ed., São Paulo, Editora Esperança, 1986.

PIMENTEL, Alberto. **As Alegres Canções do Norte**. Lisboa, Livraria Viúva Tavares Cardoso, 1905.

PORTO, Liliana de Mendonça. **A Reapropriação da Tradição a partir do Presente: Um Estudo sobre a Festa de N.Sra. do Rosário de Chapada do Norte / MG**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, UNB, Brasília, 1997.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo Ano Tem: As Festas na Estrutura Social Camponesa**. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional/UFRJ, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro – O vivo e o mito**. São Paulo, Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Ordem Carnavalesca**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, Vol. 6 (1-2), São Paulo, 1994.

STEINEN, Karl Von Den. **Crendices Populares de Cuiabá**. CASCUDO, Luis da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Sé-

**culos XVI-XVII-XVIII, Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros.** 3a ed. Vol. I, São Paulo, Edição Martins, 1956.

SUBIRATS, Eduardo. **A Cultura como Espetáculo.** São Paulo, Nobel, 1989.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual.** Petrópolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem.** Petrópolis, Vozes, 1974.

VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca.** Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Mistério do Samba.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores; Ed. UFRJ, 1995.

VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. **O Sertão em Movimento: a dinâmica da produção cultural.** São Paulo, Annablume, 2000.

VILHENA, Rodolfo Luís. **Projeto e Missão – o movimento folclórico brasileiro 1947-1964.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/FUNARTE, 1997.

IMPRESSÃO E CTF:



FONE: (83) 3341-2500